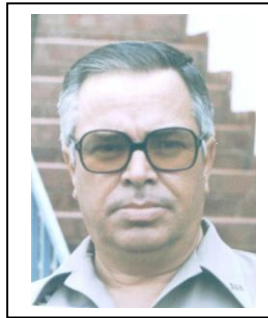


## HISTÓRIA DA 3ª REGIÃO MILITAR 1807-1889 e ANTECEDENTES

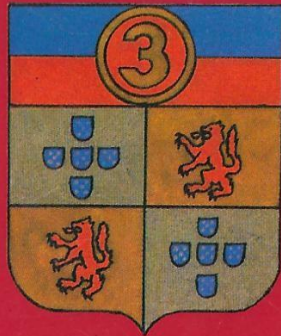


### Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Academias de História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. Integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Ceará, Mota Grosso do Sul etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale-paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Coursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório, Marques do Herval e do Duque e Duque de Caxias. Dirigi o Arquivo Histórico do Exército 1985/1990. E correspondente dos CIPEL, IHGRGS, Academia Sul Rio Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas. É sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Foi Diretor Cultural e da Revista do Clube Militar no seu Centenário em 1987. Possui o Curso de Analista A da Escola Nacional de Informações em 1975. É Comendador do Mérito Militar e possui 5 prêmios Literários. Escreveu a História do Exército no Rio Grande do Sul composto de 21 volumes. Livro DO AUTOR DIGITALIZADO PARA

DISPONIBILIZÁ-LO NO SITE DA FAHIMTB [WWW.AHIMTB.ORG.BR](http://WWW.AHIMTB.ORG.BR) EM LIVROS E PLAQUETAS.

PROJETO HISTÓRIA DO EXÉRCITO NO RIO GRANDE DO SUL



# HISTÓRIA DA 3ª REGIÃO MILITAR

1807 - 1889 E ANTECEDENTES



VOLUME I

CLÁUDIO MOREIRA BENTO

**CLÁUDIO MOREIRA BENTO**

**Advertência importante; Este trabalho foi digitalizado e contem falhas e erros decorrentes. Destina-se a perenizar e o tornar acessível na Internet a leitores e pesquisadores interessados. Sua conferencia e adaptação foi muito trabalhosa para o autor aos 86 anos e principiante em termos de Internet**

# **HISTÓRIA DA 3ª REGIÃO MILITAR**

**1807-1889 E ANTECEDENTES**

**VOL. I**



1994

**PROJETO HISTÓRIA DO EXÉRCITO NO RIO GRANDE DO SUL**

**Coordenação em Porto Alegre**  
**Cel. Luiz Alberto de Oliveira Francês**  
**Ten. Carlos Bertelli**

**Datilografia e preparo dos originais**  
**Profª Verônica Maria de Abreu (Itatiaia-RJ)**

**Revisão dos originais**  
**Profº Wilson Mattos Silva (Resende-RJ)**

**Revisão final**  
**Profª Anna Maria Garcia Pinheiro (Porto Alegre - RS)**

**Capa**

**Orientação do autor e desenho e arte final de MARINA DESIGN (Resende-RJ). A capa que envolve o livro representa o Estandarte da 3ª RM com o Brasão deslocado e sobre ela o mapa do Rio Grande do Sul, e sobre este, soldados de Linha ou do Exército ao lado de um militar da Guarda Nacional em trajes típicos do Rio Grande do Sul, simbolizando a colaboração civil na Defesa do Brasil no Sul, uma constante na formação do Rio Grande do Sul, sobre o qual a 3ª RM exerceu suas responsabilidades militares, políticas e administrativas de 1809 à 1952.**

**Editoração Eletrônica**  
**QUALIDADE - Comunicação Gráfica**

355.0098165 BENTO, Cláudio Moreira. **História da 3ª Região Militar.**  
B478h

1809 -1889 / Cláudio Moreira Bento. Porto Alegre:  
1994. v. 1; 21 cm, pp. 323.

1. História Militar - Rio Grande do Sul

3ª Região Militar. I. Título.

***O Comando da 3ª Região Militar e o autor agradecem a colaboração da equipe técnica e dos alunos do CFP SENAI de Artes Gráficas "Henrique d'Ávila Bertaso" - Porto Alegre/RS.***



## SUMÁRIO

***A numeração a seguir é a do livro original e a do livros digitálizado e proxima a do livro original***

Dados biograficos do autor	1
Capa do livro	2
Parcerias	...4
Sumário	....5
Abas do Gen Duv João Carlos Rotta, Comandante da 3ª RM	.....10
- Introdução	.....11
- Fundamentos das Tradições Militares Gaúchas	.....14
- Convenções e Abreviaturas	.....20
- Principais Convenções	.....20
- Outras Convenções	.....20
- Abreviaturas Militares	.....21
CAPÍTULO I	
A 3ª RM - D. DIOGO DE SOUZA	.....23
- Jurisdição e missão atual da 3ª RM	.....23
- Missão da 3ª RM em tempo de guerra	.....24
- Comandos e Oms Subordinadas a 3ª RM	...25
- Denominação, Estandarte e distintivo histórico- Brasão D. Diogo de Souza	.....26
- A certidão de nascimento da 3ª RM	.....27
1809-10	.....29
- A tropa da 3ª RM articulação em 1809-10..	
- O 1º Comandante da 3ª Região Militar	.....30
- 3ª RM - Denominações sucessivas	18
1737-1889	.....32
- Os comandantes da 3ª RM 1809-1994	.....38
- Brasil Colônia	.....38
- Brasil Império	.....38
Na Revolução Farroupilha	.....40
Na Guerra do Paraguai	.....49
Na Revolução Federalista 1893-95	.....43
Na Revolução de 1923	.....43
Na Revolução de 1930	.....43
- As Tropas da 3ª RM 1737-1994	.....46
seu Organizador	62
- Historiadores da 3ª RM	.....49
- ANEXO AO CAPÍTULO I - Informações de interesse da História da 3ª RM na Revista do Museu Júlio de Castilhos	

**e Arquivo Histórico RGS..... 50**

**CAPÍTULO 2**

**ANTECEDENTES BÉLICOS DO TERRITÓRIO**

**DA 3ª RM DE 1635-1809 ..... 52**

- Lutas dos Huárpidos x Láguidos .....52
- Bandeirantes no Rio Grande do Sul~. ....52
- - 1ª Expedição Raposo Tavares 1635-36..... 52
- 2ª Expedição bandeira irmãos Bueno 1637-39.53
- 3ª Expedição Fernão Dias Paes Lemos 1639. 53
- 4ª Expedição bandeira Domingos Cordeiro 1639.55
- 5ª Expedição bandeira Jerônimo Pedroso de Barros.55
- A Província do Tape (As 18 reduções jesuíticas) 55
- Antecedentes da Fundação do Rio Grande do Sul 56
- A fundação do Rio Grande do Sul em 1737..... 59
- O 1º Comandante Militar do território da 3ª RM.62
- A Guerra Guaranítica 1754-56..... 64
  - O Exército Demarcador de Portugal no RGS .. 65
  - A 1ª Campanha do Exército Demarcador ..... 66
  - A 2ª Campanha do Exército Demarcador..... 66
- Comandantes Militares do Rio Grande 1737-1761.70
- As estancias e hervais jesuíticos no Rio Grande 70
- A Guerra do Sul 1763-77 .....71
- Recapitulando.....71
- A invasão espanhola do Rio Grande do Sul em 1763.75
- A fundação da Fortaleza de Santa Tereza .....76
- A rendição da Colonia do Sacramento ..... 76
- A vitória de Monte Grande .....76
- Vice Reino do Brasil no Rio .....76
- A invasão do Rio Grande pelo Gen. Pedro Ceballos .77
- A guerra de guerrilhas - a estratégia do fraco..... 78
- Barradas vias de acesso a Porto Alegre (Viamão). 78
- A reconquista de São José do Norte ..... 79
- A invasão do Rio Grande por Vertiz y Salcedo 1773-7. 79.
- A Vitória de Tabatingaí 10 Jan. 1774..... 80
- Um modelo de Ação Retardadora ..... 81
- A guerra da reconquista do Rio Grande 1775-76 81
- Objetivos do Exército do Sul .....
  - O Exército do Sul.....81
- Apoios diversos ao Exército do Sul.....82
- A conquista de São Martinho..... 82
- A conquista de Santa Tecla ..... 83
- A reconquista da Vila do Rio Grande.....84
- O ataque a Rio Grande .....84
- A conquista de duas cabeças-de-praia .....84
- A capitulação da Vila do Rio Grande .....86
- As expectativas de uma 3ª invasão do Rio Grande do Sul.....87
- Os governadores durante a Guerra do Sul 1763-77.88
- Cel. José Custódio de Sá Faria ..... 88
- Brig. José Marcelino de Figueiredo ..... 88

- A Guerra de 1801 .....90
- O Comandante Militar do Rio Grande em 1801 .. 90

### CAPÍTULO 3

#### PARTICIPAÇÃO BÉLICA DA 3ª RM NA

COLÔNIA 1811-21 ..... 95

- A Campanha do Exército Pacificador da Banda Oriental ..... 96
  - O Exército Observador da Banda Oriental..... 95
  - O Exército Pacificador da Banda Oriental ..... 96
  - A invasão da Banda Oriental.....96
  - A luta nos Sete Povos das Missões .....98
  - Retorno do Exército Pacificador .....98
  - A conquista do distrito de Entre Rios .....99
  - Interesses em conflito no Rio da Prata .....99
  - Organização e evolução da 3ª RM.....100
- As guerras com Artigas 1816-20 ..... 100
  - A campanha contra Artigas 1816-17.....101
  - A 1ª invasão dos Sete Povos das Missões .....102
- O combate de Carumbé ..... 102
- O combate de Catalão ..... 103
- Incursão na margem direita do Uruguai ..... 103
- A invasão pelo litoral pela Divisão de Voluntários Reais ..... 103
- O comandante da 3ª RM na Guerra contra Artigas ..... 104
- A 2ª campanha contra Artigas 1819-20..... 104
- A 2ª invasão dos Sete Povos das Missões.....104
- Ações das guerrilhas da 3ª RM .....105
- O dispositivo defensivo da 3ª RM em 1819 ..... 105
- A batalha de Taquarembó ..... 106
- Consequências .....106
- A Legião de São Paulo 1801-24 - A Legião esquecida ..... 107
- O comandante da 3ª RM na 2ª campanha contra Artigas ..... 108
- O primeiro filho do Rio Grande no comando da 3ª RM 1820-21(Ten. Gen. Manoel Marques de Souza) .....108
- O último comandante português da 3ª RM na Colônia ..... 110

### CAPÍTULO 4

A PARTICIPAÇÃO BÉLICA DA 3ª RM 1822-1856.....111

- A articulação da tropa da 3ª RM 1822-1897 ..... 111
- O comandante da 3ª RM na Independência ..... 113
- A guerra Cisplatina 1825-28..... 113
  - A Revolta dos 33 orientais .....114
  - Reflexos da revolta no Uruguai na 3ª RM..... 114
  - A concentração da 3ª RM no Acampamento da Imperial Carolina.....114
  - D. Pedro I concede a 3ª RM ..... 115



- A ação de comando de Barbacena .....	115
- Fatores negativos na Batalha de	
- Passo do Rosário .....	116
- A manobra em retirada usada	
- em Passo do Rosário .....	116
- A convenção preliminar de paz e desmobilização	
em Piratini .....	117
- Fontes principais sobre a guerra Cisplatina	117
- Revelações do estudo do terreno em carta	
topográfica .....	118
- A tropa da 3ª RM em Passo do Rosário .....	118
- Alemães a serviço do Brasil em	
- Passo do Rosário .....	119
- Comandantes da 3ª RM durante	
a guerra Cisplatina .....	119
- Comandantes da 3ª RM 1829-35 .....	121
- O Anjo da Vitória - Mar. José de Abreu .....	121
- A Revolução Farroupilha 1835-45 –	
Um laboratório de táticas, estratégias	
e liderança militar .....	124
- Causas políticas .....	124
- As Operações em nível estratégico e fontes	
- para estudo .....	125
- 1ª fase - Vitória da Revolução .....	125
- 2ª fase - A República Rio-Grandense	
- proclamada e obrigada a emigrar .....	126
- 3ª fase - Retorno da República do Uruguai ...	127
Objetivos do sítio farrapo de Porto Alegre .....	128
Um herói da defesa da sitiada Porto Alegre	128
A 3ª RM levanta o sítio .....	129
A expedição farrapa a Laguna .....	129
-4ª fase - Declínio da República Rio-Grandense ..	130
- Soares Andréa levanta sítio de Porto Alegre.	
- A expedição do Gen. João Paulo dos Santos	
- O Mar. Pereira Valente comprime a mola do apoio	
- logístico .....	131
-5ª fase - A pacificação do Rio Grande .....	132
- O plano estratégico de Caxias .....	132
- Algumas conclusões.....	134
- A guerra de guerrilhas farrapa .....	135
- Comandantes da 3ª RM	
- na Revolução Farroupilha.....	136
- Comandantes da 3ª RM 1845-50 .....	140
- No Pago .....	141
<b>CAPÍTULO 5</b>	
<b>A PARTICIPAÇÃO BÉLICA DA 3ª RM NO IMPÉRIO</b>	
<b>1846-88.....</b>	<b>144</b>

- A guerra contra Oribe e Rosas 1851-52.....	...
- (Caudilhos platinos disputavam o poder! .....	144
- Operações contra Oribe.....	145
- Guerra contra Rosas .....	146
- Os comandantes da 3ª RM 1851-52.....	150
- Os comandantes da 3ª RM entre as guerras 1852-65.....	151
- Uma missão da 3ª RM de Observações em Montevideú 1854-56 .....	152
- A guerra contra Aguirre no Uruguai 1864-65.	153
- A guerra da Tríplice Aliança 1865-70 .....	157
- A Invasão do Rio Grande do Sul em 10 Jun. 1865 .....	157
- Os comandantes da 3ª RM nas guerras contra Aguirre e a do Paraguai 1864-70.....	157
- Um corpo de Cavalaria da Guarda Nacional do Rio Grande do Sul, nas Reminiscências de Dionísio Cerqueira sobre a Guerra do Paraguai .....	162
- A Revolta dos Muckers do Ferrabraz.....	163
- O recordista no comando da 3ª RM 1871-76 ..	163
- A Questão Militar ea 3ª RM.....	166
- A 3ª RM entre a Guerra do Paraguai e a República (Aspectos administrativos e doutrinários) .....	168
- Aspecto da vida militar na 3ª RM 1870-89 .....	171
- Comandantes da 3ª RM de 1876-1889 – República .....	173

**ANEXO AO CAPÍTULO 5**

- Os artigos de Guerra .....	177
- Aspectos diversos da 3ª RM 1850-1889.....	180
Quartéis Gerais da 3ª RM até a República...	181
- Condecorações.....	181
- Promoções .....	182
- Uniformes.....	182
- Disciplina.....	184
- Justiça Militar.....	184
- Culto das Tradições .....	185
- Vencimentos .....	186
- Tabela de soldo das praças de pret. do Exército .....	186
- Instrução/Emprego .....	186
- Fortificações na área da 3ª RM.....	187
- Com o pé no estribo .....	187
- Assuntos de interesse da 3ª RM nos Relatórios do Ministro da Guerra .....	188

**ABAS DO GEN DIV JOÃO CARLOS ROTTA,  
COMANDANTE Da 3ª REGIÃO MILITAR**

**A publicação do primeiro volume da História da 3ª Região Militar, 1807-1889, resulta de uma compulsão que se poderia considerar cruel, mas que terminou por obrigar-nos a um trabalho extremamente gratificante.**

**A imposição decorre da importância histórica dos Chefes que passaram pelo Comando da 3ª RM, todos figurando nas esplêndidas galerias que ornamentam nosso Quartel General. Ao tempo em que emolduram as paredes internas do prédio, parecem estar reclamando reconhecimento merecido, o qual, entretanto, nunca exigiram, pois sempre foram mais de oferecer sacrifícios do que de pedir qualquer tipo de benesse.**

**O determinismo para que se editasse essa história surge, também, na bibliografia imensa e esparsa que conta os feitos das guerras do sul do Brasil e uns poucos, mas importantes trabalhos específicos, que abordam a vida da própria Região Militar.**

**Poder-se-ia comparara edição da História da 3ª Região Militar, empreitada que definimos como um dos objetivos de nosso comando, como a retomada de uma obra inacabada. A base, alicerce firme para uma construção que se pretende sólida e robusta, feita com empenho e dedicação, já estava quase pronta, com a compilação preciosa realizada pelo Gen. Riograndino da Costa e Silva, ainda na década de setenta. A infraestrutura e urbanização da área ficou por conta do Gen. Antonio da Rocha Almeida, que dirigiu a arquitetura da admirável galeria de ex-Comandantes. O toque artístico da urbanização ficou, até certa data, por conta de CANOVAS, o excelente pintor gaúcho, que se esmerou em retratar cada um dos antigos Comandantes da 3ª RM.**

**Preparado o terreno e implantados os alicerces, tratava-se, então, de construir o edificio propriamente dito. Para tanto a 3ª Região Militar foi buscar, em boa hora, o apoio de um historiador militar do maior conceito, Coronel CLÁUDIO MOREIRA BENTO. Com máximo empenho e competência, o Cel. BENTO dedicou-se a uma longa e difícil pesquisa, cuja primeira parte estamos apresentando neste volume. Seguir-se-á um outro, já em elaboração, que abordará os fatos da República até 1953, quando o Comando Militar do Sul assumiu efetivamente os encargos da orientação política e do emprego operacional do Exército na área do Rio Grande do Sul.**

**Cuidou o Cel. BENTO de indicar as principais fontes aos leitores que pesquisam a história, permitindo àqueles que o desejarem, aprofundar-se nos estudos sobre os fatos específicos de seu interesse. Destaque-se, ainda, no seu trabalho, o resgate da verdade em vários even tos aos quais foram dados interpretação duvidosa e, também, a avaliação correta do desempenho de antigos Chefes, maltratados porj uízofacciosos.**

**Apraz-me apresentar aos leitores esta obra, uma contribuição da 3ª Região Militar, para reavivar seu passado que é um orgulho para o Exército,**



*mostrando às novas gerações os exemplos de coragem, dignidade e patriotismo por parte daqueles que nos antecederam.*



## **INTRODUÇÃO**

**A** presente obra "História da 3ª Região Militar 1807- 89" constitui o 1º volume de projetada "Historia do Exército Brasileiro no Rio Grande do Sul". Esta, iniciada em 1635, com a incursão da primeira bandeira paulista ao noroeste deste Estado, na antiga Província da Tape, e chefiada por Raposo Tavares - "o herói de todas as distâncias".

Para se escrever a História da 3ª RM em toda a profundidade, de 1807, data de sua criação por Carta Régia, junta e subordinada ao Rio Grande do Sul, até 1889, proclamação da República, no Rio, seriam necessários numerosos e alentados volumes. Preferiu-se interpretar, num grande esforço de síntese e de pesquisa, o seu emprego operacional, ou o desempenho de sua atividade fim nas lutas externas e internas de que participou, desde a sua criação, em 1807, até a proclamação da República em 1887.

Para melhor compreensão do desempenho operacional da 3ª RM, no período 1807-89, tornou-se impositivo evocar os antecedentes bélicos que tiveram lugar no Rio Grande desde 1635, primeira intervenção militar de Portugal na área, bem como as demais, que tiveram lugar de 1737-1807, período de 70 anos que medeia entre a fundação portuguesa do Rio Grande do Sul, como Comandância Militar subordinada ao Rio de Janeiro e, 1807, criação da 3ª RM de que a citada Comandancia Militar é raiz histórica.

Preferiu-se igualmente, ao final de cada período bélico, ou nos intervalos de paz entre eles, traçar o perfil militar sintético dos comandantes da 3ª RM e a projeção de seus comandos, bem como as lições que transmitiram e ainda transmitem aos atuais e futuros soldados da 3ª RM e do Exército Brasileiro.

Nas abordagens dos eventos bélicos e dos Comandantes da 3ª RM, indicaremos ao leitor e pesquisador interessados, obras que lhes permitam aprofundamentos nos assuntos focalizados. Daremos prioridade, mas não exclusividade, a trabalhos oficiais produzidos no âmbito do Exército e a de historiadores do Exército, nascidos no Rio Grande do Sul, e que nele serviram no passado. Neste caso, como uma homenagem e reverência aos seus patrióticos esforços para manter acesas e vivas, na memória das várias gerações de soldados da 3ª RM e do castrense e belicoso povo do Rio Grande do Sul, a chama de suas gloriosas tradições militares, construídas na defesa e preservação da Integridade, da Soberania e da Unidade do Brasil do Sul, frequentes vezes convivendo militares e civis gaúchos lado a lado, dia após dia, em marchas, acampamentos, vigílias e nos campos de batalha, particularmente no período do Rio Grande Heróico 1737-1870, marcado por lutas externas.

Serão enfatizados neste trabalho a relação de comandantes efetivos e interinos na 3ª RM de 1809 - Atualidade, bem como a monumental galeria de seus comandantes, seguramente a maior, a mais bela e a mais completa galeria do gênero no Brasil, constante de pinturas a óleo, realizadas por pintores gaúchos consagrados.

Foi com muita perspicácia e sensibilidade tradicionalista gaúcha que em 1954, o deputado Ruy Ramos, ao prefaciá-lo da Estância do consagrado e inspirado poeta gaúcho Jayme Caetano Braun, escreveu:

*"O culto das tradições gaúchas representa no Rio Grande do Sul um impulso espontâneo e irresistível da alma da raça... Falar das lutas e das dores do gaúcho para definir e fixar os limites do Brasil no Sul e manter a posse da terra e dominá-la, é tocar na corda sensível das gerações gaúchas".*

O Rio Grande do Sul, segundo o mestre Dante de Laytano, foi o resultado de uma civilização de marcada influência castrense ou militar que possui origem comum, confundindo-se e enlaçando-se muitas vezes com a História da 3ª RM.

A História da 3ª RM 1807-1889 traduz expressivamente a História Militar do Rio Grande do Sul e a das gloriosas tradições militares do gaúcho, de quem tanto fazem menção a poesia e a literatura gauchesca, como demonstraremos em textos dos grandes escritores regionalistas J. Simões Lopes Nelloem "( ) Anjoda Vitória" e Alcides Maya, em "O Pago", e mesmo na literatura nacional, como as interpretou magistralmente Oliveira Vianna em Populações Meridionais do Brasil e Dionízio Cerqueira, o maior cronista de Guerra do Paraguai, ao descrever um corpo de Cavalaria da Guarda Nacional do Rio Grande do Sul.

Tradições construídas na exploração, devassamento, conquista, definição do destino brasileiro do Rio Grande e na defesa da Soberania, da Integridade e da Unidade do Brasil no Sul por quase dois séculos; período este que tem início com a fundação portuguesa do Rio Grande do Sul em 1737, e que se prolongou até 20 Set. de 1932, com o combate de Cerro Alegre, em Piratini, no contexto da Revolução de 1932.

Como historiador, fundador e presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, esperamos que a História e a Tradição Militar do gaúcho que aqui abordamos historicamente e em conjunto "*caminhe na estrada real do povo gaúcho*", segundo Ruy Ramos no prefácio citado.

História da 3ª RM concretiza um antigo sonho que persigo de longa data, como historiador e soldado filho do Rio Grande do Sul, conforme comprova minha bibliografia específica ao final deste trabalho.

Honrado pelo gentil convite do Exmo. Sr. Gen. Div. João Carlos Rotta, para escrevermos esta História da 3ª RM, como um dos seus objetivos de comando, aceitamos o desafio que ela representou. E o resultado é o que os prezados leitores e pesquisadores passarão a apreciar e a julgar de seu mérito como contribuições A divulgação das tradições militares gaúchas e, principalmente, a História Militar Crítica da 3ª RM, a serviço do desenvolvimento progressivo da Doutrina Militar Brasileira.

Para melhor rendimento da leitura ou pesquisa, remetemos os usuários a leitura das convenções e abreviaturas aqui utilizadas, aconselhando-os a acompanharem a leitura das operações militares com um mapa do Rio Grande do Sul e entendendo o estilo do Capítulo 1 como sendo de referências para melhor aproveitamento do restante.

Cláudio Moreira Bento  
*Historiador Militar*  
*Presidente do Instituto de História*  
*e Tradições do Rio Grande do Sul*

## FUNDAMENTOS DAS TRADIÇÕES MILITARES GAÚCHAS

O Rio Grande do Sul conforme afirmamos na Introdução, foi uma civilização castrense ou militar, como resultado das lutas ali sustentadas por Portugal e depois pelo Brasil, com os espanhóis e seus descendentes, por cerca de quase dois séculos, de 1680-1870. Civilização castrense que se projetou nas revoluções gaúchas de 1835-45, 1893-95, 1924-26, 1930 e, 1932 marcando o fim do ciclo guerreiro gaúcho, com o combate do Cerro Alegre, em Piratini, em 20 de Set. De 1932, 97 anos após o início da Revolução Farroupilha.

As lutas sustentadas com os vizinhos espanhóis e descendentes não estiveram a cargo somente do Exército, mas dos civis alistados nas Ordenanças, Milícias, Guarda Nacional, Aventureiros, Guerrilhas e Patriotas.

Foram das Ordenanças que emergiu o Cel. Cristóvão de Abreu, o primeiro tropeiro do Rio Grande do Sul que liderou estancieiros e tropeiros em apoio à fundação do Rio Grande do Sul, por Silva Pais. As Guerrilhas e depois as Milícias produziram os dois Bentos, absorvidos pelo Exército como coronéis de Estado-Maior e mais Davi Canabarro.

A Guarda Nacional produziu Andrade Neves, Francisco Pedro de Abreu, Antonio Netto e Niderauer.

Dos aventureiros emergiu o mais tarde Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, "a primeira espada continentina", nascido junto aos muros do forte Jesus-Maria-José, em Rio Grande, bem como seu pai Cap. Francisco Pinto Bandeira, o primeiro comandante da primeira companhia dos Dragões do Rio Grande - a célula mater da atual organização do Comando Militar do Sul.

O Exército produziu estes grandes nomes que se assinalaram nas lides guerreiras no Rio Grande do Sul: Marques de Souza (1º), José de Abreu, Osório, João de Deus, João Propício, João Manoel Menna Barreto, Marques de Souza (3º), conde de Porto Alegre, e o Mar. Câmara, entre tantos outros campeões que viriam abrilhantar a galeria de comandantes da 3ª RM e a de heróis guerreiros do Brasil no Império.

Na República tivemos o Gen. Carlos Telles e o Mar. Bitencourt, porto-alegrenses heróis da Guerra de Canudos, sendo o primeiro, líder da épica resistência de 45 dias ao sítio de Bagé em 1893. No Contestado, o comandante legal foi o Mar. Setembrino de Carvalho, filho de Uruguiana. Na 2ª Guerra Mundial assinalaram-se o gabrielense Mar. Mascarenhas de Moraes, comandante da defesa do Saliente Nordeste e, após, comandante vitorioso da FEB, força onde também brilharam Osvaldo Cordeiro de Farias, filho de Jaguarão, como comandante da Artilharia Divisionária, e o santanense Nelson de Melo, comandante brasileiro que negociou e presidiu a rendição alemã em Forno, na Itália, de cerca de 20.000 homens.

É pois incontestável a influência militar na civilização do Rio Grande do Sul. E ninguém melhor que o insuspeito e brilhante imortal da Academia Brasileira de Letras, Francisco de Oliveira Vianna (1883-1951), fluminense de Saquarema, que soube sentir e melhor interpretar esta característica do povo gaúcho. Característica que se projeta, de maneira singular nas figuras de Gumersindo Saraiva, Flores da Cunha e Osvaldo Aranha, Honorio Lemes, Zeca Netto e tantos outros civis líderes guerreiros natos que o Rio Grande produziu em datas recentes:

VIANNA, Francisco José de Oliveira. Populações Meridionais do Brasil. Rio, 1952. pp. 255-277.



Assim, sobre o constante e quase bissecular estado de guerra em que viveu o povo do Rio Grande do Sul, ele escreveu:

*"Nas fronteiras do extremo-sul não se dava o mesmo. Contra os seis mil soldados de D. Pedro de Ceballos ou contra os cavalarianos de Estigarribia não havia como apelar exclusivamente para reação privada, isolada, ou mesmo conjunta, dos estancieiros. Desapareceria a população, assolada e dizimada pelo inimigo, se não a tivesse acudido, desde os primeiros dias, o poder, o governo, a autoridade pública, erigindo toda a extensa linha de fronteiras de uma paliçada de baionetas defensivas."*

Sobre o respeito e a admiração que o povo do Rio Grande do Sul nutria pelos chefes militares, assim Oliveira Vianria interpretou:

*"Os agentes da autoridade, por outro lado, também se revestiam, ali, de uma poderosa força magnética - porque possuíam o prestígio social, que derivava de sua condição mesma de defensores que haviam sido da população, nos transe sombrios perigosos da sua história. Vencido o inimigo - o castelhano, na Colonia, ou o platino pilhador - e ganha as grandes campanhas, estes homens vitoriosos, cuja espada salvara a população, assumiam aos olhos do povo a tando figura de benfeitores sociais. Pela sua diligência, eram eles que detinham na linha das fronteiras a investida dos exércitos platinos. Sobre a massa, disseminada pelas estâncias e povoados, adquiriam, então, uma autoridade pessoal enorme e uma ascendência, que lhes aumentava ainda mais a autoridade do seu poder no sentido da disciplina e da obediência."*

Sobre a profunda formação militar do povo gaúcho e, em particular, aquele lutando ao longo das fronteiras, assim ele explicou e interpretou:

*"Na verdade, a maior parte da gente que povoava a campanha rio-grandense era composta de militares profissionais - de soldados que se fizeram estancieiros, atraídos pelos encantos e liberdades da vida pastoril: - "a maior parte dos moradores que hoje ocupam a vila do Rio Grande são os que vieram de Buenos Aires e pertenciam à praça da Colônia" - diz Bettâmio.*

*Em primeiro lugar, nada mais natural que um povo, tendo constantemente sobre si a sombra das ameaças mais temerosas, ouvindo continuamente nas fronteiras o tropel dos caudilhos invasores, acabasse sentindo - por hábito, primeiro, e, depois, por instinto - uma confiança profunda nos funcionários do governo, em cuja energia, deliberação e previdência descansava a segurança da sua defesa, aliás sempre pronta e eficiente. O próprio instinto de conservação gerava e fortalecia essa confiança austera nos órgãos do poder público e espalhava, aos poucos, insensivelmente, por todas as camadas sociais, um sentimento geral de íntima veneração pelos responsáveis pela defesa da população, de convicção da sua utilidade, da sua necessidade, da sua imprescindibilidade à existência da própria coletividade."*

E prossegue e enfatiza mais adiante:

*"De modo que para aquela população de pastores inquietos e belicosos - o poder público se tornou, com os seus funcionários, seus generais, suas tropas, durante um século, uma condição devida, uma garantia de tranquilidade e de paz, em suma: um órgão indispensável à sobrevivência do corpo social daquele grupo distante*

*Porque toda a história da população gaúcha a levava naturalmente a esta atitude de respeitosa veneração pelo poder público e as suas autoridades. Esta população era ainda um pequeno núcleo de pastores, perdidos na imensidade das vastas planuras desabrigadas - e já em torno dela rondavam, ameaçadoras, as hordas agressivas e pilhadoras dos caudilhos platinos, esplendidamente armados,*

*treinados longamente nas violências da preia ao gado e temibilíssimos na sua impetuosa combatividade".*

Ao enfatizar a insignificância da problemática de segurança interna nas demais regiões do Brasil, face a ameaça de índios, e ressaltar que podiam ser rechassados pela iniciativa privada, escreveu:

*"Foi assim que, em 1779, o governador José Marcelino mandava distribuir as terras fronteirinhas, recentemente conquistadas aos espanhóis, entre os soldados do exército libertador: - "em atenção à população e à agricultura desta capitania - dizia ele - permiti que ficassem todos os soldados que quisessem cá estabelecer-se."*

Com este fim enviou-os ao comandante da fronteira - *"para que lhes tomasse os nomes e as freguesias onde se queriam estabelecer - por serem quase todos lavradores"*.

Muitos soldados portugueses, por exemplo, de origem alentejana especialmente, como os dos Regimentos de Extremoz, de Moura e de Bragança - também abandonaram a farda e se fizeram estancieiros, seduzidos pelos encantos e proventos do pastoreio. Os nossos soldados e oficiais dos Regimentos constituídos na Colônia - especialmente os vindos de São Paulo e Minas - quando de volta das campanhas platinas, em regra não buscavam mais os seus lares nativos: deixavam-se ficar lá mesmo, nas lhanças do pampa, requeriam sesmarias e faziam-se senhores de grossos rebanhos.

Egressos da farda, esses homens levaram, destarte, para a vida das estâncias, o vinco da disciplina militar, o hábito da obediência, o sentimento da hierarquia e da autoridade. Incorporados à classe aristocrática dos pampas - à sua oligarquia estanciera - foi neles que os altos representantes do poder colonial ou imperial encontraram os mais austeros respeitadores da sua autoridade.

Não foi só. Dessa aristocracia pastoril os elementos que não tinham, como os militares acima nomeados, uma origem militar, tinham, em regra, uma educação militar. Porque, se havia soldados que se faziam estancieiros, havia estancieiros que se faziam soldados: - e eram quase todos. Já vimos que todos os estancieiros da fronteira, por ocasião das guerras e das invasões platinas, eram naturalmente levados a se tornarem poderosos caudilhos, valentes capitaneadores dos bandos da peonagem recrutada de improviso, formando centro de agrupação da população da campanha, tornados em falanges particulares de paisanos ou guerrilheiros. Incorporados aos exércitos em marcha, eles eram verdadeiros soldados, sujeitos aos rigores da disciplina militar.

Terminada a guerra, esses caudilhos paisanos tornavam aos seus pagos amados, em companhia dos seus numerosos guerrilheiros. Estes ensarrilhavam as suas lanças, mas continuavam a ver naqueles caudilhos improvisados em face da agressão os seus mesmos chefes civis; os seus mesmos capitães dos tempos de guerra; continuavam a ser os seus mesmos patrões nos tempos de paz. O caudilho de há pouco era agora, cessada a guerra, apenas o dono da estância que os conduzia à guerra. Camarada e amigo dos seus antigos soldados, estes, agora tornados à sua faina de peões e capatazes, continuavam a manter a mesma obediência militar. Como lha prestavam no campo da guerra, continuavam agora a prestá-la já em pleno regime de paz e de trabalho.

Pondo agora em jogo as leis da imitação social, atuando numa sociedade em que eram extremas as predileções militares, podeis agora imaginar que esplêndidos, que inestimáveis, que eficacíssimos agentes de transmissão de hábitos, de hierarquia e disciplina, não eram para o resto da população estes galhardos guerrilheiros licenciados, vindos das campanhas do Prata!

O povoamento do Rio Grande do Sul por estâncias de parte de ex-militares já havia começado com Silva Pais, em 1737, e se intensificou com Gomes Freire de Andrade após deixar o Rio Grande em 1759, onde se fixaram diversos ex-militares em especial ex-integrantes das Companhias de Aventureiros de São Paulo e Santa Catarina, que haviam apoiado o movimento do Exército Demarcador. Então aproveitaram o gado alçado ainda existente ao Sul do Jacuí que pertencera às estâncias dos Sete Povos, cujo estudo aqui será feito.

Sobre o que denominei a Corrida pela estância própria e a sua marcha pelo Rio Grande do Sul, ao sabor dos tratados e conquistas territoriais pela força das armas, temos o excelente ensaio:

BORGES FORTES, João, Gen. A Estância. Rio, Tip. Ma, 1931, led (discurso de posse no IHGRGS).

Trabalho reeditado junto com outros excelentes estudos seus na obra clássica:

BORGES FORTES, João, Gen. Rio Grande de São Pedro - História, Povoamento e Conquista. Rio, BIBLIEX, 1941, 1ª ed.

Oliveira Vianna demora-se na análise das localidades que tiveram origem em causas de ordem militar e assim interpretou o fenômeno:

*"Os próprios núcleos urbanos, que se disseminavam pela campanha rio-grandense, buscam a sua origem numa causa militar. Na história do extremo-sul, o fundador da cidade, que, no centro-sul, era sempre um sertanista povoador, foi sempre, ali, um chefe guerreiro, um caudilho, um homem das fronteiras, erguendo, como um novo Teseu, não os muros da cidade clássica, mas a capela tradicional com a sua tosca cruz de madeira".*

Assim, veremos que a própria fundação do Rio Grande do Sul teve origem na Base Militar do Rio Grande, um complexo de fortalezas que deram origem à atual cidade de Rio Grande, protegida à distância, por guardas em Chuí, São José do Norte e Tramandaí, por sua vez origem dessas localidades por causa militar.

Rio Pardo e Santo Amaro, originários de fortes ali estabelecidos por Gomes Freire em 1774.

Encruzilhada do Sul e Canguçu originários de guardas estabelecidos por Rafael Pinto Bandeira contra os espanhóis nas Guerras do Sul 1763-76.

Santa Maria, originária de um Acampamento Militar de Demarcação do Tratado de Santo Ildefonso em 1777 e base de partida para a conquista dos Sete Povos das Missões, em 1801.

Torres, originária do Forte D. Diogo das Torres, erigido para a defesa do Rio Grande de um possível ataque de D. Pedro de Ceballos dominando Santa Catarina.

Bagé e Alegrete, com origem em acampamentos de tropas da 3ª RM, na Campanha do Exército Pacificador da Banda Oriental, cuja rancharia foi ocupada por povoadores civis, logo que abandonada.

As cidades de Jaguarão, São Gabriel, Santana, Quaraí, Uruguaiana e Itaqui surgiram em torno de guarnições militares destinadas à defesa da fronteira.

Oliveira Vianna registra a particularidade no Rio Grande do Sul da fusão dos governos civil e militar, muito comum nas fronteiras:

*"Porque, no extremo-sul - especialmente na região das fronteiras - não havia, com efeito, separação entre o governo civil e o governo militar. O comandante da guarnição fronteira era também representante do poder civil. Falando do posto da fronteira do Rio Pardo, diz Betâmio que - "suposto que também está debaixo da ordem do governador, a distância obriga a ter ali um comandante, que deve ser uma pessoa cheia de honra, que debaixo das ordens do governador, contenha o povo (sic) e a tropa na precisa obediência".*

*Nas Missões, em 1801, o governador da capitania instituiu um governo militar. Esta autoridade militar tinha, porém, "poderes para decidir todas as questões, mesmo as pertencentes à jurisdição civil".*

*O que é mais interessante é que este regime de acumulação das duas autoridades vigorou durante longos anos, sempre com grande aquiescência e agrado da população. Di-lo uma testemunha respeitável: - "Nos anos de 1855 a 1867, quando residimos em São Borja, tivemos ocasião de correr grande parte daquele território e, interpelando vários anciãos missioneiros, ouvimos dizer-lhes - de que o governo dos comandantes-gerais fora todo paternal e criador".*

Refere Oliveira Vianna que no Rio Grande do Sul desde o início foi uma "terra de soldados e oficiais educados na obediência a Hierarquia e a Disciplina" que viviam misturados com as populações das estâncias e das cidades. E registra:

*"Na verdade, educada sob o regime da premência guerreira e de uma férrea disciplina militar aquela população acabou tendo pelo homem de espada uma espécie de respeito religioso e uma confiança integral. Todos acorriam a eles nas suas dúvidas e acatavam os seus julgamentos e conselhos com submissão mista de veneração e orgulho: - "Nesta capitania - diz Saint-Hilaire - não há lugar em que os magistrados e os funcionários civis gozem de menos importância, como aqui. Todos evitam as formalidades judiciárias - e é ao general que entregam a decisão de quase todas as questões".*

*Tudo isto fazia com que os comandantes militares das fronteiras fossem os juizes de paz da população local e mesmo os seus juizes de direito. Só em 1832, depois do Código do Processo, é que eles perderam essa autoridade julgadora, substituída pela dos juizes de paz e juizes municipais civis: - "Só então - diz um velho historiador do Rio Grande - desapareceu a intervenção, se bem que conciliadora, dos comandantes militares nas questões civis, raríssimas vezes levadas (quando curtir pessoas abastadas) ao foro longínquo do Rio Pardo".*

Oliveira Vianna registrou como consequência da civilização castrense do Rio Grande, o prestígio que a (arda desfrutava entre as gaúchas, também admirando as a bravura, da valentia e da intrepidez militar feminina, como Anita Garibaldi. E para exemplificar ele transcreve esta quadras populares:

*"Toda Moça que não ame  
Um mocinho militar  
Pode viver na certeza  
que no céu não há de entrar".*

*Oh! Dona! Se eu lhe contasse,  
Você diria que eu minto:  
As moças do Livramento  
usam pistolas no cinto!*

*E, quando não eram - como estas de pistolas à cinta - guerrilheiras galantes e intrépidas e amazonas faceiras a mirarem-se no aço das espadas - era a matrona lacedemônia, aprestando toda a progénie válida para vencer ou morrer nos campos de batalha. E podiam-se citar as cenas que maravilham, revivendo em nossa imaginação as linhas heroicas".*

Sobre o prestígio da farda entre os gaúchos e orgulho dos mesmos por suas tradições e glórias militares, deixemos falar, repito, o insuspeito fluminense Oliveira Vianna:

*"O prestígio que advinha da farda naqueles tempos heroicos era tamanho, que figuras importantes daquelas sociedade e que faziam parte da aristocracia*



*estancieira não se sentiam diminuídas quando vestindo uma simples farda de inferior de milícias: - "Os patriotas de hoje - diz um historiador gaúcho - podem admirar-se de que um fazendeiro aceitasse um posto de furriel. Mas é que, nesses tempos heroicos (e como ainda vimos em 1856), muitos moços da nata social missionara tinham muita honra em vestir uma farda de soldado de milícias ou da guarda-nacional".*

*Daí resultou que se pôde constituir ali uma verdadeira aristocracia guerreira, baseada em tradições militares ilustres, composta de grandes famílias, que se orgulhavam de entroncarse num antepassado militar glorioso, cujo arnês e cuja espada eram como os brasões do seu escudo. Trazer entre os epônimos da família o nome de um grande cabo de guerra era, para os gaúchos da Idade heroica, o que era para os paulistas entroncarse na linhagem dos antigos bandeirantes: um título de nobreza e fidalguia.*

*Em cada lar ardia, vivaz, a chama do culto de um herói epônimo, espécie de nume larário e também semi-deus regional; herói que esteve nas campanhas platinas; que combateu, sob Osório ou sob Caxias, nos campos de Tuiuti e nas barrancas do Paissandu; que viu resplandecer a bandeira da pátria às radiações da vitória em Itororó, em Curupaití, em Lomas Valentinas, em mil outras batalhas; ou que teve a dita de assistir, junto de Bento Gonçalves, à alvorada e ao ocaso da República Rio-grandense.*

*Os fastos guerreiros dos seus contemporâneos, a história das suas lutas contra o estrangeiro ou contra o poder imperial, tudo era recordações que envaideciam aquela população, educada sob o alarido dos combates. Era com íntimo e justificado orgulho que aqueles campeiros de guerrilhas falavam da bravura dos seus milicianos, tantas vezes comprovada em refregas heroicas; das suas batalhas c dos seus generais, os maiores do Brasil; do arrojo, do ímpeto, da intrepidez das suas cargas fulgurantes; da fama e da bizarria dos seus esquadrões de cavaleiros. Esses gabos, essas glórias, a memória desses heróis e desses feitos andavam de boca em boca entre a gauchada, desde as cidades à campanha. Todos, da alta à baixa classe, como que se sentiam engrandecidos com o poderem partilhar de uma raia dessas glórias comuns e como que intimamente clareados com a centelha divina desses heroísmos ancestrais".*

Estas transcrições de Oliveira Vianna e comentários em torno das mesmas ao leitor essencial ao leitor e pesquisador interessados para melhor entendimento da História da 3ª RM, também em grande parte escrita com o concurso do castrense e belicoso povo gaúcho.

Estas tradições militares gaúchas se refletem na literatura regionalista, como procuraremos demonstrar em local próprio, através dos grandes escritores Simões Lopes Neto, Alcides Maya e inclusive do grande cronista Dionísio Cerqueira, da Guerra do Paraguai, e futuro Ministro da Guerra interino em 1896.



## CONVENÇÕES E ABREVIATURAS

### Principais Convenções

- **EXÉRCITO DO RIO GRANDE DO SUL OU EXÉRCITO DO RIO GRANDE:** Será usado para designar o conjunto de forças terrestres no Rio grande do Sul de 1635 - Atualidades que formaram lado a lado, ombro a ombro com o Exército na área, na exploração, devassamento, conquista, mapeamento e preservação da Integridade, Soberania e Unidade do Brasil no Sul, desde 1635 (Auxiliares, Milicianos, Ordenanças, Guarda Nacional, Voluntários da Pátria, Patriotas, Provisórios, Polícia e Brigada Militar, etc).
- **3ª REGIÃO MILITAR OU 31 RM:** Será usado para designar genericamente i y RM desde 1809, substituindo suas diversas denominações sucessivas que são estudadas em local próprio.
- **RIO GRANDE DO SUL OU RIO GRANDE:** Será usado para designar o Rio (írande do Sul, substituindo as suas diversas denominações sucessivas desde i sua fundação, em 1737. Denominações sucessivas que constam em local próprio.
- **TERRITÓRIO DA 3ª RM:** Será usado por vezes em substituição ao território do Rio Grande do Sul, sobre o qual a 3ª RM exerceu jurisdição militar, política e administrativa de 1809-1953.

### Outras Convenções

- **ACANDHIS** - Academia Canguçuense de História
- **AHEX** - Arquivo Histórico do Exército
- **ASCHGSR** - Anais do 2º Congresso de História e Geografia Sul-Rio Grandense
- **BIBLIEX** - Biblioteca do Exército
- **CIPEL** - Círculo de Pesquisas Literárias (RS)
- **CHEB** - Comissão de História do Exército Brasileiro
- **CP** - Correio do Povo - Porto Alegre
- **DN** - Revista A Defesa Nacional
- **DP** - Diário Popular - Pelotas
- **ECEME** - Escola de Comando e Estado-Maior
- **EMPA** - Escola Militar de Porto Alegre 1857-1911
- **ETPRP** - Escola Tática e Preparatória do Rio Pardo
- **ESG** - Escola Superior de Guerra
- **FT** - Forças Terrestres
- **GN** - Guarda Nacional
- **grad. graduado**
- **hon. honorário**
- **IHGB** - Instituto Histórico Geográfico Brasileiro
- **IGHMB** - Instituto de Geografia e História Militar do Brasil
- **IHGRGS** - Instituto Histórico e Geográfico do RGS
- **IHGE Paraná** - Instituto Histórico e Geográfico e Etnográfico do Paraná
- **IHTRGS** - Instituto de História e Tradições do RGS
- **IEL** - Instituto Estadual do Livro
- **INL** - Instituto Nacional do Livro
- **M. Liv.** - Martins Livreiro
- **NA** - Revista Nação Armada
- **NE** - Noticiário do Exército

- Palegre - Porto Alegre
- QEMA - Oficial com curso de Estado-Maior
- RCM - Revista do Clube Militar
- RAPRGS - Revista do Arquivo Público do RGS
- KM - Região Militar
- REB - Revista do Exército Brasileiro
- RIHGB - Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
- RIHGRS - Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RGS
- RIGHMB - Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil
- RM - Revista dos Militares - Porto Alegre
- RMB - Revista Militar Brasileira (atual REB)
- UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- ZH - Zero Hora - Porto Alegre

### **Abreviaturas Militares**

Serão usadas as abreviaturas usuais de postos e graduações. Os seguintes pontos no Império assim serão abreviados:

Mar. Ex. - Marechal de Exército  
 Ten. Gen. - Tenente General atual Gen. Ex.  
 Mar. C. - Marechal de Campo atual Gen. Div  
 Brig. - Brigadeiro atual Gen. Bda.

Outras:

BC - Batalhão de Caçadores  
 BI - Batalhão de Infantaria ou Boletim Interno  
 BECmb - Batalhão de Engenharia de Combate  
 CT - Corpo de Transportes  
 C. Ex. - Corpo de Exército  
 Cia Fzo - Companhia de Fuzileiros  
 CPOR - Centro de Preparação de Oficiais da Reserva  
 DB - Divisão Blindada  
 DC - Divisão de Cavalaria  
 DI - Divisão de Infantaria  
 Dst - Destacamento  
 Ex. - Exército  
 FEB - Força Expedicionária Brasileira  
 G Ex. - Grupo de Exércitos  
 GO 155 AR - Grupo de Obuses 155 Auto-Rebocado  
 GT - Grupamento Tático  
 PC - Posto de Comando  
 QG - Quartel General  
 RC - Regimento de Cavalaria  
 RI - Regimento de Infantaria

PS - Serão usadas, com frequência, as abreviaturas das obras:

CIDADE, Síntese de três séculos. F... referindo-se a obra de:

**CIDADE, Francisco de Paula Gen. Síntese de três séculos de Literatura Militar Brasileira. Rio, Bibliex, 1959 onde seu autor historiador e gaúcho analisa diversas obras de interesse da História Militar da 3ª RM.**

**BENTO. O Negro e descendentes ou Estrangeiros e descendentes referindo-se às seguintes obras do autor:**

**O Negro e descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, IEL, 1976.**

**Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS. Porto Alegre, IEL, 1976.**

## **CAPÍTULO 1**

### **A 3ª REGIÃO MILITAR - D. DIOGO DE SOUZA**

#### **Jurisdição e missão atual**

A 3ª RM é o órgão territorial do Exército com jurisdição sobre o estado do Rio Grande do Sul e subordinada, em tempo de paz, ao Comando Militar do Sul, ao lado da 5ª RM, com jurisdição sobre os estados de Santa Catarina e Paraná.

Ela tem como missões no território do Rio Grande do Sul:

Art 1 - "1. o planejamento e a execução do Apoio Administrativo de Base, atuando como elo na cadeia administrativa;

2. o planejamento, o preparo e a execução da mobilização e das atividades ligadas ao equipamento do território;

3. o planejamento e a execução das atividades do Serviço Militar;

4. o planejamento e o preparo da Defesa Territorial;

5. o planejamento e a execução da Defesa Interna;

6. o controle do material da Brigada Militar RGS (Polícia e Bombeiros) em sua área de jurisdição;

7. a administração regional." (IG-10-18)

Ao comandante da 2ª RM compete hoje as seguintes atribuições, além das do R-163 pelo Art. 42 da IG-10-18:

"1. a execução dos projetos e atividades necessárias ao cumprimento das missões a cargo da RM, prescritas no art. 12 destas instruções;

2. o planejamento, a coordenação e a supervisão da instrução e do adestramento das OM regionais;

3. a realização de estudos e experimentações que lhe forem atribuídos, vis.ind(1 ao aperfeiçoamento da doutrina de apoio administrativo, mobilização, defesa territorial e Serviço Militar;

4. a defesa dos interesses do Ministério do Exército, no que se refere ao patrimônio da União, e os estudos para emissão de pareceres quanto a construções civis na vizinhança da OM;

5. a administração dos bens imóveis sob a jurisdição do Ministério do Exército, ou postos a sua disposição;

6. o controle e a fiscalização das atividades referentes ao comércio, à indústria, à produção e ao tráfico de armas, explosivos, munições e material de emprego militar em geral, no território regional, de acordo com a legislação específica;

7. o planejamento e a execução das atividades técnicas atribuídas à RM, particularmente quanto à estatística e processamento de dados;

8. o planejamento e a execução de obras militares, quando for o caso, de acordo com instruções e recursos recebidos;

9. a coordenação e a consolidação do levantamento das necessidades da vida administrativa das OM com sede em sua área de jurisdição;

10. os estudos e levantamentos determinados pelo EME na área de planejamento, orçamento e modernização administrativa;

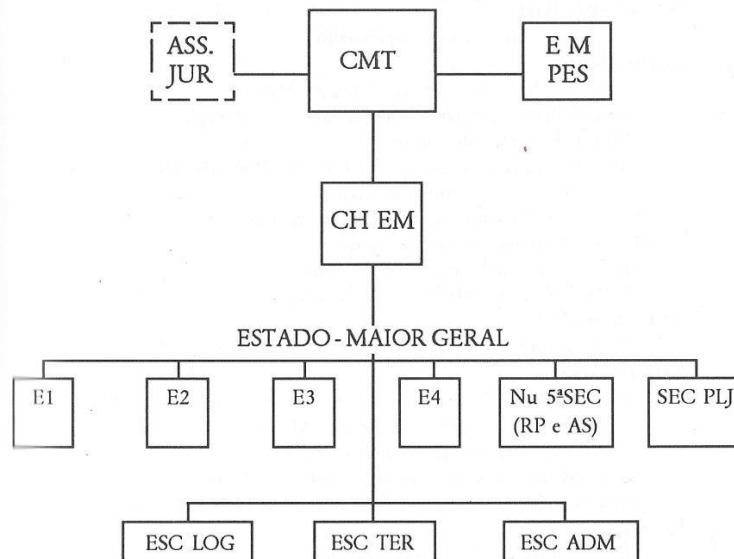
11. a execução do transporte administrativo de sua responsabilidade, bem como as experimentações de novas técnicas e de novos processos deste tipo de transporte, conforme orientação e instruções do respectivo órgão de apoio;

12. os estudos sobre estrutura e organização das OM (unidades) regionais e das corporações da Brigada Militar do Rio Grande do Sul."

### Missão da 3ª RM em tempo de guerra

- Executar o apoio Logístico às operações de Defesa Externa em área de responsabilidade.
- Realizar o Apoio Logístico à população civil, quando determinado pelo comandante do Teatro de Operações.

#### Comando da 3ª Região Militar



*Essa é, em síntese, a estrutura de comando da 3ª RM, adotada em função IG-10-18 de 1978, com suas alterações subsequentes até o nível escalões logístico, territorial e administrativo.*



**Comando e Organizações Militares diretamente  
subordinadas à 3ª Região Militar**

**Alegrete**

- HGu A: Hospital de Guarnição de Alegrete

**Bagé**

- HGu B: Hospital de Guarnição de Bagé

**Cruz Alta**

- HGu CA: Hospital de Guarnição de Cruz Alta

**Nova Santa Rita**

- 3º B Sup: 3a Batalhão de Suprimento

**Porto Alegre**

- Cmdo 31 RM: Comando da 3- Região Militar
- Cia C 3a RM: Companhia de Comando da 3ª Região Militar
- C Infor/3: Centro de Informática n2 3
- CRO/3: Comissão Regional de Obras da 3a Região Militar
- 1ª Cia Gd: 1a Companhia de Guardas
- 8ª CSM: 8a Circunscrição de Serviço Militar
- 1ª DL: 1a Divisão de Levantamento
- HGe PA: Hospital Geral de Porto Alegre
- PMPA: Policlínica Militar de Porto Alegre

**Rosário do Sul**

- CIBSB: Campo de Instrução Barão de São Borja

**Santa Maria**

- 13ª Cia DAM: 13ª Companhia Depósito de Armamento e Munição
- 9ª CSM: 9ª Circunscrição de Serviço Militar
- DSSM: Depósito de Subsistência de Santa Maria
- HGu SM: Hospital de Guarnição de Santa Maria
- Pq R Mnt/3: Parque Regional de Manutenção da 3ª Região Militar

**Santiago**

- HGu S: Hospital de Guarnição de Santiago

**Santo Angelo**

- 10ª CSM: 10ª Circunscrição de Serviço Militar
- DSSA: Depósito de Subsistência de Santo Angelo

**São Borja**

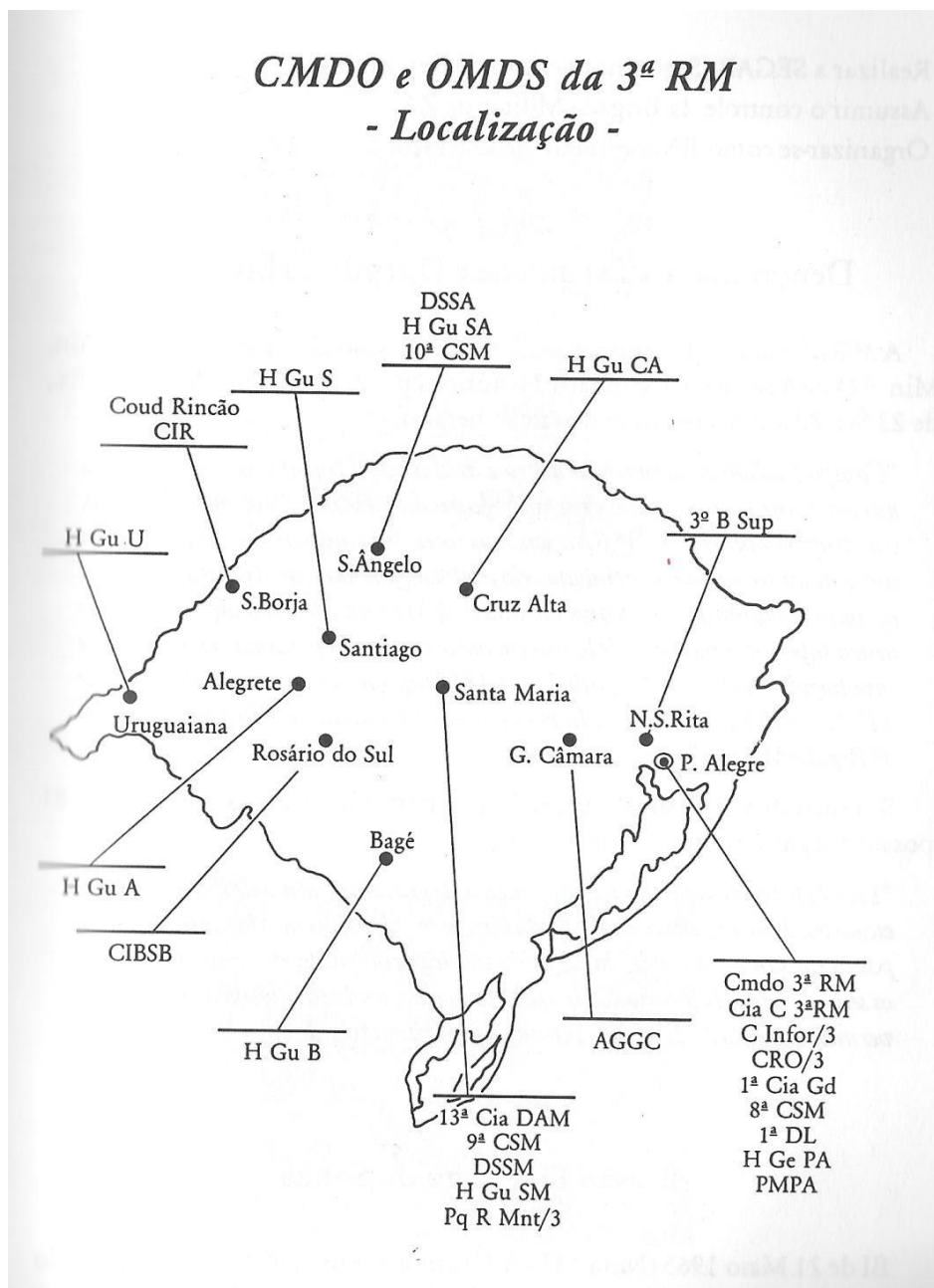
- CIR: Campo de Instrução de Rincão
- Coud Rincão: Coudelaria de Rincão

**Uruguaiana**

- HGu U: Hospital de Guarnição de Uruguaiana

- Realizar a SEGAR (Segurança de Área de Retaguarda).
- Assumir o controle da Brigada Militar na ZA.
- Organizar-se como RM de Teatro de Operações.

## *CMDO e OMDS da 3ª RM* *- Localização -*



### **Denominação, Estandarte e Distintivos históricos**

A 3ª RM tem por denominação histórica - Região D. Diogo de Souza (Port Min. 924 de 4 Set. 81) e Estandarte Histórico aprovado em Port. Min. 3-SGEx. de 23 Set. 82, com a seguinte descrição heráldica:

*"Campo fendido de vermelho à direita e azul celeste à sinistra, com uma banda nas cores cinza-azul, amarelo e vermelho (cores da logística). Brocante sobretudo, o distintivo histórico da 3ª RM, nas suas cores. No canto sinistro inferior uma coroa de louros em ouro, encimada pelo contorno do estado do Rio Grande do Sul em ouro envolvendo o dístico em ouro da 3ª RM e o ano de sua criação. No canto destro superior uma coroa de louros em ouro, encimada por uma coroa de conde envolvendo o dístico. D. Diogo de Souza, 1815(ano de concessão do título de Conde a D. Diogo de Souza). Laço militar nas cores nacionais carregado com a inscrição 3ª Região Militar."*

Seu distintivo Histórico aprovado por Port. Min. 4-SGEx., de 13 Nov. 8 possui a seguinte descrição heráldica:

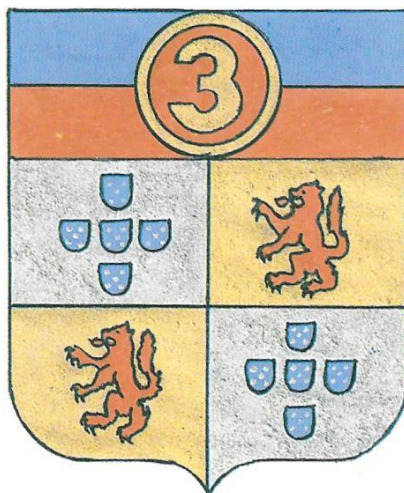
*"Escudo francês esquartelado; no primeiro, de prata, as Quinas de Portugal, cinco escudetes, de azul, postos em cruz, cada um carregados com cinco besantes, de prata, postos em santor; no segundo, de ouro, um leão rompante, de vermelho, e assim os seus alternos; chefe cortado, de azul e vermelho, tendo em abismo um eirado de vermelho, bordado de ouro, contendo o algarismo três, de ouro.*

## **Brasão D. Diogo de Souza**

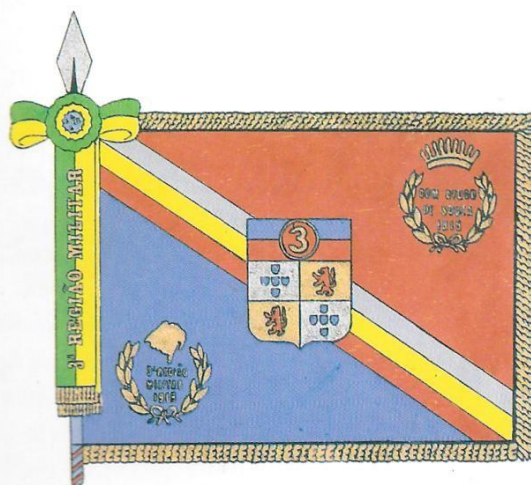
BI de 21 Maio 1965 (Nota 137 - AJG) criou e regulamentou a concessão do Escudo D. Diogo de Souza com a finalidade de assinalar o apreço e o (conhecimento da 3ª RM a seus integrantes, que lhe prestaram por longo tempo serviços excepcionais a critério do comandante. Tempo mínimo de serviço contínuo. Oficiais: superiores 2 anos; capitães: 4 anos; tenentes: 5 anos; praças: 6 anos no QGR. Comandantes, chefes e diretores de OM regionais: Oficiais superiores: 3 anos; capitães: 4 anos.

A juízo do comandante da RM e prévia autorização do CMS, o escudo poderá ser outorgado a autoridades militares e civis que prestaram à 3ª RM serviços relevantes e a todos os que fizeram jus em cerimônia especial.

Brazão de Armas da 3ª RM



Estandarte da 3ª RM



O escudo de D. Diogo de Souza, uma tradição de quase 30 anos na 3a RM e homenagem ao seu le comandante, possui as seguintes características:

*"O Escudo D. Diogo de Souza, conforme modelo arquivado no Serviço de Relações Públicas deste Quartel General, será um escudo de madeira de lei, com as dimensões aproximadas de 24 cm de altura e 20 de largura, contendo na parte superior, encrustado, em metal amarelo, o distintivo da 3ª Região Militar (uma circunferência de círculo englobando o algarismo "3") e na parte inferior, sobreposta, uma placa lisa do mesmo metal, de 4 cm de altura e 10 de largura, com cantos retos, onde será gravado o nome do detentor, com indicações sucintas dos serviços prestados e das datas de início e término dos serviços (no caso de militares que pertenceram à Organização) e da outorga dos demais casos."*

BI de 18 Maio 1971 incluiu as seguintes modificações: - Concessão pelo comandante da 3a RM aos militares, seus integrantes, que a seu critério "hajam prestado a 3a RM serviços excepcionais com dedicação e eficiência".

Definem o escudo:

**"O "Brazão D. Diogo de Souza", fixado numa placa de madeira-de-lei, a qual tem as dimensões aproximadas de 16 cm de altura por 12 cm de largura, é constituído:**

**De um escudo esquartelado encunado por uma coroa, o qual contém nos campos de prata, as quinas de Portugal, postas em aspa, nos 2º e 3º campos em ouro, um leão vermelho rompante. Na parte inferior da placa de madeira, uma placa lisa de metal, de 5 cm de altura e 10 cm de largura, com cantos retos, onde será gravado o nome do detentor na sequencia da gravação, 3e Região Militei oferece.**

## **A certidão de nascimento da 3ª Região Militar**

**A 3ª Região Militar nasceu em 19 Set. 1807 junto com o atual estado do Rio Grande do Sul, por Carta Régia do Príncipe Regente D.João. Carta Régia que certifica o nascimento conjunto do Rio Grande do Sul, como governo independente e de sua guarnição militar subordinada desde então à atual 3a Região Militar. Para melhor facilidade de entendimento, transcrevemos em linguagem atual a Carta Régia que está publicada na seguinte fonte:**

**WAGNER et FORTES. História Administrativa, Judiciária e Eclesiástica do Rio Grande do Sul. Palegre, Liv. Globo, 1963. p. 63.**

**Carta Régia que criava a Capitania Geral com o nome de Capitania de São Pedro e nomeou o conselheiro D. Diogo de Souza seu primeiro governador e Capitão General.**

**"D.João, por graça de Deus, Príncipe Regente de Portugal e dasAlgarves, daqui e de além mar e, na Africa, senhor de Guiné e dà Conquista e Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia... Faço saber ao que esta minha carta patente conhecerem que, levando em conta a grande distância do Rio de Janeiro à Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul e o crescimento de sua população, cultura e comércio, está ela por sua importância a exigir quem possa administrar de perto os interesses de seus habitantes e da minha Real Fazenda.**

**Assim decidi desanexar o Rio Grande de São Pedro da Capitania do Rio de Janeiro, a que está subordinado, e elevá-lo à categoria de Capitania Geral com a denominação de Capitania de São Pedro. Ela abrangerá todo o território e o sul de São Paulo (atual Paraná) e as ilhas adjacentes e lheficará subordinado o governo da Ilha de Santa Catarina. E levando em conta as luzes (inteligência), zelo e fidelidade com que o conselheiro D. Diogo de Souza governou Moçambique e o Maranhão, decidi nomeá-lo governador e Capitão General (comandante militar) da Capitania de São Pedro, pelo prazo de 3 anos, com a prorrogação que for necessária. Fará jus ao soldo de 15.000 cruzados ano que lhe serão pagos conforme minhas ordens reais. Gozará de todas as honras, poder, comando, jurisdição e competência que possuem e fazem uso os meus governadores e capitães gerais dos domínios ultramarinos, e mais os privilégios que lhe forem concedidos. Será subordinado somente ao meu vice-rei e Capitão General de Mar e Terra do Estado do Brasil, como a ele se subordinam os demais governadores... Lisboa, 15 Set.1807."**

**ass. Príncipe D. João**

**Em função desta Carta Régia que criou ao mesmo tempo os atuais Rio Grande do Sul e 3ª Região Militar, D. Diogo de Souza tomou posse solene no governo civil e militar do Rio Grande do Sul, em 9 Out. 1809 na CA mata de Porto Alegre, em presença do governador V. Alte. Paulo José da Silva Gama, Autoridades Judiciárias, Nobreza e Povo.**



## A tropa da 3ª RM e a sua articulação em 1809-10

Ao ser criada a 3ª RM, ela era guarnecida pela seguinte tropa de linha em 1809, num efetivo pronto de (1038h) conforme Mapa da Força apresentado pelo alce Paulo José da Gama a D. Diogo de Souza, primeiro comandante da 3ª RM:

- Regimento de Dragões num efetivo pronto de 383h, guarnecendo a Fronteira do Rio Pardo; com o grosso aquartelado em Rio Pardo (169h) e os demais guarnecendo as atuais Missões (83h), Conceição (passo N. S. da Conceição do [aguarão atual Passo Centurion) (34h), Bagé (31h), Saicã (7h), São Martinho (3h), Cachoeira (3h), Encruzilhada (33h), Triunfo (1h), São Nicolau (Aldeia junto ao Rio Pardo) (1h), Passo São Lourenço (1h), Jacuí (1h) e São Pedro (1h).
- Batalhão de Infantaria e Artilharia com 395h prontos com quartel em Porto Alegre, com seu efetivo distribuído entre a Fronteira do Rio Grande (229h), e os demais na Vila do Rio Grande (216h), no pontal Sul (9h), no pontal Norte e Barra (4h) e em Porto Alegre (137h), reforçados por 43 Dragões.
- Legião de Cavalaria Ligeira com (260h), dos quais na Vila do Rio Grande (152h), em Pelotas atual, no Passo dos Negros (15h), em São José do Norte (8h), Pontal Norte (1h), Passo do Beca no canal São Gonçalo (3h), Passo do Liscano no canal São Gonçalo (3h), Guarda do Serrito, atual Jaguarão (63h), Guarda do Herval do Sul atual (3h), Guarda da Cavalhada (1h), no registro das Torres (8h), na Feitoria da Linho Cãnhamo, atual São Leopoldo (4h), Quartel do Rio Pardo (2h), Missões (1h).

O efetivo total previsto era de 1 096h, faltando a recompletar 58 claros, dos quais 33 no Regimento de Dragões.

Em 20 Jun. 1809, o Ministro da Guerra deu a seguinte organização militar à 3ª RM, que ficaria com um efetivo de guerra de 1 566h, distribuídos pelo Regimento de Dragões, com um efetivo de guerra de 956h e a 4 (quatro) esquadrões assim articulados: o 1º em Rio Grande, o 2º nas Missões, o 3º em Jaguarão e o 4º próximo às nascentes dos rios Jaguarão e Ibicuí e, pelo Batalhão de Caçadores, com um efetivo de guerra de (610h) e com parada em Porto Alegre.

Criou, nas Missões, uma companhia de Veteranos impossibilitados para o serviço militar, com um efetivo de (60h) casados, que seriam colocados em local onde pudessem atender à agricultura e à pecuária, em condições de socorrerem as Missões. Era o embrião das futuras Colônias Militares.

Interpretação do autor com apoio da seguinte fonte: Revista do Museu Júlio de Castilhos n° 1, 1951, p.421 e n2 2, 1952, pp. 281-306

## O 1º Comandante da 3ª Região Militar

Foi o Ten. Gen. D. Diogo de Souza, nomeado por Carta Régia do Príncipe D. João, em 19 Set. 1807. Ele nasceu em Lisboa, em 17 Maio 1755, onde viria a falecer aos 74 anos, em 12 Jul. 1829. Era filho de D. João de Souza, que fora comandante militar da Província do Minho, e de D. Ana Joaquina Cerqueira Leite. Descendia de guerreiros que se estabeleceram em Portugal reconquistado aos Mouros. Eram de sua família Martim Afonso de Souza e D. Tomé de Souza, tão ligados aos primórdios da colonização do Brasil; como muitos outros. Casou com D. Ana Cândida de Sá Brandão. Não deixou filhos.

Ao chegar no Rio Grande do Sul, aos 54 anos, na condição de ser o 1º governador e comandante da 3ª RM, era Brigadeiro de Cavalaria. Antes de iniciar a carreira militar, diplomou-se em Matemática e Filosofia por Coimbra. Antes da

Capitania de São Pedro, governara "com luzes, zelo e fidelidade" Moçambique e Maranhão. Chegou ao Brasil em 1808 com a Família Real. Foi criador das vilas de Porto Alegre, Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha e Rio Pardo. Da última lhe adveio o título de conde do Rio Pardo em 25 Jun. 1815.



*D. Diogo de Souza e Conde do Rio Pardo: 1º presidente do Rio Grande do Sul e 1º comandante e atual Patrono da 3ª Região Militar (vide síntese no subtít. 1: Comandante da 3ª RM).*

Em seu governo o Rio Grande foi perturbado pelo processo de independência da Espanha, dos vizinhos Argentina e Uruguai. Teve a difícil missão de mobilizar e organizar tropa que constituiria o Exército Observador e depois Pacificador da Banda Oriental, a cuja frente se colocou e fez profunda e ampla incursão no

Uruguai, com vistas a acautelar direitos da rainha de Portugal, D. Carlota Joaquina, irmã do rei de Espanha, feito prisioneiro por Napoleão.

Por esta razão, foi promovido a Marechal de campo (atual General de Divisão) em julho de 1811.

Deixou o Rio Grande como Ten. Gen. graduado (atual General de Exército), ; que foi promovido em 13 Maio 1813, após muito bem governá-lo (administração civil e militar) de 190ut. 1809-13Nov. 1814, por cerca de 5anos. Chegou ao Rio em tempo de assistir às festas de elevação do Brasil a Reino Unido.

Foi vice-rei de Goa na Índia, de 1816-20, sendo deposto e preso na fortaleza Cabo, em função da Revolta Liberal do Porto em Portugal, em 1820. Em Goa, z.f deixou como realização a criação da Escola Médico-Cirúrgica e Escola Militar. Em Portugal foi Conselheiro de Guerra (1824), Presidente do Conselho V.tramarino (1825), Ministro e Secretário de Guerra (1828), sendo colhido pela morte quando planejava uma expedição militar para combater um levante de açorianos no arquipélago dos Açores.

É considerado o fundador de Bagé ao ali acampar, em 7 Maio 1811, após chegar à região, em torno da atual Matriz de São Sebastião. Sua memória vem tendo imortalizada no Museu D. Diogo de Souza, em Bagé, que estudou sua vida e obra em Anais de Bagé (Bagé, 1963), nº 1, série 1.

Segundo Walter Spalding, Porto Alegre deve a D. Diogo a abertura do Caminho Novo, atual artéria Voluntários da Pátria.

A missão de D. Diogo de Souza tinha por objetivo fortificar o Rio Grande : ara fazer face a graves ameaças partidas do Prata. A estrutura militar que encontrou no Rio Grande antes de criar a 3ª RM foi esta, segundo o historiador militar Ten. Cel. Henrique O. Wiedersphan.

*"a situação do Rio Grande era de verdadeiro abandono e desolação, inclusive em relação a sua guarnição militar. Etapas atrasadas, uniformes em farrapos, armamentos e munição precários."*

Uma obra importante de D. Diogo de Souza foi o preparo, na Campanha io Exército Pacificador de 1812, das condições para a incorporação ao Rio Grande, em 1821, do território de Entre Rios (Quaraí, Uruguai, Ibicuí e Santa Maria) por ocasião da anexação ao Brasil da Província Cisplatina e atual Uruguai.

O pintor Canovas pintou D. Diogo de Souza de corpo inteiro e seu rosto na expressiva galeria de comandantes da 3ª RM, que leva seu nome.

Diogo de Souza foi o primeiro governante do Rio Grande do Sul, após este ser desligado do Rio de Janeiro e tornar-se capitania independente.

### **3ª RM - Denominações sucessivas 1809-1953**

As raízes da 3ª RM remontam à instalação em Rio Grande atual, 19 Fev. 1737, da Comandância Militar, subordinada ao Rio de Janeiro e com jurisdição inicial sobre os atuais estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e, a partir de 1761, somente sobre o Rio Grande do Sul, ao assumir, como governador do Rio Grande de São Pedro, o Cel. Inácio Eloi de Madureira, o I2 com título de governador nomeado para a função, por Carta Patente de 9 Set. 1760.

A criação efetiva da 3a RM foi consequência da Carta Régia de 19 Set. 1807, que tornou o Rio Grande do Sul independente da Capitania do Rio de Janeiro, com a denominação de Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul ou, sinteticamente,



**Capitania de São Pedro, à qual ficou subordinado o governo da Ilha de Santa Catarina.**

**A 3ª RM, ao longo deste tempo, teve várias denominações, cujo conhecimento se impõe aos leitores interessados para aprofundamento no tema em foco:**

**1- Governo das Armas da Capitania de São Pedro, de 19 Set. 1807 a 19 Set. 1821, por 14 anos.**

**Com este nome constante da Carta Régia que a criou, a 3ª RM participou dos seguintes eventos bélicos:**

**-Campanha do Exército Observador e Pacificador da Banda Oriental 1811 a 1812.**

**- Guerras contra Artigas, 1816 a 1820.**

**2 - Comando das Armas da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, 19 Set. 1821, por cerca de 70 anos, por Decreto desta data das Cortes de Lisboa, até 12 Jul. 1891; tendo sido considerado também, a partir de 1851, Comando das Armas do 1º Distrito Militar.**

**Com esta denominação, a 3ª RM participou dos seguintes eventos bélicos:**

- Guerra Cisplatina, 1825-28. -Revolução Farroupilha, 1835-45.**
- Guerra contra Oribe e Rosas, 1851-52.**
- Missão de Observação no Uruguai, 1854.**
- Guerra contra Aguirre, 1864.**
- Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, 1865-70.**
- Revolta dos Muckers do Ferrabraz, 1874-75.**

**No final do período 1885-86, a 3ª RM foi agitada pela Questão Militar, sob a liderança de seu comandante Mar. C. Manoel Deodoro da Fonseca, com solidariedade do Mar. Ex. Câmara e Visconde de Pelotas e apoio dos republicanos Júlio de Castilhos e Assis Brasil.**

**Foi da 3ª RM que partiu o movimento que determinou a criação do Clube militar 1887, a recusa do Exército em perseguir escravos fugidos e a Proclamação da República em 1889.**

**3- 6º Distrito Militar, de 12 Jul. 1891 - 4 Jan. 1908, em função do Dec. de 21 Jul. 1891, por cerca de 17 anos.**

**Com esta denominação, a 3ª RM participou dos seguintes eventos bélicos:**

- Revolução Federalista, 1893-95 ou Guerra Civil, 1893-95.**
- Revolta na Esquadra, 1893-94 (reflexos no sul).**
- Guerra de Canudos - BA, 1897-98 (envio de contingentes).**

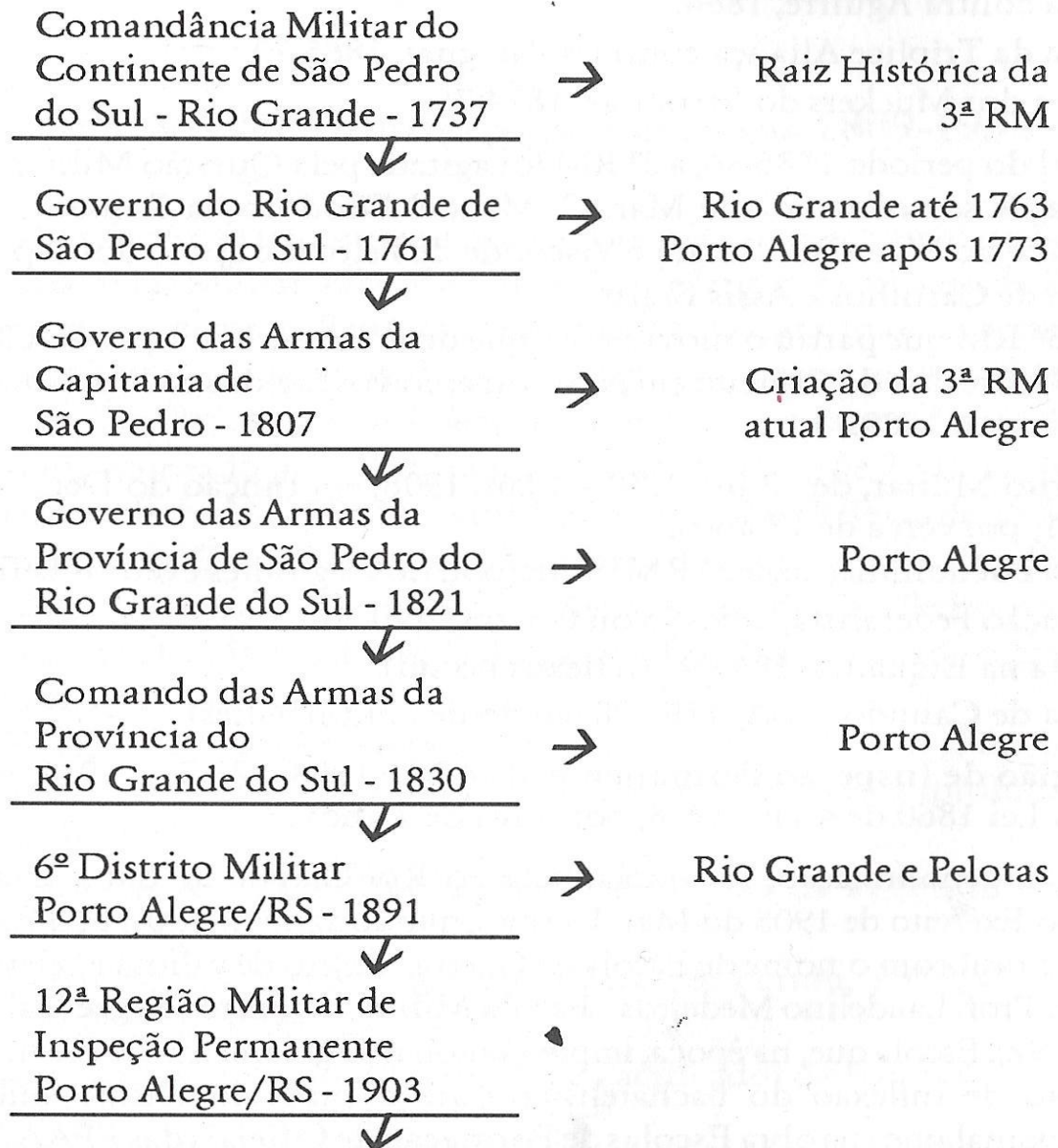
**4 - 12ª Região de Inspeção Permanente, de 4 Jan. 1908 a 23 Fev. 1915, por torça da Lei 1860 de 4 Jan. 1908, por cerca de 7 anos.**

**Com esta denominação, foi implantada no Rio Grande do Sul a Grande Reforma do Exército de 1908 do Mar. Hermes, que abrigou de 1907-11 a Escola Militar do Brasil com o nome de Escola de Guerra, objeto de valiosa e relevante : *Tiquisa* do Prof. Laudelino Medeiros - Escola Militar de Porto Alegre (Palegre, UFRGS, 1992). Escola que, na época, implementou o Regulamento de Ensino, de :15, ponto de inflexão do bacharelismo para o profissionalismo militar, : .forme assinalamos na obra *Escolas de Formação de Oficiais das FFAA* (Rio, FHE-POUPEX, 1987) em 1994, e *Jubileu de Ouro da AMAN* (V. Redonda, 1994).**

**A formação de oficiais na Escola de Guerra, no período em tela, teve benéficos reflexos na profissionalização do Exército, conforme demonstramos. Escolas de Formação...citada.**

Foi nessa época que, por Dec. 7054 de 6 Ago. 1908, dentro do contexto da Reforma Militar do Marechal Hermes, a 3ª RM foi contemplada com 2 das 5 brigadas estratégicas criadas e a totalidade das de Cavalaria, em número de 3:

## Evolução Histórica da 3ª RM



(continua)



- 3ª Brigada Estratégica - Santa Maria  
7, 8 e 9 RI. 15 RC. 3 RA Montada. 3 BE.
- 4ª Brigada Estratégica - São Gabriel  
10, 11 e 12 RI. 16 RC. 4 RA Montada. 4 BE (Hoje em Itajubá - MG).
- 1ª Bda. C. - São Luiz Gonzaga 4, 5 e 6 RC e 16 GACav
- 2ª Bda. C. - Rosário do Sul 7, 8e9RCe 17GACav
- 3ª Bda. C. - Bagé 10, 11 e 12 RC e 18 GA Cav

5 – 7ª Região Militar, de 23 Fev. 1915 a 18 Jun. 1919, por força do Dec. 11.457, de 22 Fev. 1915, por cerca de 4 anos. Foi com esta denominação que a 3a RM atravessou a la Guerra Mundial, com participação de oficiais formados na Escola Militar de Porto Alegre, que integraram Comissão na França e combateram no Exército Aliado, com o fim de se atualizarem no equipamento e doutrina vigorantes, que começaram a transferir para o Brasil, antes que a Missão Militar Francesa aqui chegasse em 1920.

Foi sob esta denominação que foi implantado na 3a RM o Serviço Militar Obrigatório, providência relevante que tratamos em "Os 70 anos do Serviço Militar Obrigatório". DN (n2 725, Jan./Fev. 1987).

6 - 3ª Região Militar, de 22 Fev. 1919 até nossos dias e, por longo tempo 3a Região Militar- 3ª Divisão de Exército, por forçado Dec. 1651de 18Jun. 1919,que só foi cumprido em 12 Jul. 1919, pelo BI n° 159 da antiga 7° RM.

A 3ª RM possuiu jurisdição sobre Santa Catarina até ser interrompida pelo Dec. Lei n° 9120, de 2 Abr. 1946.

Como Região e Divisão, ela teve subordinada a 5ª Bda. Art., a 6ª Bda. Inf, a 3a Bda. Art, o 3 GO, os 13 e 15 RC, os 3 e 5 Corpo de Trem, O 10 RI, o 3 GO Montanha, o 3 BE e a 3 Cia S.

Com esta denominação tiveram lugar em seu território os seguintes movimentos revolucionários:

- Revolução de 1923
- Revolução de 1924-26 (Coluna Prestes)
- Revolução de 1930 (grande envolvimento regional)
- Revolução de 1932

Neste período, tiveram lugar as célebres manobras de Saicã, as operações de defesa territorial e o envio de contingente para a FEB.

Foram construídos os célebres quartéis tipo Calógeras na 3ª RM, iniciados Com o Ministro da Guerra Mar. Caetano de Farias.

Assim, de 1809 a 1947, por cerca de quase um século e meio, a 3ª RM exerceu o comando direto das Forças do Exército sediadas no Rio Grande do Sul, até ser criada a Zona Militar do Sul, por Dec. Lei 9099 de 27 Maio 1946, só instalado em 1953, com jurisdição sobre as forças do Exército nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e que se transformou sucessivamente no III Exército, e, em data recente, no Comando Militar do Sul, ficando a 3ª RM com Missão Logística e Administrativa no território do Rio Grande do Sul.

## Denominações do Rio Grande do Sul -1737-1889

A 3ª RM, desde a criação, com raras exceções, abrange o território do Rio Grande do Sul, o qual teve as seguintes denominações principais, que merecem ser conhecidas do pesquisador e militar interessados:

1 - Continente do Rio Grande de São Pedro do Sul. De 1737-19 Set. 1807.

*Cerca de 70 anos.*

2 - Capitania de São Pedro. De 19 Set. 1807 a Fev. 1820. Cerca de 13 anos.

3 - Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. De Fev. 1820 a 15 Nov. 1889.

4 - Estado do Rio Grande do Sul. Desde 15 Nov. 1889 - Proclamação da República.

Mas estes nomes não eram uniformes. Aparecem variantes numerosas em cartas geográficas, correspondência oficial, livros, revistas, etc. O Gen. Souza Docca, no 32 Congresso de História e Geografia Sul-Riograndense, mencionou 25 nomes diferentes para o Rio Grande. O Gen. Riograndino, em Notas à margem da História do Rio Grande (Palegre, IEL, 1968), registrou 43 nomes, e Cel. Hélio Moro Mariante registrou, na RIHGRGS, número maior ainda.

Assim, no curso desta obra, sempre mencionaremos os nomes atuais, 31 Região Militar e Rio Grande do Sul, ao invés dos nomes que ambos tiveram ao longo do período, com início em 1737, data da fundação portuguesa do Rio Grande do Sul e instalação da Comandância Militar, subordinada ao Rio e origem remota da 3ª RM, conforme referimos.

Ao longo dos anos a área da 3ª RM tem rivalizado, em importância, com a guarnição do Rio de Janeiro quanto ao efetivo combatente nela sediado. Em diversas ocasiões, na paz, superou os efetivos do Rio. Em nossas lutas externas, no Sul e na Revolução Farroupilha, a 3ª RM de longe foi o mais importante comando do Exército.

Só foi superado durante a 2ª Guerra Mundial pela 7ª RM (PE, PB e RN), que concentrou, no Saliente Nordestino, expressivo contingente para a Defesa Territorial do Brasil, sob ameaça do Eixo, incluindo a defesa do Arquipélago de Fernando de Noronha.

A evolução dos efetivos da 3ª RM através dos tempos consta dos Relatórios do Ministério da Guerra e dos Almanques de Oficiais do Exército.

## Os Comandantes da 3ª RM 1809-1994

Segundo fontes históricas disponíveis, a 3ª RM, desde 1809, foi comandada por 171 chefes ilustres, dos quais 116 como efetivos e 55 como interinos, sendo que 10 dos interinos seriam mais tarde efetivos.

O nome mais ilustre é o Marechal de Exército Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, patrono do Exército, o maior dos nossos generais e símbolo do soldado do Exército. Ele presidiu, por mais de uma vez, o Gabinete de Ministros do Império. Foi presidente do Rio Grande por duas vezes e seu representante no Senado por longos anos.

Além dele figuram na galeria de comando da 3ª RM os patronos da Cavalaria, da Artilharia, do Serviço de Intendência e do Magistério do Exército, bem como três ex-presidentes da República, os marechais Deodoro da Fonseca e Arthur da Costa e Silva e o General Emílio Garrastazu Médice.

Nesta galeria figuram marqueses, viscondes, barões e muitos ex-dirigentes do Estado do Rio Grande do Sul em diversas épocas.

Para melhor entendê-la, o leitor e pesquisador interessados devem saber que n.i Colônia e Império os postos de Tenente General, Marechal de campo e de I brigadeiro correspondem aos atuais de General-de-Exército, General de Divisão e General de Brigada.

Este volume biografará sinteticamente os comandantes do período Brasil (Colônia até a proclamação da República, ou seja, de 1809-1889.

Os demais são aqui citados para biografia oportuna, se concretizados os 2° e 3° volumes da série projetada O Exército no Rio Grande do Sul 1635, Atualidade, de que este é o volume 1°.

Eis aqui numerados os comandantes da 3a RM, respeitadas listas organizadas pelos historiadores gerais Rocha Almeida e Riograndino da Costa e Silva, às quais demos tratamento especial e as complementamos.

Os números inteiros referem-se aos efetivos, e os seguidos de letras, aos interinos.

## Brasil Colônia

- 1 - Ten. Gen. D. Diogo de Souza -1809-14  
(Conde do rio Pardo)
- 2 - Mar. C. Luiz Telles Caminha de Menezes -1815-18  
(Marquês de Alegrete)
- 3 - Mar. C. D. José Castelo Branco Correia e Cunha e Vasconcelos -1819-20  
(Conde de Figueira)
- 4 - Ten. Gen. Manoel Marques de Souza -1821
- 5 - Brig. João Carlos Saldanha Oliveira e Daun-1822  
(Duque de Saldanha)

## Brasil Império

- 6 - Mar. C. João de Deus Menna Barreto -1822
- 7 - Mar. C. Grad. José de Abreu -1822-25  
(Barão do Cerro Largo)
- 8 - Brig. Francisco de Paula Masseha Rosado -1826
- 9 - Ten. Gen. Felisberto Caldeira Brant -1827  
(Marquês de Barbacena)
- 9a - Mar. C. Gustavo Henrique Brown -1827 (Interino)
- 10 - Ten. Gen. Carlos Frederico Lecor-1828  
(Visconde de Laguna)
- 11 - Mar. C. Grad. Sebastião Barreto Pereira Pinto -1829
  - Comandou a 2a vez em 1831-35
  - Comandou a 3a vez em 1837
- 12 - Mar. C. Manoel Jorge Rodrigues -1836  
(Barão de Taquari);
  - Comandou a 2a vez em 1839^10
- 12a - Cel. Joaquim Cláudio de Barbosa Pita -1830  
(Interno)
- 13 - Mar. C. Gustavo Henrique Brown -1830

(2° comando da RM)

## Na Revolução Farroupilha

- 14 - Brig. Bento Manoel Ribeiro -1836-37  
 14a - Cel. João Crisóstomo da Silva -1837 (Interino)  
 15 - Ten. Gen. Ref. Francisco das Chagas Santos -1837  
 • Comandou a 2ª vez e como efetivo em 1837  
 16 - Mar. C. Antonio Elzeário de Miranda Brito - 1838-39  
 17 - Mar. C. Francisco José de S. Soares Andréa -1840  
 (Barão de Caçapava)  
 • Comandou a 2ª vez em 1848-49  
 18 - Brig. João Paulo dos Santos Barreto -1841  
 19 - Mar. C. Thomaz Joaquim Pereira Valente -1841-42  
 (Conde do Rio Pardo)  
 20 - Brig. José Maria da Silva Bittencourt -1842  
 21 - Mar. C. Luiz Alves de Lima e Silva -1843-45 (Barão de Caxias)  
 • Foi o último na Revolução Farroupilha, da qual foi o Pacificador. É patrono e símbolo do soldado do Exército Brasileiro.  
 • Comandou a 3ª RM pela 2ª vez, bem como presidiu o Rio Grande do Sul durante a Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52  
 22 - Brig. José Joaquim Coelho -1846-47 (Barão de Vitória)  
 23 - Brig. João Frederico Caldwell -1848 Comandou a 2ª vez em 1850  
 • Comandou a 3ª vez em 1853-55  
 • Comandou a 4ª vez em 1859  
 • Comandou a 5ª vez em 1861-64  
 • Comandou a 6ª vez em 1865  
 • Era de origem inglesa. Foi o recordista no comando da 3ª RM, e o biografamos na obra Estrangeiros e descendentes.  
 24 - Mar. C. Grad. Antonio Correa Seara -1851  
 (Comandou durante a Guerra contra Oribe e Rosas)  
 25 - Mar. C. Manoel Marques de Souza -1852  
 (Barão de Porto Alegre - neto do na 4)  
 26 - Brig. Jerônimo Francisco Coelho -1856  
 (Governou o Rio Grande 1857)  
 26a - Cel. Jacinto Machado Bitencourt -1857  
 (Interino por 8 dias)  
 27 - Mar. C. Francisco Felix da F. Pereira Pinto - 1860

## Na Guerra do Paraguai

- 28 - Mar. C. João Propício Menna Barreto - 1864-65  
 (Barão de São Gabriel). Filho do nº6  
 29 - Brig. Francisco do Rego Barros -1866  
 (Visconde da Boa Vista)  
 30 - Ten. Gen. Ref. José Fernandes dos Santos Pereira -1866  
 31 - Cel. João Manuel Menna Barreto - 1866 (1 mês). Filho do nº26  
 32 - Mar. C. Manoel Luiz Osório -1867  
 (Marquês de Herval)  
 • É o patrono da Arma de Cavalaria.  
 32a - Brig. Francisco de Paula Macedo Rangel -1867  
 (Interino por 20 dias)

33 - Ten. Gen. Grad. Francisco Antônio das S. Bittencourt -1868

- Comandou a 2ª vez em 1869-70

34 - Mar. C. Guilherme Xavier de Souza -1868

(Último da Guerra do Paraguai)

34a - Cel. José Luiz Pereira Carvalho -1871

(Interno por 10 dias)

35 - Mar. C. Vitorino José Carneiro Monteiro -1871-75

(Barão de São Borja - recordista em permanência contínua)

36- Mar. C. José Auto da Silva Guimarães - 1876-78

37 - Mar. C. José Luiz Menna Barreto -1879

(Morreu no exercício do comando - Neto do nº 6)

37a - Mar. C. Salustiarío Jerônimo dos Reis -1875

(Barão de Camaquã) (Interino por 27 dias)

- Comandou a 2ª vez em 1888-89. Era o comandante da 3ª RM na Proclamação da República.
- Comandou a 3ª vez em 1891, até a deposição de Júlio de Castilhos.

38 - Mar. C. Emílio Luiz Mallet -1880

(Barão de Itapevi)

- E o patrono da Arma da Artilharia.

39 - Mar. C. Frederico Augusto Mesquita -1881-82

(Barão de Cacequi)

40 - Brig. Manoel Deodoro da Fonseca -1883

- Foi o proclamador e 12º presidente eleito da República Federativa do Brasil.
- Comandou a 3ª RM por cerca de 3 meses.
- Comandou a 2ª vez por um ano em 1885-86.

40a - Cel. Sebastião Francisco de O. Chagas -1883

(Interino por 11 dias)

40b - Brig. Augusto Frederico Pacheco -1883

(Interino por 1 mês e 5 dias)

41- Mar. C. Luiz José P. de Carvalho -1884

(Barão de São Sepé)

42 - Mar. C. Augusto César da Silva -1885

- Comandou a 2ª vez em 1887, por 20 dias.
- Comandou a 3ª vez após a Proclamação, em 1890.

43 - Brig. João Antonio de O. Valporto -1887

(Comandou por 2 meses - Morreu no exercício do comando)

44 - Brig. Antonio Enéas Gustavo Galvão -1887

(Barão do Rio Apa)

- Era primo irmão do Mar. Deodoro.

44a - Brig. Carlos Resin Filho -1890 (Interino)

- Descendia de suíços. Estudamo-lo em Estrangeiros e descendentes.

45 - Brig. Carlos Machado Bittencourt -1890

- E o patrono do Serviço de Intendência.

46 - Gen. Div. Cândido Costa -1890

47 - Gen. Div. Júlio Anacleto Falcão da Frota -1891

47a - Gen. Bda. Antônio Joaquim Bacellar-1891

(Interino por 8 dias - 1ª vez)

(Interino por 4 dias - 2ª vez em 1892)

- Comandou pela 3ª vez em 1893-94, como efetivo.

48 - Gen. Bda. Manoel Luiz da Rocha Osório -1891

(Na renúncia do Presidente Deodoro)

49 Mar. Grad. Manoel de Almeida Gama Lobo D'Eça -1892



(Barão de Batovi). Comandou por 37 dias.

50 - Mar. Ex. José Antonio Correia Câmara -1892 (2° Visconde de Pelotas)

- Comandou por 7 dias.

51 - Gen. Bda. Bernardo Vasques -1892

- Comandou por 6 meses, na deposição do Governicho.

## Na Revolução Federalista -1893-95

52 - Gen. Bda. Antonio José Maria Pego Júnior -1893

53 - Gen. Div. Antonio Joaquim Bacellar-1893-94

(Vide 47a)

- Deslocou o QG da 3a RM para o Rio Grande.

53a - Gen. Bda, Jorge Diniz de Santiago -1894

(Interino por 3 meses)

54 - Gen. Div. Francisco Antonio de Moura -1895

- No combate à Revolução Federalista, como Ministro da Guerra 1892-94, deslocou seu QG para Porto Alegre, 1894.

54a - Gen. Bda. Jorge Diniz Santiago -1895

(Interno por 1 mês) 2° comando

55 - Gen. Div. Inocêncio Galvão de Queiroz -1895

- Firmou a Paz de Pelotas, que pôs fim a Revolução de 1893.

55a - Gen. Bda. Cláudio do Amaral Savaget -1895

(Interino por 1 mês)

- Comandou pela 2a vez em 1899-1900.

55b - Cel. Thomaz Thompson Flores -1896

(Interino por duas vezes - 15 dias e 10 dias)

56 - Gen. Div. João Thomaz da Cantuária

- É o patrono da 6a RM - Bahia. Foi o 1° chefe do PME. Consoludou a Paz.

56a - Cel. Francisco Maria P. Bittencourt -1896

(Interino por 4 dias)

56b - Gen. Bda. Carlos Eugênio Andrade GUIMARÃES - 1896

(Interino por 6 dias)

- Comandou pela 2ª vez em 1908.

57- Gen. Bda. José Marinho da Silva - 1897-99

58 - Gen. Div. Cláudio do Amaral Savaget -1899-1900

(Vide nº 55a)

59 - Gen. Div. Francisco Antonio R. de Sales-1901-1904

60 - Gen. Bda. Manoel Joaquim Godolfim- 1905-1907

- Amparou a criação da Revista dos Militares, antecessora da Defesa Nacional, e construiu o penúltimo QG da 3a RM, defronte ao atual, em 1906-1908 em seu 22 comando
- Comandou pela 3ª vez em 1909-11

61 - Gen. Div. Carlos Eugênio Andrade Guimarães -1908

(Vide nº 56b- Irmão do Gen. Arthur Oscar)

62 - Gen. Div. José Bernardino Bormann -1909

- Historiador militar, filho de alemães, estudamo-lo em Estrangeiros c descendentes.

63 - Gen. Div. Vespasiano G. de Albuquerque e Silva -1911

63a - Gen. Bda. Júlio Fernandes Barbosa -1911 (Interino por 45 dias)

64 - Gen. Div. Belarmino Mendonça -1911

- Comandou mais de 3 meses.

- 64a - Gen. Bda. Roberto Trompowiski Leitão de Almeida -1912 (Interino por 24 dias)
- E o Patrono do Magistério Militar.
- 64b - Gen. Bda. Júlio Fernandes Barbosa -1912 (Interino por 26 dias)
- 65 - Gen. Div. Pedro Augusto Pinheiro Bitencourt -1912-13
- Comandou pela 2ª vez em 1917.
- 65a - Gen. Bda. João José da Luz -1914 (Interino por 5 meses)
- 65c - Gen. Bda. Carlos Frederico Mesquita - 1915  
(Interino por mais de 4 meses)
- Comandou pela 2ª vez em 1917.
  - Comandou pela 3ª vez em 1918.
- 66 - Gen. Bda. Gabino Bezouro -1915
- Comandou por quase 5 meses.
- 66a - Gen. Bda. Belo Augusto Brandão  
(Interino por 9 dias)
- 67 - Gen. Bda. Carlos Frederico Mesquita -1918  
(Vide nº 65c)
- Lutou no Condestado -1915
- 67a - Gen. Bda. Ildefonso Pires de Moraes Castro -1918  
(Interino por 1 mês)
- 68 - Gen. Div. Tito Pedro Escobar -1919  
(Morreu no exercício do comando)
- 68a - Gen. Bda. Ildefonso Pires de Moraes Castro -1919  
(Interino por mais de 6 meses)
- 69 - Gen. Div. Antônio Ilha Moreira -1919-20
- 69a - Gen. Bda. Clodoaldo da Fonseca -1921 (Interino por 3 meses)
- Grande projeção na reforma do Exército, em 1908, ao adquirir o armamento na Europa.
- 70 - Gen. Div. Cipriano da Costa Ferreira -1922
- 70a - Cel. Bernardino Antonio do Amaral -1923  
(Interino por 14 dias)
- 70b - Cel. Tito Vila Lobos -1923 (Interino por 12 dias)

## **Na Revolução de 1923**

- 71 - Gen. Div. Eurico Andrade Neves -1923-26
- Em seu comando ocorreu a Revolução de 1923, que teve fim com a de Pedras Altas e a de 1924-26.
- 71a - Gen. Bda. Eduardo Monteiro de Barros -1927  
(Interino por mais de 2 meses)
- 71b - Gen. Bda. Antonio Firmino Borba -1927  
(Interino por 13 dias)

## **Na Revolução de 1930**

- 72 - Gen. Bda. Gil Antonio Dias de Almeida - 1927-30
- Colhido pela Revolução de 1930.
- 73 - Cap. Newton Estillac Leal -1930  
(A 3ª RM extinta 13-27 Out.)
- Comandou 6 dias como revolucionário de 30.

- Comandou pela 2ª vez como interino, em 1946.
- 74 - Cel. João Carlos Toledo Bordini -1930
- Comandou quase 3 meses.
  - Comandou pela 2ª vez em 1936, por mais de um mês.
- 75 - Gen. Div. Francisco Ramos de Andrade Neves -1931-32
- 76 - Gen. Bda. José Maria Franco Ferreira - 1933-34
- 77 - Gen. Div. João Gomes Ribeiro Filho -1934
- Comandou por 3 meses.
- 77a - Cel. João Candido Pereira de Castro Jr-1934
- (Interino por mais de 1 mês)
- 78 - Gen. Div. Augusto César Parga Rodrigues - 1935-36
- Jovem turco fundador de A Defesa Nacional.
- 78a - Gen. Bda. João Carlos Toledo Bordini -1936
- Comandou pela 2ª vez por mais de 1 mês.
  - Comandou pela 3ª vez por mais de 1 mês.
- (Vide nº 74)
- 79 - Gen. Bda. Emílio Lúcio Esteves -1937
- 80 - Gen. Div. Manoel de Cerqueira Daltro Filho - 1937-38
- Comandou a deposição de Flores da Cunha, em 1937.
- (Morreu no exercício do governo do Estado)
- 80a - Gen. Bda. Boanerges Lopes de Souza -1938
- (Interino por mais de 2 meses)
- 81 - Gen. Div. José Joaquim de Andrade -1939
- 81a - Gen. Bda. João Marcelino F. e Silva -1939
- (Interino por mais de 1 mês)
- 82 - Gen. Div. Estevão Leitão de Carvalho -1939-41
- Comandou quase 3 anos. Organizou as célebres manobras de Saicã. Líder dos jovens turcos fundadores de A Defesa Nacional. Historiador militar. Chefiou a Comissão Mista Brasil - EUA, durante a 2ª Guerra Mundial.
- 82a - Gen. Bda. Manoel Alexandrino F. da Cunha -1942
- (Interino por mais de 1 mês)
- 83 - Gen. Div. Valentim Benício da Silva -1942-44
- Reorganizador da Biblioteca do Exército em 1937 e historiador militar.
- 83a - Gen. Bda. José Silvestre de Melo -1944
- (Interino por 7 dias)
- 84 - Gen. Div. Salvador César Obino -1945
- 84a - Gen. Bda. Newton Estillac Leal -1946
- (Vide nº 73)
- Comandou pela 2ª vez, interino, por 2 meses.
  - Comandou 3ª vez, interino por 4 meses, em 1948.
- 85 - Gen. Div. Amaro Soares de Bitencourt -1946
- Comandou mês e meio.
- 86 - Gen. Div. Gustavo Cordeiro de Farias -1946-48
- Criador do E.G.G.C.F., de que é patrono.
- (Morreu no exercício do comando)
- 87 - Gen. Div. Francisco Gil Castelo Branco -1948
- Comandou por 5 meses.
- 87a - Gen. Bda. Coriolano de Andrade -1949 (Interino por 11 dias)
- Comandou interino pela 2ª vez, em 1953.
- 88 - Gen. Div. Olympio Falconieri da Cunha - 1942-52
- 89 - Gen. Div. Coriolano de Andrade -1953

**(Vide nº 87a). Transferiu o Comando a 2MS**

- **Aqui, foram transferidas para a Zona Militar, depois III Exército e agora Comando Militar Sul, as responsabilidades militares e políticas sobre o Rio Grande do Sul, que o Comando da 3a Região Militar teve sob sua responsabilidade por quase século e meio de 1809-1953.**

**90 - Gen. Div. Manoel Azambuja Brilhante -1954**

**90a - Cel. Nabor Augusto Ribeiro -1955 (Interino por mais de 6 meses)**

**90b - Cel. Alberto Ribeiro Paz -1954 (Interino por quase 2 meses)**

**91 - Gen. Bda. Osvino Ferreira Alves -1955**

- **Comandou por mais de 4 meses.**

**91a - Cel. Alcebíades do Amaral Braga -1957 (Interino por 1 ano)**

- **Comandou pela 2- vez, interino por 18 dias, em 1956.**

**92 - Gen. Div. Emilio Ribas Jr. -1957**

**93 - Gen. Div. Arthur da Costa e Silva - 1957-58**

- **Foi o 2º Presidente da República, depois da Revolução de 1964.**

**94 - Gen. Div. Décio Palmeira Escobar -1959-61**

**95 - Gen. Div. Pery Constant Beviláqua -1962**

**(Era neto de Benjamim Constant)**

**95a - Cel. Virgínio Cordeiro de Melo -1962**

**(Interino por 11 dias)**

**96 - Gen. Div. Carlos Flores Paiva Chaves -1962-63**

**96a - Cel. Breno Borges Fortes -1964 (Interino por 25 dias)**

**96b - Cel. Carlos de Moraes -1964**

**97 - Gen. Div. Floriano da Silva Machado -1964**

- **Comandou pouco mais de 1 mês. Foi colhido pela Revolução de 64.**

**97a - Cel. Domiciano Miller Ribeiro -1964 (Interino por 7 dias)**

- **Comandou pela 2º vez, interino por 24 dias, em 1967.**

**98 - Gen. Div. Augusto Fragoso - 1964-65**

**98a - Cel. Iracildo Ivo F. Pessoa -1965**

**(Interino por quase 4 meses)**

**99 - Gen. Div. Emílio Garrastazú Medici -1966**

- **Comandou mais de 1 ano. Foi o 32 Presidente da Revolução de 1964.**

**100 - Gen. Div. Breno Borges Fortes -1967**

**(Vide nº 96a)**

- **Comandou por 4 meses.**

**101 - Gen. Div. Dióscoro Gonçalves Vale - 1967-69**

**101a - Cel. Adston Pompeu Piza -1969**

**(Interino por 1 mês e meio)**

**102 - Gen. Div. Henrique Carlos de Assunção Cardoso -1969-70**

**103 - Gen. Div. Oldemar F. Garcia -1970**

**104 - Gen. Div. Francisco Esteliano B. de Aguiar -1971-72**

**104a - Cel. Cav. Ruy Affonso Soares Pereira -1972**

**(Interino por 2 meses)**

**105 - Gen. Div. Aduino Bezerra de Araújo -1973**

**105a - Cel. Eng. Mario Ribeiro Miranda Júnior -1973**

**(Interino por 1 mês)**

**106 - Gen. Div. Newton Faria Ferreira - 1973-76**

**106a - Cel. Inf. Heitor Cunha Menna Barreto -1976**

**(Interino por 20 dias)**

**107 - Gen. Div. Antonio Carlos de Andrada Serpa - 1976-77**

**107a - Cel. Art. Antonio Visintainer Santos Rocha -1978**

**(Interino por 1 mês)**

- Comandou pela 21 vez, interino, por 21 dias em 1978.
- 108 - Gen. Div. Alzir Benjamim Chaloub - 1978-80
- 109- Gen. Div. Sebastião José Ramos de Castro -1980 109a
- 109a - Cel. Art. Fernando Vargas Souto -1980  
(Interino por 18 dias)
- 110 - Gen. Div. José Albuquerque -1981-82
- 111 - Gen. Div. Clóvis Borges de Azambuja - 1983-84
- 112 - Gen. Div. Raymundo Maximiano Negrão Torres -1985-87
- 113 - Gen. Div. Luiz Guilherme de Freitas Coutinho - 1987-88
- 114 - Gen. Div. Luiz Paulo Fernandes de Almeida - 1989-90  
( Morreu no exercício do comando)
- 114a - Cel. Cav. José Antonio Silva Martins -1991  
(Interino por 2 meses)
- 115 - Gen. Div. Yvens Ely Monteiro Marcondes -1991-92
- 116 - Gen. Div. João Carlos Rotta -1993...

Dos 116 comandantes efetivos da 3ª RM, até hoje, predominaram os rio-grandenses, com 38%, seguidos dos cariocas, com 19%; dos portugueses, com 11%; dos paulistas, com 5,6%, e dos catarinenses, pernambucanos, alagoanos e fluminenses, com 3,4%; e uruguaio, mineiros e sergipanos, com 1,7%.

A galeria não registra nenhum paraense, goiano, mato-grossense, paraibano, rondoniense. Os demais estados tiveram pelo menos um comandante.

O recordista no comando da região foi o Mar. Caldwell, cerca de 11 anos, o segundo, o Mar. Sebastião Pereira Pinto 5a, 6m e 12d. O terceiro foi o Mar. Vitorino C. Monteiro 5a, 4d. O quarto foi o Gen. Godolfim 4a, 8m e 5 d. Caxias foi o quinto, com 4a, 5m e 28d. Em número de assunções de comando foi o Brig. Caldwell e por seis vezes diferentes.

A galeria assinala um nascido na França - o Mar. Mallet, um no Paraguai -Gen. Franco Ferreira, dois no Uruguai - José de Abreu e Salustiano J. dos Reis e um na Alemanha, o Mar. Brown. Estillac Leal assumiu, como efetivo, Capitão e como General foi interino duas vezes.

## **As Tropas da 3ª RM 1737 – 1994**

Durante todo o processo histórico do Rio Grande do Sul, forças militares não integrantes da tropa de linha da linha e atualmente do Exército prestaram relevante concurso ao comando da 3ª RM em suas missões relativas à defesa da Integridade, da Soberania, da Unidade e da Paz Social do Brasil no território do Rio Grande do Sul e países vizinhos: Uruguai, Argentina e Paraguai.

Elas aparecem ao longo da narrativa, tornando-se imperioso caracterizá-las e mostrar como evoluíram.

É impositivo que sejam distinguidos pelo leitor, os oficiais da la linha ou do Exército, dos das Ordenanças, Milícias, Guarda Nacional, Voluntários da Pátria, Provisórios, Patriotas, Guerrilhas, etc.

E importante que se distinga um oficial de patente do Exército de um oficial honorário do Exército, ou de um oficial da Guarda Nacional ou de Milícias etc.

O oficial honorário foi criado em Dec. de 13 de ago 1838 para premiar serviços relevantes prestados em defesa da ordem pública e da integridade do Império. Aviso do Ministério da Guerra de IOJun. 1884 assim definiu-"oficial honorário não é militar".

Com a República, foram considerados generais honorários diversas altas autoridades civis não pertencentes ao Exército, mas que, por suas características especiais, exerceram comandos no Rio Grande do Sul de forças auxiliares.



Após a Guerra do Paraguai, o Exército concedeu aos oficiais combatentes de outras procedências o título de honorário do Exército.

Houve casos de oficiais milicianos que foram incorporados ao Exército como oficiais de Estado-Maior, como foi o caso dos dois Bentos da Revolução Farroupilha. Um chegou a Coronel de Exército; e Bento Manoel, a Tenente General.

Andrade Neves e Francisco Pedro de Abreu, que tão assinalados serviços militares prestaram ao Brasil, pertenciam à Guarda Nacional.

Os generais farrapos Antonio de Souza Neto e David Canabarro foram brigadeiros honorários do Exército.

As tropas, que hoje constituem o Exército, eram chamadas tropas de la linha, de linha ou tropa paga.

A 2ª linha foi constituída pelos Auxiliares até 1796. De 1796 a 1831, elas chamaram-se Milícias; e, a partir de 1831-1918, de Guarda Nacional.

A 3ª linha foi constituída pela tropa de Ordenanças até 1796, quando foi extinta e passou a integrar as Milícias, e tendo suas funções em 1831 sido absorvidas pela Guarda Nacional.

Na Guerra Guaranítica, 1754-56 e Guerra do Sul, 1763-79, combateram no Rio Grande tropas de aventureiros de São Paulo e de Santa Catarina, cuja missão era apoiar o movimento dos Exércitos.

Tivemos no Brasil Colonial tropas locais chamadas pedestres.

Em nossas revoluções republicanas, tivemos os Patriotas em 93, e os Provisórios nas demais revoluções; todas, à base de civis.

Na Revolução de 23, foi organizada em Porto Alegre a Guarda Republicana para defendê-la.

A partir de 1831 lutaram, lado a lado, com a 3ª RM no Sul, interna e externamente, forças policiais chamadas Permanentes, Guarda Municipal.

No final do século passado surgiu a Brigada Militar no Rio Grande do Sul (15 Out. 1892), que em 24 Maio 1917 tornou-se auxiliar da 3ª RM.

A Guarda Nacional, de 1840 a 1918, teve relevante atuação no território da 3ª RM como força auxiliar do Exército. Assim sendo, participou do combate à Revolução Farroupilha 1840-45, da Guerra contra Oribe e Rosas, 1851-52 e da Guerra do Paraguai, 1865-70.

Aqui não podem ser esquecidos os Voluntários da Pátria, tropas civis recrutadas inclusive no Rio Grande do Sul, na área da 3ª RM, que deram comovente e patriótico concurso ao esforço de guerra.

Para aprofundamento de estudo nestas tropas: Voluntários da Pátria (1), Guarda Nacional (2), Brigada Militar (3) e Auxiliares, Milicianos e Ordenanças (4), que tanto cooperaram com a 3ª RM em suas missões, indicamos:

(1) DUARTE, Paulo Queiroz, Gen. Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai. (Rio, BIBLIEX, 1984-92).

(2) CASTRO, Jeanne B. A Milícia Cidadã-A Guarda Nacional. Rio, José Olímpio, 1977.

(3) MARIANTE, Hélio Moro, Cel. PMRS. Crônicas da B.M. Palegre, Brigada Militar, 1972.

(4) MELO, Ediberto, Cel. PMSP. Raízes do militarismo paulista. São Paulo, Imprensa do Estado, 1982

Existiram, no Rio Grande, outras tropas civis, como as célebres guerrilhas na Guerra Cisplatina 1825-28.

## A Galeria de Comandantes da 3ª RM e seu Organizador

Contemplar a enorme, majestosa, artística e instrutiva galeria de comandantes e efetivos da 3ª RM equivale a uma visita a um museu. E a mais bela e a mais importante galeria de comandantes militares do Brasil, seja pelo enorme período que abarca, seja pela sua beleza pictórica, seja, finalmente, pelos vultos brasileiros que nela figuram e que se consagraram entre os maiores soldados brasileiros de todos os tempos. Isto o leitor e pesquisador já puderam concluir na leitura da lista de ex-comandantes da 3ª RM.

A galeria de comandantes da 3ª RM foi inaugurada em 10 Mar. 1949, no comando do Gen. Div. Olímpio Falconieri da Cunha, veterano da Campanha da Itália, que comandou os integrantes da FEB, não incluídos na 1ª DIE.

Foi organizador da galeria o então Maj. Antonio da Rocha Almeida, a qual resultou de profundas e demoradas pesquisas históricas que foram traduzidas em pinturas realizadas basicamente pelo dedicado e competente pintor, professor Júlio Saens Canovas.

Quando de sua inauguração, foi convidado para falar no ato o então Ten. Cel. Antônio da Rocha Almeida comandante da unidade na cidade de Rio Grande, com a presença do Ministro da Guerra Gen. Carombert Pereira da Costa.

O orador teceu judiciosas considerações sobre a galeria de comandantes da 3ª RM e falou a certa altura:

*"E aí estão os chefes do passado, com os seus fardões bordados, as faixas das grã-cruzes, as comendas e veneras das ordens brasileiras e as medalhas premiaes e de campanha, fixados na tela pelo pincel incomparável do mestre (Júlio Saens Canovas). As cinzas destes chefes repousam no solo bendito do Brasil, oh nos arrendados de mármore das catedrais portuguesas, entre os grandes vultos da nacionalidade, cercados de veneração e do carinho de um povo que é nosso sangue e é nossa glória."*

Como homenagem ao organizador da galeria de comandantes da 3ª RM, valioso e original documento histórico de grande relevância, lembramos seu nome e sua obra histórica nesta síntese biográfica:

- Gen. Antônio Rocha Almeida (1902 - 1971). Nasceu em Pelotas, em 2 Jan. 1902, e faleceu em Porto Alegre, em 20 Set. 1971. Fez carreira no Exército. Foi historiador atuante no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), em cujas revistas, de nº2105/108, em 1947, deixou o valioso artigo "Galeria dos Comandantes da 3ª RM". Este trabalho obrigou-o a recorrer e adestrar-se em disciplinas auxiliares da História: medalhística, genealogia, biografia, bibliografia, assuntos dos quais produziu valiosos e marcantes trabalhos e nos quais se tornou expert.

No IHGRGS e na galeria dos comandantes da 3ª RM deixou perenizada a sua marca de historiador. Organizou na Revista Nação Armada (NA), Nov. 1939 - Fev. 1947, a Seção de Legislação junto com o Maj. Evandro dei Corona.

Militou no ensino universitário em Porto Alegre e produziu várias outras obras relacionadas por Pedro Vilas boas no Dicionário Bibliográfico Gaúcho (Porto Alegre, M. Livreiro, 1991, p 10). Era membro do IHGB, IGHMB, IHGSP, IHGMG etc.(Vide seu necrológio na RIHGB v. 293, 1971. pp. 180-181) e no Correio do Povo, Porto Alegre, 10 Out. 1971.

Entre seus notáveis trabalhos destacamos Vultos da Pátria. Sua foto figura na galeria de sócios efetivos do IHTRGS, em cujo museu deixou traços de sua contribuição museológica.

Em que pesem seus esforços, não conseguiu obter fotos ou quadros focalizando os seguintes comandantes da 3ª RM:

- Brig. Massena Rosado
- Ten. Gen. Francisco das Chagas Santos
- Mar. C. Elizeário de Miranda Brito

Resta a esperança de que os dois últimos possuam fotos ou quadros em outras organizações que comandaram ou governaram.

Até agora suas fisionomias desafiam os pesquisadores, como a do Patrono do Serviço de Material Bélico, o Ten. Gen. Napion.

De autoria de Canovas existe expressiva galeria no Comando da 3ª RM, focalizando em pintura todos os governantes do Brasil até o presidente José Sarney. E também um acervo pictórico expressivo e raro, pois a maioria das galerias de ex-governantes é constituída de fotos ou fotos de pintura.

Produziu Rocha Almeida na RIGHMB (n2 40,1967, p.139) artigo sobre o Marechal José de Abreu e barão do Cerro Largo, legendário combatente na Guerra Cisplatina e antigo comandante da 3ª RM.

Produziu também a obra Medalhas Militares, a qual consultamos aníplamente para elaborarmos, a pedido do GBOEX, Condecorações Brasileiras, ainda original, em razão de não ter sido editada por haver mudado sua diretoria que antes nos encomendara a A História do Brasil através de seus fortes e Amor Febril - Memória da Canção Militar Brasileira.

Foi utilíssimo o trabalho de Rocha Almeida por ele usado para orientar a pintura das medalhas dos comandantes da 3ª RM.

## **Historiadores da 3ª RM**

Poucos têm sido os trabalhos específicos sobre a História da 3ª RM entre eles destacamos:

**ALMEIDA, Antonio da Rocha, Maj. Galeria de Comandantes da 3ª RM. RIHGRS n° 105/108,1947.**

**BENTO, Cláudio Moreira, Maj. Síntese Histórica das Forças Terrestres na Área da 3ª RM. Revista Militar Brasileira, v. 163,1973,Jul./Dez.pp.48-80 (ilustrado - abrange 1635-1756).**

**SILVA, Riograndino Costa e. Gen. Apontamentos para a História da 3ª RM. Palegre, 3ª RM, 1971 2 ed.**

O último é o trabalho mais abrangente e de maior fôlego. Aqui cabe uma referência ao seu autor e à sua obra como historiador: General Riograndino da Costa e Silva (1904-93). Nasceu em Taquari-RS. Fez marcante carreira no Exército. Era irmão do presidente Costa e Silva. Como historiador, foi membro atuante do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Produziu os seguintes trabalhos:

- Apontamentos para a História da 3ª RM. Porto Alegre. Tip. ERM/3ª RM, 1958.157 páginas.
- Notas a margem da História Militar do RGS. Porto Alegre. Ed. Globo, 1968.255 páginas.
- São José do Taquari -História da Minha Terra. Porto Alegre, Ed. Flama, 1972. 296 páginas.
- A Revolução de 5 de julho de 1922. Porto Alegre, Ed. Sulina, 1972.213 páginas.
- Apontamentos para a História da 3ª RM. Palegre, ERM/3ª RM. 1971. 187 páginas. 2ª ed.
- Quatro Vidas Gloriosas. (Caxias, Osório, Taunay e Deodoro). Palegre, 1978.

Sem dúvida, o Gen. Riograndino Costa e Silva, até agora, foi o maior historiador da quase bi-secular 3ª Região Militar, e, em sua obra, apoiamos expressivamente nosso trabalho.

Ele contribuiu com vários artigos para A Defesa Nacional, onde divulgou a História da 3ª RM, trabalhos profissionais e estudos sobre a Guerra contra Oribe e Rosas, política do Império no Prata e sobre a ideia de República no Brasil. Coordenou ainda a alentada biografia do Mar. Câmara e visconde de Pelotas em 3 volumes.

Por haver participado da Revolução de 1922, na Escola Militar do Realengo, foi desligado do Exército por 8 anos. Neste espaço formou-se em Direito, em Porto Alegre. Foi jornalista de A Noite, no Rio e do Diário de Notícias de Porto Alegre. Com a vitória da Revolução de 30, retornou ao Exército.

## **ANEXO AO CAPÍTULO I**

Informações de interesse da História da 3ª RM na Revista do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Histórico do RGS contidas em 8 números publicados de 1951-57, sendo diretor o historiador Dante Laytano.

Ressalta, em valor, o Plano de Organização da atual 3ª RM baixado em 20 Jun. 1809 pelo visconde de Linhares, primeiro Ministro da Guerra. Dá a organização da tropa de Linha: - o Regimento de Dragões, o Batalhão de Caçadores de Porto Alegre a Companhia de Veteranos, nas Missões, precursora das Colônias Militares.

Importante é a organização da 3ª RM em 8 distritos militares, em 1810, guarnecidos por 8 esquadrões de Milícias reforçados por Ordenanças.

Os demais documentos, fontes primárias, referem-se ao período 1801-1810 anterior à Independência.

Nº 1 - Janeiro 1952 (refere-se ao nº e ano da revista).

1. Documentos interessantes 1801-20 pp. 359-421 (Conquista das Missões p. 412 e Mapa da Força da 3ª RM p. 421a).

Nº 2 – Junho 1952

2. Documentos interessantes 1801-20, no Arquivo Histórico do RGS pp. 281-306 (Plano Organização Militar da 3ª RM em 20 Jun. 1809, baixado pelo visconde de Linhares, em 20 Jun. 1809, em que a 3ª RM passa a ser constituída da seguinte tropa de linha: Regimento dos Dragões com os seguintes efetivos: de Licença, 992 h; de Exercício, 716 h; de Guerra, 956 h e Batalhão de Caçadores com os seguintes efetivos: de Licença, 354 li; de Exercício, 610 h e de Guerra, 610 h. Isto tudo resultando num efetivo de guerra para a 3ª RM de 1566 h. Determinou que o Regimento de Dragões assim fosse articulado: O 1º Esqem Rio Grande, o 2º nas Missões, o 3º em Jaguarão e o 4º em local a determinar entre as nascentes do Jaguarão e o Ibicuí. O Batalhão de Caçadores ficaria em Porto Alegre. Regula a instrução dos semesteiros, soldados obrigados a servir três meses por ano e dá organização à Companhia de Veteranos, nas Missões, integrada por 60 soldados casados, incapacitados para o serviço militar. Era a primeira ideia das futuras Colônias Militares. Aqueles seria doada uma extensão de terra próxima das Missões, apta para agricultura e farta em água, e seriam construídas 60 casas de pau a pique.

Nº 3 - janeiro 1953

3. Documentos interessantes 1810 pp. 493-352 (Plano de Organização das Milícias na 3ª RM). Organiza as tropas de Milícias em 8 esquadrões a 4 cias cada, num efetivo total de 1960. Fixa vencimentos e divide a 3ª RM em 8 distritos militares iguais em população. Determina que os chefes de Distrito e seus ajudantes seriam retirados dos Dragões e nunca dos milicianos e civis. Regulamenta as Ordenanças. É um documento básico e importante. Publica informações militares importantes recebidas do Uruguai, em 9 Jul. 1810, sobre o processo de Independência na Argentina.

Nº 4 - Janeiro 1954

4. Documentos interessantes pp. 185-230. (Relativos às guerras contra Artigas 1816 e 1820). Informações militares. Carta de José de Abreu p. 200, da capela do Alegrete, sede do seu comando. Plano Defesa da Fronteira pelo cmt de Jaguarão (vila Cerrito) p. 209. São Gabriel base logística p. 210. Distrito Militar das Missões p. 211 e Regimento de Guaranis das Missões.

5. Regimento de Dragões - notas documentais por Mario Teixeira Carvalho pp. 87-102. Proposta para capitães de ordenanças, em 24 Dez. 1782, para Mostardas, Tramandaí, Cima da Serra. N. S. dos Anjos (Gravataí), Triunfo, Santo Amaro, Rio Pardo, Cachoeira p. 91. Promoções na atual 3aRM, em 17 Dez. 1786, nos Dragões, Cavalaria auxiliar p. 91. Fardamento dos Dragões de 1781-83 p. 97. Menciona que o nome Dragões do Rio Pardo não é oficial; e, sim, consagrado pela tradição p. 102.

Nº 5 -1955

6. Velhos Fortes, por Eduardo Duarte p. 5 -20 (aborda os fortes Santa Tereza, São Miguel e Santa Tecla, de interesse da História da 3a RM).

7. documentos interessantes 1801-20 pp. 127-147. Aborda a conquista dos Sete Povos p. 30. Gabriel Ribeiro de Almeida, o conquistador dos Sete Povos e o conceito que dele fazia o Brig. João de Deus Menna Barreto p. 140-141 e ofício de 27 Mar. 1814, do Mar. João Menna Barreto a D. Diogo de Souza, comunicando construção da nova capela São Gabriel, necessidade de uma cadeia e seus problemas com Antônio Alves Trilha p. 136.

Nº 6-1956

8. Documentos interessantes p. 247-257. Sobre a situação no Uruguai em 1810-13, informante Bento Gonçalves da Silva p.252.

Nº 7 -1956

9. Documentos interessantes 1815-16pp.297. Antecedentes da guerra contra Artigas 1816.

Nº 8 -1957

10. Francisco Pinto Bandeira - serranista e soldado, por Eduardo Duarte p. 5 (Foi o comandante da primeira tropa de linha na 3a RM, em 1737).

11. O Regimento de Dragões do Rio Pardo na Expansão Geográfica do RGS, por Aurélio Porto pp.53-73. Importante estudo que reflete a projeção da 3a RM na expansão do Rio Grande.

Nº 9 -1957

12. documentos interessantes 1811-15 pp. 241-265. Referências ao Distrito Militar de Entre Rios. Antecedentes Exército Pacificador da Banda Oriental e da guerra contra Artigas 1816 e 3a fortificação de Torres 1824.

O local a determinar para colocar-se um esquadrão de Dragões entre as nascentes dos rios Ibicuí e Jaguarão parece ter sido Bagé.



## **CAPÍTULO 2**

# **ANTECEDENTES BÉLICOS DO TERRITÓRIO DA 3ª RM DE 1635-1809**

### **Lutas dos Huárpidos X Láguidos**

Com apoio em Canais Frau, em Pré História da América, constatamos que : território do Rio Grande do Sul, muito tempo antes do povoamento português, havia sido um campo de batalha entre índios descendentes dos Láguidos (jês-tapuias) que se irradiaram da Colômbia para o restante da América do Sul, pela parte ocidental dos Andes, e os Huárpidos, que se irradiaram da Colômbia, pela parte oriental dos Andes.

Ambas as correntes, após milênios e bastante diferenciadas, teriam se chocado justamente no Rio Grande do Sul, na linha balizada pelos cortes dos rios Ibicuí e Jacuí. Os huárpidos, através dos charruas e minuanos, adaptados à vida no campo. Os Láguidos através dos guaranis e tupis, habituados à vida nas selvas.

Assim, durante anos, esses índios lutaram entre si no território da 3ª RM; deixando na toponímia, ao longo desses rios, denominações lembrando combates como seria o caso de Tabantigaí, com o sentido de "por aqui combateu muitas vezes".

Por ironia do destino, os charruas e minuanos, provenientes dos atuais Uruguai e Argentina, seriam os aliados dos portugueses nas lutas em torno da posse da Colônia do Santíssimo Sacramento, no atual Uruguai de 1680-1777 e, os guaranis provenientes das matas do Brasil atual, seriam os aliados dos espanhóis nas lutas em torno da posse da citada Colônia do Sacramento, por cuja posse Portugal e Espanha lutariam militar e diplomaticamente por 93 anos.

E foi da miscigenação intensa entre descendentes de huárpidos e láguidos e dos ibéricos que surgiu o gaúcho brasileiro, habitante típico do território da 3ª RM e soldado valoroso e intrépido que contribuiu decisivamente, de 1680-1870, para a exploração, povoamento, conquista e preservação da soberania e da integridade do Brasil no território sob a jurisdição da 3ª RM até 1953.

### **Bandeirantes no Rio Grande do Sul 1629-41**

Os primeiros confrontos bélicos do povoador português do atual território da 3ª RM foram contra os índios aí reunidos em 18 reduções jesuíticas fundadas de 1626-1638. Elas foram combatidas pelos bandeirantes paulistas de 1629-1641, em cerca de 5 expedições de varredura, na região mais ou menos balizada hoje pelo território das Missões.

O Cel. Jonathas do Rego Monteiro estudou estas 18 reduções nos Anais do 3º Congresso de História Nacional v. 4 (Rio, IHGB, 1942).

Conforme estudamos em Síntese Histórica da FT na área da 3ª RM, RMB nº 3, Jul./Dez. 73 com apoio de 5 esboços, as 5 expedições das bandeiras tiveram o seguinte desenvolvimento:

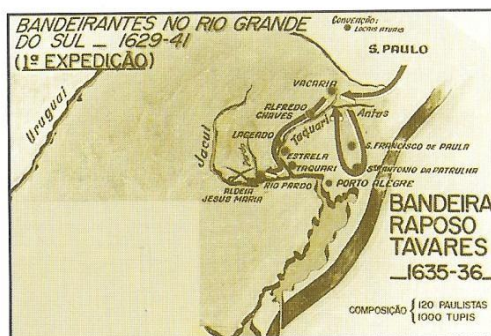
1ª Expedição - Bandeira Raposo Tavares 1635-36

Foi composta de 120 paulistas e 1000 índios tupis. Ela percorreu o seguinte itinerário atual aproximado: Vacaria - São Francisco de Paula - Santo Antônio da Patrulha - Porto Alegre - Vacaria. Desceu os rios da Prata, das Antas e Taquari. Atingiu o rio Jacuí, onde navegou até rio Pardo. Ali, em duro combate, destruiu a redução Jesus-Maria-José, recém fundada nas imediações do Rio Pardo atual. Retornou pelo mesmo itinerário fluvial até Vacaria, passando pelos locais onde hoje se erguem Estrela, Lajeado, Roca Sales, Encantado, Mussum.

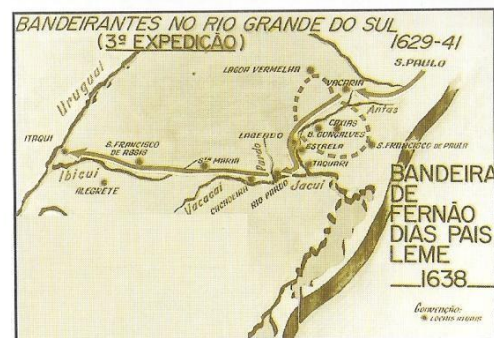
Jesus-Maria-José tinha uma população de 8000 e fora fundada pelo padre Pedro Mola, em Nov. 1633.

O combate entre paulistas e a redução ocorreu em 2 Dez. 1636. Ela foi defendida por 300 índios entrincheirados, dos quais meia dúzia usando arcabuzes, e os restantes, flechas.

1ª Expedição



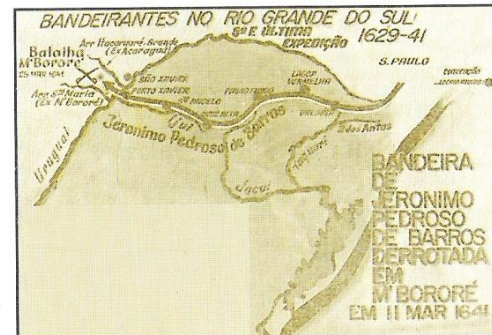
3ª Expedição



4ª Expedição



5ª Expedição



## 2ª Expedição: Bandeira dos irmãos Bueno 1637-39

Era composta de tropas dos bandeirantes André Fernandes e Jerônimo Bueno. Eles percorreram até Rio Pardo atual o itinerário da anterior. Jerônimo Bueno fez a varredura do Ibicuí até Itaqui atual, tendo passado por Santa Maria atual. André Fernandes remontou o Jacuí e transpôs para o Vale do Ijuí, onde procedeu a varredura; tendo passado pelos atuais Cruz Alta e Santo Angelo. Transpôs o Uruguai e atingiu Candelária, após destruir a redução de Caaçapa-guaçu.

## 3ª Expedição: Bandeira de Fernando Dias Paes Lemes 1639.

Seguiu o mesmo caminho das anteriores. A partir do Rio Pardo, subiu os rios Jacuí e Vacacaí e atingiu o Vale do Ibicuí, completando a varredura das reduções aí existentes. Esta bandeira completou a destruição das reduções

no atual território da 3ª RM. Os índios remanescentes se transferiram para a margem direita do rio Uruguai, onde armaram-se para uma mais efetiva resistência aos bandeirantes.

**4ª Expedição: Bandeira de Domingos Cordeiro 1639.**

Seguiu, até o rio Jacuí, o caminho das anteriores. Subiu até a região de Júlio de Castilhos, por Santa Maria atual. Dali fez a varredura do rio Icamaguã. Transpôs o Uruguai. Ao atingir a região Caaçapá-guaçu, teve lugar, em 17 Jun. 1639, o combate com este nome, onde ela foi derrotada sob a liderança do padre Alfaro, que usou reforços enviados pelo governador de Buenos Aires, soldados espanhóis, índios, bem como armas de fogo. A bandeira foi aí destruída.

**5ª Expedição: Bandeira Jerônimo Pedroso de Barros 1640-41.**

Presume-se que, a partir de Vacaria atual, tenha percorrido as atuais Lagoa Vermelha, Passo Fundo, Cruz Alta, Santo Angelo e Porto Xavier pelo Vale do Ijuí para saber notícias da Bandeira anterior destruída. Após transpor o t Uruguai, esta bandeira foi atacada em M-Bororé, em 11 Mar. 1641, na região entre os arroios Santa Maria (ex-M. Bororé) e Itacuararé-Grande. A bandeira foi atacada por 4.000 índios, dos quais 300 armados com arcabuzes e peças de Artilharia de taguaruçu (bambu retovado com couro). A bandeira compunha-se de 400 paulistas e 2.500 tupis. Derrotada, retirou-se, sendo tenazmente perseguida.

Estas bandeiras tiveram por missão estratégica destruir a Província de Tape, que começou a se fixar no atual território da 3ª RM, em 1626.

O Império Jesuítico-Guarani, em desenvolvimento nas bacias do Paraná, Paraguai e Uruguai, ameaçava expandir-se na direção de São Paulo e, ali, romper o cordão das Tordesilhas 1494.

E, hoje, existem provas de que elas, estrategicamente, cumpriram esta missão de contenção, tendo como incentivo a preia de índios para movimentar a economia paulista, de vez que o mercado mundial de escravos caíra em mãos dos holandeses que bloqueavam o ingresso dos mesmos em São Paulo, a partir de Pernambuco. Este, sob égide de Maurício de Nassau, tinha a convicção de que estava consolidando seus domínios sobre o Brasil.

## **A Província do Tape (As 18 reduções jesuíticas)**

A Província de Tape, que os jesuítas tentaram estabelecer em 1626-31 no território da 3ª RM, e tendo sido destruída pelos bandeirantes era constituída das seguintes reduções com respectiva data de fundação:

1 - São Nicolau - 1626. Na margem sul do Piratini, junto a foz, no Uruguai.

Fundada pelo Padre Roque Gonzales.

2 - São Joaquim -1633. Na margem direita do rio Pardo, em suas pontas, na serra São Botucarái.

3 - Jesus Maria. Na margem direita do rio Pardo, 20 a 25 Km acima da foz do rio Pardinho.

4 - São Cristóvão -1634. Na margem direita do rio Pardo, abaixo da foz do rio Pardinho.

5 - Santa Tereza - 1632. Próximo de Passo Fundo.

6 - Santa Ana - 1633. A margem esquerda do Jacuí, próximo a foz do arroio Paredão.

7 - Natividade - 1633. Nas vertentes do Ivaí, nas fraldas da serra São Martinho.

8 - São Cosme e Damião - 1634. Próximo da vila São Martinho, na serra de Martinho

9 - São Miguel -1632. A margem direita de Ibicuí, nas pontas da serra SãoPedro.

10 - São Carlos do Caapi - 1631. Ao norte de Santo Angelo, campo de SantoCristo.

11 - Apóstolos de Caaçápa-guaçu - 1635. Entre os Ijuí Grande e Mirim.

12 - São José - 1633. A margem direita de Ibicuí, entre os Toropi e Jaguari, na encosta da coxilha São Xavier.

13 - São Tomé - 1632. A margem direita do Jacuizinho, afluente do Jaguari.

14 - Mártires de Caaró -1628. Ao sul do rio Ijuí, nas fraldas da coxilha do

Pirajó

Seu nome inicial foi Todos os Santos. Aí foram martirizados o padre Roque Gonzales e Alonso Rodrigues.

15 - Caaçapamini - 1627. Entre os Ijuí e Piratini, na coxilha Pirajó.

16 - Assunção - 1628. Ao norte do Ijuí Grande, em frente ao passo que dá para São Nicolau (moderno).

17 - São Xavier - 1628 ou 29. A margem esquerda do Icamaquam, próximo a sua foz no Uruguai, ao NE de São Borja.

18 - São João. A margem esquerda do Ijuí, perto de sua foz com o Uruguai.

Descendentes destes índios, expulsos pelos bandeirantes até 1638, retornaram ao Rio Grande do Sul 42 anos mais tarde para fundarem os Sete Povos das Missões, em 1680, ano coincidente com a fundação portuguesa da Colônia do Sacramento.

A Colônia do Sacramento e os Sete Povos das Missões seriam objeto de disputas militares e diplomáticas por parte da Espanha e Portugal que movimentarão a História Militar do território da 3ª RM até 1870 e se refletirão na área no relacionamento com os descendentes dos espanhóis até cerca de 1890, com a definição da questão de Palmas, em Santa Catarina, entre o Brasil e Argentina.

## Antecedentes da Fundação do Rio Grande do Sul

Em 1680 Portugal fundou, defronte a Buenos Aires, a Colônia do Santíssimo Sacramento, atual cidade de Colônia no Uruguai.

Neste ano os jesuítas voltaram ao Rio Grande e estabeleceram 7 povos denominados Missões e não mais reduções, como de 1626-38. Organizaram 11 estâncias jesuíticas para seus 7 povos na margem ocidental e 4 na margem oriental do rio Uruguai, além de explorarem ervais nativos no Rio Grande do Sul.

As 11 estâncias jesuíticas eram abrigadas por um enorme mangueirão simbólico, representado pelos rios Quaraí, Uruguai, Ibicuí, Jacuí, Lagoa dos Patos, Camaquã, Rio Negro; Quaraí com porteiras simbólicas em Santa Tecla (Bagé) e São Martinho. Os dois últimos eram ligados por um caminho que atravessava o rio Jacuí, no estratégico passo de São Lourenço a montante da Cachoeira do Sul, que era ponto obrigatório de passagem para os Sete Povos (São

Nicolau, São Miguel, São Luiz, São Lourenço, São João, Santo Ângelo e São Borja), para quem provinha de Montevidéu e Colônia ou ia para lá.

A fundação da Colônia do Sacramento por Portugal, defronte a Buenos Aires, em 1680, foi causa remota de guerras entre portugueses e espanhóis e os descendentes de ambos na Bacia do Prata, durante quase dois séculos de 1680-1870, até o estabelecimento do equilíbrio político na área e a solução da livre navegação no Rio da Prata. Disputas bélicas que envolveram direta ou indiretamente o atual território da 3ª RM e esta, como se verá.



Não só a fundação, mas também a exploração, povoamento e conquista portuguesa progressiva do território da 3ª RM decorreu da necessidade de aproximar, por terra, o apoio militar à base terrestre e naval portuguesa de Colônia, dependente do distante Rio de Janeiro, que, só a partir de 1763, passou a sediar o governo do Brasil Colônia.

E foi dentro deste contexto estratégico que o Brig. de Infantaria José da Silva Pais fundou o Rio Grande do Sul em 19 Fev. 1737, ao ali desembarcar e fundar a base militar e naval com o nome de Presídio Jesus-Maria-José, base inicial do atual Estado do Rio Grande do Sul e da 3ª RM, que ali tiveram sua gênese ou raízes.

Entre a fundação da Colônia, em 1680, e do Rio Grande do Sul, em 1737, ocorreu o reconhecimento, devassamento e exploração do território da 3ª RM da seguinte forma: Com a fundação da Colônia, impôs-se uma ligação terrestre com Laguna-SC, fundada em 1688 e ponto extremo sul do Brasil de então, em função do Tratado de Tordesilhas de 1494.

Em 1703, Domingos Filgueiras percorreu, pelo litoral, de Colônia a Laguna. Demorou 17 dias para percorrer do arroio Chuí a Rio Grande, deixando descrição circunstanciada de sua viagem pioneira.

Ainda antes de 1715, o litoral gaúcho passou a ser trilhado por tropeiros paulistas, lagunistas e colonistas com as finalidades de socorrer Colônia sitiada pelos espanhóis e arrebanhar gado vacum selvagem das atuais campinas uruguaias, a fim de levá-lo para o centro do Brasil.

Inicialmente, pelo litoral até Laguna e daí, pelo mar. Depois, por caminhos que atingiam a Serra Geral e prosseguiam por seu dorso. Primeiro, pelo litoral até Ararangu; e dali, até o dorso da Serra Geral. Seguindo pelo litoral e, a partir de Santo Antônio da Patrulha, até Vacaria, depois Lajes, Curitiba, Sorocaba etc...

Trilhou, anos a fio, estes itinerários o Cel. de Ordenanças Cristóvão Pereira de Abreu, considerado o primeiro tropeiro do Rio Grande, personagem que irá prestar relevantes serviços militares e logísticos à conquista e defesa do Rio Grande do Sul, como se verá.

De 1722-27, houve a primeira fixação temporária de uma tropa militar organizada no Rio Grande. Foi a expedição denominada Frota de João de Magalhães, que foi mandada de Laguna com cerca de 30 homens armados.

Ela acampou em São José do Norte atual para cumprir as seguintes missões: Proteger o canal da Lagoa dos Patos da ação dos índios Tapes e dos espanhóis; estabelecer aliança com os índios Minuanos; melhorar as condições de travessia do gado no canal (lagoa-oceano) com o uso de canoas e jangadas; cobrar impostos sobre o gado que atravessasse o canal e transferir o gado selvagem existente ao sul do canal, para o norte. -

Em 1728, os portugueses fundaram Montevideú, de onde foram expulsos por criolos espanhóis, fato ao qual se atribui a definição do destino da República do Uruguai atual.

O negócio do gado proveniente do Uruguai e Rio Grande teve grande incremento. Novos caminhos melhores para São Paulo e Rio deixaram Laguna à margem do negócio. Em consequência, lagunistas transferiram-se para o Rio Grande a partir de 1733, onde fundaram as primeiras estâncias gaúchas em torno de Porto Alegre atual, ao longo dos vales dos rios Caí, Sinos, Gravataí e Capivari, conforme assinalamos em mapa anexo 8 do citado "Síntese Histórica das FT na área da 3ª RM".

Entre os 20 estancieiros, conta-se João de Magalhães, comandando a primeira força militar irregular que estacionou temporariamente em São José do Norte atual; e Francisco Pinto Bandeira que será o comandante da primeira tropa de linha a se estabelecer no território da 3ª RM, como se verá.



Contam que o nome Estância advém de estanca com o sentido de permanência, ou seja, os que recebiam terras tinham por obrigação fixar-se nelas por um prazo mínimo de permanência ou de "estanca", daí evoluindo para estância.

## A fundação do Rio Grande do Sul em 1737

Na tarde de 19 Fev. 1737, desembarcou na atual cidade de Rio Grande, o Brig. de Infantaria José da Silva Pais. Seu desembarque teve por objetivo ali estabelecer uma base militar terrestre e naval portuguesa; na impossibilidade de ter sido frustrado em sua tentativa de estabelecê-la em Montevidéu para apoiar Colônia do Sacramento, sob sítio espanhol.

Neste exato momento, teve início a História Militar do território sob a jurisdição da 3ª RM, pois foi o seu primeiro contato com tropa terrestre portuguesa.

Silva Pais foi aguardado em terra por um grupo de bravos tropeiros e fazendeiros lagunistas e viamonenses do intrépido Cel. de Ordenanças Cristóvão Pereira de Abreu, que tinha por sub comandante o Cap. Francisco Pinto Bandeira.

A tropa de Cel. Cristóvão saudou a chegada de Silva Pais com disparos de 36 armas individuais que possuía e dos 3 dos 4 canhões do fortim que mandara erigir para dar segurança a sua tropa e ao desembarque. (Vide ilustração)

Silva Pais, tão logo desembarcou, tratou de consolidar a posição mantida precariamente, desde o arroio Chuí, por tropeiros e estancieiros lagunistas e viamonenses.

Ergueu em Rio Grande as fortalezas de Jesus-Maria-José e de Santana.

Começou a organizar o legendário Regimento de Dragões do Rio Grande - célula mater não só da 3ª RM como do Comando Militar do Sul, dando o comando de sua primeira subunidade organizada ao Cap. Francisco Pinto Bandeira.

Reforçou, face ao sul, as defesas aproximadas da base militar que fundara com os fortins do Arroio e dos arroios Bolacha e Taim atuais.

A seguir preocupou-se em assegurar, face ao sul, a segurança distante de sua base, nos arroios Chuí e São Miguel.

CMB, 3ª RM - Des. Alvaro Martins / Pesquisa, texto e orientação - Cel. Claudio Moreira Bento



Fundação portuguesa do Rio Grande do Sul e da Comandância Militar do Continente do Rio Grande de São Pedro do Sul (raiz histórica da 3ª RM), pelo brigadeiro de Infantaria José da Silva Pais, na atual cidade de Rio Grande, em 19 de Fevereiro de 1737. Foi recebido, em terra, por estancieiros e tropeiros de Laguna/SC e região do Viamão, liderados pelo 1º tropeiro do Rio Grande - Cel. de Ordenanças Cristóvão de Abreu.

Assim expedicionou até os arroios Chuí e São Miguel. O primeiro guarneceu com 15 dragões de Minas de sua expedição, que viajaram por terra desde Rio Grande.

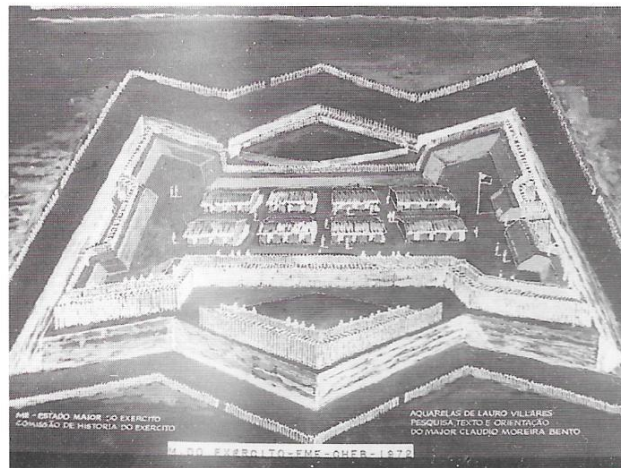
Mandou construir uma falua com a qual navegou pelo canal São Gonçalo e Lagoa Mirim, levando uma Cia de Infantaria de linha e canhões para construir e guarnecer o forte de São Miguel.

A ambas guarnições de Chuí e São Miguel mandou pagar soldo dobrado.

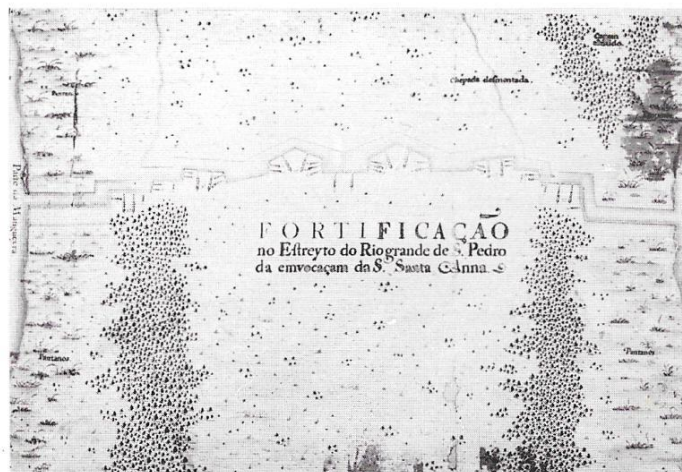
Retornando à base, em Rio Grande, estabeleceu guardas no Estreito e em Tramandaí para coibir deserções do Presídio do Rio Grande, base militar que ficou isolada, por longos e sofridos meses, do Rio de Janeiro. Teve que sustentar-se com recursos locais abundantes, provenientes da carne bovina e da pesca farta no sangradouro da Lagoa dos Patos.

Publicamos monografia a respeito nas RMB (atual Revista do Exército) volumes 101 (de 1973Jan./Jun.), 103 (de 1973Jul./Dez.) e 105 (de 1974Jul./Dez.).

**Fortificações erigidas em Rio Grande em 1737, na Fundação do Rio Grande do Sul**



*Forte Jesus-Maria-José, mandado levantar pelo Brigadeiro Silva Pais em Rio Grande em 1737, junto ao sangradouro da Lagoa dos Patos.*



*Cópia da planície gravada a fogo, em couro, mandada levantar por Silva Pais, onde aparece a Fortaleza de Santana, protetora da base militar, por terra.*

Para melhor entender-se os reflexos no Rio Grande do Sul e, por extensão, no território da 3ª Região Militar das lutas em torno da Colônia do Sacramento, leia-se dos historiadores do Exército filhos do Rio Grande do Sul:

**CIDADE, Francisco de Paula, Gen. Lutas no Sul do Brasil com espanhóis e seus descendentes. Rio, BIBLIEX, 1948.**

**MONTEIRO, Jonathas do Rego, Cel. A Colônia do Sacramento. Palegre, Liv. Globo, 1937. 2v.**

Hoje se dispõe de reedição pelo Banco Real da História Topográfica e Bélica da Nova Colônia do Sacramento, de Simão Pereira de Sá, editada possivelmente em 1737 e reeditada em 1900, no Rio, com prefácio de Capistrano de Abreu, dizendo

que "o valor da obra varia. Que ela é dominada pela imaginação, as tradições são ampliadas.

E nela revela-se a arte tão portuguesa e tão brasileira de encher páginas, sem nada dizer realmente..."

A 1ª reedição foi iniciativa do Liceu Literário e Português. Seu autor nasceu no Rio, em 1701. Rego Monteiro dispôs da obra completa de uma entidade inglesa e a incorporou em seu clássico sobre Colônia, que merecia ser reeditado.

Paula Cidade classificou-o de "livro de pouco valor só valorizado com o prefácio de Capistrano de Abreu".

## **O 1º Comandante Militar do território da 3ª RM**

O primeiro titular da Comandância do Rio Grande de São Pedro (1737-63) foi o Brig. de Infantaria José da Silva Pais (1647-1760), em realidade Sargento-Mór de Batalha, posto que atingiu em Portugal. Foi ele o fundador do Rio Grande do Sul e quem conquistou e consolidou a faixa litorânea entre o Chuí e Mampituba. Sua vida e obra foram estudadas por Walter F. Piazza, em O Brig. Silva Pais - o estruturador do Brasil Meridional (Florianópolis, FURJ, 1988), que tivemos a honra de prefaciar como Diretor do Arquivo Histórico do Exército (AHEx).

José da Silva Pais nasceu em Lisboa, em 1679, filho de Roque Gomes Reis e Clara Maria da Silva. Casou com Maria Tereza da Silva em 1704, com 25 anos. Deste consórcio nasceram 3 filhas e 3 filhos. Estes seguiram a carreira das armas. Luiz Manoel atuou no Rio Grande, na Guerra Guaranítica, como

ajudante-de-ordens do Gen. Gomes Freire e depois como Cel. em operações contra os espanhóis, em 1763, em São José do Norte. Roque da Silva Pais serviu em Santa Catarina, onde ajudou o pai no desenho das plantas de suas fortalezas. José da Silva Pais Filho - o caçula - foi Ten. de Cavalaria e faleceu em 1737, ano em que seu pai fundou o Rio Grande do Sul.

Em 1701, ajudou a fortificar Olivença como ajudante engenheiro. E, nesta condição, atuou com destaque na Guerra contra Espanha e França, servindo na Beira e Alentejo. Em Alcântara, construiu pontes sobre barcos no Tejo. Como major, combateu no sítio de Cuenca. Foi promovido a coronel engenheiro em 20 Fev. 1713, por sua atuação na praça de Campo Maior sob sítio franco-espanhol. De 30 Jul. 1723-30 a Set. 1730, passou a coronel de Infantaria, com o exercício de engenheiro, tendo, desde 1713, participado por 9 anos de projeto de obras militares. Foi munido desta bagagem enorme que foi mandado para o Brasil, onde se assinalou nas fortificações da Baía da Guanabara, Santos, Ilha de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Colônia do Sacramento, nos quais foi governador, à exceção de Santos.



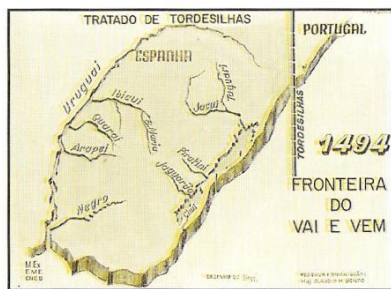
Foi promovido a Brig. de Infantaria em 4 Jan. 1735, aos 56 anos. Nesta condição foi enviado ao Brasil, ao qual prestou relevantes serviços por 14 anos, 2 meses e 16 dias "no governo interino do Rio de Janeiro, no socorro à sitiada Colônia do Sacramento e depois como seu governador, na fundação e comandância do Rio Grande do Sul, no governo e estruturação de Santa Catarina".

Fortificou a ilha das Cobras, Santa Cruz, São João, Lage e Conceição atuais no Rio, de grande projeção nos embarques do ouro para a Metrópole, em segurança. Esteve à frente da Comandância do Rio Grande por 10 meses, de 19 Fev. a 17 a Dez. 1737. Governou o Rio pela 2ª vez por 2 anos, 1 mês e 15 dias, de 5 Mar. 1738-12 Fev. 1739. Em 19 Mar. 1739, seguiu para estruturar a capitania da ilha de Santa Catarina, onde construiu as fortalezas que até hoje lá se levantam, majestosas, como as mais antigas construções do Sul do Brasil, fortalezas que mereceram nossa atenção em artigo sobre a fortaleza de Ponta Grossa. RMB, v. 108,1977.

Voltou ao Rio Grande, onde permaneceu por cinco meses, de 18 Mar.-16 Out. 1742, para atuação relacionada com a revolta de 5 Jan. 1741 do Regimento dos Dragões do Rio Grande ao comando de seu organizador, o Cel. Diogo Osório Cardoso, assunto que Walter Piazza aborda na op. cit. com bastantes fontes primárias.

Conquista Progressiva do Rio Grande do Sul 1494 - Tratado de Tordesilhas - 1734 - Fundação do Rio Grande

Fronteira do Vai-e-Vem - 1494



Fronteira do Vai-e-Vem - 1680



Fronteira do Vai-e-Vem - 1727



Fronteira do Vai-e-Vem - 1737



Convenção: as partes mais claras - domínio da Espanha. As partes mais escuras - domínio de Portugal.

De Ago. 1743 -10 Mar. 1746, por 2 anos e 7 meses, governou a Colônia do Sacramento, de onde retornou para assumir, pela 3ª vez, o governo de Santa Catarina de 20 Mar. 1746 - 2 Fev. 1749, por cerca de quase três anos, quando dirigiu o povoamento açoriano do litoral catarinense.

De Santa Catarina retornou a Lisboa em 1749; aos 70 anos. Ali faleceu, 11 mios mais tarde, em 1760, aos 81 anos.

Sobre suas missões existe esta referência real: "Trabalhou na ilha de Santa Catarina, onde empenhou-se em sua fortificação e estruturação, como também com

caridade com os doentes daqueles presídios que auxiliou de sua bolsa para ,i dieta e alimentação necessárias".

Do Gen. Gomes Freire de Andrade, com quem teve uma relação difícil no governo do Rio de Janeiro:

*"Este oficial tem sido utilíssimo do real serviço. Pois, não fosse a sua atuação e /do na Colônia do Sacramento, Santa Catarina e no Rio Grande, se teriam feito despesas excessivas sem que as fortificações atingissem a metade do estágio atual."*

Pelos excepcionais serviços no Brasil, foi promovido, em 20 Set. 1645, a Sargento-Mór de Batalha e, logo a seguir, passou a fazer jus a soldo dobrado. Entre outras compensações, requereu e foi atendido nisto:

- Ter o direito a 1/4 dos rendimentos dos direitos, por 20 anos, das cavahadas que passavam do Rio Grande para Minas, tendo em vista que o Cel. Cristóvão de Abreu já havia recebido o direito a 1/2 por 12 anos, em função de seu concurso na fundação do Rio Grande. Silva Pais foi um homem culto. Integrou, no Rio, a Academia dos Felizes intercessora de nossas Academia Brasileira de Letras. Deixou biblioteca com 437 livros, dos quais 258 ou cerca de 58% de História, seguido de 85 de Matemática e 68 religiosos.

Por seus trabalhos como comandante militar do Rio Grande e governador de Santa Catarina e Colônia do Sacramento, mereceu a definição de estruturador do Brasil Meridional e de fundador do Rio Grande do Sul, de que foi o primeiro comandante militar.

Do que foi sua atuação na fundação do Rio Grande do Sul a descreve o Gen João Borges Fortes em O Gen. Silva Pais e a fundação do Rio Grande. Palegre, Centro, 1933.0 Gen. Borges Fortes escreveu outros trabalhos ligados à fundação do Rio Grande, conforme indica Pedro Leite Villas-Boas, em Dicionário Bibliográfico Gaúcho. Palegre, M. Livreiro, 1991. pp. 35.

Silva Pais foi fundador das mais antigas unidades do CMS: o Regimento de Dragões do Rio Grande, em 1737, e o Regimento de Infantaria da Ilha de Santa Catarina, em 1741, além de nesses locais haver erguido mais de 14 fortes, fortins e guardas vitais à defesa do Sul.

De retorno a Portugal, assessorou Alexandre de Gusmão na elaboração do tratado de Madrid, em 1750.

## **A Guerra Guaranítica 1754-56**

Em 1750, treze anos decorridos da fundação do Rio Grande, Portugal e Espanha celebraram o Tratado de Madrid de 1750. Por ele ficaram estabelecidos os limites entre Espanha e Portugal no território da 3ª RM. Portugal abriria mão da Colônia do Sacramento, que fundara há 70 anos, e a Espanha abriria mão dos Sete Povos das Missões, espanhol, e também com 70 anos de influência jesuítica.

Para Portugal tomar posse dos Sete Povos, era condição que os índios missioneiros e os jesuítas abandonassem a região e fossem para a margem direita do rio Uruguai.

Para dar cumprimento ao tratado, Espanha e Portugal deviam proceder à demarcação.

Portugal organizou no Rio de Janeiro o Exército Demarcador ao comando do Gen. Gomes Freire de Andrada, governador de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, ao qual se subordinava a Comandância Militar do Rio Grande de São Pedro. Gomes Freire foi nomeado Comissário de Portugal na Demarcação do Tratado no Sul.

Para substituir os índios nos Sete Povos foi prevista a imigração de casais jovens açorianos, com uma arma por casal para, em número de 60 casais, ocuparem cada um dos Sete Povos e promoverem o seu desenvolvimento e defesa.



Mas, no curso da Demarcação os índios, sob a liderança de jesuítas, resistiram à evacuação dos Sete Povos. E teve lugar a Guerra Guaranítica 1752-56 dos Exércitos Demarcadores de Portugal e Espanha contra os índios liderados pelos jesuítas.



CMS. 3ª RM - Aquilino Alvaro Moreira - Pesquisa, texto e orientação - Cel. Cláudio Moreira Bento

*Gen. Gomes Freire de Andrade, comissário português da demarcação do Tratado de Madrid de 1750, dirige melhoramentos no Forte Jesus Maria José, em Rio Pardo atual, em Novembro de 1754. Foi este forte a segunda base militar de Portugal no Rio Grande do Sul e, desde então, e até 1824 a caserna dos legendários Dragões do Rio Pardo. O forte foi conhecido como "tranqueira invicta".*

## O Exército Demarcador de Portugal no Rio Grande do Sul

O Exército Demarcador de Portugal foi organizado com tropas do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande, num total de 1633, muito expressivo para a época. Para sua constituição, a 3ª RM atual contribuiu com 491 homens ou cerca de 30% do Exército Demarcador, efetivo representado pelo Regimento dos Dragões do Rio Grande de São Pedro (Infantaria a cavalo).

A tropa estranha ao atual território da 3ª RM era do Rio de Janeiro - Regimento de Artilharia (189 homens); de Infantaria Velho (atual Sampaio - 204 homens); de Infantaria Novo (104 homens), ou seja, 590 cariocas ou cerca de 36%.

De São Paulo: Infantaria de Santos (104 homens).

Para o apoio ao movimento e como vaqueiros, duas companhias de aventureiros paulistas e de Laguna (160 homens), comandadas pelos oficiais de Dragões Cap. Francisco Pinto Bandeira e Ten. Antonio Pinto Carneiro (de Minas).

Para o apoio logístico e serviços gerais, foram destinados 266 homens.

Este Exército trouxe a seguinte Artilharia do Rio de Janeiro ao comando do célebre Cel. Fernandes Pinto Alpoym, autor então de livros sobre o assunto: 7 (sete) peças de bronze e 3 (três) peças de ferro de 1" tracionadas por bois. Ela foi a primeira Artilharia de Campanha que atuou no Brasil, ao que se tem conhecimento.

Como meio de transporte, este Exército dispôs:

Carretas e carros do Exército: 60

Carretas e carros particulares: 13

Cavalos do Exército: 4.630

**Cavalos particulares: 1.300**  
**Bois mansos do Exército: 820**  
**Bois mansos de particulares: 156**

Este Exército Demarcador realizou 3 campanhas que estudamos com ampla iconografia em Síntese Histórica das FT na área da 3ª RM (pp. 61-78) citada.

**1ª Campanha:** Em 7 Abr. 1752 o Exército Demarcador concentra-se em Rio Grande. Marchou pelo litoral em 1 Set. 1752 até Castilhos Grande, onde se encontrou com o Exército Demarcador da Espanha. Em 15 Out. foi colocado o 12º marco divisório em Castilhos. Em Jan. 1753 o Comissário espanhol Andonaegui de Valdelirios retirou-se para Montevidéu, e Gomes Freire marchou para a Colônia do Sacramento a fim de preparar a sua entrega. Na altura de Santa Tecla, em Bagé atual, os índios missioneiros, sob a liderança de Sepé Tiarajú, impediram os trabalhos de demarcação.

O trabalho foi interrompido, e as partidas demarcadoras se dirigiram à Colônia do Sacramento e Montevidéu.

**2ª Campanha:** Gomes Freire e Andonaegui, em Mar. 1754, conferenciaram na ilha Martins Vaz. Decidiram evacuar os Sete Povos pela força das armas. Andonaegui remontou o Uruguai até Japejú, onde ficou detido.

Gomes Freire retornou com o Exército, por terra e por água, até Rio Grande e daí da mesma forma até Porto Alegre. Ali mandou fabricar canoas para remontar o Jacuí até o Passo São Lourenço, a montante da Cachoeira do Sul atual. Dali pretendia, por terra, invadir os Sete Povos. Em Jun. 1754 ele atingiu a atual Rio Pardo, onde a vanguarda dos Dragões do Rio Pardo já haviam erigido uma fortificação também chamada Jesus-Maria-José.

O forte foi atacado pelos índios em 29 Abr. 1754, ao comando de Sepé Tiarajú, apoiado em 4 (quatro) pequenas peças de Artilharia (pedreiros). O forte respondeu ao ataque dispersando os atacantes e matando 6 índios. Sepé, com vistas a conquistar o forte, deixou-se prender com 53 índios. Pretendia no interior da fortificação rebelar-se e tomá-la dos Dragões. Foram desarmados e obrigados a devolver 70 cavalos do forte que apresaram. Sepé prometeu entregá-los!

Deixou o forte sob guarda, a qual terminou por iludir e fugir espetacularmente, abandonando seus liderados à própria sorte. Deles, 53 foram enviados presos para o Rio Grande. No meio da Lagoa dos Patos, eles se rebelaram e dominaram a embarcação, após matarem 3 Dragões, ferirem 2 e aprisionarem as restantes no porão, junto com suas armas. Os Dragões reagiram e fizeram fogo, matando 13 índios. Os restantes, desesperados, jogaram-se n'água, morrendo 25, afogados. Sobreviveram só 15, que foram levados ao Rio Grande.

De Rio Pardo o Exército Demarcador rumou por terra até o passo São Lourenço, tendo construído, com o concurso dos aventureiros paulistas, sobre o rio Pardinho, a primeira ponte flutuante no território da 3ª RM, conforme registramos em artigo "Travessia militar de brechas e cursos d'água no Brasil". DN nº 722, 1985, Nov./Dez.).

O Exército Demarcador acampou no passo do São Lourenço, de 7 Set. -18 Nov. 1754, por dois meses e 11 dias. Ali foi colhido por violenta enchente, registrada em 4 cartas panorâmicas existentes no Arquivo Histórico do Exército, as quais foram pintadas pelo Quartel Mestre General (encarregado do Apoio logístico) da Expedição Cel. engenheiro Miguel Angelo Blasco e seu ajudante Jerônimo Mattos.

Estudamos Angelo Blasco em Estrangeiros e descendentes.

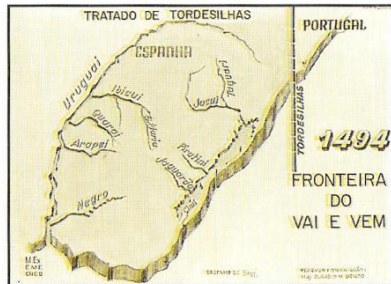
Estas cartas revelam aspectos de Ciência Militar da época que reproduzimos na citada Síntese Histórica das FT na 3ª RM.

Impedido de prosseguir além do passo São Lourenço e mesmo em razão do Comissário de Espanha ter ficado detido em Japejú, Gomes Freire celebrou um armistício com os índios e jesuítas e retornou ao Rio Grande.

Deixou implantado o forte Jesus-Maria-José do Rio Pardo, que se celebrizou como a Tranqueira Invicta e como a 2ª base militar terrestre, no Rio Grande.

Conquista Progressiva do Rio Grande do Sul 1494 - Tratado de Tordesilhas - 1734 - Fundação do Rio Grande

Fronteira do Vai-e-Vem - 1494



Fronteira do Vai-e-Vem - 1680



Fronteira do Vai-e-Vem - 1727



Fronteira do Vai-e-Vem - 1737



Convenção: as partes mais claras - domínio da Espanha. As partes mais escuras - domínio de Portugal.

**3ª Campanha: O Exército Demarcador partiu do Rio Grande e dirigiu-se ao Porte São Gonçalo, que então foi construído no corte do rio Piratini, em Pedro Dsório atual. Dali partiu em Dez. 1755. Atingiu os Sete Povos em maio 1756, após 4 meses de marcha. Em 16 Jan. 1756 operara junção com o Exército da Espanha no campo das Mercês, assim chamado pelas condecorações e graças que ambos os exércitos concederam a seus integrantes.**

A partir de Santa Tecla, os índios liderados por Sepé Tiarajú levaram a efeito uma guerra de guerrilhas.

Queimaram as pastagens na retirada, mataram cavalos cansados para não serem usados pelos demarcadores e trucidaram patrulhas e homens isolados que : usaram deixar o grosso dos exércitos.

E o que foi esta guerra no dia a dia ficou no Diário do Cap. Jacinto Rodrigues ia Cunha (RIHGB, v. 10, 1853).

Em 7 Fev. 1756, foi morto o chefe índio Sepé Tiarajú, na Sanga da Bica, na :idade de São Gabriel atual, quando montava um ataque noturno. Foi lanceado por um peão português nas costas e morto pelo governador de Montevidéu com um tiro de pistola.

Em 10 Fev. 1756, travou-se o combate de Caiboaté onde o Exército Missioneiro foi cercado e dizimado pelas cavalarias dos dois exércitos em cerca :e uma hora. Foram mortos 1.400 índios e feitos prisioneiros 127.

Estudou esta tragédia o Gen. Ptolomeu Assis Brasil em A batalha de Caiboaté (Palegre, Liv. Globo, 1935).



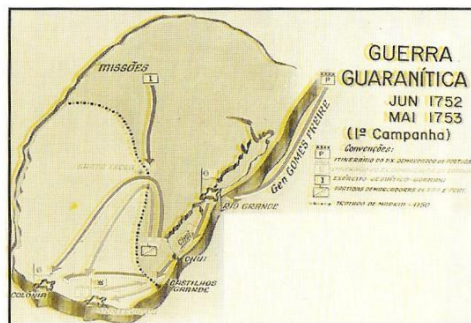
Em 10 Maio 1756, travou-se, próximo a São Miguel, o último combate, o de Churieby, onde os índios se apoiaram em trincheiras e peças de artilharia de taquaruçu retovadas de couro. Angelo Blasco immortalizou esta cena em planta existente no Arquivo Histórico do Exército.

Após penetrar no Sete Povos, o Exército Demarcador lá permaneceu por 10 meses.

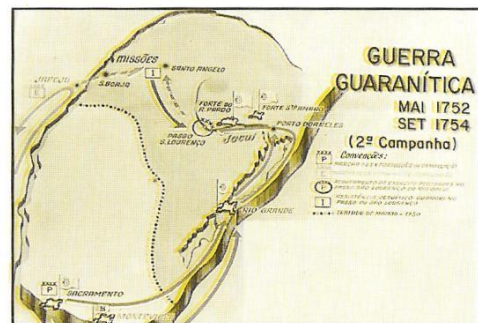
Depois retirou-se para Rio Pardo, onde ficou por 18 meses. Finalmente retornou ao Rio, após 7 longos anos de permanência no território da 3ª RM.

Gomes Freire deixou plantados no território da 32 RM mais os fortes de Jesus-Maria-José do Rio Pardo e o de São Gonçalo, no rio Piratini, e ainda o de Santo Amaro, além de haver reconhecido e devassado o interior do território.

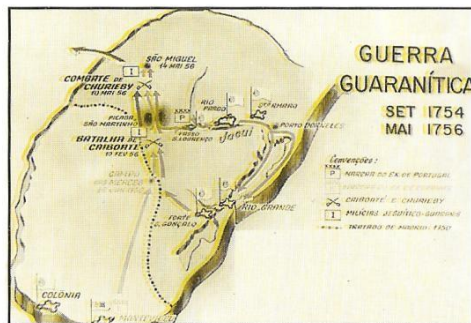
1ª Campanha (Jun. 1752 - Maio 1753)



2ª Campanha (Maio 1752-Set. 1754)



Campanha Final (Set. 1754-Maio 1756)



*Na Guerra Guaranítica Gomes Freire fundou os fortes de Santo Amaro e Rio Pardo (2ª Campanha) e o de São Gonçalo (Campanha Final). A única fortificação de Espanha era Montevideu. Os mapas assinalam os movimentos dos exércitos de Portugal e Espanha.*

Os açorianos que se destinavam aos Sete Povos concentraram-se em torno do Rio Grande e ao longo do Jacuí, entre Porto Alegre e Rio Pardo. Através das serras dos Tapes e Herval, território dos atuais municípios de Pelotas, Pedro Osório, Canguçu e Encruzilhada, foi aberto e explorado um caminho de articulação das duas bases militares do Rio Grande e Rio Pardo, cujas áreas de jurisdição eram separadas pelo rio Camaquã, curso d'água que passou a separar as fronteiras do Rio Grande e do Rio Pardo, a primeira divisão militar do território da 3ª RM.

O Regimento dos Dragões do Rio Grande, após 20 anos em Rio Grande, teve transferida sua sede para Rio Pardo, sob a denominação de Dragões do Rio Pardo, com assinalados serviços à História do Brasil, no Rio Grande do Sul.

Esta unidade foi amplamente estudada por Fernando Luiz Osório (neto do General Osório), em Sangue e Alma do Rio Grande (Palegre, Ed. Globo, 1937), e pelo Cel. Deoclécio de Paranhos Antunes, em Dragões do Rio Pardo (Rio, BIBLIEX, 1954), e ainda pelo Cel. Jonathas do Rego Monteiro.

Esteve à frente da Comandância Militar do Rio Grande, durante a Guerra Guaranítica de 28Jun. 1752- 17Jan. 1761, o Ten. Cel. Paschoal de Azevedo, cuja ação foi ofuscada com a presença no Rio Grande do Ten. Gen. Gomes Freire, governador do Rio de Janeiro, com jurisdição sobre o Rio Grande.

#### Acampamento do Exército Demarcador no Passo São Lourenço - Rio Jacuí - 1754

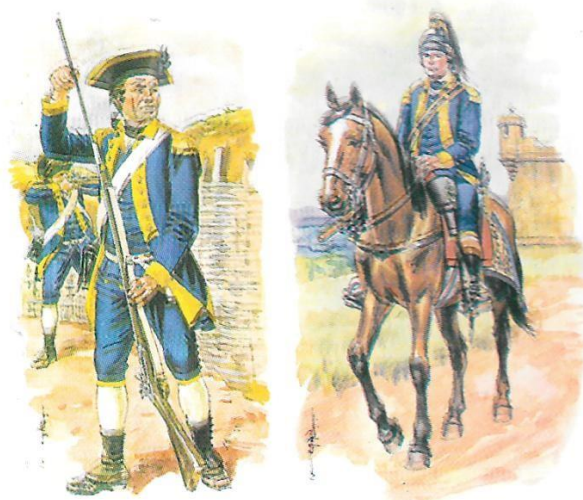
CMS 3º RM - Desenho Silka / Pesquisist, texto, orientação - Cel. Cláudio Moreira Bento



*Cópia ampliada - detalhe enchente do Rio Jacuí - no Passo São Lourenço, 1754.  
Carta pintada na ocasião por Miguel Angelo Blasco (Cel).*

#### Uniformes dos Dragões do Rio Pardo, a primeira Tropa do Rio Grande

Fonte: Desenho Van W. Rodrigues em Duarte. Lecor a e Cisplatina



*Uniforme de um oficial a cavalo e de um soldado Dragão do Rio Grande,  
que a tradição consagrou - Dragões do Rio Pardo.*



## Comandantes Militares do Rio Grande 1737-1761

O Rio Grande do Sul teve os seguintes comandantes militares, da fundação do Rio Grande à invasão espanhola em 1763.

1. Brig. José da Silva Pais (já estudado).

2. Mestre de Campo André Ribeiro Coutinho, posto equivalente hoje a coronel. Foi autor do clássico *Capitão de Infantaria Português* (Lisboa, Oficina Régia da Academia Real, 1751). Trata-se de um compêndio de Doutrina Militar usado pelo Exército de Portugal.

Existe exemplar desta raridade na BIBLIEX, e o Gen. Paula Cidade a analisou em *Síntese de três séculos de Literatura Militar Brasileira* (Rio, BIBLIEX, 1975).

Este livro foi, em parte, pensado e escrito por Ribeiro Coutinho, na cidade do Rio Grande.

3. Cel. Diogo Osório Cardoso. Assumiu de 5 Maio 1755 - 28 Jun. 1752. Acumulava com o comando dos Dragões do Rio Grande, com os quais enfrentou uma rumorosa revolta que exigiu a intervenção de Silva Pais.

4. Ten. Cel. Pascoal de Azevedo. Comandante militar de 28 Jun. 1752 até 1761, por nove anos, em período coincidente com a presença do Gen. Gomes Freire, no Rio Grande. Foi o último dos comandantes militares

## As estâncias e hervaís jesuíticos no Rio Grande

Após seu retorno ao Rio Grande, em 1680, os índios e jesuítas desenvolveram os Sete Povos por cerca de 76 anos de 1680 - 1756. Neste ínterim, exploraram a pecuária extensiva em 11 estâncias que estabeleceram no território de Rio Grande, num simbólico mangueirão entre os rios Camaquã, Negro, Quaraí, Uruguai, Ibicuí, Jacuí e Lagoa dos Patos. Este grande mangueirão era atravessado por um caminho entre as porteiras de Santa Tecla e Picada São Martinho, cruzando a mais importante estância: a de São Miguel da capital missioneira.

Destas estâncias no Rio Grande, 7 pertenciam aos Sete Povos da margem esquerda, e 4 aos 4 povos da margem direita do Uruguai, as quais possuíam os nomes dos povos que as exploravam. Sem precisão, estendiam-se pelos atuais municípios do território da 3<sup>ª</sup> RM, conforme esboço que publicamos na citada *Síntese Histórica das FT na área da 3<sup>a</sup> RM*:

Japejú - Uruguaiana e Quaraí. São Borja - Santana. São Nicolau - Rosário do Sul. Santo Angelo - Alegrete. Da Cruz - Itaquí. São Tomé - Santiago, Jaguari e São Francisco de Assis. São Luiz - Santa Cruz e Rio Pardo. São João - Cachoeira Encruzilhada e Pântano Grande. São Miguel - Bagé, Lavras do Sul, D. Pedrito, São Gabriel, São Sepé, Caçapava do Sul e Santa Maria Os hervaís do povo de Santo Angelo se estendem deste à Santa Rosa. Os de São Luiz *ficavam* na região de Palmeira das Missões. Os de São Nicolau, São Tomé, São Miguel e São João *ficavam* nas regiões de Soledade e Sobradinho; e os de São Borja, na Serra do Herval, entre Camaquã e Encruzilhada do Sul.

É curioso como teriam sido determinadas estas áreas. Por exemplo, São Borja teve a sua estância em Santana, e seu herval entre Camaquã e Encruzilhada, na atual Serra do Herval, locais bastante afastados.

É um estudo a ser aprofundado!

Publicamos artigo sobre este assunto sob o título As 11 estâncias jesuíticas no RGS. Diário Popular, Pelotas, 22 Jul. 1970. Diáriode Notícias. Porto Alegre, 2 Ago. 1970 e Correio do Sul, Bagé, Ago. 1970.

Esta riqueza se constituiu em poderoso atrativo econômico para o povoamento português do Rio Grande, particularmente por paulistas, após serem aliados de Minas Gerais, em 1710, pela Guerra dos Emboabas.

Após a Guerra Guaranítica 1754-63, por cerca de 9 anos, foi intensa a fixação como estancieiros, de soldados desmobilizados na paz, nas áreas outrora controladas pelas Missões.

O centro de gravidade da guarnição militar do Rio Grande transferiu-se em 1754 com o Regimento de Dragões para o Rio Pardo, que passou a exercer relevante papel geopolítico, na progressiva aproximação de Portugal do rio da Prata.

## A Guerra do Sul 1763-77

De 1763-1777, o território da 3a RM foi envolvido pela primeira vez numa guerra. Sofreu duas invasões que chegaram a controlar cerca de 2/3 de seu atual território. Ao final houve forte e vitoriosa reação de Portugal, o que acabou por restaurar a soberania portuguesa sobre a área e projetar-se como a definição do destino brasileiro do Rio Grande do Sul. *Para* a restauração e definição do destino brasileiro da área, concorreram no esforço de guerra sob o comando do Ten. Gen. Henrique Bohn, os atuais estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia, Santa Catarina e Paraná. Destaque-se a contribuição militar de civis paulistas, enviados durante a guerra, num fluxo contínuo para a Fronteira do Rio Pardo. Unidos a um pugilo de civis rio-grandenses e, lado a lado, ombro a ombro, com bravos do Regimento de Dragões do Rio Pardo, ajudaram a conduzir modelar guerra de guerrilhas contra o invasor, traduzidas pelas vitórias militares de Monte Grande - 1763, Reconquista de São José do Norte -1767, Santa Barbara e Tabatingaí -1774, São Martinho -1775 e Santa Tecla - 1776. As guerrilhas da área da 3a RM, por 10 anos, mantiveram as invasões circunscritas. Criaram condições para o Exército do Sul, com o concurso de uma Esquadilha Naval, tudo ao comando do Ten. Gen. Henrique Bohn, completaram a restauração com a reconquista da Vila de Rio Grande em le Abr. 1776.

## Recapitulando

Para melhor entender as Guerras do Sul, 1763-77, impõe-se recapitular o que até aqui foi escrito, a partir de 1635.

Pelo Tratado de Tordesilhas de 1494, o território da 3a RM teria sido domínio da Espanha.

Durante a união das duas Coroas, 1580-1640, cinco bandeiras, já estudadas, de 1639/41, numa operação de varredura, percorreram, sucessivamente, os vales dos rios Taquari, Jacuí, Ibicuí, Icamacua e Ijuí.

Destruíram as dezoito reduções jesuíticas que constituíam a Província do Tape. Marcaram o início da penetração, reconhecimento e exploração portuguesa do território da 3ª RM.

Em 1680, Portugal fundou Colônia do Sacramento, defronte a Buenos Aires. Em torno de sua posse, Portugal e Espanha lutaram, com denodo militar e diplomático, por 97 anos.

Da necessidade de aproximar o apoio militar do Rio de Janeiro à Colônia, decorreu o progressivo processo de devassamento, exploração, povoamento e conquista portuguesa do Rio Grande do Sul.

Dentro deste contexto, paulistas de São Vicente fundaram Laguna, em Santa Catarina, em 1688. Foi o primeiro centro populacional português da região sul do Brasil e, por muitos anos após, centro irradiador de apoio para a exploração, povoamento e conquista do Rio Grande do Sul, território da 3ª RM.

Em 1703, foi estabelecida a ligação terrestre Colônia - Laguna.

De 1705-15, Colônia ficou em poder de Espanha. Em consequência, inaugurou-se o ciclo de tropeiros, caracterizado pela preia de manadas selvagens de cavaleiros e vacuns, das campanhas do atual Uruguai a Laguna, para onde eram transportadas inicialmente

Isto, através do litoral do Rio Grande Após 1715, a atividade de preia de gado chimarrão intensificou-se. Objetivo: suprir, complementarmente, com força animal e alimentação, a atividade de exploração do ouro em Minas e Goiás. Para escoar a riqueza representada pelo gado do Sul, foram abertos caminhos pela Serra Geral. Eles integraram o litoral do Rio Grande ao restante da Colônia, a partir de Sorocaba-SP.

Nesta fase destacou-se o grande tropeiro e, mais tarde, Cel. de Ordenanças, Cristóvão Pereira de Abreu. Prestaria relevantíssimos serviços, de grande projeção na integração do Rio Grande ao Brasil, nas fases do reconhecimento, exploração, conquista, fundação portuguesa e demarcação do Tratado de Madri de 1750.

Em 1723, fracassou a tentativa portuguesa de fundar Montevidéu.

Em 1722, partiu de Laguna uma pequena expedição terrestre que passou à História como Frota de João de Magalhães. Acampou por cerca de dois anos na região de São José do Norte. Passou a controlar todo o território litorâneo até Laguna e estabeleceu ligação com Colônia.

A Frota protegeu o sangradouro de Lagoa dos Patos da interferência dos índios Tapes e espanhóis; melhorou as condições, a proteção e os meios de travessia do sangradouro; estabeleceu aliança com os índios minuanos que habitavam o litoral e cobrou impostos de passagem de gados, no registro que ali estabeleceu.

A partir de 1733, teve início, sob o incentivo do governo de São Paulo, a fixação em torno da região, denominada genericamente de Viamão, das primeiras estâncias. A palavra Viamão seria a corruptela da expressão "Eu vi a mão", alusão à semelhança apresentada pelo rio Guaíba e seus formadores com a mão humana.

Em 1736, os espanhóis submeteram a Colônia a rigoroso cerco. Do Rio partiu, em seu socorro, uma expedição ao comando do Brig. Silva Pais com três objetivos:

- Expulsar os espanhóis de Montevidéu.
- Livrar a Colônia do cerco espanhol.
- Fundar o presídio Jesus-Maria-José, em Rio Grande atual.

Foi apoiado, por terra, por estancieiros de Viamão e paulistas, ao comando do Cel. Cristóvão de Abreu. Este tinha por missão:

- Ocupar e manter o local da cidade de Rio Grande atual.
- Estabelecer pontos de vigilância, à distância, nas regiões do Chuí e São Miguel.
- Preparar e enviar carne salgada para a expedição de Silva Pais, em operações no Prata.

Por fatores ecológicos e militares adversos, Silva Pais não desalojou os espanhóis de Montevideu, mas conseguiu fazer o inimigo levantar o cerco de Colônia. Então retornou para cumprir seu terceiro objetivo.

Ao entardecer de 19 Fev. 1737, Silva Pais desembarcou no local da atual cidade de Rio Grande, após encontrar a posição de Cristóvão de Abreu e 160 de seus bravos estancieiros viamonenses, tropeiros e aventureiros paulistas.

Conseguiu transpor a barra somente com as galeras "Bonita" (Capitânea) e "Santana" e o bergantim "Piedade", que transportavam 260 homens de sua expedição.

Ao desembarcar, com seu Estado-Maior e religiosos da Expedição, Silva Pais foi saudado com 36 disparos das armas de fogo, únicas disponíveis da tropa de Cristóvão de Abreu e, 3 dos 4 pequenos canhões do fortim erigido local -primeira fortificação portuguesa no Rio Grande.

Este fato é marco da fundação oficial portuguesa do atual Rio Grande do Sul. Contou com a decisiva cooperação de mineiros, paulistas e cariocas.

A base militar fundada tomou o nome de Presídio Jesus-Maria-José. Seu fundador tratou de consolidá-la, erguendo-se em terreno arenoso, o Forte Jesus-Maria-José da (Praia).

A seguir empenhou-se na construção Nossa Senhora do Estreito, cuja planta original pirografada integra o acervo do Exército. Sua finalidade era proteger o Presídio pela retaguarda. Posteriormente, junto a ela, localizou-se a guarnição militar.

Reforçou os seguintes redutos estabelecidos próximos do Presídio: do Arroio e da Mangueira, e mais distantes, Taim e Albardão.

Silva Pais expedicionou ao Chuí de Set.-Out. 1737. Objetivos: ampliar a conquista e criar segurança, à distância, para o Presídio.

Seguiu por água em acidentada viagem que incluiu dois naufrágios da falua, mandada construir por ele para possibilitar navegar a Lagoa Mirim. Acompanhou-o um contingente de Infantaria. Por terra, a cavalo, seguiu Cristóvão Pereira junto com seus homens e 15 Dragões de Minas. Em São Miguel erigiu o forte de mesmo nome, guarnecendo-o com 30 soldados de Infantaria da Expedição, originários do Rio de Janeiro.

No arroio Chuí, estabeleceu uma guarda com 15 Dragões de Minas de sua Expedição. A ambas guarnições mandou pagar soldo dobrado, além de deixá-las apoiadas por homens de Cristóvão Pereira, conhecedores da região e, em grande número, tropeiros paulistas.

Ao retornar do Chuí, Silva Pais conheceu o Armistício de 16 Mar. 1737, entre Espanha e Portugal, que estabelecia (Clausula 4ª): "As coisas na América ficarão como estão, ao lá chegarem as ordens de suspensão das hostilidades".

Portugal passou a dominar toda a faixa litorânea do Rio Grande. Aproximou o apoio militar terrestre de Colônia do Sacramento. Os jesuítas haviam retornado ao Rio Grande por volta de 1680 e fundaram os Sete Povos das Missões.

Com Silva Pais teve início a formação do legendário Regimento de Dragões do Rio Grande, com uma companhia do 2º estancieiro a fixar-se em Viamão - Francisco Pinto Bandeira. Fora o subcomandante da força de Cristóvão de Abreu.



Foi feito Tenente de Dragões por Gomes Freire, "por sua destacada capacidade", segundo Silva Pais. Em 1739 foi completada a organização desse Regimento, cuja História se confundirá com a do próprio Rio Grande nos próximos 95 anos.

Em 1750 foi celebrado o Tratado de Madri, obra a que muito se deve ao paulista de Santos, Alexandre de Gusmão, como Secretário Real.

O Rio Grande, em razão de Portugal abrir mão de Colônia de Sacramento, seria acrescido dos Sete Povos das Missões, cujos índios, aldeados pelos jesuítas, deviam evacuá-los, com todos os seus pertences. Seriam substituídos por imigrantes portugueses dos Açores. Estes formariam núcleos populacionais com 60 casais jovens, com uma espingarda por casal, entre outros itens, evidência da preocupação com a defesa do território, além de seu povoamento.

Em cerca de 70 anos de trabalho, os jesuítas estabeleceram no Rio Grande os Sete Povos ou Missões de São Nicolau, São Luiz, São Lourenço, São Borja, São Miguel, São João e Santo Angelo e 11 estâncias, além de 4 hervaes explorados pelos Sete Povos. Quatro estâncias eram exploradas pelos povos de mesmo nome do lado ocidental do rio Uruguai. A revolta justa pela perda desse trabalho iria causar a Guerra Guaranítica 1754-56, traduzida pela reação armada dos índios missioneiros, lideradas pelos jesuítas, aos Exércitos Demarcadores de Espanha e Portugal.

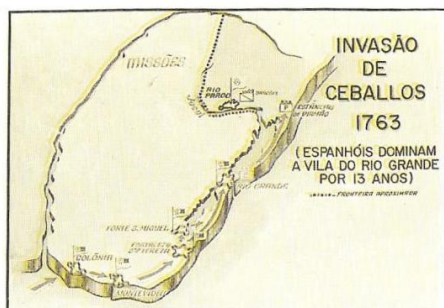
Sob o comando do Gen Gomes Freire de Andrade, Cap. Gen. E governador de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, atuou no Rio Grande, por 6 anos e meio, o Exército Demarcador.

A reação guarani foi neutralizada nos combates de Caiboté, 10 Fev, 1756, e Churieby, 10 Maio 1756.

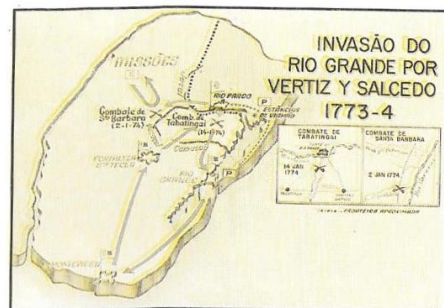
Gomes Freire, ao retornar ao Rio em 1759, deixou plantadas no Rio Grande as fortalezas de Santo Amaro e Rio Pardo, do Rio Jacuí, e a de São Gonçalo, no rio Paritini.

#### Guerras do Sul 1763-76 - Invasões Espanholas 1763 e 1773-74

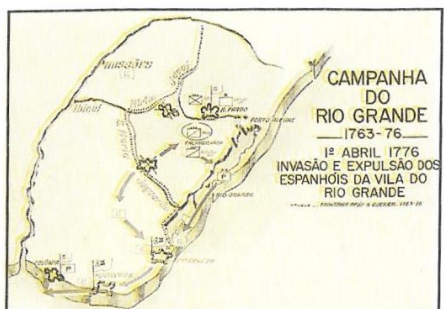
*Invasão do Gen. Pedro Ceballos - 1763*



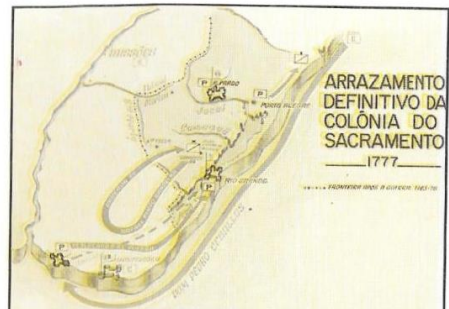
*Invasão de Vertiz y Salcedo - 1773-74*



*Expulsão dos Espanhóis da Vila Rio Grande*



*Arrazamento definitivo Colônia - 1777*





## A invasão espanhola do Rio Grande do Sul em 1763

Eventos adversos que culminaram com a invasão de Portugal em 1762, por Espanha e França, e mais a presença do Gen. Pedro Ceballos, como governador de Buenos Aires e demarcador do Tratado de Madri e que tudo fez para torpedeá-lo, além de preparar-se militarmente, com tempo e de modo ostensivo, para conquistar Colônia e o Rio Grande, causou grande preocupação ao Gen. Gomes Freire de Andrade.

Ameaçado todo o Brasil, para remediar o desamparo militar do Rio Grande do Sul, que estava impedido de socorrer, com as melhores tropas coloniais no Rio, aquele general conseguiu arregimentar no Rio Grande cerca de 800 homens (dragões, milicianos e aventureiros). Eles seriam reforçados com 200 aventureiros paulistas possuidores de assinalados serviços prestados na fundação do Rio Grande, na Demarcação do Sul e Guerra Guaranítica, como demonstramos.

Com base em sua experiência em 6 anos e meio no Sul, Gomes Freire ordenou as seguintes articulações:

1 ° Deslocou do grosso do Regimento de Dragões do Rio Pardo, para o arroio Chuí.

Era a única tropa de linha do Rio Grande. Desde 1754 transferido da vila do Rio Grande para o Rio Pardo. No Chuí, ficaria em condições de avançar e construir uma fortaleza em Castilhos, no caso de um ataque à Colônia.

2 ° Deixar, em Rio Pardo, 100 Dragões mais experimentados e conhecedores da campanha rio-grandense e 200 paulistas a chegarem no Sul

### A fundação da Fortaleza de Santa Tereza

Após 12 dias de marcha forçada, por terra, de Rio Pardo ao Chuí, um contingente de Dragões, ao comando do Cel. Thomas Luiz Osório, atingiu seu destino em 10 Set. 1762, com 400 homens e 10 canhões pequenos.

Em 10 Out. 1762, o Cel. Osório, ao saber que o Gen. Ceballos havia cercado Colônia do Sacramento, deu início à construção de uma Fortaleza em Castilhos, batizando-a 5 dias após, com o nome de Santa Tereza, por consenso entre seus oficiais.

360 alquebrados Dragões e 640 civis improvisados em militares defendiam uma extensa faixa de fronteira com início em Rio Pardo e término em Santa Tereza.

**Nota em 2017. Era em realidade uma trincheira, pois não tinha meios para levantar em pouco tempo uma fortaleza digna desse nome**

### A rendição da Colônia de Sacramento

Ceballos atacou a Colônia de Sacramento, em 12 Out. 1776, a qual teve de render-se cerca de um mês após, apesar dos socorros enviados do Rio.

Em Portugal, o despreparo material e moral de seu Exército, esquecido das glórias passadas de Aljubarrota e Indias, resultou numa marcha triunfal do invasor. Cerca de 50 fortalezas caíram na mão do inimigo, sem resistência, apesar de dirigida a reação, pelo renomado técnico militar, conde de Lippe, mandado pela Inglaterra em socorro a Portugal.

Em 19 Jan. 1762, morreu no Rio de Janeiro Gomes Freire, por desgostos acumulados em consequência da perda da Colônia e pressões de comerciantes locais por aquele fato.

O Gen. Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadela, Governador e Cap.

Gen. do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, desde 1733, fora, por 29 anos, o arquiteto do processo da progressiva conquista portuguesa do Rio Grande, local onde permaneceu quase 1/4 de seu governo.

## **A vitória de Monte Grande**

No dia da morte de Gomes Freire, sob o comando do Cap. Francisco Pinte Bandeira, tropas da fronteira do Rio Pardo, Dragões e 200 paulistas, obtiveram retumbante e brilhante vitória em Monte Grande, nas proximidades de Santa Maria atual.

Para ela concorreram 200 bravos paulistas, muitos descendentes de bandeirantes e com experiência de lutas contra índios do Centro Oeste. Confirmaram seu valor provado na fundação do Rio Grande e sua demarcação. Entre eles despontaria a intrépida e legendária figura do Cap. Cypriano Cardoso Barros Leme, que, junto com outros paulistas, prestariam relevantes serviços na guerra e guerrilhas contra o invasor no território da 3ª RM, decisiva para a Restauração.

## **Vice-Reino do Brasil no Rio**

Em 27 Jan. foi criado o Vice-Reino do Brasil, com sede no Rio de Janeiro. Deslocou-se o Centro do Poder da Colônia para fazer face, inclusive, à ameaça sobre o Rio Grande do Sul.

A morte de Gomes Freire, menos de um mês antes, deixou a isolada Trincheira de Santa Tereza desamparada militar, moral, administrativa e economicamente. Sua guarnição dependia do Governador Eloy Madureira, na Vila do Rio Grande, inepto, segundo interpretações dominantes. Em Santa Tereza, o Cel. Osório e seus velhos e desmotivados Dragões, com 32 meses de soldo em atraso, e um puguilo de improvisados militares estavam cômicos da adversidade da situação e de que pouco poderiam esperar de apoio na conjuntura militar adversa, vivida por Portugal e seus domínios na América.

## **A Invasão do Rio Grande pelo Gen. Pedro Ceballos**

Em sua marcha, Ceballos chegou a Santa Tereza. Seu comandante, por deficiência de informações e em função de ordens superiores que classificou de "*infernais*", perdeu a oportunidade ideal de retirar-se.

Decidida a resistência, 80% da guarnição de Santa Tereza desertou, em pânico, na noite de 18/19 Abr. e a trincheira capitulou, com os 150 homens que permaneceram fiéis ao Cel. Osório.

Com 3.000 homens, Ceballos prosseguiu, conquistando o forte de São Miguel. Em 24 Abr. 1763, ocupou a vila do Rio Grande abandonada. O governador Eloy Madureira também fugiu, sem nem tentar fortificar-se em São José do Norte, conforme ordens recebidas da Junta Governativa que substituíra Gomes de Freire. Ceballos atravessou o canal e estabeleceu base de partida para uma penetração mais profunda. Esta invasão foi uma humilhação para o Rio Grande. Posteriormente foi aberta uma Devassa para apurar as responsabilidades do Governador Madureira, já falecido, e do Cel. Osório prisioneiro dos espanhóis.

Até hoje historiadores divergem sobre a culpa ou não do Cel. Osório por este desastre.

Neste sentido, encaminhamos comunicação ao Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande, solicitando, se possível, proporcionar ao Cel. Osório, um julgamento por um Tribunal de História. Com pecha de traidor e covarde, tem passado à História, o Cel. Osório, segundo algumas interpretações dominantes, mas não aceitas pacificamente, como essência da verdade histórica. Os argumentos não são convincentes. Parece ter o Cel. Osório servido como bode expiatório.

Produzimos sobre este assunto alentado dossiê em defesa da memória do Cel. de Dragões Thomaz Luiz Osório (Jul. 1976, IHGB) que confiamos à guarda do Parque Histórico Mar. Manoel Luiz Osório, cuja inauguração registramos no livro: *A grande festa dos lanceiros*. Recife, UFPE, 1971.

Vigorando o Tratado de Paris, desde antes da invasão, Ceballos devolveu Colônia a Portugal. Recusou abrir mão de sua conquista no Rio Grande, além de impor ao governador Eloy Madureira, que transferira seu governo para Viamão, uma "Convenção de Suspensão de Armas e Limites".

Neste quadro tumultuado e confuso, passado o pânico inicial, foi desenvolvido grande esforço para fortificar a faixa entre Viamão e Estreito, via de acesso a importantes regiões do Rio Grande.

## **A guerra de guerrilhas - a estratégia do fraco contra o forte**

Para enfrentar o poderoso inimigo com poucos meios, foi necessário atribuir missões aos nossos que tirassem o máximo partido do terreno da área da 3ª RM. A solução foi a adoção da guerra de guerrilhas pela Junta Governativa no Rio, que em 6 Jun. 1763, baixou a seguinte ordem:

*"A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas atuando dispersas, localizadas em matos e nos passos dos rios e arroios. Destes locais sairão ao encontro dos invasores para surpreendê-los, causar-lhes baixas, arruinar-lhes cavalhadas, gados e suprimentos e, ainda trazê-los em contínua e persistente inquietação".*

O papel relevante, executado por estas guerrilhas, até agora era pouco conhecido em toda a sua projeção. Suas bases localizavam-se em Encruzilhada do Duro (município de Canguçu atual), na Serra dos Tapes a cargo de Rafael Pinto Bandeira, e nas guardas da Encruzilhada (Encruzilhado do Sul atual) na Serra do Herval, inicialmente a cargo de Francisco Pinto Bandeira e após a sua morte, a cargo do intrépido e heróico paulista Cypriano Cardoso de Barros Leme.

## **Barradas as vias de acesso a Porto Alegre (Viamão)**

Em Mar. 1764, o Cel. Custódio Faria assumiu, em Viamão, o governo do Rio Grande, imprimindo novo ritmo à guerra.

Em agosto, concluiu o Forte São Caetano da Barranca do Estreito, entregando seu comando ao Cap. Francisco Pinto Bandeira. O referido forte foi reforçado por 4 companhias de paulistas enviadas pelo governador de São Paulo.

Em Taquari atual, erigiu o forte de Tebiquari. Junto a ele aldeou deslocados da invasão. Com ele e o São Caetano, cobriu as direções estratégicas, incidindo sobre Viamão: São José do Norte-Viamão e Rio Pardo-Viamão.

O Cel. José Custódio implementou as guerrilhas contra o invasor para a cobertura do Rio Pardo nas direções:

**Missões - Rio Pardo, Bagé (atual) - Rio Pardo e Rio Grande - Rio Pardo.**

Para a liderança dessas guerrilhas, foram destacados dois oficiais dos Dragões, já referidos, Cap. Francisco Pinto Bandeira e seu filho Rafael Pinto Bandeira.

Na noite de 28 para 29 Maio 1766, sob a liderança do Ten. Cel. Marcelino de Figueiredo, proveniente de Portugal e que assumiu o comando do Forte São Caetano, fracassou o assalto à vila de Rio Grande. Ventos fortes e cerração dispersaram os barcos com as forças de assalto. Tentava-se aproveitar situação favorável, resultante da atração, para o Forte do São Gonçalo, Pelotas atual, por contingentes dos Dragões do Rio Pardo e de guerrilhas baseadas na Estância de Luiz Marques de Souza, em Canguçu atual, de forças espanholas da guarnição do Rio Grande. Localizamos as ruínas desta estância, pertencente ao irmão de Manoel Marques de Souza, por sua vez, parente próximo e, mais tarde, segundo versão não comprovada, padrinho de nosso alte Tamandaré e herói desta guerra, como se verá, e patrono da 8ª Bda. Mtz.

## A reconquista de São José do Norte

No dia do fracassado assalto a Rio Grande, os intrépidos capitães Marques de Souza, mencionado, e Cypriano Cardoso atacaram a base espanhola em São José do Norte. Aprisionaram sua cavahada e 19 soldados. Em 5 Abr, novo ataque comandado por Marcelino de Figueiredo. O inimigo retirou-se à noite. Na madrugada de 6, aniversário de D.José I, Portugal ficou senhor da margem do norte, há 3 anos em poder da Espanha.

## A invasão do Rio Grande por Vertiz y Salcedo 1773-74

Os ataques a Rio Grande e São José do Norte repercutiram negativamente em Portugal. Contrariaram esforços de Marquês de Pombal, junto à Espanha, no sentido de, unidos, pressionarem o Papa a extinguir os jesuítas, responsabilizados pelo fracasso da Demarcação no Sul e Guerra Guaranítica.

Em consequência, caiu o vice-rei. O Cel. José Custódio foi chamado a Lisboa para responder por seu "*fogoso desatino*", e Marcelino foi afastado do Rio Grande. Felizmente, não foi cumprida a ordem de devolver-se São José do Norte.

Passaram-se os anos. As guerrilhas neste período causaram grande prejuízo aos espanhóis. Em Jun. 73, Marcelino reassumiu o Rio Grande e transferiu a sede do governo para Porto Alegre. Os espanhóis ficaram insistentes e incisivos. Queriam São José do Norte de volta e providências contra as guerrilhas. Começaram a correr boatos de invasão. Em consequência, o vice-rei elevou a guarnição da 3a RM atual de 401 homens para 714, assim articulados: São José do Norte, 424; Rio Pardo, 263 e Porto Alegre, 27.

Em Nov. 73, o governador de Buenos Aires, o mexicano Gen. Vertiz y Salcedo, invadiu o Rio Grande pela Campanha.

Fundou o forte de Santa Tecla. Ao seu encontro, das Missões, deslocou-se força com importantes recursos logísticos destinados a manter a mobilidade de seu Exército para executar o seguinte plano:

Conquistar, sucessivamente, Rio Pardo, Taquari, Porto Alegre e Viamão. A partir daí, atacar São José do Norte. Após, varrer as bases de guerrilhas nas serras dos Tapes e Herval. Por fim, expulsar os portugueses do Rio Grande.

Em consequência, o governador Marcelino decidiu:

- Vigiar os passos do São Gonçalo e rio Camaquã, na direção vila Rio Grande - Rio Pardo.
- Vigiar passos do Jacuí e afluentes do Norte, na direção Missões - Rio

Pardo.

- Fortificar os passos Piquiri, Tabatingaí e do Rio Pardo, defronte ao Forte do mesmo nome, na direção Santa Tecla - Rio Pardo.
- Reunir os milicianos da fronteira do Rio Pardo.
- Reunir a Cavalaria Ligeira (guerrilhas), sob o comando de Rafael Pinto Bandeira e Cypriano Cardoso, respectivamente, nos atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada do Sul.
- Transferir canhões de Taquari para o forte do Rio Pardo.

Em 2 Jan. 74, Rafael Pinto Bandeira, com 100 guerrilheiros e Dragões, bateu e aprisionou, em Santa Bárbara, a coluna proveniente das Missões, com valiosos reforços logísticos.

Em 5 Jan. 74, Vertiz recalcou a guarda do Piquiri, defendida por 21 homens do paulista e herói de Monte Grande, Cap. Miguel Pedroso Leite. Eufórico, Vertiz enviou enorme carta às autoridades do Rio Grande, da qual destaco a parte referente às guerrilhas, atestado da eficiência das mesmas:

*"Viamão, Rio Pardo, sul da Vila de Rio Grande e do rio Jacuí (serras dos Tapes e Herval) têm sido refúgio de delinquentes que atuam nos campos de Montevideu, Maldonado, Soriano, Bacas, Santa Fé, Corrientes e Missões. Tudo com o fim de roubar cavalhadas das nossas estâncias do Oriente dos rios da Prata, Uruguai e Paraná. Meus governados, atingidos por tão continuadas e incessantes ações, sofrem os maiores prejuízos, ao verem suas fazendas destruídas".*

As fontes primárias sobre estas guerrilhas são raras.

Elas foram decisivas e temos procurado interpretar seu papel, em exaustivo estudo dessa guerra.

## A vitória de Tabatingaí 10 Jan. 1774

Prosseguindo em seu avanço, em duas colunas, a maior sofreu fragorosa derrota em Tabatingaí, em 10 Jan. 74. Ao conhecer este fracasso e desconfiado do atraso da coluna das Missões, Vertiz abrandou suas exigências. Comprometida a mobilidade e a alimentação de seu Exército, decidiu recuar, célere, em busca de abrigo na base militar mais próxima - a Vila do Rio Grande. Retornou através dos atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada, bases das guerrilhas responsáveis por suas derrotas em Santa Bárbara e Tabatingaí.

O Forte do Rio Pardo, projeto do Cel. Alpoym, passou a fazer jus ao epíteto "Tranqueira Invicta". Alpoym era membro da Junta que ordenara a guerra de guerrilhas.

## Um modelo de Ação Retardadora

Foi decisiva para a vitória a Ação Retardadora, muito bem planejada e conduzida por Marcelino de Figueiredo e executada pelos capitães José Carneiro da Fontoura, comandante ao Sul do Jacuí, Rafael Pinto Bandeira e Cypriano Cardoso. Em Santa Bárbara, Rafael reeditou feito de seu pai, Francisco Pinto Bandeira, em Monte Grande, há 11 anos. Este falecera há pouco, sendo substituído pelo paulista Cypriano, conforme já referi.

Em Tabatingaí, guarda fundada por seu pai, Rafael foi inspirador do ardil que transformou uma derrota certa numa vitória retumbante, ao fazer o inimigo cair numa armadilha preparada pelos capitães Carneiro da Fontoura e Cypriano.

As tropas de Cavalaria Ligeira, nome oficial das guerrilhas, eram constituídas em grande parte por paulistas enviados em socorro ao Sul, por estancieiros rio-



grandenses e gaudérios.

Estes marcariam, daí por diante, sua presença militar histórica como sentinelas no Sul, em defesa da Integridade e Soberania do Brasil.

Vertiz deixou plantados no Rio Grande os fortes de Santa Tecla e São Martinho, ambos bases de partida para ataques a Rio Pardo, barreiras a incursões de nossas guerrilhas e instrumentos de domínio de cerca de dois terços do atual território da 3ª RM.

## **A guerra de reconquista do Rio Grande 1775-76**

A invasão de Vertiz repercutiu em Portugal. O Marquês de Pombal decidiu em relação ao Rio Grande:

- Concentrar, na área, o Exército do Sul, ao comando do Ten. Gen. Henrique Bohn, Este, desde Out. 1767 no Brasil, como Inspetor Geral de nosso Exército Colonial, com a missão de organizá-lo e adestrá-lo, segundo a doutrina do Conde de Lippe, que teve tarefa idêntica no Exército da Metrópole.
- Determinar a Böhn: estudar o terreno no Rio Grande, ocupá-lo vantajosamente e manter a paz, se possível. Do contrário, atacar sem descanso, até não existir um castelhano no Rio Grande.

## **Objetivos do Exército do Sul**

O esforço ofensivo deveria ser conduzido sobre três pontos fortes e nesta sequência segundo interpretamos:

- Forte São Marinho, por barrar o acesso português às Missões e ameaçar o flanco do Rio Pardo.
- Forte Santa Tecla, por barrar o acesso português às campanhas de Maldonado, Montevideu e Colônia, ameaçar Rio Pardo e possibilitar intercâmbio de reforços com as Missões.
- Vila de Rio Grande, por barrar o acesso português ao Sul, pelo litoral, e base de partida para ataques sobre Porto Alegre e Laguna.

Böhn escolheu como posição mais vantajosa e principal São José do Norte, cujo comando passou a exercer pessoalmente.

Confiou o comando da Fronteira do Rio Pardo e da Base Logística, em Porto Alegre, ao governador do Rio Grande, Marcelino de Figueiredo, que também conduziu a guerra de guerrilhas em sua fronteira.

O Exército do Sul, após concluída sua concentração, atingiu o efetivo de 4000 homens, assim distribuídos:

São José do Norte: 3 365 homens (82%)

Porto Alegre: 27 homens

Rio Pardo: 710 homens

Destes últimos, 300 guerrilheiros nas bases das guerrilhas, nos atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada. Deviam cumprir as seguintes missões: Arreadas dos gados cavalariças e vacum sobre os prováveis caminhos de invasão, incidindo sobre Rio Pardo.

## **O Exército do Sul**

A sua concentração teve início ao final de 1774, com o desembarque, em Laguna, de tropas provenientes do Rio de Janeiro. Dali marcharam, por terra, pelo litoral, até São José do Norte.

O Rio contribuiu com 135 artilheiros e o Regimento de Infantaria, o Velho, o atual Sampaio, de gloriosas tradições desde a expulsão dos franceses do Rio de Janeiro, e com uma das duas companhias do Esquadrão de Guarda do Vice-Rei, onde serviria Tiradentes e raiz histórica dos Dragões de Brasília.

Portugal contribuiu com o RI de Bragança e mais os RI de Moura e Estremoz, aos quais estaria reservado grande papel na reconquista do Rio Grande.

O Rio Grande, além dos Dragões do Rio Pardo, Cavalaria Ligeira e Caçadores índios, participou com um BI e mais uma Cia de Artilharia, distribuída em Rio Pardo e São José do Norte. Uma companhia de Infantaria de Santa Catarina guarneceu Porto Alegre

## **Apoios diversos ao Exército do Sul**

Ao plano militar foram destinados todos os rendimentos das provedorias de São Paulo e Rio de Janeiro, subsídio voluntário e literário de Angola, 200.000 cruzados anuais, o equivalente ao soldo de dois regimentos enviados da Bahia.

Direta ou indiretamente, participaram com tropas e recursos do esforço de reconquista do Rio Grande: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Paraná, Santa Catarina, Angola e Portugal.

O apoio de Engenharia consistiu na melhoria dos caminhos terrestres Laguna - Porto Alegre e Laguna - São José do Norte, com pontes e balsas e um roteiro dos mesmos, com indicação de recursos locais. Este apoio foi prestado pelo Mar. Funck e por Francisco Róscio que mais tarde governaria o Rio Grande (1801).

Em São José do Norte, fundeou a Esquadilha Naval de Harde Castle com 6 unidades, das quais a "Belona", e a "Invencível", construídas em Porto Alegre. Concluída a concentração, teve início ao final de 1775, a ofensiva para restaurar o Rio Grande.

## **A conquista de São Martinho**

Em 31 Out. 1775, o Forte São Martinho foi conquistado de surpresa e arrasado por 205 Dragões e guerrilheiros do Rio Pardo, ao comando de Rafael Pinto Bandeira.

Na impossibilidade de um ataque frontal, durante 9 dias foi aberta uma picada na mata que conduziu os atacantes à retaguarda de São Martinho. Foram feitos 40 prisioneiros e tomados preciosos recursos logísticos, entre os quais 7.100 cabeças de vacuns e cavalares. Escrevemos sobre este assunto os artigos: Bicentenário da Conquista do Forte de São Martinho. Correio do Povo, 23 Nov. 1975. Defesa Nacional, Set./Out. 1975, p. 19-26. Correio Braziliense, Out. 1975. Revista Militar Brasileira, Jul./Dez. 1975, p. 7-10. Diário de Notícias, Porto Alegre, Out. 1975, Diário Popular, Pelotas - RS, 28 Dez. 1975.

Em 19 Fev. 1776, malogrou a tentativa do Capitão-de-Mar-e-Guerra Mac-Douall de destruir, com sua esquadilha naval de 9 unidades, a espanhola com 7 unidades que defendia a vila de Rio Grande com o fim de criar condições para assalto desta praça pelo Exército do Sul. O malogro de Mac-Douall, após 5 horas de combate, é assim explicado:

Faltou-lhe rapidez para abordar os barcos espanhóis e anular os fogos de 3 fortes inimigos, nos quais eles se apoiaram. Abordamos este assunto em: Aspectos da época da criação da Escola Naval. Diário Popular, Pelotas, 25 Nov. 1982 e DN,

Mar./Jun. 1983 p. 21.

Haver adotado dispositivo de combate, como se estivesse no mar, não levando em conta a correnteza do canal e das marés.

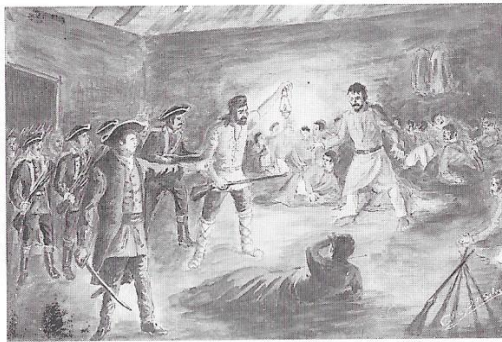
Não ter sido socorrido pela Esquadilha de Harde Castle, impossibilitada de intervir, por ventos contrários.

Disputa do comando do barco pernambucano "Graça", em pleno combate, vago por morte de seu comandante em ação.

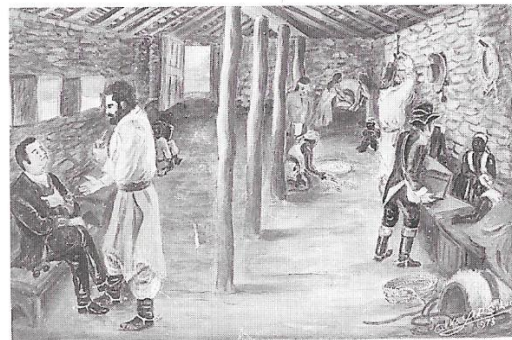
Apesar da perda de 3 unidades e de 45 baixas contra 39 espanholas, as duas esquadilhas reuniram-se. Böhn passou a contar com 12 unidades navais que seriam decisivas para a vitória final e mais 13 jangadas construídas no local, com madeira e por gente de Pernambuco.

#### Aspectos das Guerrilhas de Rafael Pinto Bandeira - 1763-76

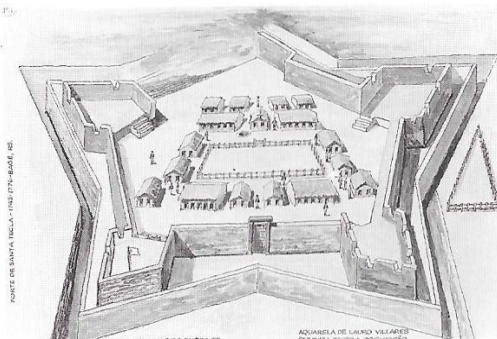
*Pinto Bandeira surpreende São Martinho - 1775*



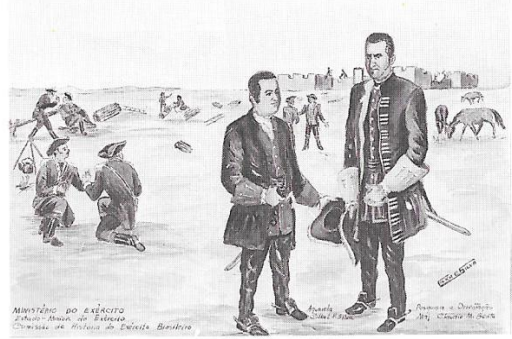
*Base de guerrilhas de Pinto Bandeira em Canguçu atual*



*Reconstituição Fortaleza de Santa Tecla (pelo autor)*



*Majores Rafael e Patricio na Fortaleza Santa Tecla*



## A conquista de Santa Tecla

O passo seguinte seria Santa Tecla, próximo a Bagé, fortaleza de torrão, defendida por 250 homens apoiados em 8 canhões com potência total de 30 libras, com destacamento de segurança externa, água e charque para resistir a cerco prolongado. Seu valor militar foi subestimado pelo Vice-Rei e Gen. Böhn.

Para conquistá-la, de surpresa, foi atribuída a missão a Rafael Pinto Bandeira, auxiliado pelo Maj. Patricio Correia Câmara, recém chegado de um RI do Rio de Janeiro e que se tornaria um grande fronteiro rio-grandense até o limiar de nossa Independência.

Marcelino de Figueiredo organizou uma força de 619 homens, dos quais 366 Dragões do Rio Pardo, ao comando de Patricio, 193 guerrilheiros da Cavalaria Ligeira, com suas bases nos atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada, e uma Companhia de Infantaria de Caçadores índios organizada em Rio Pardo.

Rafael recebeu a ordem de atacar Santa Tecla, em sua base de Encruzilhada do Duro, na Serra dos Tapes.

Após atravessar o Camaquã e reunir-se nas guardas de Encruzilhada, na serra do Herval, com Cypriano Cardoso, marchou para o Piquiri.

Do Piquiri, partiram Rafael e Correia Câmara, para surpreender Santa Tecla. A tentativa falhou. Santa Tecla foi submetida a cerco durante 26 dias. Em 25 Mar. capitulou sob condições. Em 26, seus defensores evacuaram-na pelo portão dos fundos, rumo a Montevideu.

Em 27, suas muralhas foram arrasadas pelos atacantes. Durante o cerco, a situação dos sitiados ficou crítica pelo desgaste da cavalaria, após um mês de operações, patrulhamento intenso e confinamento em reduzidas e raspadas pastagens de verão. Ela teve, então, de alimentar-se de raízes e ervas. Isto foi informado ou interpretado pelo Marquês de Pombal, como sendo a tropa que alimentou-se de ervas e raízes, o que desgostou Marcelino de Figueiredo que havia fornecido à coluna atacante 4 000 vacuns para alimentação.

Expulsos os espanhóis de Santa Tecla e São Martinho, faltava a reconquista da Vila de Rio Grande. Abordamos a conquista em tela em:

Bicentenário da Conquista de Santa Tecla. Diário Popular, Pelotas, 28 Mar. 1976. Letras em Marcha nº 254 -1976. Correio do Sul. Bagé-RS, 24 e 25 Mar. 1976. Correio Brasiliense, Abr. 1976. Correio do Povo, Porto Alegre, Abr. 1976.

## A reconquista da Vila do Rio Grande

Para reconquistá-la, além de seus fortes e esquadrilha, era preciso vencer, com meios descontínuos, a enorme distância entre São José do Norte e Rio Grande. Para isto, fundamentalmente, serviriam as 13 jangadas.

O ataque à Vila de Rio Grande foi decidido para as 0300 horas do dia 1º de Abr. 1776, dia seguinte ao aniversário da Rainha, festejado ruidosamente, com salvas e embandeiramentos, pelo Exército do Sul e Esquadrilha Naval. Tudo para iludir os espanhóis em Rio Grande.

Dispositivo espanhol em Rio Grande:

- Efetivo estimado: 1 500 homens de terra, afora os de mar.
- Esquadrilha naval com 8 unidades.
- Fortes: da Barra, Mosquito, Novo, Trindade, Mangueira, Ladino, da Vila e do Arroio.
- Potência de fogos esquadrilha e fortes: 674 libras.
- Dispositivo português em São José do Norte:
- Efetivo: 4 385 homens de terra e mar.
- Esquadrilha naval com 12 unidades. Participaram das ações as fragatas "Graça" (de Pernanbuco) e "Glória", corvetas "Vitória", "Invencível", "Belona", "Penha" e Sumaca "Sacramento" (7 unidades). O QG do Exército do Sul estava no forte do Patrão-mór.
- Potência de fogo da esquadrilha, cerca de 800 libras.
- Potência de fogo total fortes + esquadrilhas: 956 libras.

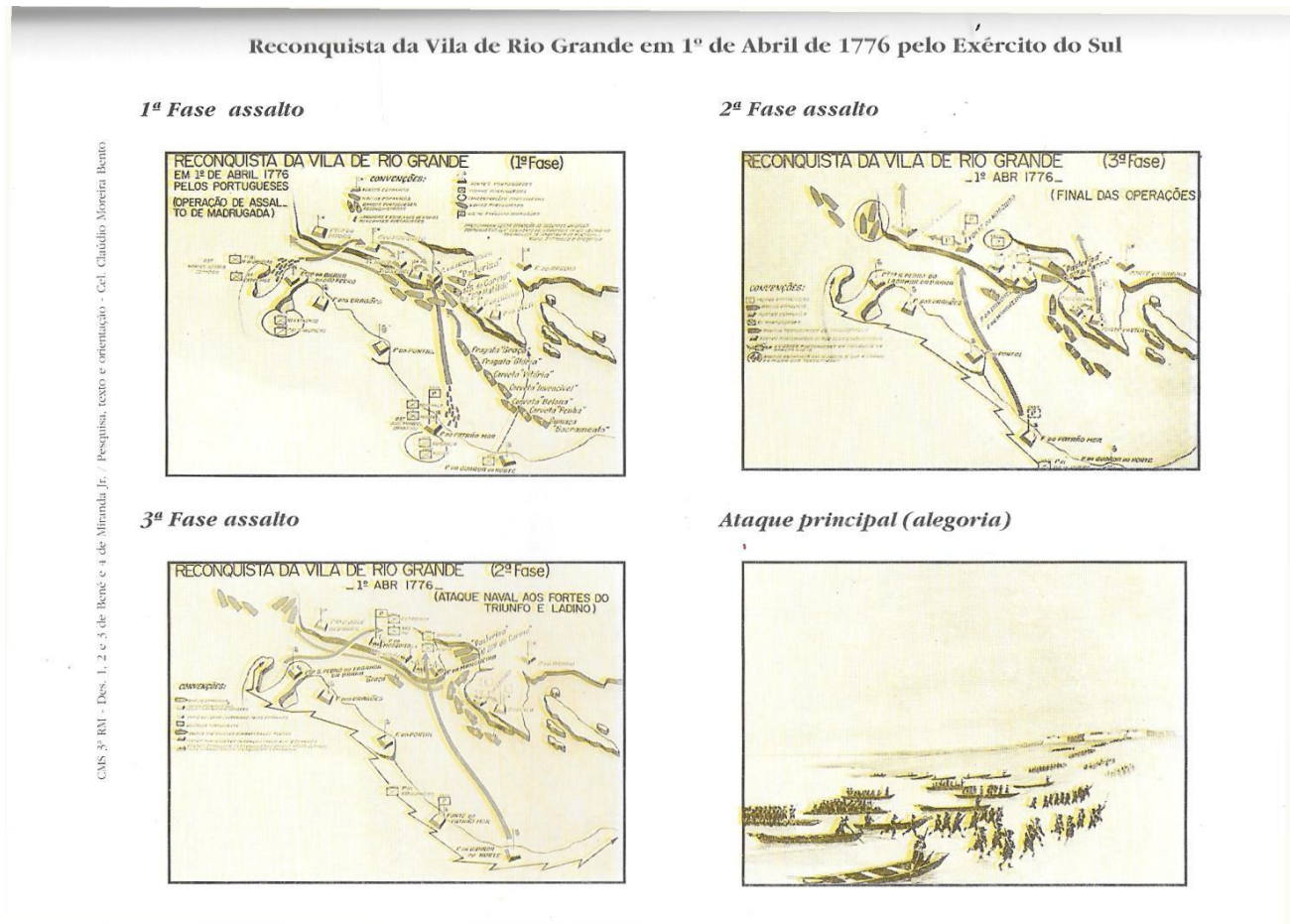
### O ataque a Rio Grande

- 1ª Fase do Ataque: às 3 horas da madrugada, dois destacamentos da la vaga de assalto, deixaram os fortes da Barra e Patrão-Mór para a conquista de seus objetivos - fortes espanhóis do Mosquito e Trindade.



Um terceiro destacamento ficou em condições de, mediante ordem, partir do Forte Guarda Norte e atacar a vila de Rio Grande. Objetivo: fixar efetivos inimigos na Vila.

Ficaram em reserva, junto ao Forte do Patrão-Mór, cinco unidades navais.



O 1º Destacamento - Maj. Soares Coimbra, 200 granadeiros do 1º RI do Rio de Janeiro e RI de Estremoz teve a seu cargo o ataque secundário. Usando lanchas de barcos mercantes e jangadas, desembarcou sem reação. As 4:30, já havia conquistado o forte do Mosquito. Na reação, os espanhóis tiveram 7 baixas.

O 2º Destacamento - Maj. Manoel Carneiro, 200 granadeiros dos RI de Bragança e de Moura, teve a seu cargo o Ataque Principal. A este foi guiado, pelo Ten. Manoel Marques de Souza, Ajudante-de-Ordens do Gen Böhn e, mais tarde, padrinho do Marquês de Tamanadaré e avô do Conde de Porto Alegre.

Sua missão: ultrapassar, à noite, sem ser pressentido, a esquadilha inimiga ancorada junto aos fortes Trindade e Mangueira. Após conquistá-los, ao amanhecer, voltar os canhões dos mesmos contra a Esquadilha Naval inimiga.

Este destacamento deixou a base de partida, embarcado em lanchas da esquadilha naval e jangadas. Os ruídos produzidos por algumas lanchas que encaharam foram pressentidos pelo barco inimigo "Santa Mathilde", que abriu fogo contra elas. Isto obrigou seus ocupantes a desembarcarem com água pela cintura, com espada nos dentes e com o bernal de granadas na cabeça.

## A conquista de duas cabeças-de-praia

**2ª Fase do ataque:** O Forte da Trindade foi conquistado com auxílio de dois canhões do Mosquito. Os retirantes de ambos incendiaram os barcos "Pastoriza" e "N. S. do Carmo". Ao amanhecer, o Gen. Böhn já havia atravessado o canal na 2ª vaga de assalto e conquistado 3 fortes e, com eles, duas sólidas cabeças de praia.

Das 6 às 9 horas, os atacantes, com os canhões dos fortes conquistados, bombardearam a esquadilha inimiga. Esta, surpresa, levantou ferros e rumou na direção da barra, à procura de melhores ventos. Às 8:00 horas, ela manobrou perigosamente, para escapar dos fogos do Forte de São Pedro da Barra, perdendo por encalhe, 3 unidades.

A Esquadilha de Harde Castle bombardeou os fortes de Ladino e Novo. O primeiro cedeu à pressão. O segundo ofereceu heróica resistência, particularmente a agressiva e brava corveta pernambucana "Graça".

## **A capitulação da Vila do Rio Grande**

**3ª Fase do ataque:** Das 9 às 15 horas de 1º Abr. registraram-se: Rendição dos fortes Novo (18 horas) e Barra (21 horas). Ultimatum à Vila de Rio Grande, às 18 horas e resposta de capitulação, às 21 horas. Partida da esquadilha inimiga para o sul, com 3 unidades das 7 que possuía. Evacuação espanhola da Vila na madrugada de 2. Ocupação portuguesa da mesma no início da tarde.

E, assim, terminou, após 30 horas, a operação de reconquista da Vila de Rio Grande. Vitória maiúscula e feliz, da qual foi retirado o máximo partido dos princípios de guerra: Objetivo, Surpresa, Manobra e Segurança.

Em 7 Abr. foi cantado um Te Deum em ação de graças pela feliz reconquista da Vila de Rio Grande, após 13 anos sob domínio espanhol. Participaram da cerimônia o Exército do Sul e a Esquadilha de Harde Castle. O Te Deum teve lugar defronte à atual Catedral de São Pedro. Böhn reservou, vazia, uma cadeira simbólica para o Vice Rei Marquês do Lavradio.

Foi levantada a planta da Vila de Rio Grande pelo Mar. Jaques Diogo Funk, auxiliar do Gen. Böhn, em Engenharia e Artilharia, cuja obra estudamos em: *Estrangeiros e Descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul*. Ele prestou assinalados serviços à restauração do Rio Grande. Foi o primeiro a sugerir a ligação, por águas interiores, Torres - Porto Alegre - Rio Grande e a mapear e descrever o litoral rio grandense, de Torres a São José do Norte, e a levantar a ilha da Pólvora e Itapoan, no rio Guaíba, para fortificar.

Os espanhóis se retiraram para a Fortaleza de Santa Tereza, hoje tornada monumento histórico, graças ao trabalho de Horácio Arredondo, grande preservador da memória do Uruguai. Böhn, por falta de Cavalaria, não fez a Perseguição.

Restaurado o Rio Grande, as duas bases militares portuguesas voltaram a ser Rio Grande e Rio Pardo, ambas ligadas por um caminho terrestre balizado pelas cidades de Pelotas, Canguçu e Encruzilhada.

A reconquista repercutiu na Espanha. Ela criou o Vice-Reinado do Prata, para o qual designou o Gen. Ceballos. Este partiu de Cadiz, forte de 9 000 homens de terra e mar, para cumprir o seguinte plano:

- Conquistar sucessivamente a Ilha de Santa Catarina, para isolar o Exército do Sul, e a Vila do Rio Grande e Colônia do Sacramento. Ceballos conquistou Santa Catarina. Fracassou no ataque a Rio Grande, por ter sua esquadra dispersada por fortes ventos. Conquistou definitivamente a Colônia do Sacramento. Após, concebeu esmagar o Exército do Sul, em Rio Grande, através de um movimento de pinça, por forças provenientes de Santa

Catarina e Santa Tereza, segundo Tasso Fragoso. Abordamos a reconquista de Rio Grande em:

Bicentenário da Reconquista da Vila de Rio Grande. Revista Militar Brasileira IV trim 75 e I trim 76. Diário Popular. Pelotas, 04 Abr. 1976. Rio Grande 2 Abr. 1976 e RIGHMB, n° 74, 1977.

## **As expectativas de uma 3ª invasão do Rio Grande do Sul**

O Exército do Sul concentrou-se em Rio Grande. A Fronteira de Rio Pardo foi reforçada pela Legião de Voluntários Reais de São Paulo e um RI de Santos.

A cobertura de Rio Grande, ao norte, foi feita em Torres, com a ereção do Forte São Diogo, segundo projeto do Mar. Diogo Funk. Foi guarnecido pela companhia de granadeiros do RI de Santos. Ao Sul, no Albardão e Taim, pela Cia de Cavalaria do Vice-Rei e Dragões do Rio Pardo e, entre Estreito e São José do Norte (atual), por uma Companhia de Cavalaria da Legião de Voluntários de São Paulo.

Nesta ocasião o forte de Santa Tecla foi reocupado pelos espanhóis, em razão de razzias feitas por gaudérios, "*sem lei e rei*".

Rafael Pinto Bandeira, agora coronel de uma Legião de Cavalaria Ligeira, estabeleceu a cobertura da Vila de Rio Grande, face à direção de Santa Tecla, na Serra de Tapes, em Canguçu atual.

Nessa época, ali esteve quase à morte, tendo de ser transportado de maca. Mas, mesmo assim, permaneceu atuante.

Ativou as arreadas, à busca de informações militares nas imediações de Santa Tereza, Maldonado, Montevidéu, Colônia e vigilância de Santa Tecla. Passou a usar, como via de acesso para suas operações, a direção atual: Canguçu – Piratini - Herval do Sul - Cerro Largo (atual Mello no Uruguai). Esta direção passaria a ser bloqueada, na guerra de 1801, com o forte de Cerro Largo (Mello atual).

## **Os governadores durante a Guerra do Sul 1763-77**

Durante a Guerra do Sul de 1763-77 foram comandantes militares e governadores do Rio Grande do Sul:

- Cel. Inácio Eloy Madureira, 17 Jan. 1761 - 1 Ago. 1773  
(Quartel General em Rio Grande)
- Ten. Cel. Francisco Pereira Pinto 1 Ago. 1763 - 16 Jun. 1764  
(Quartel General em Viamão)
- Cel. José Custódio Faria, 16 Jun. 1764 - 23 Abr. 1765  
(Quartel General em Viamão)
- Cel. José Marcelino de Figueiredo, 23 Abr. 1765 - 26 Out. 1771  
(Quartel General em Viamão)
- Cel. Antônio da Veiga Cabral, 26 Out. 1771 - 11 Jun. 1773
- Brig. José Marcelino de Figueiredo, pela segunda vez, de 11 Jun. 1773 - 31 Mar. 1780  
(Quartel General em Porto Alegre)

Deles mereceram destaque bibliográfico pela projeção de suas atuações na defesa do território da 3ª RM:

**Cel. José Custódio de Sá Faria: (1710 - 1792) Nasceu em Portugal cerca de 1710 e faleceu em Buenos Aires, em 12 Jan. 1792, a serviço da Espanha, ao lado de sua filha única com uma paraguaia.**

**Durante 27 anos como engenheiro e cartógrafo e arquiteto, realizou alentada e relevante obra.**

**Conhecedor profundo do Tratado de Madri de 1750, no Sul e Oeste, soube defender com sólida argumentação os interesses do Brasil. Peregrinou por Mato Grosso, São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul como demarcador e fortificador.**

**No território da 3ª RM construiu, em fase crítica da Guerra do Sul e de 1764-65, os fortes de Estreito e do Tebiquari (Taquari) para barrar as direções estratégicas, incidindo sobre Viamão e em forma de pinça.**

**Dinamizou a guerra de guerrilhas contra os espanhóis, recorrendo a elas como a estratégia do fraco contra o forte. Era muito querido pelo povo do Rio Grande. Dirigiu um frustrado ataque contra a vila do Rio Grande ocupada pelos espanhóis. Mas, em compensação, reconquistou a margem norte (São José do Norte).**

**Sua iniciativa teve negativa repercussão diplomática. Foi recolhido preso ao Rio para dar conta de "seu fogo desatino". Foi levado pelo Gen. Pedro Ceballos para Buenos Aires quando da invasão da ilha de Santa Catarina.**

**A anistia de 1786 não se referiu a ele. Culpado? Traidor? Inocente? Abordamos sua vida e obra com detalhes maiores em artigo. Em torno da Fortaleza de São José da Ponta Grossa. RMB (v. 110, Jul./Dez. 1977).**

**Brig. José Marcelino de Figueiredo (1734 - 1814) Foi governador e comandante militar do Rio Grande por duas vezes e por cerca de 10 anos durante a Guerra do Sul 1763-76. Da primeira vez comandou as operações contra os espanhóis inclusive a frustrada invasão de Vertiz y Salcedo, em 1773-74. No segundo período, as operações foram conduzidas na fronteira do Rio Grande pelo Exército do Sul ao comando do Gen. Böhn. A ele esteve diretamente afeta a Fronteira do Rio Pardo com as operações que resultaram na conquista dos fortes de São Martinho e Santa Tecla, além do apoio logístico ao Exército do Sul. A última, missão atual da 3ª RM, de que ele foi pioneiro.**

**Ele nasceu em Bragança, em 16 Abr. 1734, e faleceu aos 70 anos em Lisboa, após haver governado Bragança e atingido o posto de Tenente General.**

**Casou aos 48 anos no Rio, em 24 Set. 1781, de cujo consórcio nasceu Maria Ignácia Correia de Sá Sepulveda.**

**Seu nome verdadeiro era Manoel Jorge Gomes Sepulveda. Foi mandado secretamente para o Brasil com outro nome, por haver morto em duelo, em Faro, por questões de honra, na qualidade de Capitão do Regimento de Voluntários Reais de Portugal, um oficial inglês.**

**Foi nomeado governador do Rio Grande e comandante dos Dragões do Rio Pardo. Poder-se-ia dizer ter sido um chefe que consumiu sua saúde em prol do Rio Grande do Sul. Como ninguém é responsável por seu temperamento, ele deve ser julgado e reverenciado por sua obra.**

**Possuía gênio forte. Ao final da Guerra do Sul, em 1777, estava confuso, cansado, doente, envolvendo-se em vários incidentes, sem atentar para a hierarquia. Hoje se diria que foi atingido por forte stress físico e mental.**

**Disto dá mostra este desabafo em 1778, aos 44 anos, ao declinar convite para Comissário da Demarcação do Tratado de Santo Ildefonso de 1777, no Rio Grande.**

***"Estou com falta de ar, achaques no peito e cheio de enpigens. Meu maior incômodo é ter uma ruptura na virilha esquerda, que não me permite andar sem***



*muito trabalho e funda. Por esta razão posso dizer que quebrei no negócio que aqui no Rio Grande vim fazer."*

E noutra carta queixava-se amargamente:

*"As tropas daqui do Rio Grande estão em abandono, sem soldo há um ano; há cinco meses, sem rapas de farinha de guerra (mandioca); com um só fardamento. Em resumo: Em pior situação que as tropas de Portugal que se entregaram sem lutas na ilha de Santa Catarina e na Colônia do Sacramento."*

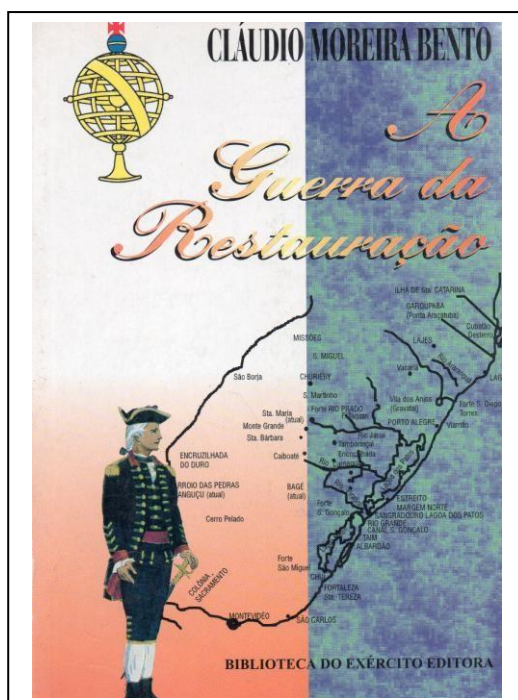
Em 1775 pediu, face a tanto desgaste, que o vice rei o ajudasse a sair do Rio Grande, "porque já não posso mais aturar trabalho".

Em que pese tudo isto, foi relevante a sua atuação militar para definir brasileiro o destino do Rio Grande do Sul. A ação retardadora que conduziu sobre a invasão de Vertiz Y Salcedo, em 1777, foi modelar e merece ser estudada pelos profissionais das armas de hoje. A ele se deve a coordenação do eficaz apoio logístico do Exército do Sul de 1774-77, obra notável para a época.

Sua atuação logística ressaltamos na obra inédita "A Reconquista do Rio Grande do Sul 1774-77", na visão de seu comandante Ten. Gen. Henrique Bohn, trabalho que se baseia em relatório feito por aquele chefe em francês, que traduzimos, analisamos e interpretamos, consolidando vários elementos e, em especial: Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande do Sul 1776-1976 (Rio, IHGB/IGHMB,1979. 3 v.).

Esta guerra só havia sido estudada com maior profundidade pelo Cel. Jonathas Rego Monteiro na RMB 1 e 4, 1935, que teve circulação muito restrita e foi reproduzida nos Anais cit.

Acreditamos que nosso trabalho citado consolida e complementa o que até hoje foi escrito sobre a Guerra do Sul 1763-76, definidora do destino brasileiro do Rio Grande do Sul.



**Desenvolvemos posteriormente este assunto com o apoio no Relatório da Reconquista, feito em Frances pelo comandante do Exército do Sul Ten Gen Henrique Bohn, bem como em Frances sua correspondência com o vice re. E a meu pedido traduzida pelo Cel Prof Ney Paulo Panizzuti , meu colega de turma Asp Mega AMAN 15 fev 1955, E juntos trabalhamos 1978-1980 , eu como historiador e instrutor de História Militar na AMAN e ele como Professor de Português.Livro disponível em Livros e Plaquetas no site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) . Considero um dos mais importantes e reveladores livros que escrevi,**

## A Guerra de 1801

Em 1801 Portugal e Espanha entraram novamente em guerra na Europa. Ela se estendeu ao Brasil, envolvendo o território da 3ª RM.

Esta guerra durou de 14 Jul. -17 Dez. 1801, ou 5 meses e 3 dias. Foi planejada e comandada pelo governador do Rio Grande de então, Gen. Veiga Cabral, que a comandou de Rio Grande - seu Quartel General, recolhido ao leito, onde veio a morrer após comandar a fase mais crítica da guerra.

O Rio Grande de 1777 a 1801 atravessou um período de paz e grande desenvolvimento, ao lado de um inconformismo generalizado de seu povo com o Tratado de Santo Ildefonso de 1777, que reduziu expressivamente o território da 3ª RM delineado pelo Tratado de Madrid de 1750.

Nessa época, o território da 3ª RM já estava dividido pelo rio Camaquã, nas fronteiras do Rio Grande, sob jurisdição da vila do Rio Grande - quartel General da Comandancia Militar, e a do Rio Pardo, sob jurisdição de Rio Pardo, sede do Regimento dos Dragões.

As hostilidades tiveram início na Fronteira do Rio Grande. Consistiu no ataque a guardas espanholas ao sul do rio Piratini, fronteira de fato (municípios de Canguçu e Piratini atuais) e o rio Jaguarão. Esta operação foi conduzida pelo Maj. Vasco Pinto Bandeira, irmão de Rafael Pinto Bandeira e filho do primeiro comandante de uma unidade de linha no território da 3ª RM - Cap. Francisco Pinto Bandeira, já nosso conhecido.

Estas guardas denominavam-se: São Sebastião, São José, Santa Rosa, Quilombo e da Lagoa.

Na fronteira do Rio Pardo, os Dragões, ao comando do Cel. Patrício Correia Câmara, expulsaram os espanhóis da guarda de São Gabriel de Batovi, fundada pelos espanhóis, conforme Osório Santana Figueiredo em História de São Gabriel (São Gabriel, s/ed, 1993), e a seguir a de Santa Tecla, que foi arrasada definitivamente. Os espanhóis de Batovi e Santa Tecla recolheram-se ao forte de Cerro Largo (atual Mello). A Guarda São Sebastião, no passo do Rosário, retirou-se para São Borja.

A partir de Santa Maria atual, 40 Dragões aventureiros, sob orientação da Fronteira do Rio Pardo, lançaram-se sobre a guarda espanhola de São Martinho e, dali, sobre os povos de São Miguel, Santo Ângelo, São Luiz Gonzaga e São Nicolau, terminando por incorporar os Sete Povos por força das armas.

Seguiu-se a conquista do atual município de Santa Vitória, a partir dos arroios Taim e Albardão, fronteira de fato. Esta feita pelo Cap. de Milícias Simão Soares da Silva e o Ten. de Dragões José Antunes de Porciuncula, à frente de 100 milicianos e 36 Dragões do Rio Pardo. Eles atacaram, de surpresa, as guardas do Chuí e de São Miguel que retraíram para o forte de Cerro Largo, conforme artigo nosso Santa Vitória do Palmar na História Militar (RMB. Jul./Dez. 1974).

Face a estes ataques, os espanhóis reagiram a partir do forte Cerro Largo, ao comando do marquês de Sobremonte, governador de Buenos Aires.

Contigente da Fronteira do Rio Grande chocou-se com um contigente espanhol lançado de Cerro Largo na direção do passo N. S. da Conceição do rio Jaguarão (atual Centurion), e travou-se o combate do Passo das Perdizes em 17 Out. Esta manobra espanhola foi diversionária, pois cobriu o lançamento de Cerro Largo, em socorro das Missões, do Ten. Cel. José Ignacio de la Quintana, forte de 600 homens. A Fronteira do Rio Pardo reagiu, enviando 300 Dragões do Rio Pardo que conquistaram São Borja após violento combate.

Por outro lado, estes Dragões acompanharam a coluna Quintana e ofereceram-lhe tenaz resistência em São Gabriel e Rosário do Sul atuais, obrigando-a a retirar-se para Cerro Largo.

Estimulados pelas vitórias das guardas do Chuí e São Miguel e Passo das Perdizes, na Fronteira do Rio Grande, e pelas de São Borja, Rosário do Sul e São Gabriel atuais, o Comando Militar do Rio Grande decidiu conquistar a base de operações espanhola - o forte de Cerro Largo, aproveitando ausência da Coluna Quintana.

Neste ínterim, o governador de Buenos Aires -marquês de Sobremonte - mobilizou recursos para socorrer o ameaçado forte de Cerro Largo cerrando sobre ele, que encontrou desamparado.

#### Guerra de 1801 - Conquista dos Sete Povos das Missões

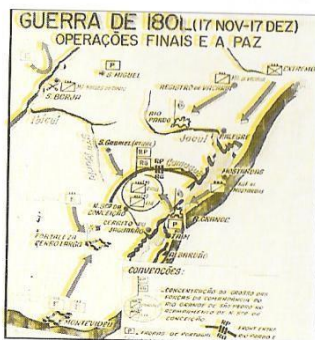
11 Set./25 Out. - Reação Espanhola



25 Out./17 Nov. - Conquista do Forte Cerro Largo



17 Nov./17 Dez. - Operações finais e a Paz



Guerra 1801 - consequências



C.M.R. 3ª RM - Desenho de Bene - Pesquisa, texto e orientação - Cel. Cláudio Moreira Bento

Com a morte do governador Veiga Cabral, ele foi substituído no Comando Militar e governo do Rio Grande pelo Brig. Francisco Róscio. Este ordenou uma concentração de todas as forças do Rio Grande no passo N. S. Da Conceição do Jaguarão, face a concentração espanhola no forte Cerro Largo. Sobremonte cerrou as forças para o passo N. S. da Conceição em 30 Nov. A concentração portuguesa ali foi reforçada em 5 Dez., com 500 homens transferidos do Taim e Albardão, aprofundamentos das defesas do Chuí e São Miguel.

Ainda a 5, o comandante espanhol mandou um ultimatum ao heroico Cel. Manuel Marques de Souza, comandante da Fronteira do rio Grande e futuro comandante da 3ª RM, dando-lhe 24 horas para evacuar a região. Marques de Souza respondeu-lhe: ,

**"Que nem 24000 anos conseguiriam desalojá-lo do local. E que tentassem para confirmar!"**



A 10 Dez. a Fronteira do Rio Grande foi reforçada pela Fronteira do Rio Pardo, com a chegada do Cel. Patrício Correia Câmara, à frente de 400 Dragões milicianos e voluntários.

Em 13 Dez., o Marquês de Sobremonte ordenou a retirada de sua tropa para o forte do Cerro Largo, consciente da superioridade portuguesa e do perigo que corria de ser batido em campo raso.

Em 17 Dez., foi publicada no Rio Grande a paz entre a Espanha e Portugal. O Cel. Patrício, em 20 Dez., retornou a Rio Pardo em razão da suspeita, não confirmada, de que outra coluna Quintana fora lançada na direção dos Sete Povos para reconquistá-los.

Aliás, em 29 Nov., uma coluna de 100 espanhóis e 80 índios apoiados em duas peças de Artilharia haviam sido rechaçados da conquista dos Sete Povos. Foi o segundo ataque à conquistada São Borja. O primeiro viera pelo rio Uruguai.

Em Porto Alegre, em condições de reforçar as tropas do Rio Grande, encontrava-se o Regimento Extemoz.

Esta guerra foi financiada por estancieiros e fazendeiros gaúchos que participaram da luta como voluntários e milicianos.

Eles forneceram comandantes, oficiais, graduados, soldados, armas, cavalos, uniformes que foram distribuídos às colunas de Cavalaria, de Milícias e Auxiliares Ligeira, particularmente na Fronteira do Rio Grande.

Enfim, foi uma guerra vitoriosa com o apoio logístico predominante da iniciativa privada, ou do povo gaúcho.

Os resultados desta guerra foram excepcionais para o Rio Grande do Sul.

Foram conquistados pela força das armas, as riquíssimas pastagens:

- Dos Sete Povos das Missões;
- Dos territórios entre os rios Jaguarão e Piratini;
- Da margem esquerda do Rio Santa Maria até a linha do Tratado de Santo Ildefonso, divisória das bacias da Lagoa dos Patos e do Uruguai;
- O território do atual município de Santa Vitória.

Enfim, compensou-se de certa forma o que o Tratado de Madrid de 1750 equitativamente previra.

ao Rio Grande:

*"Ameniza o sofrimento Jo afastamento do Rio, dos seus divertimentos e das famílias o fato de viajarmos na honrosa companhia do sr. Sebastião Xavier da Veiga Cabral, comandante das tropas do sul, pelo seu gênio amável, pelas suas virtudes e pelo seu ilustre nome admirado".*

Segundo o Gen. Lyra Tavares "Veiga Cabral formou-se engenheiro geógrafo".

Foi promovido a brigadeiro aos 34 anos, por haver sido o primeiro a entrar na vila do Rio Grande conquistada em 12 Abr. 1776, após 13 anos em poder dos espanhóis.

Em 1780 assumiu o governo do Rio Grande, que exerceu com brilho por 21 anos, cumulativamente como 19 Comissário de Demarcação do Tratado de Santo Ildefonso, em 1777.

' Nesta condição, percorreu em 1784-88 intensamente, inclusive, a Fronteira do Rio Grande.

Seu trabalho de grande repercussão na construção do Rio Grande do Sul foi inventariado por Abeillard Barreto em Bibliografia Sul-Riograndense (Rio INL, v.I, pp. 254-276) obra que está a merecer um estudo mais profundo sobre sua importância na vida dos gaúchos.

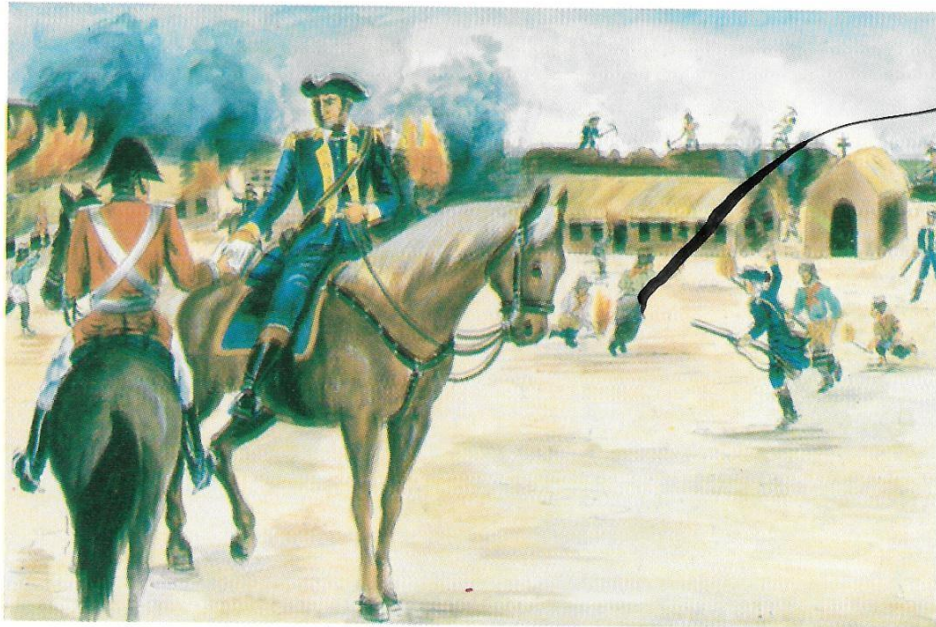
Sua projeção maior foi no campo militar. Foi ele o planejador secreto, como



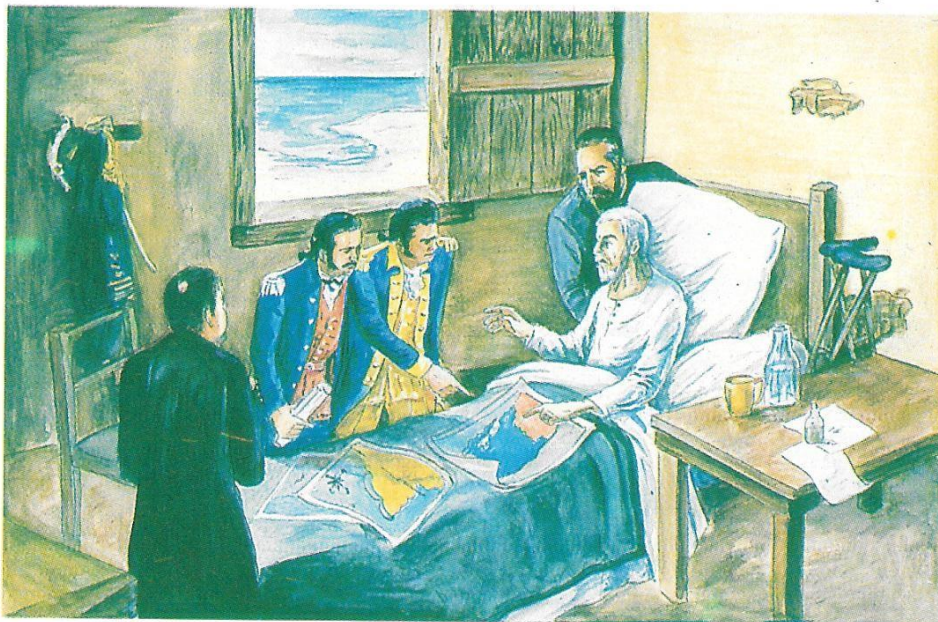
Comandante Militar do atual território da 3ª RM, da vitoriosa guerra de 1801 aqui estudada.

Seu heroísmo decorreu do fato de, mesmo preso ao leito, por doença, haver conduzido a guerra em sua fase mais crítica, até falecer em 5 Nov. 1801 na vila de Rio Grande, em seu Quartel General, aos 59 anos de idade.

Arrazamento de Santa Tecla pelos Dragões do Rio Pardo - 1801



Ten. Gen. Veiga Cabral - Governador Militar e Civil do Rio Grande. Comandou de seu leito de morte, em Rio Grande, a vitória em 1861



CMS 3ª RM: Estudos Célia Silva / Pesquisa, texto, orientação - Cel. Cláudio Moreira Bento

Só foi superado a frente do governo do Rio Grande por Borges de Medeiros.

Até então três eram os tradicionais caminhos de invasão do território da 3ª RM:

- Por São Borja - Rio Pardo
- Por Aceguá - Santa Tecla - Rio Pardo
- Pelo Chuí - Rio Grande

Ele percebeu a existência de outro com base no forte Cerro Largo (Mello), caminho que em sentido contrário os guerrilheiros de Pinto Bandeira percorreram 1773-77: Canguçu, Piratini, Herval, passo Centurion, Mello, para penetrar no atual Uruguai, desviando-se dos fortes de Santa Tereza e Santa Tecla.

Antes de 1801, ele estimulou a criação das povoações de Canguçu, Piratini e Herval para barrar esta via de acesso pela linha seca, no dorso da Serra dos Tapes.

Em Canguçu, ela poderia infletir tanto para Rio Grande como para o Rio Pardo, barrando o caminho histórico de articulação destas duas bases militares ou fronteiras do Rio Pardo e do Rio Grande, divididas pelo rio Camaquã.

Em razão desta guerra, foi determinada a fundação de Canguçu em 1800, conforme estudo em: Canguçu reencontro com a História. Palegre. IEL, 1983.

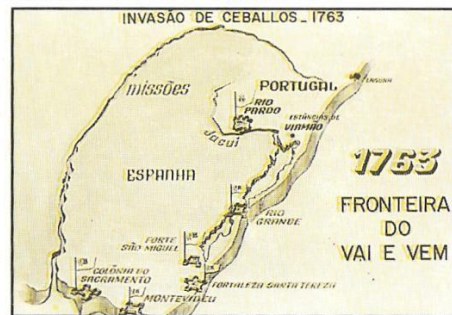
Foi desta localidade que as guerrilhas de Rafael Pinto Bandeira ameaçavam os espanhóis em Rio Grande; e era o local onde guardavam o gado vacum e cavalos arreados dos espanhóis e de onde, na Encruzilhada do Duro, atual Coxilha do Fogo, vigiavam as passagens do rio Camaquã, como proteção, à distância, da reconquistada vila do Rio Grande.

Fronteira do Vai-e-Vem, do Tratado de Madrid (1750) ao de Santo Ildefonso (1777)

Tratado de Madrid de 1750 (previsão)



Invasão de D. Pedro Ceballos 1763



Invasão do Gen. Vertiz y Salcedo 1774-75



Tratado de Santo Ildefonso 1777 (previsão)



Convenção: parte mais escura domínio de Portugal, e mais clara domínio de Espanha.



## **CAPÍTULO 3**

### **A PARTICIPAÇÃO BÉLICA DA 3ª RM NA COLÔNIA 1811-21**

De 1811-21, a 3ª RM, como comando independente, participou da primeira campanha militar sob o comando do seu 1º comandante e atual patrono D. Diogo de Souza. Foi no episódio conhecido como Campanha do Exército Observador e Pacificador da Banda Oriental 1811-12.

#### **A Campanha do Exército Pacificador da Banda Oriental**

Com o movimento de Independência da Espanha das províncias que constituíam o Vice Reinado do Prata, o governador Élio, de Montevidéu, manteve-se fiel à Espanha. Montevidéu foi cercada por forças de Buenos Aires e de orientais (uruguaios) de Artigas. Portugal organizou o Exército de Observação na Capitania do Rio Grande do Sul, no território da 3ª RM e ao comando de D. Diogo de Souza. A finalidade era prevenir na novel capitania, os reflexos das lutas que incendiavam o Rio da Prata.

#### **O Exército Observador da Banda Oriental**

Foi organizado sob o comando geral do Cap. Gen. D. Diogo de Souza, primeiro comandante da 3ª RM e governador da capitania de São Pedro do Rio Grande.

Sua concentração inicial foi feita nos seguintes locais:

- Nos serros de Bagé, ao comando do Mar. C. de Cavalaria Manoel Marques de Souza (I), comandante da Fronteira do Rio Grande.

Compunha-se esta força de 2 BI de Rio Grande, 2 Esqd de Cav Ligeira, 4 Esqd de Cav da Legião de São Paulo e 1 Esqd de Cav de Milícias do Rio Grande.

- No acampamento de São Diogo junto ao rio Inhanduí (a 25 Km NO de Alegrete), ao comando do Mar. C. de Infantaria Joaquim Xavier Curado, comandante da Fronteira do Rio Pardo.

Compunha-se esta força de 2 BI da Legião de São Paulo, 1 Regimento de Dragões de Rio Pardo, 2 Bia de Art Montada da Legião de São Paulo, 1 Esqd de Cav de Milícias de Rio Pardo e 1 Cia de Lanceiros guaranis.

A finalidade deste agrupamento era prevenir e impedir incursões artiguenhas ao longo da linha dos rios Quaraí e Uruguai e, principalmente, nos Sete Povos das Missões.

Em abril, do acampamento de São Diogo, foi destacado para São Borja ao comando do Cel. João de Deus Menna Barreto, o seguinte grupamento de forças: 1 Regimento de Dragões de Rio Pardo, 2 Cias de Infantaria e 1 Bia de Artilharia da Legião de São Paulo e 2 Esqd de Cav de Milícias de Rio Pardo.

## O Exército Pacificador da Banda Oriental

Em Maio 1811, o governador Élio de Montevideu foi sitiado pelo argentino Rondeau e por tropas orientais de Gervásio Artigas.

Élio solicitou socorro a D. João VI, cunhado do rei D. Fernando da Espanha, que fora aprisionado por Napoleão.

Em consequência, D. João determinou a invasão da Banda Oriental pelo Exército de Observação, agora transformado em Exército de Pacificação da Banda Oriental.

### A invasão da Banda Oriental

D. Diogo de Souza ordenou que todas as forças no território da 3ª RM se concentrassem em Bagé. Deixou uma pequena cobertura em São Borja e ao longo das fronteiras. Em 17 Jul., o Exército Pacificador rumou para o rio Jaguarim.

Em 23 Jul., o Mar. Marques de Souza (I) invadiu o Uruguai e tomou posse de Cerro Largo (atual Mello). Sua força compunha-se de 2 Esqd de Cav Ligeira e 2 Esqd de Cav de Dragões.

De retorno, a coluna principal de Marques de Souza (I) foi obrigada a acampar, na noite de 23/24 Jul. 1811, em local inadequado. O guia da coluna errou o caminho em virtude de forte cerração. A tropa passou uma noite debaixo de chuva, sob frio intenso, com cavalos presos pelas rédeas, em várzea desabrigada e destituída de lenha. Ao amanhecer, foram encontradas diversas sentinelas mortas pela ação do frio intenso e vários doentes.

CVS 3ª RM - Aquarela Alvaro Martins / Pesquisa, texto e orientação - Cpl. Claudio Moreira Bento



*Ten. Gen. D. Diogo de Souza e Conde do Rio Pardo. 1º Governador do Rio Grande do Sul e 1º Comandante e Patrono da 3ª RM. Comandou o Exército Pacificador da Banda Oriental em 1811-12. É considerado o fundador de Bagé, evento representado nessa gravura (vide síntese biográfica no texto).*



Em 5 Set., Marques de Souza (I), à frente de 300 cavalarianos, apossou-se da Fortaleza de Santa Tereza, no Uruguai, abandonada pelo inimigo, então forte de 350 homens e 4 canhões.

Na mesma noite vanguardas de Marques de Souza penetraram no acampamento inimigo de Castilhos, onde fizeram 16 prisioneiros e apresaram 300 cavalos.

Prosseguindo em seu avanço fulminante, Marques de Souza (I) surpreendeu o inimigo concentrado em Rocha. Neste local aprisionou o Cap. Castilhos, penúltimo comandante da Fortaleza de Santa Tereza, o Cap. Gordilho e mais 10 homens, além de apresiar 200 cavalos.

D. Diogo de Souza mandou reparar as pequenas brechas da Fortaleza de Santa Tereza e guarneceu-a com duas peças de 12 e 18 libras, morteiros, 1 obus e 235 homens.

A 3 Out. o Exército Pacificador retomou sua marcha. Em 11 dias de marcha forçada, atingiu Maldonado, sem que o inimigo intentasse qualquer reação ou ações diversionárias sobre as desguarnecidas fronteiras do Rio Grande. Neste local, incorporou-se ao Exército Pacificador o historiador José Feliciano Pinheiro, mais tarde visconde de São Leopoldo, primeiro Presidente da Província do Rio Grande de São Pedro e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e sogro do Mar. Câmara e Visconde de Pelotas.

Daí por diante, como coronel graduado, o futuro visconde de São Leopoldo acompanhou o Exército Pacificador, deixando o testemunho sobre este feito militar em seus Anais da Província de São Pedro (Rio, INL, 1946, p. 222-232).

D. Diogo de Souza avançou, baseado nos excelentes trabalhos de Informações Militares realizados pelo Mar. Curado, que, em longa permanência no Rio da Prata, em missão diplomática, havia levantado todas as possibilidades e valor do inimigo.

Em 14 Out, o governador Élio mandou a Maldonado aviso a D. Diogo, pedindo que recolhesse para o Rio Grande o Exército Pacificador, em razão de haver concertado um armistício com os argentinos e orientais, por imposição de interesses britânicos.

Rondeau retirou-se para Buenos Aires, e Artigas, para Entre-Rios.

Artigas, em sua retirada para a banda ocidental do rio Uruguai, foi atacado, em Salto, pelo Maj. Manoel Santos Pedroso (o conquistador das Missões), à frente de 150 homens.

Conhecidos os termos do armistício, Santos Pedroso deixou de pressionar Artigas e recolheu-se ao rio Arapeí.

No Arapeí foi surpreendido por uma cilada que lhe prepararam 900 orientais. Conseguiu escapar para o Rio Grande.

Face a estas ameaças de parte de Artigas e seus seguidores, D. Diogo de Souza destacou de Maldonado para o acampamento de São Diogo, em fins de dezembro de 1811, os regimentos de Dragões e de Milícias de Rio Pardo ao comando do Cel. Thomaz da Costa.

No início de 1812, em Maldonado, D. Diogo de Souza ordenou uma convocação geral no Rio Grande do Sul. Todos os homens entre 16 e 40 anos seriam obrigados a se apresentar dentro de 10 dias.

Deixando Maldonado, o Exército Pacificador rumou para Paissandu, passando por Pão de Açúcar, Passo de Cuelo, Cerro Pelado, Passo do Durazno, Rio Yi, Rio Negro, Arroio Maio, face à ameaça de Artigas.

Esta marcha foi realizada de 16 Mar. a 2 Maio de 1812, durante 48 dias, nos quais foram percorridas 96 léguas. Chegando em Paissandu, D. Diogo de Souza entrincheirou o seu Exército.

Esta marcha do Exército Pacificador não foi pacífica, como se crê. Suas forças tiveram que enfrentar diversas guerrilhas artiguenhas. Em 8 Abr., o Cel. Oliveira surpreendeu uma força de 200 artiguenhos atravessando o Rio Negro. Deste ataque resultaram: 10 orientais mortos, 7 prisioneiros e o apresamento de 300 cavalos.

O Cap. Adolpho destroçou uma partida de 100 artiguenhos, empenhada em arreadas em Cerro Largo e rio Negro.

O Cel. Thomaz da Costa partiu de São Diogo à frente dos Dragões e Milicianos de Rio Pardo. Atacou Artigas entre o Quaraí e Ibicuí, obrigando-o a repassar o Uruguai com 300 cavalos, 6 homens e 4 clavinas, a menos.

Próximo a Cerro Largo, os portugueses bateram o caudilho Vila de Mouros, matando 37 e aprisionando 56.

## **A luta nos Sete Povos das Missões**

Partindo de São Borja, 80 homens, ao comando de Bento Manoel Ribeiro atacaram o povo de Japejú (local de nascimento de San Martim), obrigando seus defensores a evacuá-lo.

O Cel. de engenheiros Francisco Chagas Santos, comandante do Distrito Militar nos Sete Povos das Missões, à frente de 300 milicianos e índios guaranis, atacou o povo de São Tomé, destruindo-o por completo.

Neste raide, incendiou casas, destruiu carretas, matou 150 homens e afogou no rio mais de 3 000 cabeças de gado.

Na madrugada de 12 de Jun., o Cap. de Dragões José de Abreu, à frente de 300 cavalarianos e infantas, destruiu, junto ao arroio Laurelís, no Uruguai, índios minuanos e charruas que compunham a vanguarda de Artigas. Morreram nesta ação 4 caciques e 80 índios minuanos e foram apresados de 2 500 a 3 000 cavalos.

## **Retorno do Exército Pacificador**

Em 10 Jun., D. Diogo de Souza, em Paissandu, recebeu ordens de D. João VI de retirar-se da Banda Oriental, em razão de armistício.

Em 13 Jun., o Exército marchou para as cabeceiras do Cunha Perú, onde permaneceu durante três meses.

Em 12 Set. 1812, o Exército Pacificador, em duas colunas, marchou para Bagé (tropas da Fronteira do Rio Pardo, ao comando de Xavier Curado) pelo Passo de N. S. da Conceição, que ficava junto ao passo das Perdizes, no rio Jaguarão, de onde Marques de Souza (I) partira, em Out. 1801, para conquistar a Fortaleza de Cerro Largo.

Atualmente, fica no município de Herval do Sul, a uma légua do sul da confluência do arroio Jaguarão Chico com o rio Jaguarão.

Em Bagé e N. S. da Conceição (município de Herval), as tropas milicianas foram desmobilizadas; e o restante se recolheu, respectivamente, em Rio Pardo e Rio Grande.

Em consequência desta ação, D. Diogo de Souza foi agraciado com o título de conde de Rio Pardo.

A consequência relevante deste evento foi a incorporação, de fato, ao Brasil, do rico distrito de Entre-Rios, onde se situam-se os municípios de Uruguiana, Quaraí, Santana do Livramento, Alegrete e parte dos municípios de Rosário do Sul e D. Pedrito.

Do acampamento de D. Diogo, na guarda de São Sebastião surgiria a cidade de Bagé e do acampamento de São Diogo surgiria a cidade de Alegrete, o primeiro povoado português a oeste do rio Santa Maria.

A primeira povoação no distrito de Entre-Rios (quadrilátero formado pelos rios Uruguai, Quaraí, Ibicuí e Santa Maria) originou-se no acampamento do Mar. Xavier Curado, em São Diogo (25 Km NO de Alegrete).

O acampamento de São Diogo serviu de base de operações de um destacamento ao comando do Cap. José de Abreu, que expulsou da região os artiguenhos que tentaram invadí-lo, batendo-os em diversas ocasiões. Em 1814, o povoado de São Diogo foi incendiado pelo artiguenho Verdun. Seus habitantes abandonaram o local e se estabeleceram em Alegrete, dando origem à atual cidade.

São Diogo passou a ser conhecido, desde então, como Capela Queimada.

## **A conquista do distrito de Entre-Rios**

A conquista, de fato, do distrito de Entre-Rios resultou de uma operação combinada entre o Exército Pacificador, em Paissandu e, após, nas pontas do Cunha Peru, o Cel. Chagas Santos, em São Borja e tropas do Cel. Thomaz da Costa e do Cap. José de Abreu, atuando entre os rios Arapeí e Ibicuí, para manter Artigas confinado na margem direita do rio Uruguai. Este objetivo militar foi conseguido.

D. Diogo de Souza nesta campanha doou muitas sesmarias a militares que dela participaram. E, assim, as povoou com lideranças capazes de desenvolvê-las e defendê-las militarmente, sempre que necessário.

Foi assim que a atual 3ª RM teve seu batismo de fogo e sangue com o concurso da Infantaria, Cavalaria e Artilharia da Legião de São Paulo, um apoio das atuais 2ª, 6ª e 5ª regiões militares.

A população do Rio Grande do Sul era de cerca de 70 000 habitantes.

Terminada esta campanha, a 3ª RM continuava em pé de guerra, face à agitação em Montevideu, novamente sitiada por Rondeau, e à luta entre Artigas e os argentinos para exercerem soberania sobre o Uruguai. E neste embate o Rio Grande do Sul foi atingido, motivando as guerras Cisplatinas 1816-28, nas quais a 3ª RM e seu território foram intensamente envolvidos, assunto que foi tratado amplamente na recente obra do historiador militar:

DUARTE, Paulo Queiroz, Gen. Lecor e a Cisplatina. Rio, BIBLIEX, 1984-85. 3 v.

## **Interesses em conflito no Rio da Prata**

A prisão do rei D. Fernando da Espanha, por Napoleão, detonou o processo de Independência, entre outros países, da Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia.

Em consequência, Portugal vai se chocar com vários interesses geopolíticos no Prata, envolvendo o território da 3ª RM.

A Argentina, sonhando reconstituir o antigo Vice-Reinado do Prata, incluindo partes do Rio Grande do Sul, do Uruguai, Paraguai e Bolívia.

O Uruguai sonhando Artigas, com sua independência, incluindo territórios do Rio Grande do Sul.

O Paraguai sonhando reconstituir, independente, o antigo império teocrático guarani que incluiria os Sete Povos do Rio que incluiria os Sete Povos do Rio Grande do Sul , a antiga província de Tape.

A Inglaterra com interesses no Prata, conflitantes com os de Portugal; e a Espanha, tentando segurar-se no Prata, mantendo o domínio sobre o atual Uruguai.

Soma-se a este o empenho de Portugal, e depois do Brasil, de assegurar a livre navegação no rio da Prata, para melhor comunicar-se com o Mato Grosso, onde formadores do rio Prata nasciam.

Dentro destes conflitos de interesses que se prolongariam até 1870, a 3ª RM constituiu-se num dos principais instrumentos para preservar os interesses do Povo Brasileiro na Bacia do Prata. E é o que se verá a seguir.

## Organização e Evolução da 3ª RM

Seria exaustivo aqui enumerar a evolução e a organização da 3ª RM, além da indicação de suas mudanças de denominação.

Podem o leitor e pesquisador interessados acompanhar a mudança das denominações sucessivas de suas unidades constituídas na seguinte obra:

MINISTÉRIO DA GUERRA. O Exército Brasileiro. Rio, Imprensa Nacional, 1838 e sua Corrigendas de 1939.

Para acompanhar as atividades da 3ª RM anualmente, consultar as seguintes publicações:

- Relatórios do Ministério da Guerra até 1938.
- Almanques de Oficiais do Exército 1840-1994.

Muitos relatórios do Ministério da Guerra dão a organização da 3ª RM, ano a ano, e suas OM constitutivas.

A principal fonte histórica da 3ª RM são os seus boletins diários, que já foram chamados de ordem do dia e detalhe.

Auxilia o estudo desta evolução a obra do pensador e historiador militar do Exército:

MAGALHÃES, J. B., Cel. A evolução militar do Brasil. Rio BIBLIEX, 1958.

## As guerras com Artigas 1816-20

O Exército Pacificador de D. Diogo de Souza, expressivamente constituído de tropas da 3ª RM, reinternou-se no Rio Grande, em 1812, em razão de armistício imposto pela Inglaterra, celebrado entre os espanhóis de Montevideú e os sitiados orientais e argentinos, que o desrespeitaram.

Mas, em 20 Jun: 1814, Montevideú capitulou e entregou-se à Argentina. E o futuro do Uruguai oscilava entre quatro interesses conflitantes. Será província Argentina? Protetorado da Inglaterra? Nação independente como sonhava Artigas? E por que não província portuguesa, sonhada pela rainha de Portugal, irmã do rei de Espanha prisioneiro de Napoleão?



E foi por esta solução que Portugal optou. E ainda pela intervenção no Rio da Prata que, no mínimo, traria como vantagem a definição dos limites entre os atuais Uruguai e Rio Grande do Sul.

O governador do Rio Grande e comandante, então, da 3ª RM era, desde 13 Nov. 1814, o Marquês de Alegrete - Luiz Teles da Silva Caminha e Menezes. Ele tomou conhecimento que Artigas influenciava os Sete Povos das Missões, português desde 1801, no sentido de que os mesmos se unissem em torno de sua bandeira.

Considerou o comandante da 3ª RM o grande perigo que esta ação de Artigas encerrava. Propôs, então, uma ação contra Artigas levada a efeito pelas tropas da 3ª RM.

Em 1815 o Brasil foi elevado à condição de Reino Unido a Portugal e Algarves.

Portugal, com seu governo no Rio de Janeiro, foi mais além. Decidiu ocupar, antes que outrem o fizesse, o atual Uruguai. Para tal, contaria com as tropas da 3ª RM auxiliadas pela Divisão de Voluntários Reais, que mandou vir de Portugal, integrada por combatentes veteranos das lutas napoleônicas e ao comando do Ten. Gen. Carlos Frederico Lecor. Divisão composta de 4.830 homens, com duas brigadas. Cada brigada dispunha de 2 BC, 3 Esqd Cav e um Parque de Artilharia. Esta divisão foi estudada detalhadamente pelo Gen. Paulo Queiroz Duarte, no citado Lecor e a Cisplatina.

O comandante da 3ª RM, antes de receber este apoio, tratou de organizar, equipar e instruir sua tropa para a eventualidade que propusera. Concentrou na Fronteira do Rio Pardo a Artilharia e a Infantaria da Legião de Tropas Ligeiras de São Paulo, o Regimento de Dragões do Rio Pardo, o R Cav de Milícias, o RI de Santa Catarina e o 2º Esqd Cav da Legião de São Paulo. Mais um esforço das atuais 2ª e 5ª RM.

Estimulou a defesa local das áreas ameaçadas, com a formação de forças irregulares (guerrilhas) e voluntários.

## **A 1ª Campanha contra Artigas 1816-17**

Tropas orientais, no final de Jul. 1816, estabeleceram o seguinte dispositivo para invadir o território defendido pela 3ª RM:

- No corte do Quaraí: Artigas, com 1000 homens, próximo a Santana e a 18 Km a jusante (abaixo), Verdun, lugar-tenente do líder, com forte contingente.
- No corte do Uruguai: Andresito Artigas, filho adotivo do líder e nascido em São Borja. Visava invadir o Rio Grande e atacar São Borja, sede do comando militar subordinado a 3ª RM nos Sete Povos. E, mais a jusante, Sotelo, visando penetrar no distrito de Entre-Rios, para dominá-lo e, a seguir, auxiliar Andresito nas Missões.

O plano de Artigas visava, segundo alguns intérpretes, a:

- Opor-se com pequeno efetivo a Lecor em sua marcha para Montevidéu
  - Com o grosso de suas forças, levar a guerra ao território defendido pela 3ª RM.
  - Conquistar os Sete Povos das Missões.
  - Com os reforços aí recebidos bater as tropas do Marquês de Alegrete e, a seguir, cair sobre a retaguarda de Lecor e sua Divisão de Voluntários Reais.
- O plano português segundo interpretamos, visava a:

- Avançar com a Divisão de Voluntários Reais contra Montevideu e principais cidades uruguaias.
- Com as tropas da 3ª RM, defender nas linhas dos rios Uruguai e Arapeí, impedindo a invasão oriental ou a permanência oriental no Rio Grande, caso já o tivesse invadido.

Numa 2- fase, o plano previa:

- A Divisão de Voluntários Reais, partindo de Montevideu para o norte, e a 3ª RM para o sul, esmagar Artigas, comprimindo-o numa manobra de pinça.

Ao cair em mãos de um posto de fronteira português uma ordem de Artigas a um subordinado, a 3ª RM tomou conhecimento da invasão iminente de seu território.

O alarma se espalhou! Foram tomadas providências com a evacuação do que fora aconselhável. Formaram-se espontaneamente corpos auxiliares de guerrilhas, inclusive dispendo de vaqueanos e bombeiros (observadores avançados).

A Fronteira de Rio Pardo, ao comando do Ten. Gen. Joaquim Xavier Curado cerrou sobre a fronteira do Uruguai, onde concentrou sua tropa no rio Ibirabuitã-Chico, local onde devia ficar também em condições de socorrer os Sete Povos das Missões.

O primeiro embate teve lugar em 22 Set. 1816, com desvantagem para os defensores ante a superioridade oriental.

Verdun e Sotelo invadiram o Rio Grande do Sul. Tropa ao comando do intrépido Ten. Cel. José de Abreu atacou Sotelo, que foi obrigado a reatruvessar o Uruguai com pesadas perdas.

## A 1ª invasão dos Sete Povos das Missões

Andresito Artigas invadiu São Borja e foi cercado, numa proporção de 10x1, pelo Cel. Chagas Santos. Abreu repeliu nova tentativa de invasão de Sotelo. Em

27 Set., após épica travessia do Ibicuí, bateu-se pela terceira vez com Sotelo, cuja coluna destruiu. Marchou, célere, para São Borja sitiada e, em 3 Out., caiu de surpresa sobre os sitiados, aos quais havia se reunido Sotelo. Abreu bateu Andresito e Sotelo, causando-lhes pesadíssimas baixas. Os dias seguintes foram de intensa perseguição. O intrépido Ten. Cel. José de Abreu - o Anjo da Vitória, como passou a ser chamado, em 9 dias de ação fulminante e revelando incomum energia, varreu o inimigo da margem esquerda do Uruguai e das Missões. Futuramente será um comandante da 3ª RM.

A seguir, o ataque recaiu sobre Verdun que foi alcançado por força ao comando do Brig. João de Deus Menna Barreto e derrotado em 19 Out. no combate de Ibirocaí, através do uso de um providencial artilharia: simulação de retirada que fez o inimigo abandonar posições para a perseguição. Em seguida, uma parada brusca seguida de contra ataque sobre o inimigo surpreso e desarticulado.

Derrotados Sotelo, Andresito e Verdun, restava Artigas.

## O combate de Carumbé

Em 27 Out., Artigas foi alcançado próximo a Santana, no local denominado Carumbé (cágado), por tropas ao comando do Brig. Joaquim Oliveira Alvares. As

forças de Artigas eram mais numerosas, mais as da 3a RM, com a Cavalaria nas alas, a Infantaria no centro, e apoiadas em duas peças caíram sobre Artigas, obrigando-o a retirar-se com as ordens de ao trote e, a seguir, a galope.

Carumbé concretizou a expulsão dos invasores do território da 3a RM, cuja tropa foi proibida de ultrapassar a fronteira. Retornou então para o Ibirapuitã-Grande onde se reorganizou, inclusive com fardo material de guerra e cavalos capturados em Carumbé.

O comandante da 3a RM, Marquês de Alegrete, assumiu o comando. Conheceu reunião de Artigas em Arapeí. Decidiu invadir o Uruguai! Em 3 Jan. 1817, o Cel. José de Abreu bateu os orientais em Arapeí.

## O combate de Catalão

No dia 4 Jan. teve lugar o combate de Catalão. Nele, o comandante da 3a RM liderou em pessoa seus comandados. Foi uma luta árdua, dada à impetuosidade de Artigas. A vitória esteve por muito tempo indecisa e até pendendo para os orientais. Foi quando atacou a Cavalaria do Cel. José de Abreu - o Anjo da Vitória, e lançou a Cavalaria de Latorre para longe do local da batalha.

Com o flanco esquerdo exposto, Artigas foi rapidamente batido. Buscou abrigo na margem direita do rio Uruguai onde dispunha de cavalos, bovinos, re completamento e apoio para produção de itens bélicos.

## Incursão na margem direita do Uruguai

Foi então que o Marquês de Alegrete determinou ao Brig. Chagas Santos que organizasse, a partir de São Borja, uma expedição para destruir as bases logísticas de Artigas, com vistas a novas invasões do Rio Grande.

Assim, de 14 Jan. -13 Mar. 1817, o Brig. Chagas Santos, à frente de uma coluna de três armas, demoliu e saqueou as povoações de Japeju, La Cruz, São Tomé, Santa Maria, São Xavier, Mártires e Conceição e saqueou as povoações de São José Apóstolos e São Carlos além de, talar e saquear, em operação de guerra, a margem direita do Uruguai num raio de 80 léguas.

Mas, em que pese esta operação de destruição das bases de partida de Artigas contra as Missões, permaneceu intacta a povoação de Apóstolos, onde Andresito reuniu importante contingente.

Mais uma vez Chagas Santos atravessou o Uruguai, mas desta vez foi repellido e retornou a São Borja.

## A invasão pelo litoral pela Divisão de Voluntários Reais

A Divisão de Voluntários Reais prossegue sobre o litoral. Em 10 Nov. 1816 combateu em Índia Muerta. Em 12 Dez. 1816 em Cassupá. Em 20 Jan. 1817, a Divisão de Voluntários Reais entrou em Montevidéu, precedida de destacamentos da 3a RM e após 16 dias da decisiva batalha de Catalão.

Esta campanha revelou o primeiro historiador militar do Brasil, como Reino Unido. Foi o Cel. Diogo Arouche de Moraes Lara em Memória da campanha de 1816

(RIHGB, t - 7, 1845, p. 122-173), que morreu em combate na próxima campanha nas Missões.

## **O comandante da 3ª RM na 1ª Guerra contra Artigas**

Mar. C. Luiz Teles da Silva Caminha e Menezes, 5º Marquês de Alegrete (1775-1828). Chegou ao Brasil como coronel na comitiva da Família Real. Brig. em 13 Mar. 1808. Mar. C. em 5 Jun. 1811 e Ten. Gen. em 24 Jun. 1817, como prêmio à vitória de Catalão, que obteve sobre Artigas, em 4 Jan. 1817. Governou São Paulo, de onde veio para o governo do Rio Grande, que exerceu de 13 Nov. 1814 - 19 Out. 1818, por quase 4 anos. Foi conselheiro de Guerra. Retornou a Portugal com D. João VI. Foi casado em primeiras núpcias com D. Francisca de Noronha - Marquesa de Alegrete, que esteve ao seu lado na batalha de Catalão, onde se tornou notável pela assistência moral e de enfermagem prestada aos feridos junto com o capelão D. Feliciano Rodrigues Prates que veio a ser o 1º bispo do Rio Grande do Sul. Faleceu em Lisboa, em 21 Jan. 1818, com 55 anos incompletos. Seu título foi imortalizado na cidade de Alegrete.

## **A 2ª campanha contra Artigas 1819-20**

Ao final da 1ª campanha, tropas da 3ª RM haviam feito a vanguarda da Divisão de Voluntárias Reais, além de haver fixado no corte dos rios Quaraí e Uruguai, expressivos efetivos ao comando de Artigas que, ao tentar invadir o Rio Grande foi dele repellido com pesadas perdas e batido em Catalão.

Nas Missões, tropas da 3ª RM invadiram os povos do outro lado do Uruguai, arrasando-os para prevenir futuras invasões.

Mas Artigas conseguiu ainda reunir dois exércitos. Um foi lançado ao comando de Ramirez contra Buenos Aires. O outro, a seu comando, concentrou próximo de Santana, por onde lançaria sua última cartada.

O conde da Figueira, novo comandante da 3ª RM, concentrou suas forças em Bagé, para dali auxiliar as forças de Montevideú, seguindo ordens do Rio.

## **A 2ª Invasão dos Sete Povos das Missões**

O conde conheceu que Andresito Artigas invadira as Missões em 25 Abr. 1819, à frente de 2 000 homens, pelo passo de Santo Izidoro e que se apoderara dos povos de São Luiz Gonzaga e São Nicolau.

O Mar. C. Chagas Santos despachou contra ele uma força ao comando do Cel. Diogo Moraes de Arouche Lara, o primeiro historiador militar do Brasil, como Reino, e filho do Mar. Arouche, o fundador da Escola de Direito de São Paulo e seu 1º diretor.

Reunindo-se a Arouche Lara, o Mar. Chagas Santos atacou São Nicolau. E foram repellidos, morrendo na ação o Cel. Arouche Lara citado da Legião de São Paulo e nosso patrono no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

O conde da Figueira socorreu as Missões. Operou junção com o Brig. Chagas Santos. Em 3 Jun. 1819, atingiu São Nicolau, que encontraram abandonada por Andresito.



Ordenou ao Cel. José de Abreu que perseguisse Andresito junto à margem esquerda do Piratini. Destacou uma força para uma possível limpeza de inimigos nos povos de São Miguel, São Lourenço, São João e Santo Angelo.

Andresito, ao deixar São Nicolau, rumou para o sul a fim de juntar-se a Artigas.

Foi surpreendido e preso por uma patrulha em 24 Jun. 1819, quando tentava atravessar o Uruguai, após ter sido completamente destroçado, próximo ao Rincão do Carovi, pelo Cel. José de Abreu.

Foi remetido preso para fortaleza de Santa Cruz no Rio. Anos mais tarde voltou a Montevideú onde faleceu. Sua prisão foi um duro golpe para Artigas, que perdeu um de seus melhores comandantes.

Assim, as Missões ficaram livres da 2ª invasão.

### Ações das guerrilhas da 3ª RM

Artigas sofreu outro golpe com a prisão, em maio, do Cel. Fernando Otórgues, pelo Cap. de guerrilhas Bento Gonçalves da Silva, após surpreendê-lo em Vila Nova de Cordovez, em 6 Maio 1819. Otórgues chegou ao Rio, preso, em 25 Jun. 1819.

Após expulsar os invasores das Missões, o conde de Figueira enviou o Cel. José de Abreu para guarnecer a linha do rio Arapeí e deslocou a força, que estava em Bagé, para Las Canas. Mandou guarnecer a atual Jaquarã.

O Ten. Gen. Manoel Marques de Souza desde abril guarnecia o forte de Santa Teresa.

Os guerrilheiros Bento Gonçalves da Silva, Albano de Oliveira, Bento Manoel Ribeiro, Jerônimo Gomes Jardim e outros, através de diversas ações, minaram o poder de Artigas e Rivera no Uruguai.

### O dispositivo defensivo da 3ª RM em 1819

O conde da Figueira comandou todas estas ações. Sabedor, desde 10 Out. 1818 no comando da 31 RM, que Artigas, com numerosa força, retornara ao Uruguai, o conde da Figueira determinou o seguinte dispositivo para a 3ª RM:

- Manter ocupada Santa Tereza;
- Manter a vigilância da fronteira Rio Grande - Uruguai;
- Manter o Brig. José de Abreu no corte de Arapeí;
- Concentrar próximo a Itaqui e Cunha Peru apreciável contingente ao comando do Brig. Bento Correia da Câmara, em condições de apoio mútuo com o Brig. José de Abreu. Juntos, eles somavam 900 homens;
- Ficar em Porto Alegre em condições de acudir ao primeiro chamado, enquanto aguardava esquadra de Cadiz.

Em Jan. 1820, Artigas, após ser pressentido por José de Abreu em seu acampamento em Taquarembó, próximo a Santana, invadiu o território da 3ª RM. Obrigou o Cel. José de Abreu, em inferioridade de meios, a retirar com pesadas perdas para o passo do Rosário, onde foi acolhido pelo Brig. Correia Câmara, após épica retirada!

No dia 27 Dez., Correia Câmara e Abreu atacaram, no vale do Ibicuí da Armada, uma tropa de Cavalaria inimiga que se recolheu com pesadas perdas para o acampamento oriental em Taquarembó.

## A batalha de Taquarembó

O conde da Figueira, comandante da 33 RM, em manobra fulminante, deslocou-se de Porto Alegre com reforços para assumir pessoalmente o comando, causando profunda e positiva impressão no sábio Saint Hilaire que, na época, viajava pela Capitania e que a imortalizou em sua obra sobre o Rio Grande na época.

E, com a mesma rapidez, lançou-se sobre um contingente inimigo que arreará mais de 1 000 vacuns do território que invadiram. Bateu o inimigo e recuperou a tropa valiosa.

Prisioneiros feitos lhe revelaram que o Exército de Artigas estava acampado nas nascentes do Taquarembó-Chico. Então cerrou para Itaqui.

A posição artiguista era forte. A frente era protegida por um banhado profundo e nos flancos, por um meandro do Taquarembó, com margens altas.

Em 20 Jan. 1820, sob o comando direto do conde da Figueira, teve lugar o ataque. José de Abreu irrompeu através do banhado e atacou a frente inimiga. Correia Câmara caiu sobre um flanco, após atravessar o Taquarembó. O comandante inimigo Latorre, vendo a ameaça, atravessou em vários pontos o Taquarembó, sob perseguição. O comandante da 3- RM, de espada em punho, lançou-se à luta, animando seus liderados. Em pouco tempo, o inimigo foi vencido; deixando no campo de batalha 1 General, 25 oficiais e 1 269 praças mortos. Foi uma catástrofe!

Artigas fazia algum tempo já se retirara de Taquarembó. Com alguns liderados, dirigira-se para Curuzu-Quatiá (Comentes).

Complicações políticas nas antigas províncias platinas terminaram por obrigarem Artigas a se exilar no Paraguai, em 29 Set. 1820, de onde não mais retornou.

## Consequências

O Uruguai terminou sendo incorporado, em 31 Jul. 1821, ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves com o nome de Província Cisplatina.

Em função desta guerra, foram estabelecidos os atuais limites do Rio Grande com o Uruguai, que até hoje permanecem, à exceção de modificação no Chuí, em 1909.

Despontou nestas guerras um grande e legendário líder de combate - José de Abreu, batizado Anjo da Vitória. Sua intrepidez e valor impressionaram sobretudo o futuro barão de Rio Branco que fez sua estréia como historiador militar brasileiro ao biografá-lo, e, em função disso, ser admitido jovem na IHGB.

O trabalho do barão do Rio Branco foi publicado na RIHGB com o título Gen. José de Abreu - barão do Cerro Largo (Guerras contra Artigas 1816-1821).

Paula Cidade estudou José de Abreu em Dois ensaios de História Rio, BIBLIEX, 1966.

O barão do Rio Branco, historiador militar assinalado, registra valiosos subsídios para a História da 3ª RM, em sua Efemérides Brasileiras.

## **A Legião de São Paulo 1801-24 - A legião esquecida**

Prestou assinalado concurso de 1801-24 a 3ª RM a Legião de Tropas Ligeiras de São Paulo, presente em todo o nosso relato. Tropa proveniente das atuais 2-RM e 5ª RM.

É estudada pelo Cel. PMSP Edilberto Oliveira Melo, em Raízes do Militarismo Paulista (São Paulo, Imprensa Oficial, 1982), que indica outras fontes.

Após haver atuado no Rio Grande, 1774-78, retornou a São Paulo. Em 1801, foram mandadas a sua Cavalaria e Artilharia para o Rio Grande. Em 1808, ela foi reorganizada da seguinte forma:

- Estado-Maior Geral
- Corpo de Infantaria, com Estado-Maior e 2 batalhões a 4 companhias cada.
- Corpo de Cavalaria, com Estado-Maior e 4 esquadrões.
- Corpo de Artilharia com Estado-Maior a 2 companhias (baterias) a cavalo com 12 peças ao todo.
- Efetivo de paz: 1 556 homens
- Efetivo de guerra: 2 442 homens

Em 1809, veio para o sul ao comando do Brig. Joaquim Oliveira Alvares, futuro Ministro da Guerra no Dia do Fico.

No combate de Carumbé, contribuiu com metade do efetivo e foi a que mais baixas sofreu.

Foi na Legião de São Paulo que iniciou a sua carreira militar o legendário Gen. Osório.

Com a reorganização do Exército de Dez. 1824, este foi o destino da absorção da Legião pelo Exército:

Infantaria: Deu origem ao 7º BC, que, em 1934 era o 192 BC de Salvador-BA.

Cavalaria: Foi transformada no 3ª RCL. Em 1938 era o 52 RCL de Uruguaiana, ficando incorporada à 3ª RM.

Artilharia: Formou o 22 Grupo de Artilharia Montada de Santos-SP, extinto pela Regência.

Esta tropa ainda não mereceu dos paulistas e dos brasileiros o devido reconhecimento, em que pese seu recrutador, o Mar. Arouche Toledo Tendón, fundador e 12º diretor da Faculdade de Direito de São Paulo, haver sido o seu comandante e enviado com ela para o sul seu bravo filho, o Cel. Diogo Moraes de Arouche Lara, o primeiro historiador militar do Brasil Reino e morto em ação em São Nicolau, à frente de seu Regimento.

O grande orador sacro frei Monte Alverne ao entregar, na Catedral de São Paulo, a bandeira de Portugal, em 1811, à Legião antes de sua vinda para a área da 3ª RM, falou:

*"Que sejam esquecidos vossos serviços. A posteridade subtrairá vossa memória as injúrias do tempo... Seguida da Justiça, sustentada pela razão, ela vos distinguirá daqueles que dormem o sono do esquecimento, terá em conta vossas virtudes e apreciará os vossos méritos."* Ledo Engano!

Até hoje, nenhum historiador paulista resgatou a Legião de São Paulo 1801-24 - A Legião Esquecida.

Osório nela se tornou soldado. Ao ver o 7º de Voluntários da Pátria em Corrientes, em 1865, testemunhou:

*"Estes são soldados. E devem sê-los, pois os Paulistas, seus antepassados, foram bravos, como o comprova a História. Entre os Paulistas fui cadete do Exército. Muito os apreciei. Com eles vivi ligado no mais amplo estreito laço de fraternidade. Com eles arrisquei mais de uma vez a vida em campanha."*

Foi com os legionários paulistas que Osório teve seu batismo de fogo e sangue. Esta tropa foi apelidada no Rio Grande de "baetas".

## O comandante da 3ª RM na 2ª campanha contra Artigas

Mar. C. José de Castelo Branco Correia Cunha e conde da Figueira (1788-1872). Nasceu em Salvaterra de Magos - Portugal, em 5 Fev. 1788. Consta tenha vindo para o Brasil como coronel, na comitiva da Família Real.

Comandou a 3ª RM de 19 Out. 1818 a 22 Set. 1820, por dois anos. Retornou ao Rio após pedido de licença para tal, por doença. Dali, consta que voltou para Portugal com D. João. Relatos disponíveis dão conta de haver sido um bravo e competente profissional militar. Em Porto Alegre, ficou a sua lembrança da Praia de Belas. Foi o nome dado pelo conde da Figueira ao primitivo Caminho de Bellas que ele mandou arborizar com figueiras em homenagem à mãe - a condessa de Belas, *"para se constituir, no futuro, em aprazível local de passeios"*. A primeira ponte construída sobre o riacho do Dilúvio, e de madeira, o foi por sua ordem.

Mais tarde, o barão de Caxias mandou construir no local a atual Ponte dos Açorianos que até hoje presta serviços.

Um traço excelso de seu caráter foi mandar que o Gen. Pantaleão Sotelo morto em combate de Taquarembó, após luta tenaz que deixou seus trajes em farrapos, fosse fardado condignamente e assim enterrado como um bravo que fora.

Laurênio Lago, em seu útil e excelente Brigadeiros e Generais de D. João VI e D. Pedro. Rio, Imp. Mil. 1938, não o estuda. Seguramente por não ter obtido elementos para tal. Ele faleceu em Lisboa, aos 84 anos, em 10 Mar. 1872.

## O primeiro filho do Rio Grande do Sul no comando da 3ª RM 1820-21

Ten. Gen. Manoel Marques de Souza (1743-1822). Nasceu em Rio Grande. Com 17 anos, assistiu à conquista de Rio Grande pelos espanhóis em 24 Abr. 1763. Decorridos 13 anos, como Ten. de Dragões e ajudante de ordens do Ten. Gen. Henrique Bohn, dirigiu pessoalmente o ataque principal que reconquistou sua vila natal em 1º Abr. 1776. Era amigo e primo de Rafael Pinto Bandeira, legendário guerrilheiro na expulsão dos espanhóis, substituindo-o em 1795 no comando da Cavalaria Ligeira, que guarnecia a Fronteira do Rio Grande. Sua atuação assinalada de 1774-1820, como grande fronteiro do Rio Grande, ficou registrado neste trabalho. Ele foi o primeiro gaúcho a assumir o comando da 3ª RM e a governar o Rio Grande do Sul independente do Rio, cumulativamente com a 3ª RM, de 22 Set. 1820 - 20 Ago. 1821.



Como governador, enfrentou em 23 Abr. 1821 um motim que queria obrigar o governo a jurar uma Constituição, cujo teor se desconhecia. Prendeu e transferiu os oficiais que agitaram o povo e amotinaram uma unidade local.

Sabe-se hoje que era pró-independência. Em função disso, entrou em choque com seu substituto, o futuro duque de Saldanha, último dirigente português do Rio Grande e da 3a RM. O velho fronteiro, com tantos serviços do Brasil, no Sul, foi arrancado do Rio Grande e enviado ao Rio sob custódia.

No Rio, faleceu longe de seu Rio Grande, aos cuidados de sua filha Joana, em 21 Abr. 1822. Não viveu para ver os seus sonhos concretizados no Dia do Fico e, em 7 Set. 1822, em parte, por seu genro o Mar. C. Oliveira e seu amigo o Mar. Xavier Curado que liderou a tropa brasileira no Dia do Fico. Foi sepultado no Convento Santo Antonio, com todas as honras militares. Era seu neto o futuro barão de Porto Alegre, que veio a comandar a 3a RM.

Marques de Souza era parente e padrinho de batismo do futuro marquês de Tamandaré. É um herói esquecido do Rio Grande. Saint Hilaire o descreve em sua obra. Sua vida e obra são estudadas por Décio Vignoli Neves, em VULTOS DO RIO GRANDE (cidade de Santa Maria, Liv. Palloti, 1988 v. 1, p. 163-177). Ele é designado Marques de Souza 1º para distinguir do filho e neto.

Este autor estuda igualmente Pinto Bandeira, o conde de Porto Alegre, e o Mar. José de Abreu.

São três os Marques de Souza que são distinguidos por 1º, 2º e 3º para evitar confusão, ou por I, II e III.

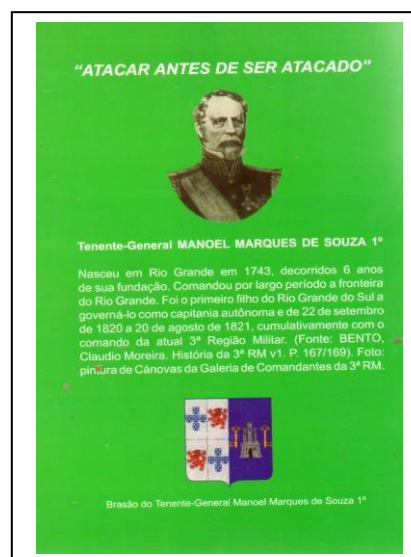
Seu filho atingiu o generalato e faleceu às portas de Montevidéu, no contexto da consolidação da Independência do Brasil, no Uruguai, em 1824.

O Gen. Paulo Queiroz Duarte em Lecor e a Cisplatina citada, o estuda.

Seu neto é o Marques de Souza 32 e o conde de Porto Alegre, que daqui para a frente começa a atuar.

Marques de Souza (1º) possui o perfil ideal para ser a denominação histórica da 8a Brigada de Infantaria Motorizada como legendário comandante da Fronteira do Rio Grande 1801 - 1820. Estudamo-lo para tal fim, atendendo solicitação da 8ª Bda. Mtz.

**Nota em 2017: Conseguimos que nossa proposta de torná-lo denominação histórica da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada fosse aprovada e estudamos sua vida e obra no livro cujas capas figuram a seguir.**



Generais, filhos do Rio Grande do Sul, que o presidiram e comandaram a 3ª RM na transição do Brasil Colônia para o Brasil independente

Fonte: Galeria de Comandantes da 3ª RM no QGR3 - Pintor Canovas



**Ten. Gen. Manoel Marques de Souza (1º)**  
O 1º filbo do Rio Grande do Sul a governá-lo e a comandar a 3ª RM (vide síntese biográfica no texto).



**Mar. João de Deus Menna Barreto, visconde de São Gabriel**  
Presidente do Rio Grande do Sul e comandante da 3ª RM na transição do Brasil Colônia para o Brasil independente (vide síntese biográfica no texto).

## O último comandante português da 3ª RM na Colônia

**Brig. João Carlos Gregório Domingos Vicente Francisco de Oliveira Saldanha e Daun, mais tarde Duque de Saldanha (1790-1986).** Nasceu em Lisboa, em 11 Nov. 1790, e faleceu em Londres, 1876. Comandou a 3ª RM e governou o Rio Grande do Sul de 20 Ago. 1821 - 15 Jul. 1822. Era neto do marquês de Pombal e afilhado de D. João VI e D. Carlota Joaquina. Viera para o Brasil como coronel adido ao Estado-Maior da Divisão de Voluntários Reais. Destacou-se nas guerras contra Artigas e fez fortuna como estancieiro no Uruguai. Nomeado Capitão-General e governador do Rio Grande, com menos de 31 anos e como brigadeiro. Veio para o Rio Grande com a família. Ao assumir o governo e comando da 3ª RM, havia ocorrido a Revolução Liberal do Porto. Passou a ser hostilizado e teve que cumprir o Dec. de 1º Out. 1821 das Cortes de Lisboa que transformaram as capitanias em províncias e nelas criaram, em caráter provisório, Juntas Governativas escolhidas pelo Colégio Eleitoral das paróquias. Junta que deveriam comunicar-se com as outras províncias de Portugal.

Presidiu a eleição e foi eleito Presidente da Junta Governativa, tendo por vice-presidente o Mar. C. João de Deus Menna Barreto. Acumulou, por delegação da junta, as funções do comandante da 3ª RM (General de Armas) e a presidência das Juntas da Fazenda e da Justiça.

A ligação do Brig. com a família Real, a incompatibilidade hierárquica com o vice-presidente, terminaram por desestabilizar Saldanha e Daun. Ele foi pressionado a pedir demissão da presidência da junta, que passou ao Mar. Menna Barreto ao perceber a inevitabilidade da Independência. Foi acompanhado sob

custódia, a contragosto, até o Rio de Janeiro, pelo mesmo oficial que ele mandara custodiar o Ten. Gen. Marques de Souza (le).

Em Dez. 1822, viajou para Lisboa, onde prestaria relevantes serviços a Portugal e a D. João.

## **CAPITULO 4**

### **A PARTICIPAÇÃO BÉLICA DA 3ª RM 1822 -1850**

#### **A articulação da tropa da 3ª RM 1822 - 97**

Não houve reação expressiva à Independência no Rio Grande. O Exército Brasileiro só foi organizado em 12 Dez. 1824, com a seguinte articulação na área da 3ª RM:

##### **EM 1824:**

- 9º BC em Porto Alegre. Em 1831 transformou-se em 8º BC, aquartelado na Praça do Portão.
- 5º RCL em Rio Pardo, resultado de mudança de denominação dos Dragões do Rio Pardo (1754 - 1824).
- 4º RCL em Jaguarão, resultado da transferência e mudança de denominação do RC de Minas Gerais.
- 3º RCL, em São Borja, resultado da mudança de denominação da Cavalaria da Legião de São Paulo.

As Milícias passaram a ser consideradas 2ª linha com a seguinte articulação:

- 20º RC - Rio Grande
- 21º RC - Rio Pardo
- 22º RC - Alegrete
- 23º RC - São Borja

Não dispunha a 3ª RM de Artilharia de Campanha e Posição.

##### **EM 1860 (Antes da Guerra do Paraguai)**

- 13º BC - Porto Alegre
- 12º BC - Rio Grande
- 4º RC Lig. - Santana      Li8-: LiSeira
- 5º RC Lig. - Bagé
- 2º RC Lig. - Jaguarão
- 3º RC Lig. - São Borja
- Corpo Art. a cavalo - São Gabriel

##### **DE 1870 - 1887 (Após a Guerra do Paraguai)**

- Escola Militar de Porto Alegre (1853 - 87)
- 13º BC - Porto Alegre
- 28º BC - Rio Pardo
- 4º RC Lig. - Santana
- 5º RC Lig. - Bagé
- 3º RC Lig. - São Borja
- 2º RC Lig. - Jaguarão
- Corpo de Artilharia Montada - São Gabriel

**DE 1888 - 1897 (Até final do período que abrange este estudo)**

Houve um grande crescimento das tropas subordinadas à 3ª RM, como se demonstra abaixo, no período que abrange a Proclamação da República a 1897, após terminar a Guerra de Canudos.

Com apoio da obra *O Exército Brasileiro* (Rio, Imp. Militar, 1938), damos a posição por transferências e transformações das OM da 3ª RM que guarneciam o Rio Grande neste período.

## **Porto Alegre**

- 3° BI (Em 1938 constituía a tropa de Infantaria em Porto Alegre).
- 13° BI (Em 1938 constituía a tropa de Infantaria em Recife).
- 25° BI (1938 havia sido formador OM Juiz de Fora, Belo Horizonte, etc.
- 30° BI (1938 havia sido formador OM de São Leopoldo).
- Depósito de Pólvora na ilha da Pólvora.
- Auditoria Militar
- Arsenal de Guerra
- Escola Militar Porto Alegre (1853 - 1911)
- 

## **Rio Grande**

- B. Art. Pos (Em 1938 havia dado origem à OM Santos e Coimbra)
- 12° BI (Em 1938 havia dado origem à Infantaria de Lorena-SP)
- 20° BI (Em 1938 havia sido formador do 1º BI do Rio )
- 35° BI (Em 1938 dera origem às OM de Joinville e Florianópolis)

## **Rio Pardo**

- 28° BI (Em 1938 havia sido formador da Infantaria São João dei Rei)
- Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo (1883 - 1906)

## **Bagé**

- 31° BI (Em 1938 havia sido formador da Infantaria Pelotas)
- 5° RC (Em 1938 encontrava-se em São Luiz Gonzaga)
- 4° R Art. (Permaneceu, desde então, em Bagé)

## **São Gabriel**

- 4° BI (Em 1938 havia sido formador da Infantaria de Pelotas)
- 32° BI (Em 1938 havia sido formador da Infantaria no Recife)
- 1° R Art. (Em 1938 havia se desdobrado em Santa Maria e Uruguaiana)
- Depósito Militar

## **Santa Vitória do Palmar**



- 6°RC (Em 1938 encontrava-se em São Borja)

### **Jaguarão**

- 2° RC (Em 1938 era o 3° RCP em Porto Alegre)

### **Alegrete**

- 18° BC (em 1938 era 19 BC de Salvador)

### **São Borja**

- 3° RC (Em 1938 era o 4 RC em Santo Ângelo)

### **Quaraí**

- 12°RC (Em 1938 era o 4 RC em Santo Ângelo)

### **Cruz Alta**

- 2° BE (É o atual 1º BFv em Lages-SC). Em 1897 foi para o Rio Pardo.

### **Cacequi**

- Corpo de Transportes (Em 93 atuou em Bagé e depois, em 1897, foi para São Gabriel. Deu origem ao 5ª RCI - Santana).

## **O comandante da 3ª RM na Independência**

João de Deus Menna Barreto-Visconde de São Gabriel (1769-1849). Nasceu e faleceu em Rio Pardo, em 2 Jul. 1769 e 27 Ago. 1849. Governou o Rio Grande do Sul e comandou a 3ª RM de 15 de Jul. 1822 - 3 Fev. 1826. Foi o fiador da normalidade da transição do Rio Grande quando da Independência. Fez carreira nos Dragões do Rio Pardo. Combateu nas campanhas de 1801, 1811-12 e 1816-20. Destacou-se em Ibirocaí. Foi ferido em Catalão, em 1816. Ten. Cel. em 1808, Cel. 1813, Brig. 1817, Mar. C. 1822, Ten. Gen. grad. 1824 e Mar. Ex. na reserva, em 1832.

De 1820-22 foi inspetor dos corpos de Milícias, cargo que deixou por ter sido eleito vice-presidente da Junta Governativa, cuja presidência assumiu, com a renúncia de Oliveira e Daun, junto com o comando da 3ª RM.

Comandou forças irregulares na defesa da fronteira quando da invasão de Alvear, em 1827.

Foi agraciado com o título de visconde de São Gabriel, com grandeza em Fev. 1846. Osório Santa Figueiredo estuda-o em História de São Gabriel. São Gabriel, 1993.

## **A Guerra Cisplatina 1825-28**

Ela teve lugar em condições adversas para o Brasil, de onde Portugal fora obrigado a retirar 3 divisões, forçado pela nossa Independência. E mais, o Exército Brasileiro, bastante desfalcado, havia dirigido o seu esforço operacional para consolidar a Independência no Pará, Maranhão, Piauí, Ceará e Bahia.

## **A Revolta dos 33 orientais**

Em 19 Abr. 1825, a Província Cisplatina (Uruguai) rebelou-se contra o Brasil a que fora incorporada por Portugal em 1821.

Neste dia, 33 orientais, liderados pelo Cel. D.Juan Lavalleja e provenientes da Argentina, desembarcaram na praia de Agraciada no rio Uruguai e iniciaram o processo de independência do último país de origem espanhola na América.

Em 25 Out. 1825, Lavalleja proclamou a independência do atual Uruguai do Brasil e o declarou confederado às Províncias Unidas do Rio da Prata. O Congresso de Buenos Aires aprovou a Independência uruguaia. O Brasil respondeu com a declaração de guerra às Províncias Unidas (Argentina).

### **Reflexos da revolta no Uruguai na 3ª RM**

Isso teve imediatos reflexos na tropa da 3ª RM, agora ao comando do Mar. C. José de Abreu, intrépido líder de combate, que, num passe de mágica, passou a atuar no campo estratégico. Sua missão era reunir tropas da 3ª RM e cerrar sobre Montevideú, para auxiliar o Gen. Lecor a debelar a revolta oriental.

Em 4 Set. 1825, o Cel. miliciano Bento Manoel Ribeiro derrotou Rivera em Águila. Em 23 Set., Rivera, em Rincon de Las Galinas, tomou a reserva de cerca de 6000 cavalos do Mar. Abreu. No dia seguinte, Rivera, graças à excepcional remonta da véspera, bateu dois regimentos milicianos de guaranis das Missões no combate de Rincon. Em 12 Out. 1825, travou-se o combate de Sarandi. Nele, tropas ao comando de Bento Manoel Ribeiro foram batidas por Lavalleja e Rivera. Combate decisivo que impediu a junção de tropas milicianas da 3ª RM com as do Gen. Lecor e obrigou a que o Mar. Abreu retornasse ao Rio Grande e passasse a defendê-lo com um tênue e fraco cordão defensivo.

Os orientais de Rivera e Lavalleja dominaram todo o Uruguai, exceto Colônia e Montevideú. Um exército argentino reforçou os orientais para iniciar uma guerra de verdade.

### **A concentração da 3ª RM no Acampamento da Imperial Carolina**

As tropas da 3ª RM foram reorganizadas. Predominava a Cavalaria de 2ª linha (Milícias). Eram valorosas, mas de limitada operacionalidade contra as forças que iriam enfrentar - o Exército Republicano da Argentina regular e veterano da Independência do Chile, Bolívia e Peru.

O comando da 3ª RM estava a cargo de um bravo e experimentado guerrilheiro, o Mar. José de Abreu. Ele foi substituído em 3 Fev. 1826, por um chefe até bem pouco tempo Cel. de Infantaria da Legião de Voluntários Reais - Brig. Francisco de Paula Massena Rosado, sem vivência no campo estratégico e no Rio Grande.

Ele concentrou a tropa da 3ª RM em Santana, no Acampamento Real de Carolina, de tristíssima lembrança.

Agora o governo do Rio Grande estava separado do comando militar que passou a depender do Presidente. E isto trouxe uma série de lamentáveis

desencontros. O território da 3ª RM estava desamparado, conforme a História do Exército (Brasília, EME, 1972).

Para o comando da 3ª RM, "Massena Rosado demonstrou incompetência. Apressou-se inexplicavelmente em reunir todas as forças disponíveis em Santana, deixando a descoberto o resto da Fronteira, presa fácil de um envolvimento, por Aceguá. Ficou em Jaguarão o Cel. Bento Gonçalves, que não cumpriu a ordem de concentração. Rosado foi infeliz na escolha de concentração, em região insalubre e de péssimos pastos. Enquanto discutia com o Visconde de São Leopoldo, presidente da Província, as tropas da 3ª RM se deterioravam.

## D. Pedro I acode a 3ª RM

O clamor público acordou D. Pedro I, que decidiu ir pessoalmente ao Teatro de Operações, levando importantes reforços e um novo e prestigioso comandante, o Ten. Gen. Felisberto Caldeira Brandt Pontes e marquês de Barbacena.

Barbacena, com muito boa assessoria, assumiu o comando da 3ª RM em 12 Jan. 1827, em Santana, a qual encontrou na seguinte situação que definiu:

*"Encontrei um exército descalço, sem munição de boca (alimento) e de guerra, sem remédios, sem cavalos e reduzido depois de um ano à mais humilhante defensiva."*

O Gen. Osório, na obra General Osório, escrita por seu filho Francisco Luiz Osório, descreveu as dificuldades do Acampamento da Imperial Carolina que foi objeto de plaqueta de Ivo Caggiani. Acampamento da Imperial Carolina (Santana, of. Diário do Sul, 1954).

## A ação de comando de Barbacena

Para evitar ser ali envolvido e destruído, Barbacena tomou diversas providências urgentes:

- Ordenou o deslocamento para Bagé para interpor-se entre o Exército inimigo, em marcha, para invadir o Rio Grande e os principais centros da Província.
- Organizou o Exército em duas divisões a três brigadas cada e mais duas brigadas de Cavalaria.
- Ao seu chefe de Estado-Maior Mar. C. Henrique Brown, que trazia tropas do Rio, ordenou que operasse junção com ele, trazendo tropas desde Pelotas e Jaguarão, num total de 1600 homens.

Do que foi a ação de Barbacena, tivemos a oportunidade de abordar em alentados artigos na DN nº 676, ano 1977 e 680, ano 1978 sob os títulos - Estudo dos Fatores da Decisão Militar em Passo do Rosário e Marchas estratégicas dos exércitos para a Batalha do Passo do Rosário. Neles, revisamos todas as fontes disponíveis e nos socorremos de mapa atual da região da batalha que nos levaram, entre outras, às seguintes conclusões:

- Ter sido excepcional feito de Barbacena e seu Estado-Maior receber uma tropa em frangalhos e marchar na direção de Bagé e ainda colocar-se em posição favorável numa serra para a sua Infantaria e interposta entre o Exército Argentino de Alvear e as principais cidades do Rio Grande, com o caminho livre para ser suprido por elas.

- Ter sido a batalha do Passo do Rosário indecisa, resultante de um combate de encontro, cuja retirada brasileira feita para o passo São Lourenço do Jacuí foi forçada, não pelo inimigo, mas pelo incêndio do campo de batalha, com o vento soprando na direção ocupada pela posição brasileira. Um caso típico de Imponderáveis do Combate.

### **Fatores negativos concorrentes na Batalha de Passo do Rosário**

Concorreram nesta batalha os seguintes fatos negativos para as tropas brasileiras:

- Atraso na vanguarda, ao comando do Mar. José de Abreu, em retomar a marcha em direção de Passo do Rosário. Disso decorreu a chegada na região da batalha junto com o restante das tropas da 3° RM.
- Colocação da Artilharia de Alvear em local dominante e avançado, em relação à Artilharia brasileira, que teve de ocupar posição desvantajosa numa ravina, no centro da posição brasileira, e assim dominada.
- Ausência, no momento da batalha, da brigada de Bento Manoel Ribeiro, que deveria ocupar o flanco esquerdo. Foi substituída pela vanguarda ao comando do Mar. Abreu constituída de civis, antigos desertores, que reunira em Cima da Serra e mal montados. Foi por aí que foi conduzido o esforço principal argentino. E foi aí também que Abreu encontrou a morte, imprensado pela Cavalaria inimiga contra os quadrados da Infantaria da Divisão do Gen. Crisóstomo Calado.
- Atuação adversa do incêndio do campo de batalha que foi impulsionado pelo vento contra a posição brasileira, envolvendo-a e obrigando-a a fazer uma manobra em retirada para não ser vítima daquele fator imponderável ( o General Vento ).
- Comportamento condenável de unidades de 2ª linha de índios das Missões, que abandonaram o campo de batalha e inclusive saquearam os trens da 3ª RM. Além disso, provocaram a abertura do flanco do atual Dragões de Brasília, do que decorreram para este as mais pesadas perdas de combate.

### **A manobra em retirada usada em Passo do Rosário**

A manobra em retirada já havia sido usada por Napoleão, como alternativa para uma derrota certa. E essa foi a de Barbacena, num combate de encontro e para evitar que seu Exército fosse destruído pelo General Fogo. Isso ele deixou claro em sua parte de combate.

Os argentinos não fizeram a perseguição. Tiveram apenas o caminho aberto para retornar rápido ao Uruguai, sem conquistar os objetivos estratégicos previstos pela invasão.

Após permanecer em Los Currales - Uruguai, de 19 Mar. 13 Abr., por cerca de 23 dias, Alvear invadiu, mais uma vez, o Rio Grande por Bagé, que reocupou. A seguir, foi operar na região do rio Jaguarão.

Em 10 Jun. 1827, após deixar o Brasil, procurou Mello (antigo Cerro Largo) no Uruguai, de onde comunicou à Argentina sobre o estado deplorável do seu Exército e sua intenção de abandonar temporariamente a luta.



Em 13 Set. 1827, o Mar. Henrique Brown assumiu o comando da 3ª RM no Passo de São Lourenço, no Jacuí. Deslocou sua tropa para Pelotas para a cobertura da antiga fronteira do Rio Grande. Acampou em Candiota. Aí desencadeou algumas ações, como um ataque de surpresa em Las Canas, o que obrigou Lavalleja a retrair para Cerro Largo.

## A Convenção Preliminar de Paz e a desmobilização em Piratini

Nesta época a diplomacia negociou uma saída. Ela foi traduzida na Convenção Preliminar da Paz, entre o Brasil e a Argentina que reconheceram a independência do Uruguai após 7 anos de incorporação artificial ao Brasil, pois o seu destino fora selado em 1723.

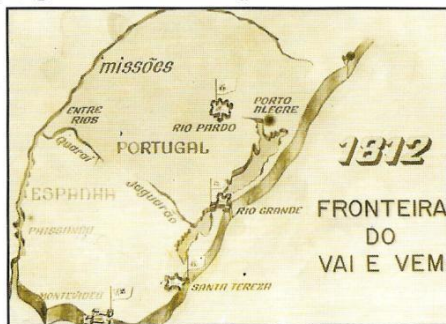
Artigas viveu para saber da independência do Uruguai, "*um algodão entre dois cristais*", a Argentina e o Brasil, o que por certo preveniu muitos choques armados potenciais entre dois países ainda imaturos.

As forças da 3ª RM dirigiram-se para a vila de Piratini ao comando, desde 21 Jan. 1828, do Ten. Gen. Carlos Frederico Lecor. Ali foram desmobilizadas.

Piratini, situada numa serra, foi muito desenvolvida nesta guerra, como lugar onde os estancieiros da Fronteira do Jaguarão foram buscar proteção. Decorridos 8 anos, ela seria escolhida como a primeira capital da República Rio-Grandense, 1836-45, surgida em função da Revolução Farroupilha, 1835-45, que será estudada a seguir.

Fronteira do Vai-e-Vem da Guerra de 1801 ao Tratado de 1905

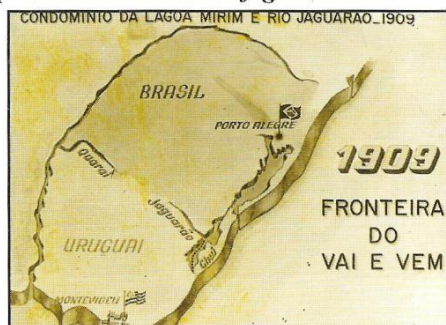
Após guerra de 1801 e campanha de 1811-12



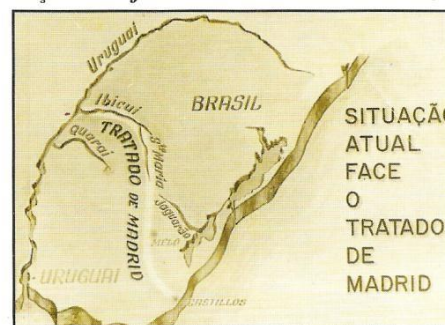
Após a Independência do Uruguai - 1823



Após Trat. de Condom. Rio Jaguarão e L. Mirim - 1905



Situação atual face ao Tratado de Madrid - 1750



Convenção: após 1828, parte mais escura domínios do Brasil e a parte mais clara, domínios do Uruguai.

Fontes principais sobre a Guerra Cisplatina

A Guerra Cisplatina e sua Batalha do Passo do Rosário, a maior batalha campal travada no Brasil, exigiriam amplo esforço para aqui serem estudadas em seus detalhes. Além de nossos artigos citados, indicamos os seguintes clássicos sobre ela:

1. FRAGOSO, Tasso, Gen. A Batalha do Passo do Rosário. Rio, BIBLIX, 1951, 2 ed.
2. FLEIUSS, Max. A Batalha do Passodo Rosário. RIHGB, ne 161 (Discorda de Tasso Fragoso).
3. WIEDERSPHAN, Henrique Oscar, Ten. Cel. A campanha de Ituizangó. Rio, BIBLIX, 1961.

**Nota em 2017: Em 2002 publicamos o seguinte trabalho sobre a Batalha do Passo do Rosário. Uma análise à luz do Fundamento da Arte Militar, Os fatores da Descisão militar: MISSÃO, TERRENO, INIMIGO E MEIOS>**



**Este trabalho foi editado pelo acadêmico benemérito Professor Flavio Camargo e autor do Prefacio e as abas de autoria do hoje acadêmico benemérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis**

## Revelações do estudo do terreno em carta topográfica

Defendemos, nos artigos citados posteriormente a estas obras, que Passo do Rosário foi um combate de encontro, indeciso; e que a retirada dos brasileiros foi uma manobra em Retirada praticada recentemente por Napoleão, para voltar com força na primeira oportunidade. E esta intenção ficou clara na parte de Combate do marquês de Barbacena sobre a batalha.

O estudo do terreno da batalha, que fizemos à luz de uma carta topográfica | não de esboços, como até então se fizeram, foi muito revelador. Explicou muitas dificuldades dos brasileiros na posição que tiveram de ocupar, completamente dominada pelos argentinos.

## A tropa da 3ª RM em Passo do Rosário

1ª DIVISÃO - Gen. Sebastião Pereira Pinto  
- 1ª Bda., Inf. - Cel. Leitão Bandeira

- 3° BC (Rio), 4 BC (Rio) e 27 BC (Alemães)
- 1ª Bda. Cav - Cel. Egídio Calmon
- 1° RC - Rio (Atuais Dragões de Brasília)
- 24° RC de 2- linha - das Missões
- 2ª Bda. Cav - Cel. Araujo Barreto
- 49° RC - Rio Grande
- 40° RC de 2ª linha - Santana
- Esqd Lanceiros Alemães

#### **2ª DIVISÃO - Brig. João Crisóstomo Calado**

- 2ª Bda. Inf. - Cel. Leite Pacheco
- 13° BC (Bahia) e 18° BC (Pernambuco)
- 3ª Bda. Cav - Cel. Barbosa Pita
- 20ª RC de 2a linha - Porto Alegre
- 6ª RC de 1a linha - Bahia
- 4ª Bda. Cav - Cel. Thomaz da Silva
- 3° RC - São Paulo e 5 RC - Rio Pardo (antigo Dragões)
- 2ª Bda. Cav Ligeira - Cel. Bento Gonçalves da Silva
- 20° RC de 2a linha - Rio Grande e 29 RC de 2a linha - Cerro Largo (atual Uruguai)
- 3ª Bda. Cav Ligeira - Cel. Bento Manoel Ribeiro
- 21° RC de 2ª linha - Rio Pardo e 22° RC de 2ª linha - Rio Pardo

#### **ARTILHARIA - Cel. Tomé Madeira**

- 1° C. Art Mont - Destacamento a 6 peças (Rio de Janeiro)
- 4° C. Art Pos - Destacamento a 4 peças (Santa Catarina)

#### **CORPO DE VOLUNTÁRIOS CIVIS - Mar. José de Abreu**

### **Alemães a serviço do Brasil em Passo do Rosário**

Muitos alemães lutaram em Passo do Rosário no 27º BC e no Esquadrão de lanceiros Alemães. Estudamo-los em Estrangeiros e descendentes.

O Cel. Jonathas Rego Monteiro ensaiou este assunto na RMB nº 114,1937, sob o título Achegas para a História Militar do Brasil - Corpo de Tropas Estrangeiras.

O estudo mais completo acaba de ser realizado pelo Cel. Inf. R/I Juvêncio Saldanha Lemos, após 15 anos de estudos. Os mercenários do Imperador (Palegre, Metrópole, 1993). Para o estudo desta campanha, é importante o já citado Lecor e a Cisplatina 3v.

Foi seriamente atingido pelo incêndio do campo de batalha, em Passo do Rosário, o soldado Bormann do 27º BC, pai do futuro comandante da 3ª RM, Gen. Bernardino Bormann. Na mesma condição, ali combateu o pai do futuro barão de Tefé, herói da batalha do Riachuelo.

Combateram em Passo do Rosário os futuros patronos da Cavalaria - Osório e da Artilharia - Mallet, ambos tenentes e futuros comandantes da 3ª RM.

### **Comandantes da 3ª RM durante a Guerra Cisplatina**



**Mar. C. José de Abreu (1770-1827).** Comandou a 3ª RM de 4 Nov. 1822 -3 Fev. 1826, por mais de 3 anos. Nasceu acidentalmente em Maldonado, filho de deslocados açorianos. Foi de um valor extraordinário, conforme demonstramos. Caiu em desgraça pelos insucessos descritos. Tentou reabilitar-se colocando-se à frente de Voluntários, morrendo em Passo do Rosário. Foi um líder de combate excepcional, mas não de batalha. Sua atuação em 1814 foi decisiva na conquista e incorporação do território de Entre-Rios. Fez sua carreira nos IDragões do Rio Pardo, onde ingressou em 14 Nov. 1802. Oficial general, em 27 Ago. 1819. Foi agraciado com o título de barão de Cerro Largo, ao invés de barão Entre-Rios (distrito). Faleceu na batalha de Passo do Rosário, em 27 Fev. 1827. Seu túmulo fica próximo à estrada, junto do campo de batalha.

**Brig. Francisco de Paulo Massena Rosado (1783-1836).** Comandou a 3ª RM de 3 Fev. 1826 a 1 Jan. 1827 no trágico e tristemente lembrado Imperial Acampamento da Carolina, em Santana. Veio para o Brasil como oficial de Divisão de Voluntários Reais. Com a Independência, aderiu à causa brasileira. Despreparado no campo estratégico, foi guindado ao generalato. Faleceu no Rio, em 6 Out. 1836. Foi omitido por Laurênio Lago, em *Brigadeiros e Generais...* Rio, Imp. Mil., 1938. Seu retrato não figura na galeria de comandantes da 3ª RM por não ter sido encontrado.

**Ten. Gen. Felisberto Caldeira Brant Pontes e marquês de Barbacena (1772-1842).** Comandou a 3ª RM superiormente de 1º Jan. -13 Set. 1827, por cerca de 9 meses, e na fase mais aguda da Guerra Cisplatina. Nasceu em Minas, em 15 Set. 1772. Foi aluno brilhante da Real Academia de Marinha de Lisboa. Serviu em Angola. Foi Ten. Cel. do 1º RI, em Salvador. Em 1811, atingiu o generalato. Em 13 Mar. 1819, foi efetivado Mar. C. Em 12 Out. 1824, foi promovido a Ten. Gen. e, em 1828, reformou-se como Mar. Ex. Foi empresário e político muito bem sucedido. Faleceu no Rio, em 13 Jun. 1842 aos 70 anos.

**Mar. C. Gustavo Henrique Brown (1775-1861).** Comandou a 3ª RM na fase da Guerra Cisplatina, no corte do rio Jaguarão, no contexto da 2ª invasão de Alvear, por cerca de 4 meses de 31 Set. 1827-21 Jan. 1828 e, após, de 29 Abr. 1830 11 Jan. 1831, por cerca de 8 meses. Nasceu em Arnemburg - Alemanha, no Natal de 1775. Foi contratado em Londres, em 12 Maio 1826, para servir o Exército Brasileiro como Mar. C. Possuía experiência de combate na Espanha, a Serviço da Inglaterra e, em Portugal, contra Napoleão. Toda sua vida militar foi servir na Legião Anglo-alemã, com vistas a restaurar o reino de Bragança em Portugal. Tornou-se um profissional competente na arma da Infantaria. Comandou, desde Pelotas até o arroio Lixiguana, o enorme contingente que aí operou junção com Barbacena, vindo de Santana, numa manobra estratégica primorosa. Teve atuação destacada em Passo do Rosário, como chefe de Estado-Maior e comandante do ataque principal. Seu último serviço ao Brasil foi como comandante da 3ª RM, de 28 Abr. -11 Jan. 1831. Com a abdicação de D. Pedro I, foi dispensado e retornou à Alemanha onde faleceu em Dresden, em 28 Mar. 1861, com 86 anos. Estudamo-lo, bem como todos os estrangeiros e descendentes que combateram na 3ª RM, em *Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS* (Palegre, IEL, 1976).

**Ten. Gen. Carlos Frederico Lecor (1764-1836).** Comandou a 3ª RM de 21 Jan. 1824-4 Fev. 1825, por mais de um ano, na parte final da Guerra Cisplatina. Nasceu em Faro - Portugal, em 11 Set. 1764 e faleceu no Rio, em 2 Ago. 1836, com 72 anos. Viera para o Brasil em 1816 no comando da Divisão de Voluntários Reais, que incorporou o Uruguai a Portugal como Província Cisplatina, em 1821. Sua vida e obra foi estudada pelo Gen. Paulo Queiroz Duarte em *Lecor e a Cisplatina* (Rio, BIBLIEX, 1986, v. 1 e 1985 v. 2 e v. 3), obra que focaliza com detalhes a participação



da 3ª RM nas guerras contra Artigas 1816-1820 e Cisplatina 1825-28. Era veterano das lutas contra Napoleão. Foi agraciado com o título de Visconde de Laguna. Em Pelotas, e no Natal de 1828 enfrentou um motim do 27º BC, que focalizamos no DP de 10 Nov. 1974.

## Comandantes da 3ª RM 1829-1835

No período de paz que se seguiu à Guerra Cisplatina, e até a eclosão da Revolução Farroupilha, a 3ª RM teve os seguintes comandantes:

Mar. C. grad Sebastião Pereira Pinto. Comandou de 4 Fev. - 22 Mar. 29, e de 11 Jan. 31 - 28 Out. 35. Será estudado na revolução Farroupilha.

Mar. C. Manoel Jorge Rodrigues e barão de Taquari. Comandou a 3ª RM de 22 Maio 1825 - 29 Abr. 1830. Comandou pela 2ª vez durante a revolução Farroupilha e de 24 Jun. 1939 -27Jul. 1840, oportunidade em que será estudado com mais detalhes.

Mar. C. Gustavo Henrique Brown. Foi o seu 2º comando da 3- RM, de 29 Abr. 1830 - 11 Jan. 1831. Foi estudado em seu comando.

## O Anjo da Vitória - Mar. José de Abreu

A atuação intrépida e legendária do Mar. José de Abreu e sua morte trágica e heróica em Passo do Rosário impressionaram por longos anos os gaúchos e entreteram muitas noites de rodas de galpão.

O Capitão da Guarda Nacional J. Simões Lopes Neto assim colheu a versão, i na Tradição, da batalha do Passo do Rosário, e a figura de José de Abreu, o Anjo da Vitória, que imortalizou entre os tradicionalistas gaúchos com muita veracidade histórica:

*"Foi depois da batalha de Ituzaingo, no Passo do Rosário, prá lá de São Gabriel, do outro lado do banhado de Inhatium. Vancê não sabe o que é inhatum?*

*É mosquito: bem posto nome!*

*Banhado de Inhatium...Virge Nossa SenhoraL.mosquito, aí, fumaceira, no ar!*

*Eu era gurizote: teria, o muito, uns dez anos; e andava na companhia do meu padrinho, que era capitão, para carregar os peçuelos e os avios do chimarrão.*

*As coisas da peleia não sei, porque era menino e não guardava as conversas dos grandes; o que eu queria era haraganear; mas, se bem me lembro, o meu padrinho dizia que nós estávamos mal acampados, e estransilhados, pensando culatrear o inimigo, mas que este é que nos estava nos garrões; não havia bombeiros nem ordem, que o exército vinha num berzabum, e que o general que mandava tudo, que era um tal Barbacena, não passava de um presilha, que por andar um dia a caval já tinha que tomar banhos de salmoura e esfregaras assaduras com sebo...*

*O meu padrinho era um gaúcho mui sorro e acostumado na guerra, desde o tempo das Missões, e que mesmo dormindo estava com meio ouvido, escutando, e meio olho, vendo...; mesmo ressonando não desgrudava pelo menos dois dedos dos copos da serpetina...*

*Num escurecer, enquanto pelo acampamento os soldados carneavam e outros tocavam viola e cantavam, ou dormiam ou chalravam, o que sei é que nesse escurecer o meu padrinho mandou pegar os nossos cavalos; e encilhamos até a cincha; e depois nos deitamos nos pelegos, com os pingos pela rédea, maneados:*

**êle, armado, mateando; eu, enroscadito no meu bichará, e o ordenança, que era um chiru omhrudo, chamado Hilarião, pitando.**

**Eu, como criança, peguei logo a cochilar.**

**Amigo! Vancê creia: o coração às vezes, trepa, dentro da gente, o mesmo que jaguatirica por uma árvore acima!...**

**Lá pelas tantas, ouviu-se cornetas e clarins e rufos de caixa...; mas o som dos toques andava ainda galopeando dentro do silêncio da noite quando desabou em cima de nós a castelhanada, a gritos, e já nos foi fumegando bala e bala!...**

**Numa arrancada dessas é que o coração trepa, dentro da gente, como gato...**

**- Desmaneia e monta! gritou o meu padrinho; êle que falava, eu e o chiru já estávamos enforquilhados nas garras.**

**Epor entre as barracas e ramadas; por entre os fogões meio apagados, onde ainda havia fincados espetos com restos de churrascos; por entre as carretas e as pontas de bois mansos e lotes de reiúnos; no lusofusco da madrugada, corn uma cerraçãozita o quanto-quanto;por entre toques e ordens e chamados, e a choradeira do chinaredo e o vozerio do comércio, já no cheiro da pólvora, e em cima dos primeiros feridos, formou-se o entrevem dos atacantes e dos dormilões.**

**E cantou o ferro., .e choveu bala!...**

**O meu padrinho levantou na rédea o azulego: e de espada em punho, o chiru, com uma lança de meia-lua - e eu entre os dois, enroscadito no meu bichará - nos botamos ao grosso do redomoinho, para abrir caminho para o quartel-general do dito Barbacena.**

**Como lá chegamos, não sei.**

**A espada do meu padrinho estava torcida como um cipó, e vermelha, e o azulego tinha uns quantos lanhos na anca; o Hilarião tinha um corte de cima a baixo na japona, e eu levei um lançaço, que por sorte pegou no malote do poncho.**

**Mas varamos.**

**No quartel do Barbacena ninguém se entendia.**

**A oficialada espumava, de raiva, e um cutuba, baixote, já velho, botava e tiravao boné e metia as unhas na calva, furioso, de raiar sangue!...**

**Esse, era um tal General Abreu...um tal General José de Abreu, valente como as armas, guapo como um leão...que a gauchada daquele tempo - e que era torenada macotel - bautizou e chamava de - Anjo da Vitoriai**

**Esse, o cavalo dele não dava de rédea para trás, não! Esse, quando havia fome, apertava o cinto, com os outros e ria-se!**

**Esse, dormia como quero-quero, farejava como cervo e rastreava como índio...; esse, quando carregava, era como um ventarrão, abrindo claros num matagal.**

**Com êsse...castelhano se desguaritava por essas coxilhas o mesmo que bandada de nhandu, corrida a tiros de bolas!...**

**Era o Anjo da Vitória, esse!**

**Daí a pouco apareceu um outro oficial, mocetão bonito, que era major. Este chamanava-se Bento Gonçalves, que depois foi meu general, nos farrapos.**

**Os dois se conversaram, apalavrataratn os outros e tudo montou e tocou para rumos diferentes.**

**No acampamento estrondeava a briga. Já tinha amanhecido.**

**Eu andava colado ao meu padrinho, como carrapato em costela de novilho. Por onde ele andou, andei eu; passou, passei; carregava, eu carregava fazia caravolta, eu também.**

*Naquelas correrias, o meu bicharàzito, às vezes, enchia-se de vento, e voava, e batia aberto, que nem bandeira cinzenta...*

*O Major Bento Gonçalves formando a cavalaria, agüentava como um taura as cargas do inimigo, para ir entretendo, e dar tempo à nossa gente de quadrar-se, unida.*

*Os castelhanos, mui ardilosos, logo que aqueitou o sol tocaram fogo nos macegais onde estava o carretame; o vento ajudou, e enquanto eles carcheavam a seu gosto, uma futnaça braba tapou tudo, do nosso lado!*

*Então o General Abreu no alto do coxilhão formou os seus esquadrões: o meu padrinho comandava um deles.*

*Formou, fez uma fala agente e carregou, êle, na frente, montado num tordilho salino, ressolhador.*

*Oh! velho temerário! Firme nos estribos, com o boné levantado sobre o cocuruto da cabeça, a espada apontando como um dedo, aiscando, o velhito ponteou aquela tormenta, que se despenhou pelo lançante abaixo e afundeou-se e entranhou-se na massa cerrada do inimigo, como utna cunha de nhanduvaí abrindo em dois um moirão grosso de guajuvira... E deixando uma estiva de estrompados, de mortos, de atarantados, de feridos e de morrentes - como quando rufa um rodeio xucro... vamcê já viu? - varou para o outro lado, mandou fazer - alto, cara-volta! - e mal que reformou os esquadrões, os homens chalrando e rindo, a cavallhada, de venta aberta, bufando ao faro do sangue e trocando orelhas, pelo alarido, o velho já se bancou outra vez na testa, gritou - Viva o Imperador! - e mandou - Carrega!*

*E a tormenta da valentia rolou, outra vez, sobre o campo.*

*Mas nesta hora maldita, a fumaça maldita nos rodeava e cegava; e mal íamos dando lance à carga - eu, folheirito, abanando no mais o meu bichará pra o Hilarião - rebentou na vanguarda e num flanco a fuzilaria, e vieram as baioneta... e uma colubrina, que nos tiroteavam donde não podia ser!...*

*A nossa cavalaria se enrodilhou toda, fazendo uma enrascada de mil diabos... e enquanto o tiroteio nos estraçalhava, que os ginetes e os cavalos caíam, varados, e que, por fim, os próprios esquadrões já iam rusingando uns com os outros - aí, amigo, andei eu às pechadas! - enquanto isso... veio uma rajada forte de vento, que varreu a fumaça, limpou a vista de todos e mostrou que era a nossa infantaria que nos tinha feito aquela desgraça...*

*Então, por cima dos mortos e dos feridos houve um silencio grande, de raiva e de pena... como de quem pede perdão, calado... ou de quem chora de saudade, baixinho...*

*Lá longe, os castelhanos, enganados, tocaram a retirada. O nosso quartel general também tocou a retirada.*

*Pegou a debandada; dispersava-se a gente por todos os lados, aos punhados, botando fora das perdeneiras, as patronas; muitos sotretas fugiram de cambulhada com o chinerio...*

*Metade de batalhões arrinconavam-se, outras encordoavam marcha.*

*Os ajudantes galopavam conduzindo ordens...mas parecia que toda a força ia fugindo duma batalha perdida, que não era, porque tudo aquilo era da indisciplina, somente.*

*O Anjo da Vitória lá ficou, onde era afrente dos seus esquadrões, crivado de balas, morto, e ainda segurando a espada, agora quebrada.*

*Campeei o meu padrinho: morto, também, caído ao lado do azulego, arrebandado nas paletas por um tiro de peça; ali junto, apertando ainda a lança, toda lascada, estrebuchava o Hilarião, sem dar acordo, aiando, só aiando...*

*Deitado sobre o pescoço do cavalo, comecei a chorar.*

*Peguei a chamar:*

*Padrinho! Padrinho!*

*Hilarião! Meu padrinho!*

*Apeei-me, vim me chegando e chamando – padrinho! Padrinho! e tomei-lhe a bênção, na mão, já fria... puxei na manga do chiru, que já nem bulia...*

*Sem querer fiquei vendo as forças que iam-se movendo e se distanciando... e num tirão, quando ia montar de novo, sem saber pra quê...foi que vi que estava sozinho, abandonado, gaudério e gaúcho, sem ninguém para me cuidar!...*

*Foi então que, sem saber como, já de a cavalo, enquanto sem eu sentir as lágrimas caíam-me e rolavam sobre o bichará, os olhos se me plantaram sobre o tordilho salino... sobre o coto da espada... sobre um boné galoado...*

*E o cabelo me cresceu e fiquei de chora parado... e ouvi, patentemente, ouvi bem ouvido, o velho macota, o Anjo da Vitória, morto como estava, gritar ainda forte*

*- Viva o Imperador! Carrega!*

*O meu bicharázito se empantufou de vento, desdobrou-se, batendo como umas asas... o mancarrão bufou, recuando, assustado... e quando dei por mim, andava enancado num lote de fujões...*

*Comi do ruim... Vê vancê que eu era guri e já corria mundo..."*

## **A Revolução Farroupilha 1835-45**

### **Um laboratório de táticas, estratégias e liderança militar**

De 1835/45, a 3ª RM combateu a Revolução Farroupilha, episódio que abordamos em *O Exército Farrapo e os seus chefes* (Rio, BIBLIEX, 1993,2v), é uma obra de cunho profissional militar procurando demonstrar que o território da 3ª RM serviu durante quase 10 anos de laboratório de táticas, técnicas e estratégias e, sobretudo, para a formação de lideranças de combate que, depois de se enfrentarem, marcharam irmanados para combater nas lutas externas que envolveram o território da 3ª RM: Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52; Guerra contra Aguirre 1864-65 e Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai 1865-70. Esta revolução teve o seguinte desenvolvimento estratégico:

### **Causas políticas**

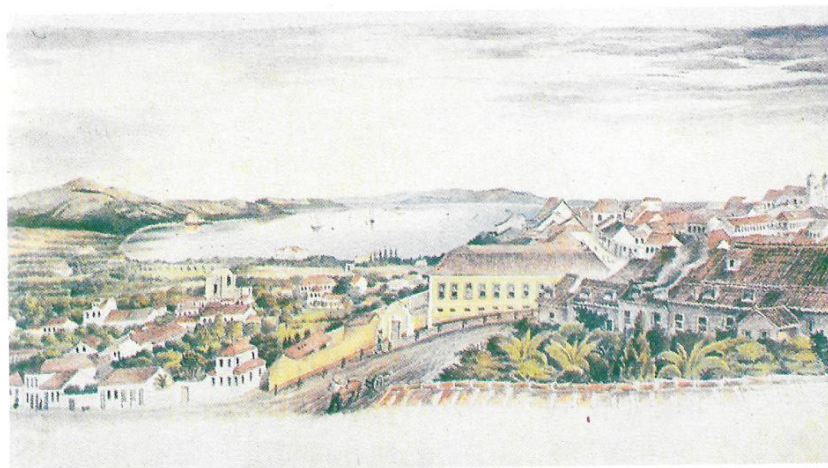
De 1835-45, teve lugar no Rio Grande do Sul, território da 3ª RM, a Revolução Farroupilha. Ela foi resultado, segundo interpretações dominantes, de insensibilidade política do governo central e intolerância do provincial, em defesa de interesses do que na época eram classificados de "galegalidade", ou lei dos galegos ou portugueses, que ainda exercia grande influência no Brasil, em que pese a Independência, em 7 Set. 1822.

Ela teve início em 20 Set. 1835, com a conquista farrapa de Porto Alegre, e com ela o longo processo revolucionário gaúcho que, depois de transitar pelas revoluções de 1893, 1923, 1924-26 e 1930, teve seu epílogo, segundo Osório Santana Figueiredo, em 20 Set. 1832, no combate de Cerro Alegre, em Piratini, com a prisão, seguida de exílio em Pernambuco, do Dr Augusto Borges de Medeiros.

Ela foi liderada pelo então Cel. de Estado-Maior do Exército Bento .Gonçalves da Silva.



Esta revolução consagrou, aos 37 anos, como pacificador da Família Brasileira, ameaçada de dividir-se pelas lutas fratricidas do período 1831-45, e como estrategista e tático consumado - o maior de nossos generais - Luis Alves de Lima e Silva - o Duque de Caxias e atual Patrono do Exército Brasileiro e então comandante da 3a RM, cumulativamente com as funções de Presidente da Província.



*Visão do quartel do 28º BC na Praça do Portão - Porto Alegre - 1835-52*



*Uniformes e vestuário no Rio Grande do Sul - 1835-52*

CNS, 3ª RM - Pinturas da época 1835-52, do pintor Wendforth

## **As operações em nível estratégico e fontes para estudo**

As operações em nível estratégico se desenvolveram em 5 fases distintas, segundo interpretamos, com o apoio na análise crítica das seguintes obras apresentadas em ordem cronológica e outras produzidas pelo autor e referidas em local próprio:

1. ARARIPE, Tristão de Alencar. "Guerra Civil no Rio Grande do Sul". RIHGB, t. 43, parte 2, 1880.
2. ASSIS BRASIL, J. F. História da Revolução Rio Grandense. São Paulo, 1887.
3. RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Alm. Lit. e Estat. do RGS. Rio Grande, Liv. Americana, 1889-1917.
4. VARELA, Alfredo. História da Grande Revolução. Palegre, Liv. Globo, 1933, 6v.
5. LAYTANO, Dante. História da República Rio Grandense. Palegre, Liv. Globo, 1936.
6. FRAGOSO, Augusto Tasso. A Revolução Farroupilha. Rio, Biblioteca do Exército, 1939.
7. FERREIRA FILHO, Artur. História Geral do RGS. Palegre, Liv. Globo, 1958, 5ª ed.
8. CALMON, Pedro. História do Brasil. Rio, José Olímpio, 1959, 7v.
9. SPALDING, Walter. A Epopéia Farroupilha. Rio, Biblioteca do Exército, 1963.
10. FAGUNDES, Morivalde Calvet. História da Revolução Farroupilha. Palegre, Martins Livreiro et alli, 1984.

Foram consultados os Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, a Coleção do Jornal O POVO e Ordens do Dia e Ofícios do Barão de Caxias, no período 1842-1845, Apontamentos de Manoel A. da Silva Caldeira e Memórias de Chico Pedro, publicadas nas RIHGRGS, anos 1927 e 1921 etc.

## **1ª Fase - Vitória da Revolução (20 Set. 1835 - 15 Jan. 1836 - cerca de 4 meses)**

Consistiu na tomada e posse dos revolucionários de Porto Alegre, em 20 Set. 1835, seguida, no mês de Outubro, de diversas ações para superar reações apresentadas pela 3ª RM em Rio Pardo, São Gabriel, Pelotas, São José do Norte, Rio Grande e Colônia São Leopoldo.

Ao final do mês, as primeiras lideranças militares contra a revolução haviam sido neutralizadas ou obrigadas a imigrar. O Presidente da Província, deposto, havia se dirigido ao Rio de Janeiro. Ficou assim todo o Rio Grande do Sul em poder dos revolucionários que colocaram na Presidência da Província o Dr Marciano Ribeiro (médico mineiro), deputado e, no local do comandante da 3ª RM, o Cel. Bento Manuel Ribeiro, então Cel. do Exército de Estado-Maior, há pouco destituído do comando da Fronteira do Rio Pardo.

A revolução ocorreu de surpresa, aproveitando a situação dos comandantes da 3ª RM e da Fronteira do Jaguarão; principais reações esperadas, estarem em suas estâncias, crenes de que o líder político militar do movimento, o Cel. Bento Gonçalves da Silva, comandante superior da Guarda Nacional da Província, encontrava-se, em Corrientes, na Argentina, em licença. O governo central era exercido pelos liberais.

## **2ª fase - A República Rio-Grandense**

## **proclamada e obrigada a emigrar (15 Jan. 1835 - 28 Mar. 1837 - cerca de 14 meses)**

Com a nomeação do novo Presidente da Província, Dr Araujo Ribeiro, pelo governo Central, esta autoridade assumiu o governo na cidade do Rio Grande, em 15 Janeiro 1836, ponto estratégico militar que retornou ao controle do governo Central através de hábil manobra política. Este ponto serviu para o governo, no Rio, introduzir, via marítima, importantes reforços militares terrestres e navais, para consolidar aquela posição e combater, a partir dela, a Revolução. Aderiu à causa legal o Cel. Bento Manuel Ribeiro, comandante revolucionário da 3ª RM, fator importante que evitou o ataque de reconquista da cidade de Rio Grande pelos revolucionários.

No confronto que se seguiu, segundo Canabarro Reichardt, houve divergências de estratégias entre Bento Gonçalves - líder político-militar e João Manoel de Lima e Silva, que assumiu o comando revolucionário da 3ª RM.

O primeiro foi favorável à concentração a fim de derrotar Bento Manuel para, a seguir, investir a cidade de Rio Grande.

O segundo foi favorável ao investimento a um só tempo, de Bento Manuel, na Campanha, e da cidade de Rio Grande. Dessa hesitação decorreu serem os revolucionários batidos por partes, com a perda definitiva de Porto Alegre, em 15 Jul. 1836, reconquistada num ousado golpe de mão pelo então Maj. Manoel Marques de Souza, futuro comandante da 3ª RM, seguido da prisão do governo revolucionário enviado para o Rio. Isso provocou a desistência de João Manoel de investir Rio Grande e, pouco depois, a prisão de Bento Gonçalves, em 4 Out. 1836, na ilha de Fanfa. Este fato ocorreu quando se retirava de Porto Alegre, numa frustrada tentativa de reconquistar aquela capital ou mantê-la sob sítio terrestre.

Nesse quadro extremamente adverso, o Cel. Antônio de Souza Netto, com sua Brigada Liberal, bateu em Seival, em 10 Set. 1836, a força legal do Cel. João da Silva Tavares, proclamando no dia seguinte, em Campo do Menezes, a República Rio-Grandense, logo reconhecida pela Câmara de Jaguarão e, a seguir, pela de Piratini.

Pressionado por Bento Manoel, os chefes João Manoel e Antônio Netto reuniram suas forças em Piratini, na Serra dos Tapes, escolhida capital da República Rio-Grandense, para aí instalarem e estruturarem seu Exército.

Em 4 Dez. 1836, sob pressão de Bento Manuel, a República Rio-Grandense e o seu Exército foram obrigados a se internarem no Uruguai, deixando o Rio Grande sob controle militar dos imperiais. Bento Gonçalves foi escolhido o Presidente da República e comandante-em-chefe de seu Exército, quando se encontrava preso no Rio de Janeiro.

Assumiu a liderança militar farrapa o Cel. Antônio Netto, em substituição ao primeiro general da República - João Manoel Lima e Silva, que se internou no Uruguai para tratar de ferimento no rosto, recebido no combate de São Gonçalo, de 2 Jun. 1836, em Pelotas. Pois já se assinalava, nessa altura, reação à sua liderança militar, por condições de saúde precárias.

## **3ª fase - Retorno da República do Uruguai (28 Mar. 1837 - 18 Jul. 1839 - cerca de 27 meses)**

Desinteligências entre o Presidente da Província, Brig. Antero Ferreira Brito, e o comandante da 3ª RM, o Cel. Bento Manoel Ribeiro, terminaram por modificar o curso da revolução.

O Presidente saiu de Porto Alegre para prender e destituir o comandante da 3ª RM. Mas este antecipou-se e prendeu o Presidente, em 28 Mar. 1837, no Passo de Itapevi, em Alegrete. Assim Bento Manoel, pela segunda e última vez, passou-se para o lado republicano, para onde levou a vitória, como fiel da balança e novo ponto de inflexão da guerra em favor da revolução.

Os republicanos então retornaram ao Rio Grande. Restabeleceram a capital em Piratini, conquistaram Caçapava em 8 Abr. 1837 e colocaram sob sítio, em 13 Maio 1837, a capital de Porto Alegre. Este sítio se prolongaria por três anos. Conquistaram Triunfo, em 15 Ago. Três dias depois, em São Borja, teve lugar a morte brutal, depois de emboscado e torturado, do Gen. João Manoel Lima e Silva, aos 32 anos. Era tio do futuro Duque de Caxias.

## Objetivos do sítio farrapo de Porto Alegre

Segundo interpretamos, os republicanos, ao colocarem Porto Alegre sob sítio terrestre, objetivavam estrategicamente:

1. Fixar importantes efetivos da 3ª RM na capital.
2. Impedir apoio mútuo terrestre Rio Grande - Porto Alegre.
3. Impedir envio de reforços terrestres de Rio Grande a Porto Alegre pelo litoral, ou a partir de Santa Catarina.
4. Impedir expansão de pontos fortes terrestres, com apoio naval ao longo do Jacuí e seus afluentes, assegurando, assim, a livre circulação e comunicações republicanas no interior do Rio Grande.
5. Melhor realizar a espionagem dentro dos muros da sitiada Porto Alegre, através de agentes republicanos infiltrados.
6. Assegurar ali, a articulação da Campanha com a região serrana (Cima da Serra) e, em decorrência, com Santa Catarina e São Paulo, por terra.

Assim, enquanto os republicanos mantiveram Porto Alegre sob sítio, viveram o período áureo e de maior segurança no campo militar. Foi em razão do alto sentido estratégico do sítio republicano em Porto Alegre que, por cerca de três anos, o esforço militar da 3ª RM concentrou-se em levantá-lo.

## Um herói da defesa da sitiada Porto

Desempenhou então destacado papel, para defender e apoiar logisticamente Porto Alegre sitiada, o seu filho - o Ten. Cel. Francisco Pedro de Abreu, no comando do célebre Esquadrão da Barra e, depois, 5º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional.

Exerceu essa ação a partir de Out. 1837, através do Forte da Picada ou Chico Pedro, que estabeleceu como sua base de operações em ilha, na foz do rio Jacuí com o Guaíba, ligado à margem oposta do porto de Porto Alegre por uma picada.

A partir daí, em diversas ações com Cavalaria e Infantaria, ao longo da Lagoa dos Patos até o rio Camaquã e, ao longo do rio Jacuí até o Rio Pardo, com apoio naval, realizou memoráveis golpes de mão sobre os republicanos, inquietando-os, aprisionando-os e trazendo gado para alimentar as tropas da 3ª RM, a população e os hospitais de Porto Alegre, aumentando assim, a capacidade de resistir da capital. Atuou como uma espécie, hoje, de tropa de fuzileiros navais, transportado



inclusive pela barca "Liberal", barco a vapor, pioneiro no Brasil em operações militares e construído em Pelotas, em 1832, por Domingos de Almeida e Cia.

Toda essa movimentação revolucionária de dois anos, até 15 Set. 1839, foi realizada com o governo central nas mãos do Partido Liberal. Nesse período foram enviados em reforço à 3ª RM 1904 homens. Eles representaram cerca de 17% do efetivo total enviado até a Pacificação.

Assumindo o governo o Partido Conservador, foi intensificado o combate à revolução, com envio de reforços à 3ª RM até Abr. 1839, num total de 5772 homens, ou cerca de 30% do total enviado até a Pacificação.

### **A 3ª RM levanta o sítio**

Em Fev. 1838, o Presidente e comandante da 3ª RM Gen. Elzeário de Miranda Brito, visando a derrotar os republicanos que sitiavam Porto Alegre, executou a seguinte manobra Embarcou suas tropas em Porto Alegre e as desembarcou na margem esquerda do Jacuí. Por uma manobra desbordante dos rio Caí, Sinos e Gravataí, tentou cair sobre os sitiados, pela retaguarda.

Estes, ao comando do Cel. José Mariano de Mattos, levantaram o sítio e retraíram para a Cima da Serra, de onde avançaram sobre Lajes, em Santa Catarina. Bento Gonçalves pressionou Porto Alegre, mas foi rechaçado pelo Gen. Elzeário ao longo do Jacuí, até Rio Pardo. Esta foi retomada pela 3ª RM em Mar. 1838. Os republicanos reagiram e recuperaram Rio Pardo, em 30 Maio 1838, na maior e mais retumbante vitória das que obtiveram. Logo a seguir, restabeleceram o sítio de Porto Alegre.

A segunda tentativa do Gen. Elzeário de desbordar os sitiados foi anulada com a vitória obtida pelos republicanos em Caí, em 1º Fev. 1839, ao comando do Gen. Bento Manoel Ribeiro.

No campo naval, os imperiais desalojaram os republicanos dos fortes do Itapoam e da Ilha do Junco, na estreita entrada à Lagoa dos Patos, no rio Guaíba. Neutralizaram a interferência de barcos farrapos na navegação imperial, ao longo da Lagoa dos Patos, por navegarem em comboios. Tentaram destruir o estaleiro republicano no rio Camaquã (Passo do Mendonça).

### **A expedição farrapa a Laguna**

Logo a seguir, em 1839, teve lugar a expedição republicana terrestre e naval a Santa Catarina, visando à conquista de um porto de mar, na Laguna, para a República Rio-Grandense. O Cap. José Garibaldi, comandante da Marinha da República, depois de construir os lanchões "Seival" e "Farroupilha" no estaleiro do rio Camaquã, atravessou a Lagoa dos Patos e transportou os barcos para o rio Tramandaí. Fez então longa e épica travessia com os barcos transportados em enormes carretas. Do rio Tramandaí atingiu o oceano e depois Laguna, em Santa Catarina, somente com o lanchão "Seival", em razão do "Farroupilha" haver sido engolido por uma tempestade em alto-mar. Proclamada a efêmera República Juliana, ela teve seu epílogo com a derrota da esquadra republicana pela Imperial, no combate naval de Laguna, de 15 Nov. 1839.

A expedição a Laguna, em Jul. 1839, acompanhada do abandono definitivo da causa republicana, para um período de neutralidade, pelo Gen. Bento Manuel

Ribeiro, em 18 Jul. 1829, tiveram lugar com o Partido Liberal no poder, no Rio, desde Abr. 1839.

Assim, com a malograda expedição a Laguna e abandono da causa republicana pelo Gen. Bento Manuel, encerrou-se a fase da república Rio-Grandense, com capitais em Piratini e Caçapava, de onde editaram o jornal oficial - O POVO.

#### **4ª Fase - Declínio da República Rio-Grandense (18 Jul. 1839 - Dez. 1842 - cerca de 3 anos e meio)**

O ano de 1839 terminou para os republicanos com derrota naval em Laguna, em 15 Nov. 1839, e com a vitória terrestre de Santa Vitória (Bom Jesus), 14 Dez. 1839, em que forças retirantes de Santa Catarina, ao comando do Cel. Teixeira Nunes, e "*a maior lança farrapa*" - (Tasso Fragoso), bateram e dispersaram a Divisão Paulista, ou Divisão da Serra, que invadira o Rio Grande, a partir de Lages, em Santa Catarina, em apoio à 3a RM para levantar o sítio de Porto Alegre.

O ano de 1840 foi inicialmente de equilíbrio. Assumiu o comando da 3a RM o Gen. Manoel Jorge Rodrigues, decidindo logo por atacar os republicanos que sitiavam Porto Alegre.

Planejou desbordar o sítio, como o tentara duas vezes, sem êxito, o Gen. Elzeário. Só que agora com mais forças e depois de operar junção, na margem direita do rio Caí, com coluna ao mando do Brig. Oriental Izaias Bonifácio Calderon, após partir do canal de São Gonçalo, próximo a Pelotas, e atacar Caçapava, a capital da República. Como resultado desta manobra, teve lugar, em 3 Maio 1840, a indecisa batalha de Taquari e, no campo estratégico, a consolidação do sítio republicano de Porto Alegre.

O grande endividamento interno e externo da República abalou seu crédito por esta época, com reflexos negativos no apoio logístico à guerra e na unidade do movimento. Tiveram então lugar as primeiras gestões visando à pacificação. Circunstância coincidente com a maioria de D. Pedro II.

Em 10 Jul. 1840, já com o Partido Liberal novamente no poder, teve lugar o mais sangrento combate da Revolução, em São José do Norte, mas assinalado por nobres gestos dos comandantes rivais - Bento Gonçalves e o Cel. Antonio Soares de Paiva. A falta de Infantaria tornou-se gritante para os republicanos.

Em 14 Maio 1841, Bento Gonçalves reassumiu a presidência em São Gabriel.

#### **Soares Andrea levanta o sítio de Porto Alegre**

Assumiu a Presidência do Rio Grande e o comando da 3a RM o Gen. Soares Andréa, o futuro barão de Caçapava. Concentrou seu esforço em obrigar os republicanos a levantar o sítio de Porto Alegre.

Andréa, com o concurso de forças navais e terrestres, em torno de Porto Alegre, tentou cercar os republicanos que a sitiavam.

Lançou contra eles, a partir de Santa Catarina, uma Divisão ao comando do Gen. Pedro Labatut, reedição da malograda Divisão da Serra. Assim a 3ª RM serviria de bigorna, e a Divisão Labatut, de martelo. Em Taquari, interposto entre Porto Alegre e a Campanha, Andréa deixou forte efetivo destinado a cortar a retirada dos sitiados de Porto Alegre, pretendida reedição da armadilha da ilha do Fanfa. Para fugir da armadilha, Canabarro e Bento Gonçalves, sucessivamente, deixaram o sítio de Porto Alegre e marcharam para Cima da Serra, ao encontro de Labatut, visando

também atingir 'a Campanha por um amplo movimento desbordante que foi o mais épico feito terrestre farrapo.

Eles anularam a manobra de Labatut, conseguiram atingir a Campanha, por Santa Maria, desbordando Taquari, mas enfraqueceram o sítio de Porto Alegre.

Andréa, apesar do insucesso de Labatut, conseguiu uma grande vitória estratégica, alternativa da derrota pretendida dos sitiantes, ou seja, obrigá-los a levantar, em definitivo, o sítio de Porto Alegre. A partir dessa vitória, as forças da terra imperiais, com apoio naval, foram se espraiando e se fixando em pontos fortes, bem como ao longo das barrancas norte do rio Jacuí e afluentes e ainda confinando os republicanos na Campanha Rio-Grandense e nas Missões (São Borja e Cruz Alta), tendo como capitais São Gabriel e depois Alegrete. Nas Missões, com pontos fortes em São Borja e Cruz Alta. A região de Cima da Serra passou ao controle imperial.

## **A expedição do Gen. João Paulo dos Santos**

O Gen. João Paulo dos Santos Barreto, agora o comandante da 3ª RM, concentrou seu Exército, forte 5 000 homens, na região de Cachoeira (Passo São Lourenço). Sua estratégia era penetrar na Campanha e travar uma batalha campal com os republicanos. E assim, procedeu uma longa marcha pela Campanha, de 4 Mar. - 13 jun 1841, ao longo da qual sofreu uma guerra de desgaste ou de recursos, eufemismo de guerras de guerrilhas. Chegou ao final, na estância do Carmo, margem direita de Ibicuí, em 21 Jul. 1841, destituído do comando, com a Cavalaria quase a pé e a Infantaria extenuada e desfalcada pela peste, disenteria e deserções. Enquanto acreditava estarem os republicanos fugindo de um combate decisivo, estes estavam desenvolvendo uma guerra de guerrilhas, típica da área, chamada então, repito - guerra de recursos ou guerra à gaúcha.

Aproveitando o insucesso desse raid, imaginaram os republicanos um ataque a Rio Grande que não foi efetivado, mas preocupou seriamente a Corte.

## **O Mar. Pereira Valente comprime a mola do apoio logístico**

O governo Central, desde Março sob controle dos líderes do Partido Conservador, substituiu no comando da 3ª RM o Gen. João Paulo pelo Mar. Tomas Joaquim Pereira Valente e conde do Rio Pardo.

Este, durante o longo período de 14 meses, não alterou o quadro estratégico. O esforço operacional do Império voltava-se então para Minas e São Paulo. Mas dedicou-se a preparar-se logisticamente, ou seja, refazer-se dos desgastes sofridos pelo Gen. João Paulo. Recebeu esforços de 5 450 homens, ou metade do efetivo total de 11 000 enviados ao Sul, deste 1835.

As revoluções liberais de Minas Gerais e São Paulo haviam trazido um alento moral aos republicanos. Mas este espírito pouco perdurou, pois a discórdia entre os republicanos já começara a lavrar. Discórdia que se evidenciou, mais tarde, na instalação da Assembléia Constituinte, em Alegrete, em 1º Dez. 1842, ocorrida cerca de 20 dias depois de Caxias haver assumido, em Porto Alegre, a Presidência da Província, cumulativamente com o comando da 3ª RM.

## **5ª Fase - A pacificação do Rio Grande (5 Nov. 1842 - 19 Mar. 1845 - cerca de 28 meses)**

Ao assumir a Presidência e o comando da 3ª RM, em 9 Nov. 1842, Caxias, precedido da justa aura de Pacificador do Maranhão, São Paulo e Minas Gerais, encontrou o seguinte quadro estratégico:

A tropa da 3ª RM, forte de 11 500 homens, mantinha grandes efetivos no corte de São Gonçalo, face a Pelotas, e em Porto Alegre e Rio Pardo.

O grosso da 3ª RM acampava no estratégico Passo de São Lourenço, no rio Jacuí, a montante de Cachoeira do Sul.

Era passo chave para o ingresso na Campanha Rio Grandense e nas Missões. Já fora usado, como abordamos anteriormente, para concentrar o Exército Demarcador de Gomes Freire, na Guerra Guaranítica 1754-56, pelo marquês de Barbacena; para concentrar o Exército do Sul, depois de Passo do Rosário - 20 Fev. 1827 e depois pelo Gen. João Paulo, em 1841, para investir na Campanha.

O grosso da 3ª RM estava desmontado, mas refeito logisticamente da desgastante expedição do Gen. João Paulo.

A Marinha exercia pleno domínio das águas navegáveis do Rio Grande: Lagoa dos Patos e Mirim e rio Jacuí, etc.

Os republicanos dominavam a Campanha e as Missões com cerca de 3 500 homens. Estavam com o controle de quase todas as cavalhadas da província e fechavam as fronteiras do Uruguai e da Argentina ao recebimento de cavalos pela 3ª RM.

Nas Missões, com base em São Borja, atuava o Cel. Joaquim Teixeira Nunes, e, com base em Cruz Alta, o Ten. Cel. Gomes Portinho. Em Cima da Serra atuavam contingentes republicanos esparsos.

### **O plano estratégico de Caxias**

Caxias iniciou a campanha transportando, por terra, 7.000 cavalos de Rincão dos Touros, em Rio Grande, após fixar Netto em Piratini e Canabarro, face ao Passo Lourenço. Atravessou o São Gonçalo no Passo da Barra. Depois de costear a Lagoa dos Patos e o rio Jacuí, por cerca de 80 léguas, atingiu o Passo São Lourenço. Caxias desenvolveu esforços nos seguintes pontos, o que conseguiu plenamente, em que pese desgastante e persistente ação do Exército da República, sob a liderança de Canabarro, de desgastar e evitar o combate: (Guerra de Recursos)

1. Conquistar superioridade em cavalhadas, relativamente aos republicanos, e, com isto, superá-los em mobilidade ou capacidade de manobrar; (O transporte aqui se enquadra);
2. Ocupar as povoações na Campanha e Missões com Infantaria e Polícia e fortificá-los, se necessário, com trincheiras, caso de Canguçu, ou com fortes - caso de São Gabriel (Forte Caxias) e Santa Maria (Forte da Imperatriz);
3. Melhorar as fortificações de Rio Grande e Porto Alegre (Bases navais e terrestres);
4. Abrir as fronteiras nos rios Uruguai e Quaraí e, em Santana do Livramento, ao recebimento de cavalos adquiridos no Uruguai e Argentina;
5. Fechar estas fronteiras para o mesmo fim aos republicanos;



6. Fazer transportar sua Infantaria a cavalo e abrir mão da Artilharia de Campanha, para maior mobilidade, conservando-a em sua Divisão;
7. Com o concurso dos caudilhos Oribe e Rosas, fechar as fronteiras, em Santana e nos rios Quaraí e Uruguai, às imigrações dos republicanos;
8. Estimular, no Rio Grande, no Uruguai e na Argentina, a reação e cooperação econômica e militar de imperiais ou dissidentes dos republicanos imigrados naqueles países, ou por eles neutralizados no Rio Grande;
9. Desenvolver, em Passo do Rosário, Rincão del Rey, em Rio Pardo, e no Rincão dos Touros, em Rio Grande, junto ao canal São Gonçalo, invernadas de cavalos para manter a mobilidade de seu Exército superior a dos republicanos;
10. Não levar a guerra contra a população civil, estimulando-a a sobreviver economicamente e não requisitando dela recursos, como havia feito o Gen. João Paulo (mandou inclusive recuperar a igreja de Canguçu, que estava quase em ruínas);
11. Proteger a invernada de Rincão dos Touros (Torotama), inclusive com auxílio da Marinha, no corte do São Gonçalo, e com expedições preventivas contra a Serra dos Tapes (Canguçu e Piratini), donde podiam partir ataques;
12. Oferecer o perdão e a anistia aos que depusessem armas (Dec. 18 Dez. 1844);
13. Tratar da paz em condições honrosas, negociar com firmeza, mas em alto nível de consideração aos negociadores republicanos, não transigindo com propostas de separação do Rio Grande do Império;
14. Forçar o grosso dos republicanos para a Serra dos Tapes e região entre a fronteira no Jaguarão e rio Camaquã;
15. Conservar para si a direção estratégica da guerra e atuar taticamente com o concurso de oficiais rio-grandenses especializados naquele modo de luta típica das coxilhas que se estava travando. Assim recorreu ao Brig. Bento Manoel e ao Ten. Cel. Francisco Pedro de Abreu, ou Chico Pedro, conhecedores da terra e gente rio-grandense;
16. Lançar no centro do *"reduto mais farrapo"*, a Serra dos Tapes (Piratini e Canguçu), com base de operações em Canguçu, atual, nó orográfico desta serra, a Ala Direita do seu Exército, ao comando do citado Ten. Cel. Francisco Pedro de Abreu, o célebre Moringue, o mais competente guerrilheiro da 3ª RM;
17. Lançar no momento decisivo suas reservas em cavalos, de Rincão dos Touros, para fechar a fronteira do Jaguarão à Revolução, ao único apoio externo que recebiam através do Gen. Rivera;
18. Conduzir a guerra no inverno, para provocar o desgaste das cavalhadas republicanas e de seus soldados, por negar-lhes apoio nas povoações, quebrando uma tradição na área de interromper a guerra no inverno;
19. Desenvolver esforços para arruinar cavalhadas republicanas. Isto por obrigá-los à intensa movimentação, ao combater no inverno, por fechar-lhes as fronteiras à importação de cavalos, por localizar e tomar suas invernadas e proteger as invernadas imperiais de Passo do Rosário, Rincão del Rey e Rincão dos Touros de incursões como a que aconteceu, com êxito, em Passo do Rosário e uma, malograda, sobre Rincão dos Touros;

20. Procurar apressar a paz, para prevenir interferência de Rosas e da Inglaterra, que esboçou desejos de proteger os farrapos, segundo Antônio da Fontoura em seu Diário.

Não se travaram encontros expressivos nesta fase. Os mais significativos foram os de Ponche Verde, a surpresa de Porongos, dois combates de Canguçu e o combate de Serro de Palma, em Candiota, última vitória republicana.

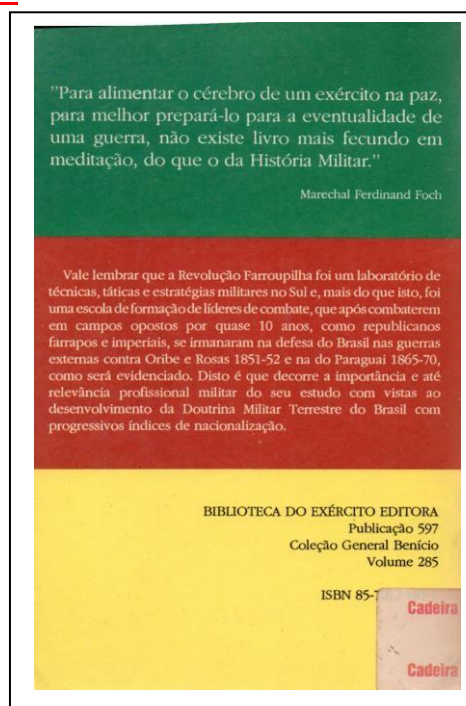
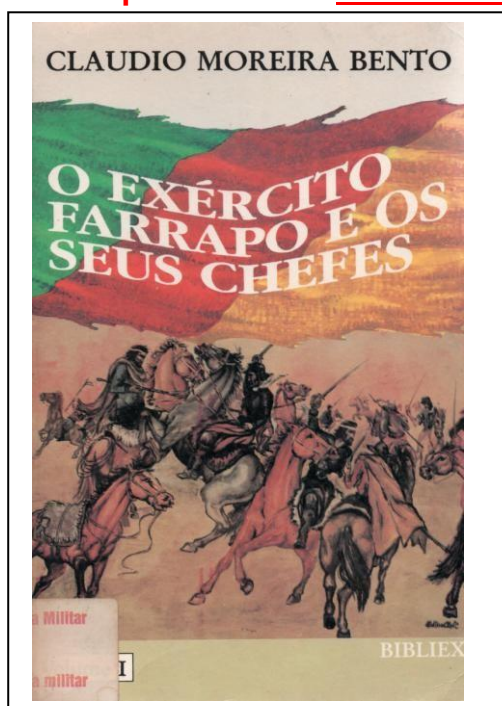
Em 1º Mar. 1845, em D. Pedrito e Ponche Verde, foi selada a Paz da Revolução Farroupilha.

Foi o reencontro da Família Brasileira, envolvida em lutas fratricidas desde a Abdicação de D. Pedro I, em 7 de Abril 1831.

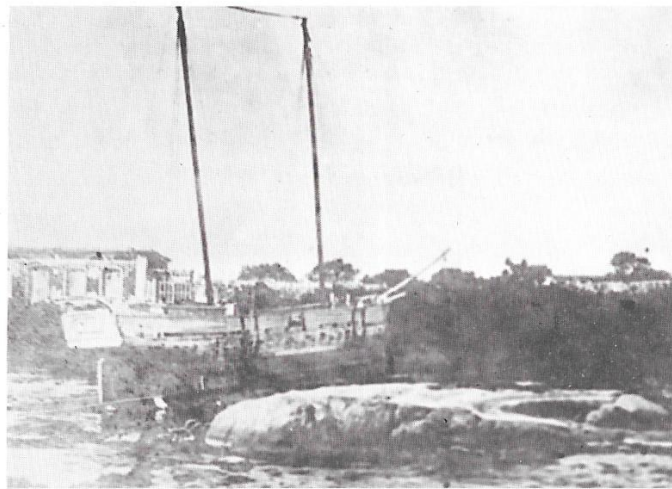
Por desejo dos revolucionários, Caxias foi mantido na presidência da Província e no comando da 3ª RM. De Ponche Verde a Bagé e depois até Porto Alegre, Caxias foi ovacionado.

Ligou-se desde então afetivamente aos rio-grandenses republicanos, que se tornaram seus amigos e colaboradores nas guerras externas contra Oribe e Rosas, 1851-52, e da Tríplice Aliança contra o Paraguai de 1865-70.

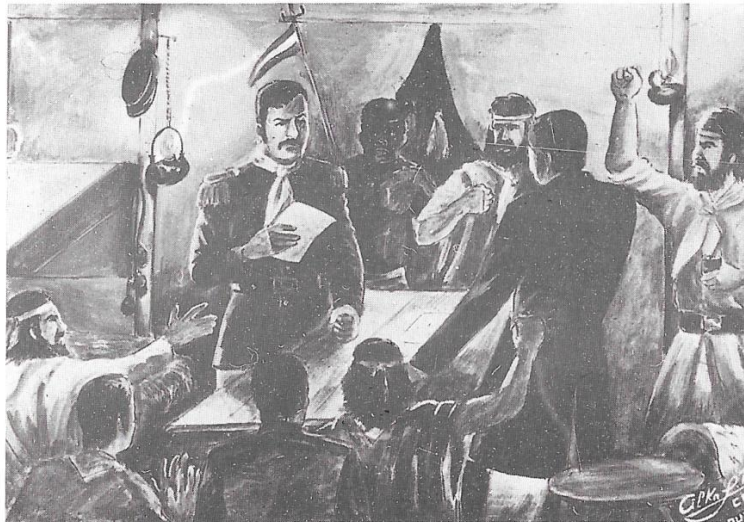
**Nota em 2017. Em 1992 publicamos pela Bibliotecas do Exército em 2 volumes o livro cujas capas figuram abaixo. Eles se apoiaram em fontes primárias reveladas em publicações do Arquivo Histórico do Rio Grande que corrigiram algumas omissões. Livros hoje digitalizados e disponíveis em Rio Grande do Sul em Livros e Plaquetas no site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br)**



**Entre as causas da Revolução Farroupilha concluímos que a principal foi a Questão Militar decorrente da perseguição do Exército pelo Governo que sucedeu D. Pedro I que obrigou os Exército a se articular nas fronteiras e reduziu drasticamente os efetivos da unidade. E assim o Batalhão de Infantaria do Rio Grande do Sul foi transferido de Porto Alegre para São Borja e o Grupo de Artilharia de Porto Alegre para Rio Pardo e os seus 3 regimentos de Cavalaria tiveram seus efetivos reduzidos drasticamente. E foi esta guarnição que se revoltou e promoveu a Revolução Farroupilha**



*Foto do lanchão farroupilha, Seival, cuja réplica foi introduzida no Parque Histórico Mal. Osório. Foto tirada em Laguna/SC.*



*Protesto de Canabarro à proposta de Rosas de apoiá-lo contra o Império ... "com sangue do primeiro estrangeiro que atravessar a fronteira assinaremos a paz com o Império"...*

CMS 3ª RM - Alegoria Gilka Silva / Pesquisa, texto, orientacao - Cel. Cláudio M. Bento

### **A guerra de guerrilhas farrapa**

**Em 1774, o mesmo tipo de guerra foi levado a efeito por Rafael Pinto Bandeira e seus guerrilheiros contra o invasor.**

**Esse tipo de guerra possuía ações preventivas, consistentes em remover, dos possíveis caminhos de invasões do Rio Grande, o gado vacum, muar e cavalariças existentes, para afetar a alimentação e transporte do invasor, ou procurava como objetivo militar, arrebatá-las dos oponentes suas cavalhadas e vacuns, o que equivalia a tirar sua mobilidade e capacidade de alimentação.**

**Essa guerra de desgaste aperfeiçoou-se nas guerras ocorridas após no Sul.**

**Porto Alegre, durante esta revolução, esteve por diversas vezes submetida a sítios farrapos. Aspectos que aprofundamos e detalhamos em Porto Alegre - Memória dos sítios farrapos e da Administração de Caxias (Brasília, EGGCF, 1988)**



(Contribuição ao III Encontro da IHTRGS em Pelotas, 20 Set. 1987), e teve origem em palestra que fizemos no CPOR-PA em 1987, que traz anexa o seguinte documento: Cidade de Porto Alegre durante os três sítios farrapos: 12 (26 Jun. -18 Set. 1835); 22 (15 Mar. 1837 - 13 Fev. 1838) e 32 (15 Jun. 1838 - 8 Dez. 1840). **(Documentos disponíveis em Livros e Plaquetas no site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) .**

A planta focaliza as trincheiras e vários detalhes de interesse da História da 3ª RM, como a atual área do QG e circunvizinhança.

Mais tarde, na Revolução de 93, as forças da 3ª RM foram atacadas pela canhoneira Marajó, evento do qual resultou uma planta que se encontra em poder do bibliógrafo gaúcho Júlio Petersen.

Do comando de Caxias da 3ª RM na Revolução Farroupilha, existem as seguintes fontes primárias publicadas:

- CAXIAS, Barão de. Ofício 1844-46. Rio, Imprensa Militar, 1950.
- IDEM. Ordens do Dia 1844-45. Rio, Imprensa Nacional, 1943.
- IDEM. Documentos seu governo 1844. RIHGRGS, n2 56, 1914, p. 128.

## Comandantes da 3º RM na Revolução Farroupilha

Mar. C. Sebastião Barretio Pereira Pinto (1775-1841). Nasceu em Rio Pardo, em 7 Abr. 1775. Fez carreira nos Dragões do Rio Pardo. Veterano nas campanhas na 3ª RM de 1801-1828. Combateu em Carumbé, Catalão e em Passo do Rosário, onde, como brigadeiro, comandou a 1ª divisão. Comandou a 3ª RM de 11 Jan. 1831 -27 Out. 1835. Um dos objetivos da Revolução Farroupilha foi o de destituí-lo do comando da 3ª RM, o que foi conseguido. Em 30 Abr. 1838, sofreu fragorosa derrota no combate de Rio Pardo, que estudamos em Sesquicentenário do Combate do Rio Pardo (Rio, Monasa 1988) . ( obra disponível em **Conflitos em Livros e Plaquetes no site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br)** Submetido a Conselho de Guerra, foi absolvido. Presidiu Minas Gerais em 1840). Faleceu em Porto Alegre, em 22 Dez. 1841, aos 66 anos.

Brig. Bento Manoel Ribeiro (1783-1855). Nasceu em Sorocaba, em 1783. Comandou a 3ª RM de 27 Out. 1836 - 1 Nov. 1837 como revolucionário e, em seguida, como legal. Era veterano das guerras de 1801-1852, de soldado miliciano a Ten. Gen. do Exército, e participou ativamente da revolução Farroupilha ora como revolucionário, ora como imperial e, finalmente, nesta condição. Sua ação é descrita no texto. Estudamo-lo amplamente em O Exército Farrapo e os seus chefes v. 1 (p. 111-126), onde merece reflexão seu julgamento por Osvaldo Aranha, que o reconcilia com a História. Faleceu em Porto Alegre, em 1855, aos 72 anos.

Ten. Gen. Francisco das Chagas Santos (1763-1840). Nasceu no Rio, em 17 Set. 1763. Comandou a 3ª RM de 4 Abr. -16 Abr. 1837, interinamente, e de 16 Mar. - 6 Jun. 1837, num total de pouco mais de 2 meses. Engenheiro militar. Comandou o distrito das Missões 1809-21. Em 1821-22 foi comandante da Fronteira, Vila e Porto do Rio Grande. Comandou as Armas de São Paulo, em 1823. Ao estourar a Revolução Farroupilha, comandava a guarnição de Porto Alegre. Faleceu no Rio em 12 Out. 1840, aos 77 anos. Falta seu retrato na galeria de Comandantes da 3ª RM.

Mar. C. Antônio Elziário de Miranda Brito (1786-1858). Nasceu em Lisboa em 1786. Comandou a 3ª RM de 3 Nov. 1837 a 24 Jun. 1839. Voluntário do 1º RI em Portugal em 1796, veio com a Família Real, sendo em 1808 alferes do 3º RI do Rio. Fez carreira como engenheiro militar. Comandou as Armas do Maranhão (1829), do Rio de Janeiro e Corte (1837 e 1845). Presidiu o Rio Grande e Santa Catarina e dirigiu o Arquivo Militar. Faleceu no Rio, em 22 Out. 1858, aos 72 anos.



**Ten. Gen. Manoel Jorge Rodrigues (1777-1845).** Nasceu em Lisboa, em 23 Abr. 1777. Comandou a 3ª RM duas vezes, de 22 Mar. 1829 -17 Mar. 1830 e de 14 Jun. 1839 -27 Jul. 1840, num total de cerca de 21 meses. Lutou por Portugal a partir de 1800, em toda a Guerra Peninsular. Veio para o Brasil na Divisão de Voluntários Reais, em 1815, como Ten. Cel. comandante da 1ª BC. Foi comandante da praça da Colônia em 1824, onde se comportou com brilho, obrigando o Alte. Brown a retirar-se com perdas. Comandou Divisão de Observação em Montevideú, em 1854. Comandou as Armas em Minas, em 1831. Presidiu a província do Pará em 1835 e comandou as Armas da Corte e do Rio de Janeiro, 1842-45. Foi agraciado com o título de barão do Taquari e faleceu no Rio, em 14 Mar. 1845.

**Mar.C. Francisco José de Souza Soares Andrea e Barão de Caçapava (1781-1858).** Nasceu em Lisboa, em 29 Jan. 1781. Fez a carreira como engenheiro militar. Comandou a 3ª RM por duas vezes, de 27 Jul. - 30 Nov. 1840 e de 10 Abr. 1848 - 21 Mar. 1850, por mais de 5 anos descontínuos. Combateu a Revolução Pernambucana em 1817, como comandante dos engenheiros. Foi solidário ao Dia do Fico. Foi ajudante geral de Barbacena, em Passo do Rosário. Comandou as Armas de Santa Catarina, em 1829, do Pará, em 1830-35. Em 1839 combateu a Revolução Farroupilha em Santa Catarina, de onde passou para o Rio Grande para combater aquela revolução. Presidiu Minas em 1843 e a Bahia em 1844, onde comandou as Armas.

Como comandante da 3ª RM, tomou diversas medidas defensivas preparatórias da guerra contra Oribe e Rosas, como a construção da base militar de Caçapava do Sul, onde construiu forte até hoje existente, missão que lhe valeu o título de barão de Caçapava.

Em 1852 presidiu comissão de limites Brasil-Uruguai. Faleceu em São José do Norte, em 20 Out. 1858, aos 77 anos, sendo sepultado atrás do altar da matriz local. Fundou Santa Vitória do Palmar.

**Brig. João Paulo dos Santos Barreto (1788-1864).** Nasceu no Rio, em 30 Abr. 1788. Comandou a 3ª RM de 30 Nov. 1840 - 17 Abr. 1841, por 4 meses e meio. Filho de pai rico. Formou-se engenheiro militar, especialidade em que adquiriu renome no ensino de Engenharia no Brasil. Combateu a Revolução Pernambucana em 1817. Comandou as Armas do Pará em 1825 como Ten. Cel. Em 1831 comandou o célebre Batalhão Sagrado, com o qual debelou revolta na ilha das Cobras. Foi Ministro da Guerra 1837/40 e comandante da Fortaleza de Santa Cruz, onde o foi buscar o Partido Liberal para combater os farrapos. Foi mal sucedido nesta missão.

Em 1849 presidiu e comandou as Armas em Minas. Exerceu mais duas vezes o cargo de Ministro da Guerra, 1845-48. Sua capacidade como tático e estrategista era restrita. Sua contribuição maior foi como mestre de Engenharia. Faleceu no Rio, em 12 Fev. 1864, aos 76 anos, deixando seu nome ligado, de modo destacado, à Engenharia no Brasil. Estudamo-lo em O Exército farrapo e seus chefes v. 1 (p.37).

**Mar. C. Thomaz Pereira Valente (1790-1849).** Nasceu em Porto - Portugal, em 1790. Comandou a 3ª RM de 17 Abr. 1841 - 26 Jun. 1842. Veterano da campanha da península ibérica na Legião Lusitana, foi ferido gravemente na batalha da Vitória. Chegou ao Rio, como major, em 1818, com o 3º BC. Em 1821 governou Santa Catarina. Em 1826-27 foi ajudante de campo do Imperador. Comandou as Armas da Corte em 1828-29. Ministro da Guerra 1829-31. Comandou a 3ª RM por um ano. Presidiu o Piauí em 1844. Faleceu no Rio, em 30 Ago. 1845, aos 59 anos. Abordamo-lo em O Exército farrapo e seus chefes v.I (p. 38) e a polêmica que sua ação na 3ª RM ensejou e que reputo de correta, como procuramos demonstrar. Em 1825 enfrentou a revolta dos batalhões de Estrangeiros no Rio, estudada na citada Mercenários do Imperador, pelo Cel. Juvêncio S. Lemos.

**Brig. José Maria da Silva Bittencourt (1795-1875).** Nasceu no Rio, em 5 Dez. 1795. Comandou a 3a RM de 26 Jun. - 9 Nov. 1842, passando-a ao barão de Caxias. Formou-se engenheiro militar. Participou do combate à revolução pernambucana e episódio do Dia do Fico contra o Gen. Avilez. Prestou serviços à Artilharia da Corte. Comandou as Armas do Pará, em 1831, onde foi acusado de sedição contra o presidente. Foi absolvido em Conselho de Investigação.

Comandou, em 1832-35, o Corpo de Artilharia da Marinha. Em 1841 foi nomeado ajudante general da 3a RM. Ao assumir o comando da mesma, pouco pôde atuar, passando o comando a Caxias. Comandou as Armas do Ceará em 1843. Em 1845 assumiu a Fábrica de Pólvora da Estrela. Diretor do Arsenal de Guerra durante a guerra contra Oribe e Rosas. Foi promovido a Ten. Gen. em 2 Dez. 1860. Ajudante general do Exército 1862-64. Reformou-se como Mar. Ex. Faleceu em 9 Dez. 1875, aos 80 anos.

**Mar. C. Luiz Alves de Lima e Silva e barão de Caxias (1803-1880).** A 3a RM pode orgulhar-se dele em seu comando na Revolução Farroupilha e guerra contra Oribe e Rosas, por haver contribuído decisivamente para forjar o maior dos nossos generais.

Caxias foi consagrado, de direito, por Dec. 51929, de 13 de Março de 1962, como Patrono do Exército Brasileiro, onde ele se forjou e de cujo seio emergiu no cenário nacional como um dos maiores brasileiros de todos os tempos.

Caxias prestou à pátria mais de 60 anos de excepcionais e relevantes serviços: como político e administrador de contingência, e inigualados; como soldado de vocação e tradição a serviço da Unidade, da Paz Social, da Integridade e da Soberania brasileiras.

Ainda em vida e até nossos dias, o povo, a imprensa, chefes, escritores, pensadores e historiadores têm procurado defini-lo, entre outros, com os seguintes títulos: "Filho querido da vitória"; Pacificador; General invicto; Condestável, escora e espada do Império; Duque de Ferro e da Vitória; o Escravo da Pátria; Nume ou Espírito Tutelar; Símbolo da Nacionalidade e Maior Soldado do Brasil".

Por sua monumental obra pacificadora de quatro lutas internas e modelares manobras de flanco de Humaitá e Piquiciri na guerra Tríplice Aliança contra o Paraguai - 1865-70, figura, sem favor nenhum, na galeria dos maiores capitães da História Militar Mundial.

Sua escolha como patrono deveu-se ao fato de haver vencido todas as seis campanhas de que participou, das quais, as campanhas internas pacificadoras da Balaiada, no Maranhão em 1841; de São Paulo e Minas Gerais, em 1842 e a Revolução Farroupilha, de 1842-45 e as externas das guerras contra Oribe e Rosas, 1851-52, e da Tríplice Aliança contra o Paraguai, de 1866 a 69, além de haver dirigido o Exército, de forma fecunda e marcante, como Ministro da Guerra, por três períodos 1855/58; 1861/62 e 1875/78, dos quais os dois últimos como Chefe de Estado, na qualidade de Presidente do Conselho de Ministros do Império.

Caxias possuía muito orgulho nativista de ser' veterano condecorado da guerra da Independência na Bahia. Sonhava com uma Doutrina Militar genuína para o Exército Brasileiro. Sonho manifestado ao adaptar a Doutrina do Exército de Portugal ao nosso, em 1861, com apoio na experiência que havia colhido em 5 campanhas que, até então, havia vencido, doutrina com a qual o Exército Brasileiro lutou e venceu no Paraguai.

Como Ministro da Guerra suas grandes realizações foram as construções da Escola Militar da Praia Vermelha e a do Quartel-Central do Exército no Campo de Santana."

Como cidadão brasileiro, seu ponto culminante foi pacificar a família brasileira, em D. Pedrito em 1º de Março de 1845, o que não só pôs fim à Revolução Farroupilha, como ao ciclo de lutas fratricidas que duraram quase 14 anos e iniciadas com sérios desencontros da Sociedade Brasileira, após a Abdicação de D. Pedro I.

Como líder da batalha, seu grande feito estratégico foi a manobra de Flanco de Piquiciri, através do Chaco, onde correu um risco calculado, ao sacrificar o princípio de guerra da Segurança, em benefício do princípio da Surpresa, o qual obteve em nível estratégico, ao desembarcar na retaguarda profunda do exército adversário, em Santo Antônio, abreviando, em muito, a duração do conflito e, com isso, poupando recursos de toda a ordem.

Luiz Alves de Lima e Silva - de Barão a Duque



*O Barão de Caxias, presidente do Rio Grande do Sul e comandante da 3ª RM por duas vezes, durante 4 anos, 5 meses e 28 dias (o 4º maior tempo de comando da 3ª RM).*



*O Duque de Caxias, Senador pelo Rio Grande do Sul, Ministro da Guerra e chefe do Governo do Brasil (em foto rara do autor).*

Como líder de combate, seu grande momento foi em Itororó, quando, ao perceber que o Exército poderia ali ser detido, desembainhou a sua já invencível espada de 5 campanhas, brandiu-a ao vento, voltou-se decidido e convincente para o Exército detido e comandou com energia:

**"Sigam-me os que forem brasileiros!"**

Ato contínuo lançou-se sobre a ponte com o seu cavalo de guerra, indiferente ao perigo, arrastando eletrizado todo o Exército atrás de si, para, em seguida, colher expressiva vitória.

Caxias nasceu em 25 de Agosto de 1803, na Fazenda Taquaruçu, em Caxias-RJ, local hoje transformado em Parque Histórico Duque de Caxias.

Faleceu em 7 de Março de 1870, na Fazenda de Santa Mônica, em Valença, restaurada pelo Exército, e que hoje se constitui em dependência do Museu Histórico do Exército. **(Nota 2017: hoje pertence a Emprapa)**

Segundo sua vontade, seu corpo foi transportado ao cemitério por soldados de bom comportamento, onde falou em nome do Exército o Major de Engenheiros Alfredo de Taunay, que assim procurou definir o grande morto:

*"Só a maior concisão unida a maior singeleza é que poderá contar seus feitos. Não há pompas de linguagem, não há arroubos de eloquência capazes de fazer maior sua individualidade, cujo principal atributo foi a sua simplicidade na grandeza."*

O historiador Capistrano de Abreu escreveu então: *"Caxias dispensou as honras militares. Fez bem. As armas que ele tantas vezes conduziu à vitória, teriam vergonha talvez de não terem podido libertá-lo da morte."*

Os restos mortais de Caxias e de sua esposa encontram-se no Panteon, defronte ao Palácio Duque de Caxias, e sua invicta espada de 6 campanhas, da qual os espadins dos cadetes do Exército são cópia fiel em escala, pertence ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi sócio.

Caxias sublimou as Virtudes Militares de Bravura, Coragem, Abnegação, Honra Militar, Devotamente e Solidariedade.

Não se pode esquecer o pioneirismo de Caxias em nossa Aeronáutica, ao mandar vir dos EUA balões cativos para proceder reconhecimentos das posições inimigas que se antepunham ao seu avanço de Tuiuti até a Fortaleza de Humaitá. Reconhecimentos aéreos eficazes que contribuíram para a conquista daquela poderosa fortaleza, objetivo militar aliado, em função de uma manobra de duplo envolvimento realizada pela Marinha pelo Rio Paraguai, e pelo Exército, por terra.

O altar portátil usado por Caxias para assistir missas em campanha, como católico de fé robusta que era, encontra-se no Mosteiro de Santo Antônio, no Largo da Carioca.

Esta síntese consta de nosso inédito Os patronos das Forças Armadas do Brasil, encomendado e a publicar pela FHE/POUPEX. (Nota em 2017: Disponível no site [www.ahimtb.com.br](http://www.ahimtb.com.br)).

## Comandantes da 3ª RM 1845-50

Brig. José Joaquim Coelho e barão da Vitória (1797-1860). Comandou a 3ª RM de 11 Mar. 1846 - 20 Out. 1847. Nasceu em Lisboa, em 27 Jul. 1757, e faleceu no Recife, em 19 Jun. 1860. Ingressou no Exército, no Recife, como voluntário em 1817. Daí para frente destacou-se na Segurança Interna em Pernambuco, Ceará e Bahia, dos quais foi comandante das Armas. Combateu as revoluções de 1817 e 1824 em Pernambuco, a Sabinada, na Bahia e a Praieira, em Pernambuco. Foi uma grande vocação militar que Alfredo Pretextato estudou em Generais do Exército Brasileiro (Rio, M. Orosco., 1907). Combateu em Passo do Rosário, em 20 Fev. 1827, com o 17 BC de Pernambuco. Ligou-se muito à Guarda Nacional e ao 1º Batalhão Policial de Pernambuco. Foi depois de comandar a 3ª RM que comandou as atuais 6ª RM, na Bahia, e a 7ª RM, em Pernambuco, até 1858, quando foi efetivado Ten. Gen. Foi Conselheiro de Guerra e agraciado com o expressivo título barão da Vitória. Foi uma bela carreira de soldado a Ten. Gen.

Ten. Gen. Francisco de Souza Soares Andrea. Comandou a 3ª RM de 10 Abr. 1848 - 21 Mar. 1850, pela segunda vez. Estudamo-lo na Revolução Farroupilha. Sua biografia é estudada pelo Dr. José Andrea O Mar. Andrea (Rio, BIBLIEX, 1977). Nesta fase preventiva da guerra 1851-52, ele construiu o Forte D. Pedro II em Caçapava e outras obras complementares.



Brig. José Frederico Caldwell. Comandou 2 vezes a 3ª RM neste período. De 20 Out. 1847 -10 Abr. 1848 e de 21 Mar. 1859 - 7 Jan. 1851. Estudamo-lo em Estrangeiros e descendentes e o abordamos na Guerra do Paraguai.

## No Pago crônica de Alcides Maya

Alcides Maya (1878-1944), gabrielense e imortal da Academia Brasileira de Letras, na crônica O Pago, em sua clássica obra A Tapera (Rio, 1911), em ficção regionalista gaúcha, fixou traços peculiares da vida castrense na área da 3ª Região Militar.

O enredo gira em torno de um piquete de gabrielenses que teve permissão do seu tenente de matarem a saudade do pago ou da querência, da qual há muito se haviam afastado por imposição de operações militares.

O desfecho consiste em interromperem o sonho de reverem o pago, em razão de emergência militar. Assim, ao invés da deserção, talvez impune, abafaram no peito a saudade e preferiram o caminho da honra e do dever militar.

*"Impetuoso e rijo, despregado, a sibilar, varrera o minuano as derradeiras nuvens, rotas, esgarçadas, debandadas sob o céu escampo. Soprava há três dias, frio e forte, disparava as refregas; e as árvores estorcegavam-se; ondulavam os bamburrais; os ponchos estalavam revolutos contra os pingos engruhidos.*

*Desde o raiar dalva, ao pálido clarão daquele dia "brabo", após uma infundável noite mal dormida nos arreios úmidos, a pequena escolta trilhava o campo submerso às últimas enchentes, com o capim ainda encharcado apagando o piso dos cavalos e o barro alto a retardar a marcha nas estradas ermas.*

*Não se divisava uma pegada na areia lisa das sangas crespas; nos atalhos estendiam-se sem rasto de animal; e era como se percorressem a última região desertada pelos habitantes, abandonada das próprias bestas, num silêncio mortal de repúdio.*

*O minuano, esse, ululava sem cessar, cortante; e à gélida sibilação da ventania em borbotões, ao rumor das águas no caneiro das quebradas, ao bulício distante dos matos nus no arroio, os gaúchos iam reconstruindo aos poucos, de memória, o aspecto da campanha ao partirem para a guerra.*

*Eram todos dali e todos tinham acedido com pra/zer ao convite do tenente Pinto para "uma chegada ao pago".*

*O exército, único em operações por aquela ríspida invernia, potreava animais nos arredores; do soturno acampamento de Taquarembó decidira o general não sair antes de completa a remonta da cavalaria: e, como sem rumo declarado não se pudesse abandonar as forças, o passeio fora permitido a pretexto de uma "recruta de vaqueanos" para os lados do Salso.*

*Mas, o que pretendiam era ver o seu rincão, a terra da querência, havia tanto por eles, aos baldões das batalhas, esquecida...*

*Dos cinco, apenas três possuíam lar naquelas barrancas bem amadas: o tenente, o cabo Jango e o Fortunato Rosa, um dos mais afamados lanceiros da coluna.*

*Os outros dois, "gaúchos" da Estância Nova, quando "homens feitos", tinham largado a "gandular" na redondeza, parasitando em todos os fogões, sabendo sempre onde se carneava, o laço a quatro tentos enrodilhando à garupa para indicar lida campeira, mas somente preocupados com o último "bochinche" com as próximas carreiras em cancha reta. Para esses fora o exército o primeiro*

*ninho seu doméstico: antes da guerra, sabiam-se repelidos, "demais"; eram como "restos", apenas tolerados, no torrão natal. Entre o sobrececho desdenhoso dos graúdos e o olhar suspicaz dos delegados, antipática e perigosa tornara-se-lhes a vida; e pela primeira vez sentiram-se a vontade, em meio próprio, entre as barracas do acampamento. Soldados natos, foi como se desde pequenos houvessem respirado tal ambiente: ficaram outros, ali, num perfeito equilíbrio moral, certos de si mesmos, iguais a todos, com uma função legítima, orgulhosos do seu valor de homens, nada obstante e hierarquia rudemente mantida.*

*Verdadeiro chefe, onímodo, solícito, era o general tão forte para a violência quanto para a ternura, capaz de ordenar sumariamente o fuzilamento em massa dos recalcitrantes e de apear-se na linha de fogo, a fim de amparar um dos seus bravos moribundos...*

*E por isso andavam nas coxilhas com "aquele tempo", enquanto os outros, nos quartéis de inverno da fronteira, esperavam tranqüilos, para novas correrias, a volta da primavera; por isso arrojavam-se a nado, nus, através das gélidas correntezas; passavam as noites a "tirar lechiguana" nas caronas; contentavam-se com um assado magro sem salmoura, mal tostado nalgum pedaço de arame dos alambrados destruídos; e desafiavam dia a dia a morte nas arrancadas de vanguarda, nas explorações de terreno, nas escaramuças.*

*Pertencessem a outras tropas e não sofreriam tantas privações, tamanhos riscos; mas, naquelas!*

*- Um homem é pará as ocasiões, e não hay como o chamusco para se conhecer gente de que laia é...*

*Tornava-se preciso passar fome? - ali estavam.*

*Deviam desprezar o frio? - Bastava-lhes, para poncho, um couro recém "sovado" com um talho ao meio.*

*Intempéries, privações, perigos? - Era virem, que lá eslava, a afrontá-los, cegamente seguido por todos, o general, sereno e guapo, fértil em ardis, o rebenque de prata a retraçar em linhas bruscas os altos de coxilha, as várzeas, o horizonte, - sempre o primeiro na peleja, sempre o último nas retiradas, sempre o mesmo., Ninguém, entretanto, se iludisse:*

*- Estavam ali porque queriam; se não quisessem, -pensavam - "encilhariam os pingos, passariam as suas armas e até outra vista"!*

*No entanto, apesar da vacância instítiva, não se arredavam um minuto, eram os primeiros à chamada, reservavam-lhes as comissões mais difíceis, invariavelmente indicados, desde a vadeação do Taquaremhó, para as empresas temerárias, para as grandes "descobertas" afloutas, à vista da Divisão do Sul, que de perto os seguia, inflexível e tenaz, -divisão de gaúchos - reconheciam, que os "baianos", apesar da sua bravura tradicional, bastava um sopro mais frio para se imobilizarem "encarangados" nas barracas oscilantes às rajadas cruas do pampeiro ou do minuano. E orgulhavam-se todos daquele papel de heróis andejos, de bombeiros destemidos, devassando a campanha em desafio à morte.*

*Nesse dia, com preferência, seriam "capazes de tudo "por honrarem o berço, aqueles lindos campos dobrados do Jaguari; e, mesmo os que não tinham mulher nem filhos a quem dessem exemplo de bravura, nutriam o desejo de ser contemplados, no seu pingo de guerra, pelas chinas conhecidas, entrevistas nalguma porta entreaberta de ranchinho ou nalgum terreno de fazenda, assustada, em desenho sob a roupa, a ventania, as brunas formas fartas e roliças.*

*Mas não deparavam viva alma através das planícies despovoadas, das coxilhas manando água, de toda aquela zona querida, com as fazendas fechadas ao vento, a*

*assobiar nas frestas, os proprietários ausentes e os capatazes e os peões recolhidos ao interior apenas despontavam ao longe cavaleiros em armas.*

*Alambrados por terra, numerosas carniças, taperas, por toda parte, vestígios antigos de fogões, e até cadáveres insepultos, - eis que, numa crescente saudade, tinham visto, ao se aproximarem do berço.*

*Porque chegavam: fora percorrida uma légua de costa jaguariana e, de repente, repechando um serro, avistaram, a ramalhar, solitário, longe, o velho umbu da Estância Nova. .*

*- Era o pago!*

*E pela primeira vez comovidos à vista da grande árvore familiar, saudaram-na com os olhos rasos de amizade triste.*

*Ficava perto de lá o rancho paterno do tenente e logo adiante demoravam o cochicholo do cabo e a "arapuca " do Fortunato, como o índio chamava sempre a sua toca.*

*Expirava ali o campo de duas estâncias, a estrada de permeio, os postos defrontavam-se; e com a rama espessa ensombrava o umbú; outrora, a cancela e parte de um dos alambrados.*

*Uma venda erguia-se à margem do caminho, branquejante e isolada, nua de arvoredos, sobre a campina verde; urumbebas entrançavam-se em touceiras, num trato pedregoso do terreno; e com o telhado levadio aparecendo entre esgalhadas timbaúbas, a chácara do Simeão enfaixava-se de pessegueiros e de laranjeiras floridas.*

*Fora assim que, pela última vez, perfumada às auras de setembro, lhes aparecera a sua terra ao saírem para a revolução, levados pelo tenente, um entusiasta e depois um bravo a conduzi-los destemido à carga:*

*- Toca!*

*Tocavam; e quando todos, depois, elogiavam o denodo gauchesco do jove oficial, estremeciam de júbilo, recordando que ele era dali, que naquelas coxilhas aprendera a domar e a pialar...*

*-Moço, aquele! Havia de ir longe, questão de tempo. Se não jnorresse, estava feito: o seu lugar era na frente, entre os primeiros...*

*Também, como o conheciam! Dias havia etn que êle não descerrava os lábios, fronte enrugada, "mais aspero que um couro sem lonqueio"; e, então, ai de quem se lhe acercasse!*

*Tornava-se temível; e ainda recentemente quando o general lhe confiara, distinguindo-o, um comando de retaguarda, que alvoroço! o que ele queria era lancear, atropelar o pingo, atirar-se doidamente para a frente, e "misturar-se" com os inimigos...*

*"Brigar", para ele, era em testar-se, frente afrente, corpo a corpo; e não compreendia as "manobras complicadas".*

*Sentira-se mesmo humilhado àquela chefia "segura", "para trás"; e eram a cada momento reprimendas brutais, censuras tácitas, agravadas pelo silêncio desdenhoso, violências de "fazerem um homem perder as estribeiras".*

*Ferido? - Leve p'ras carretas; é lá que estão os médicos.*

*Estropeado? - é fazer força, chê!*

*Quem vai a chuva, pelo certo, que se molha! Se les faltava força no garrão, "não se metessem": - estavam ali porque queriam; era irem locando, no mais...*

*- Um bom, o tenente: ninguém acreditava "naqueles bufos de onça enraivecida"; sabiam-no capaz de ceder o poncho a um camarada enfermo; muitas vezes arriscava a vida para salvar outros no aperto dos entreveros.*

**Dessem-lhe um comando de risco e ei-lo expansivo, folgazão, a "soltar tiradas" enquanto as balas assobiavam.**

**Jogassem-no de arremetida sobre o adversário e lá iria rindo; peito à fuzilaria, mão nervosa à lança, à galopada, à galopada...**

**Reviam-se nele os seus gaúchos: resumia-lhes a valentia ingênua; e se nas peripécias da luta sucumbissem, deixariam nele, em reflexo, orgulho das façanhas, o desprezo pela vida, o amor à bandeirola do partido, a sede sectária de vingança.**

**Mas, nenhum acreditava na morte; a morte era para os outros; e no íntimo sentiam pena dos que tombavam, seres condenados, fracos por destino.**

**O pior era que o oficial começara de franzir a testa, de esporear o pingo, endireitando impaciente, a cada momento, o poncho, consertando o chapéu tocado do minuano, a zunir sob as abas largas e a mover a borla negra de retroz do barbicacho.**

**E não mais se marchava com a prudência guerrilheira do princípio: nem se media o campo, nem se poupava a cavahada.**

**Andava-se; corria-se; "era tudo chegar depressa".**

**- Diacho! - pensavam, - esquadrihando a linha sinuosa das coxilhas, - a continuarem assim, estavam ali, estavam a pé, com os animais cansados, muitas horas de dia claro pela frente e o inimigo por perlo.**

**Porque se não enganavam: a algumas quadras raros, e espalhados, agora frequentes, múltiplos e juntos, havia, estrada além, sinais de cascos; por toda parte rastreamos vestígios de numerosa tropa, cortando em atalho, vinda de leste, as várzeas lodosas e variando o rumo, para o norte, a partir de certo ponto do caminho.**

**Estavam inquietos, intrigados; reconheciam falhas nas informações recebidas; e o que não conseguiram determinar logo, indicou-o conciso, parando instantes numa altura, o tenente: - Força da Divisão; chegou; não se esperava tão cedo; cortaram-se hoje láp'rá riba; vão acampar no Salw; o mais tardar amanhã temospelã...**

**E vencendo uma leve hesitação:**

**- É bater p'rá trás, companheiros, avisar o exército.. A cavahada ainda dá... e sendo preciso, vara-se a picada do Garrucho, em vez de despontar o arroio... Depois, quem não morrer, há de ver de novo o pago, a sua gente... Que eles com certeza saquearam tudo...**

**Em ato contínuo, deu de rédeas; calados, seguiram-nos os outros; todos os ponchos inflaram-se para a frente, estalando sobre o pescoço pelechudo dos cavalos; e, descambando uma coxilha, a pequena escolta desapareceu em direitura a Taquarembó, para o acampamento soturno...**

**Longe, balisando o pago, o velho umbu da Estância Nova ramalhava solitário, às rajadas agrestes do minuano. E era como se da sua eminência a grande árvore familiar, desesperada, acenasse, em adeus triste, àqueles bravos..."**

## **CAPÍTULO 5**

### **A PARTICIPAÇÃO BÉLICA DA 3ª RM NO IMPÉRIO 1846-88**

#### **A guerra contra Oribe e Rosas 1851-52**



O poder na Argentina era exercido por Juan Manuel Rosas, desde 1829 e, no Uruguai, desde 1834, por Manuel Oribe. Rosas passou a alimentar o sonho de reconstituição do antigo Vice-Reinado do Prata e por via de conseqüência, a ameaçar a soberania e integridade do Brasil e do Uruguai. No Prata projetavam-se interesses ingleses e franceses que contrariavam os do Uruguai, Argentina e Brasil. Rosas tentou interferir na Revolução Farroupilha. O Brasil reconheceu a independência do Paraguai em 1844.

## **Caudilhos platinos disputavam o poder!**

Em 1850 Manuel Oribe hostilizou brasileiros residentes no Uruguai. O barão do Jacuí Francisco Pedro de Abreu, "O Moringue", que se celebrizara no combate à Revolução Farroupilha, liderando fazendeiros brasileiros, invadiu o Uruguai em ações denominadas californias de Chico Pedro. Rosas exigiu satisfações, fato que terminou com o rompimento de relações Brasil-Argentina. Em 1850 o Brasil assinou com o Paraguai um tratado de aliança defensiva e ofensiva para fazer frente ao objetivo de Rosas de incorporar o Paraguai.

Na área da 3ª RM, desde 6 Maio 1851, 1º Distrito Militar, a movimentação foi intensa para o preparo de suas forças para a guerra iminente, ao lado de medidas políticas e econômicas e de aliança militar com caudilhos que se opunham a Rosas e Oribes.

O então conde de Caxias foi nomeado presidente do Rio Grande e comandante da atual 3ª RM pela 2ª vez.

E a 3ª RM, ao comando de Caxias organizada em quatro divisões, constituiu-se no principal elemento terrestre para conduzir a guerra contra Oribe e Rosas em aliança com Urquiza, governador de Entre-Rios, e Virasoro, governador de Corrientes e motivada pelas seguintes causas:

- Defesa dos limites do Brasil com o Uruguai.
- Manutenção da independência do Uruguai e Paraguai.
- Defesa da livre navegação no Rio da Prata, fechada desde 1842 por Rosas.
- Proteção de propriedades de brasileiros na fronteira com Uruguai e de brasileiros perseguidos no Uruguai por Oribe.

A guerra, que então teve lugar, envolveu o território da 3ª RM e parcelas expressivas dos territórios do Uruguai e Argentina. Teria sido envolvido o Paraguai, se este tivesse cumprido o tratado de 25 Dez. 1850 com o Brasil.

Em Caçapava foi construída uma enorme base logística nucleada pelo monumental forte D. Pedro II, ainda com suas muralhas de pé, para aproximar o apoio às operações contra Oribe e Rosas.

Caxias assumiu o comando da 3ª RM em Junho e acelerou a concentração de suas forças na fronteira Brasil-Uruguai.

Concentrou o grosso em Santana do Livramento e colocou uma divisão em Jaguarão.

## **Operações contra Oribe**

De Santana, Caxias lançou uma vanguarda ao comando do Ten. Cel. Manoel Luiz Osório para fazer a ligação com o Gen. Urquiza, da qual nasceu o seguinte plano de operações aliado:

- Urquiza atravessaria o rio Uruguai em Passo del Hijo, sob a proteção da Esquadra Brasileira, e operaria junção com as forças da 3ª RM, próximo à confluência do Taquarembó com o Negro.
- Atuação da Esquadra impedindo apoio mútuo Oribe-Rosas, ao longo do rio Uruguai.

Urquiza, tirando proveito da cobertura da 3ª RM e da Servandro Gomes que Oribe havia mandado para combatê-lo.

Nas imediações de Montevideu, Urquiza, após escaramuças com Oribe, celebrou um Convênio de Capitulação sem consultar Caxias.

Caxias e as tropas da 3ª RM internaram-se no Uruguai. Percorreram 500 Km de terreno difícil, agravado pelo mau tempo. Levaram, como impedimenta mais de 100 carretas tracionadas por bovinos, inclusive a Artilharia de Mallet, que aí adquiriu seu apelido histórico de Boi de botas, pois enfrentaram lama grossa no itinerário de marcha.

Então, as tropas da 3ª RM, revelando "elevado grau de abnegação, resistência e espírito de sacrifício" cumpriram etapas de 17 Km por dia, sem encontrarem locais para acantonar.

Em 14 Out. 1851, Caxias operou junção com Urquiza. Isso assinalou o término da guerra contra Oribe e, por via de consequência, garantia para os rio-grandenses da Fronteira ou moradores do Uruguai.

## **Guerra contra Rosas**

Em 21 Nov. 1851, ficou estabelecido um tratado entre os aliados brasileiros, uruguaios (orientais) e argentinos contra Rosas e não contra a Argentina.

Urquiza comandaria o Exército de Invasão destinado a combater Rosas.

Caxias permaneceria no Uruguai, mais especificamente em Colônia do Sacramento, com o grosso da 3ª RM e em condições de atuar, caso necessário.

A 3ª RM contribuiria na invasão com uma Divisão ao comando do Brig. Manuel Marques de Souza - o futuro barão de Porto Alegre e comandante da 3ª RM.

A Esquadra Brasileira cooperaria da melhor forma com a invasão.

A transposição das forças de invasão seria na ponta do Diamante, para onde os aliados se deslocaram da seguinte forma:

A Cavalaria argentina marchou por terra até a concentração.

A Infantaria e Artilharia argentinas foram transportadas pela Esquadra Brasileira que forçou Tonelero.

Os uruguaios foram transportados pela Esquadra Brasileira até Potrero Peres. Dali, por terra, alcançaram Diamante em 30 Dez 1851.

A 1ª Divisão Brasileira destacada da 3ª RM embarcou em Colônia do Sacramento e chegou em Diamante, em 20 Dez 1851.

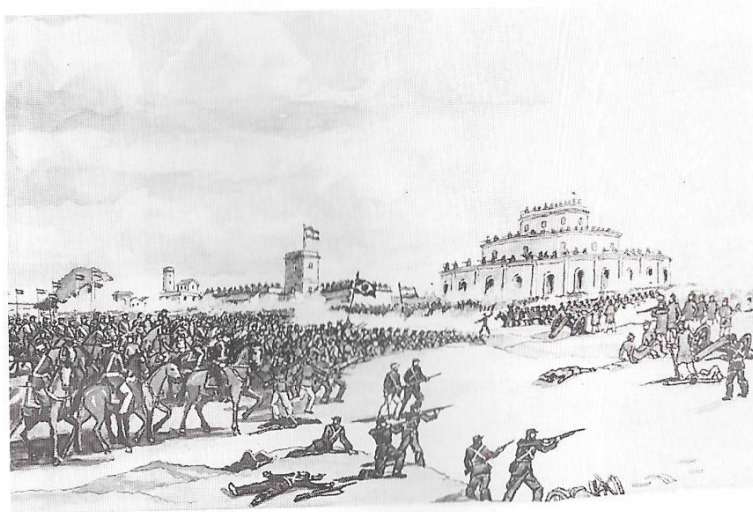
Em 30 Dez. 1851, havia sido concluída a concentração em Diamante, após 40 dias de haver sido decidida.

A transposição do rio Paraná, em Diamante, teve início a 23 Dez. 1851, com a Cavalaria de Urquiza atravessando a nado para estabelecer uma cabeça-de-ponte na margem direita. Operação épica que descrevemos em Travessia Militar de Brechas e Cursos d'água no Brasil (1645-1986), na ADefesa Nacional (na723, Nov./Dez. 1985). ( Disponível no site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) ) Transposição sem atuação inimiga que se estendeu por cerca de 15 dias. Nela a Esquadra Brasileira teve papel decisivo.

A Divisão de Cavalaria entrerriana, que atravessou o rio a nado, perdeu por afogamento muitos homens e cavalos.

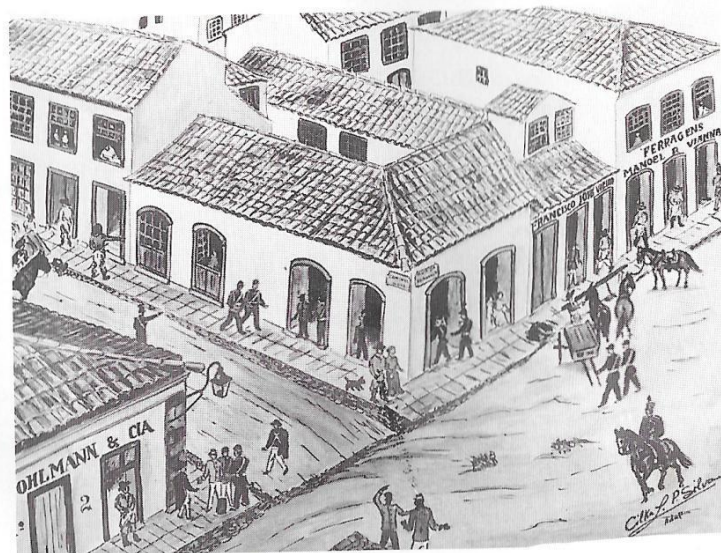
Em 8 Jan. 1852, todo o Exército Aliado havia transposto o rio e se concentrado em Espinilho.

Batalha de Monte Caseros - 2 de Fevereiro de 1852



CMS 3º RI - Desenho D. Villares / Pesquisista, texto, orientação - Cdt. Cláudio Moreira Bento.

Rua da Praia, esq. Mal. Floriano - 1851-52 (após a guerra)



CMS 3º RI - Cópia desenho de Karlhe / Alegoria Celia Silva

E dali os aliados brasileiros, argentinos e uruguaios, sob o pomposo nome oficial Exército Grande da América do Sul, encetou sua marcha para Buenos Aires.

E, no dia 2 Fev. 1852, teve lugar a vitoriosa batalha de Moron ou de Monte Caseros, na qual a la Divisão Brasileira destacada das tropas da 3a RM teve marcante atuação.

A Divisão Brasileira coube atacar o centro da posição inimiga, que era o ponto mais forte - El Palomar e Caseros, que os brasileiros conquistaram.

A Divisão Brasileira, que lutou em Monte Caseros, foi constituída das seguintes unidades:

- Infantaria: 5º, 6º, 7º, 8º, 11º e 13ª Batalhões
- Artilharia: 1ª RA (200h)
- Cavalaria: 2ª RC

TOTAL: 4 020 homens ou 1/7 do efetivo aliado.

Destacou-se sobremodo nesta batalha o 2ª Regimento de Cavalaria comandado pelo Ten. Cel. Manoel Luiz Osório.

Muito contribuiu para o rompimento da posição rosista atiradores de escoli alemães, em número de cerca de 100, que foram espalhados entre as unidades brasileiras de Infantaria e armados de moderníssimos fuzis Dreyse de agulha, conforme abordamos em nosso Estrangeiros e Descendentes na História Militar do RGS, ao tratarmos dos Brummer, a Legião Alemã contratada na Prússia pelo Brasil para este conflito e composta de um BI, um RA e duas Companhias de Pontoneiros equipada com equipagem Birago.

Enquanto isso se passava, Caxias, com o restante das tropas da 3ª RM em Colônia, e com apoio da Esquadra Brasileira, ali aguardava o desenrolar dos acontecimentos, após haver reconhecido, em 17Jan., a costa junto a Buenos Aires onde escolheu um local para um possível desembarque.

Rosas conseguiu evadir-se a bordo de um navio inglês. A Divisão Brasileira desfilou triunfalmente em Buenos Aires. Em 1ºMar., retornou coberta de glória a Montevideu onde se reintegrou às forças da 3ª RM.

Com a vitória sobre Rosas foram definidos:

- Os limites Brasil-Uruguai.
- A confirmação das independências do Uruguai e do Paraguai.
- O direito do Brasil à livre navegação no Rio da Prata.
- A reparação da espoliação de patrimônios de brasileiros no Uruguai, que foram ameaçados em sua vidas e ofendidos em sua honra e dignidade.

Como se vê, foi grande a repercussão geopolítica da atuação, mais uma vez da 3ª RM, ao comando de Caxias.

Esta campanha é tratada com riqueza de detalhes operacionais por Genserico Vasconcelos, e riqueza documental, por Bormann e Titara, nos seguintes clássicos:

- VASCONCELOS, Genserico, Cap. História Militar do Brasil. Rio, BIBLIEX, 1941. V. 2. (baseada no livro a seguir).

- BORMANN, J. Bernardino, Mar. Rosas e o Exército Aliado. Rio Of. Tip.

Gerson, 1912 (É a obra mais importante de autoria de ex-comandante da 3ª RM).

- TITARA, Ladislau dos Santos. Memórias do grande exército aliado libertador do Sul da América. Rio, BIBLIEX, 1950.

Com a experiência adquirida na Revolução Farroupilha e na guerra contra Oribe e Rosas, Caxias, ao assumir o Ministério da Guerra pela primeira vez em 1855, procurou modernizar o Exército:

- Erigiu a Escola Militar na Praça Vermelha em 1855-58.
- Adaptou a tática das Armas às Ordenanças de Portugal, levando em conta as peculiaridades do Exército e a natureza de nossas guerras.
- Introduziu no Exército estruturas, cuja eficiência comprovara no comando da 3ª RM em operação de guerra.

Deixou uma preciosa visão geral do território da 3ª RM entre as guerras contra Oribe e Rosas, 1851-52, e a do Paraguai, 1865-70, o médico alemão:



**AVÉ-LALLEMAN, Roberto. Viagem pelo Sul do Brasil em 1858. Rio, INL, 1953. 2 v.**

**Itinerário que percorreu: Rio Grande - Porto Alegre - Rio Pardo - Santa Cruz Rio Pardo - Cruz Alta - Cachoeira - Santa Maria - São Martinho - Missões - São Borja - Itaqui - Uruguaiana - Alegrete - Saicã - São Gabriel - Caçapava - Cachoeira Rio Pardo - Taquari - Porto Alegre - São Jerônimo - Rio Grande - Pelotas - Rio Grande.**

**Ele evidencia as preocupações na área da 3ª RM para com a Guerra do Paraguai, que ocorrerá 7 anos após.**

**A Infantaria passou a ser instruída pelo sistema do Cel. Bernardo Antonio Zagalo. A Cavalaria adotou o regulamento do Mar. Carl Beresford que comandara a reação em Portugal contra a invasão de Napoleão. A Artilharia adotou o regulamento da Guarda Francesa do Gen. Pardo, talvez influência de Mallet. A Engenharia ganhou a sua primeira equipagem de pontes Birago prussiana que, por muitos anos, foi usada em Rio Pardo.**

**Em 1860 Caxias adotou as Ordenanças de Portugal com as adaptações que a pacificação do Maranhão, São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul e Guerra contra Oribe e Rosas lhes impuseram.**

**E justificou:tática (*doutrina*) genuinamente nossa".**

**E foi com esta doutrina que a 3ª RM iria enfrentar a Guerra do Uruguai, 1864-65, e do Paraguai 1865-70, contanto mais com os ensinamentos colhidos da Guerra da Secessão nos EUA, a primeira guerra total da História Militar.**

**Para acompanhar-se a evolução administrativa do Exército no Império 1822-89 e os seus reflexos na 3ª RM, consultar a obra:**

**PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo, Gen. Organização Administrativa do Ministério da Guerra no Império. (Rio, BIBLIEX, 1986)**

**Dela podem se extrair informações, tais como a seguir: As forças da 3- RM que combateram nesta guerra foram organizadas em acordo, Dec. 762, de 22 Fev. 1851. Dispuseram de Ajudante General com respectivos deputados do Ajudante General nas divisões. E as brigadas teriam assistentes do deputado por divisão e um assistente do deputado divisionário), o Quartel Mestre General (com um deputado por divisão e um assistente do deputado por brigada) e o Secretário Militar.**

**O Ajudante General era responsável por planos, operações, justiça, instrução, administração do pessoal.. O Quartel Mestre General reunia funções logísticas (aquisição, depósito, transporte material e pessoal).**

**Explicamos isto em detalhes em O Exército na Proclamação da República (Rio, SENAI, 1989).(Hoje disponível no site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br))**

**Esta estrutura testada com sucesso na guerra em foco foi introduzida no Exército por lei 648, de 18 Ago. 1852.**

**Durante esta guerra, o efetivo das forças terrestres brasileiras era em torno de 28.371 h, assim distribuídos: Exército - 18.957; Forças Auxiliares - 1.091; Guarda Nacional destacada - 8.323 h.**

**Dec. 553 de 5 Abr. 1852 aprovou o regulamento do Curso de Cavalaria da Província do Rio Grande do Sul. Dec. 908 de 12 Jun. 1852 aprovou regulamento de 26 artigos para os inspetores de Infantaria, Cavalaria e Artilharia das OM do Exército.**

**Dec. 7025, de 7 Ago. 1852, aprovou novo plano de uniformes.**

**Por aviso circular de 19 Ago. 1893, a 3ª RM criou escolas elementares, em suas OM, de primeiras letras, destinadas a praças que tenham revelado potencialidade de acesso, a cabos e sargentos. Era a origem das centenárias Escolas Regimentais.**

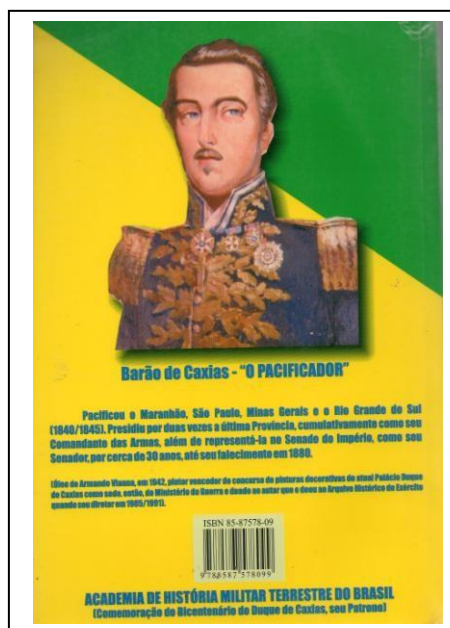
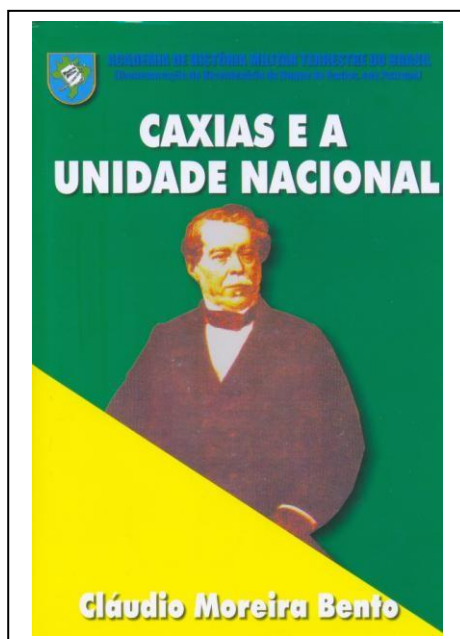
## Os comandantes da 3ª RM 1851-52

Brig. João Frederico Caldwell. Comandou 2ª vez, de 21 Mar. 1850 - 7 Jan. 1851. Será estudado na Guerra do Paraguai.

Mar. C. Grad Antonio Correa Seara (1802-1858). Comandou a 3ª RM de 7 Jan. - 30 Jun. IHM cerca de 6 meses. Nasceu em Pernambuco, em 2 Jan. 1858. Praça voluntário em 1817 em Recife. Como ten. participou da campanha da Independência da Bahia. Capitão comandante do 1º BC, teve papel saliente no combate à Confederação do Equador, 1824, onde foi gravemente ferido. Como Ten. Cel. combateu na Guerra Cisplatina, 1825-28. Comandante da 8ª RM em 1831. Deputado, 1834-37. Cel. comandante do 3º BC - Salvador. Brig 1838-41, combateu a Revolução Farroupilha. Comandante da 7ª RM 1845-47 e comandante da 6ª RM -1849. Mar. Comandante 7ª RM -1850. Comandante da 3ª RM. Comandou a 7ª RM, 1852-53. Ten. Gen. Conselheiro de Guerra. Faleceu no Rio em 20 Maio 1858, aos 56 anos.

Mar. C. Luiz Alves de Lima e Silva. Comandou a 3ª RM pela 2ª vez de 30 Jun. 1851 -26 Jun. 1852, por um ano. Foi estudado na Revolução Farroupilha.

**Nota em 2017: Em 2003, bicentenário do Duque de Caxias publicamos a obra cujas capas apresentamos abaixo. Obra patrocinada por diversos contribuintes, editada e abas pelo hoje acadêmico benemérito Prof Flávio Camargo, prefaciada pelo hoje acadêmico benemérito Gen Div Arnaldo Serafim e posfaciada. Obra contendo 131 ilustrações relativas ao Duque de Caxias. Livro disponível para ser baixado em Livros e Plaquetas no site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br)**

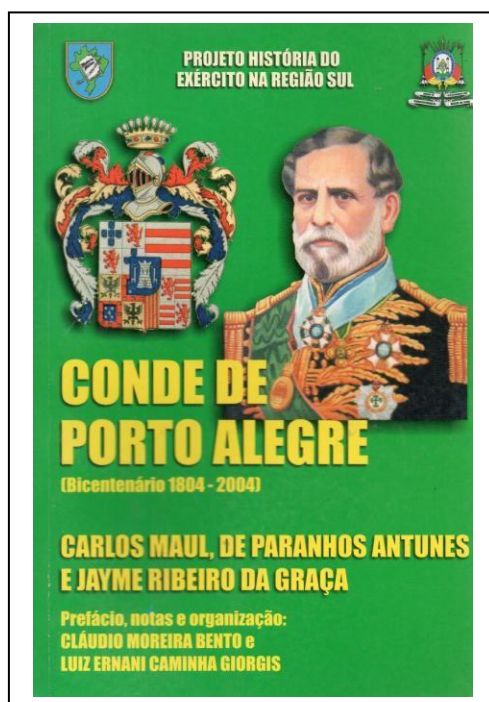


## Os comandantes da 3ª RM entre guerras de 1852-65

Mar. C. Manoel Marques de Souza (1804-1875). Comandou a 3ª RM de 26 Jun. 1852-5 Maio 1853, por 8 meses. Nasceu em Rio Grande, em 13 Jun. 1804. Praça de 1817 da Divisão de Voluntários Reais, em Montevidéu. Combateu ali nas guerras contra Artigas até 1821. Frequentou a Academia Militar em 1824, tendo de

abandoná-la para participar da Guerra Cisplatina, 1825-28 na qual se destacou em Passo do Rosário, o que lhe valeu a promoção de capitão e logo a seguir o comando do 42 RCL, que havia sido comandado por seu avô e pai, seus homônimos. Combateu a Revolução Farrroupilha. Liderou a reação em 15 Jun. 1836, que retomou Porto Alegre em definitivo aos farrapos, além de destacar-se na resistência aos sítios daquela praça, que foi consagrada Leal e Valorosa, e ele promovido a major. Muito doente procurou a cura na Europa. Em 1840 assumiu o comando do 2º RCL à frente do qual combateu diversas vezes. Na guerra contra Oribe e Rosas 1851-52, coube-lhe, como brig., comandar a Divisão Brasileira que combateu em Monte Caseros. Por esta missão foi agraciado como título de barão de Porto Alegre. Após comandou a 3ª RM. Reformado por doença, em 1854, como Ten. Gen. Ao ser o Rio Grande invadido pelo Paraguai, foi-lhe confiado o comando do Exército em Operações no Rio Grande, constituído de Guardas Nacionais, de vez que a 3ª RM encontrava-se operando no Uruguai. Presidiu os atos de rendição paraguaia em Uruguaiana, em 18 Set. 1865. Comandou o 2º Corpo de Exército na guerra do Paraguai até 16 Jan. 1868. Muito doente, retirou-se para o Rio, onde faleceu em 18 Jul. 1875, aos 71 anos, sendo sepultado em Porto Alegre. Foi biografado por De Paranhos Antunes et alli em Conde de Porto Alegre (Rio, BIBLIEX, 1952). Seu avô homônimo foi o primeiro gaúcho a comandar a 3º RM. Seu avô, seu pai e ele, costumam, para distingui-los, coloca-los entre parênteses (I), (II) e (III), conforme já mencionamos.

**Nota em 2017: Em 2005 no Bicentenário do Conde de Porto Alegre republicamos o livro sobre o Conde de Porto Alegre com Prefácio, Notas e organização de minha autoria e do Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e abas de sua descendente jornalista Carmen Lúcia Fereira da Silva**



Mar. C. João Frederico Caldwell; Comandou pela 3ª vez, de 5 Mar. 1853 - 28 Abr. 1856, por três anos. Será estudado na Guerra do Paraguai.

Brig. Jerônimo Francisco Coelho (1806-1875). Comandou a 3ª RM de 28 Abr. 1856 - 8 Mar. 1857, por quase um ano. Nasceu em Laguna-SC, em 30 Set. 1806. Praça de 17 Dez. 1813. Academia Militar do Largo do São Francisco 1816. Ten. em 1828, serviu como Engenheiro Militar no Rio. Major e deputado provincial por Santa

Catarina, em 1837. Vice presidente de Santa Catarina 1839. Deputado à Assembléia Geral, 1838-47. Ten. Cel. em 1842, e Ministro da Guerra e da Marinha, até 1845. Participação na Paz de Ponche Verde. Cel. Grad. comandante 8a RM, 1850. Diretor Fábrica da Estrela, 1852, onde foi confirmado Cel., por merecimento. Diretor do Arsenal do Rio, 1854. Diretor Escola Aplicação, 1855. Presidente do Rio Grande, 1856-57. Deputado por Santa Catarina. Ministro da Guerra, 1858. Vogal Conselho Supremo Militar. Faleceu em Nova Friburgo, em 16 Jan. 1860. Como presidente do Rio Grande, criou os municípios de Canguçu, Passo Fundo e Santana.

Cel. Jacinto Machado Bitencourt (1080-1865). Comandou por 6 dias, interino, 8 Mar. -16 Mar. 1857. Foi um grande chefe de Infantaria. Nasceu em Santa Catarina, em 1808. Combateu na Revolução Farroupilha de 1837-45 como Ten., e Cap. na guerra contra Oribe e Rosas, 1851-52. Integrou a Divisão Auxiliadora, 1853-54. Como Cel. e Brig. por bravura, destacou-se na Guerra do Paraguai, tendo substituído Brig. Sampaio no Comando da Divisão Encouraçada em Tuiuti. Foi um dos maiores líderes da Infantaria. Faleceu em Assunção, em 4 Abr. 1865. É pai do Mar. Bitencourt, patrono da Intendência.

Mar. C. João Frederico Caldwell. Comandou pela 4a vez a 3a RM. Será estudado na Guerra do Paraguai.

Mar. C. Francisco Felix Pereira Pinto (1805-1861). Comandou a 3a RM de 21 Jan. - 23 Nov. 1860, por 10 meses. Nasceu em Porto Alegre em 21 Set. 1805. Praça de 14 Jan. 1817, no Rio. Como Ten. destacou-se na batalha do Passo do Rosário, 20 Fev. 1827. Teve presença marcante nas ações contra a Revolução Farroupilha, 1835-45. Major em 1838, do célebre 8º BC de Porto Alegre. Ten. Cel., em 1841, tomou parte destacada no comando do 8º BC no 2º combate de Canguçu de 6 Nov. 1843. Comandante da guarnição do Rio Pardo 1845-49. Cel. em 1845. Comandante da guarnição de São Gabriel 1849-51, de onde seguiu para a guerra contra Oribe e Rosas, 1852-52, onde, em Monte Caseros, comandou a 1ª brigada "*com bravura, discernimento e sangue frio*". Brig. em 3 Mar. 1852. Comandou a Divisão de Observação no Uruguai, 1854. Comando da Fronteira do Jaguarão, 1855. Comandante da 6a RM, 1858-59. Comandante da 3ª RM em 1860. Ajudante General do Exército, cargo em que faleceu no Rio em 28 Nov. 1861, aos 56 anos, como marechal de campo.

Ten. Gen. Grad. João Frederico Caldwell. Comandou pela 5a vez a 3a RM, de 23 Nov. 1860 - 29 Jun. 1864, por 3 anos e 7 meses. Será estudado na Guerra do Paraguai no seu 6º e último comando.

## Uma missão da 3ª RM de Observação em Montevideu 1854-56

Terminada a guerra contra Oribe e Rosas, o Uruguai em pouco ficou intranquilo com reflexos negativos no território da 3a RM, em razão de ressentimentos contra brasileiros. Pretendeu-se no Uruguai anular o Tratado de Limites de 1852, posição abandonada com a disposição do Brasil de ocupar o território entre Quaraí e Arapeí com tropas da 3a RM. Estas, na linha da fronteira, tudo faziam para prevenir que disputas no Uruguai se refletissem no território. O Gen. Venâncio Flores, que assumiu o poder no Uruguai, não conseguiu evitar as violências que atingiam o território brasileiro. Solicitou o apoio do Brasil, sob a forma de um empréstimo, e a presença em Montevideu de uma divisão do Exército Brasileiro.



Assim, foi organizada na 3a RM uma Divisão de Observação e, após, Auxiliadora, de 4000 homens, ao comando do futuro comandante da 3a RM Brig. Francisco Felix Pereira Pinto. Ele transpôs a fronteira e, após 3 meses de marcha, de Março - Junho, chegou em Union, onde aquartelou.

Decorridos mais 2 anos, a Divisão de Observação retornou ao território da 3a RM. O governo do Uruguai, assim, fez justiça a esta Divisão, ao reconhecer *"a disciplina, moderação e moralidade que a Divisão de Observação destacada da 31 RM nunca desmentiu, durante sua permanência no território do Uruguai"*.

Comandava a 3a RM neste tempo o Mar. C. João Frederico Caldwell.

## A Guerra contra Aguirre no Uruguai 1864-65

A agitação voltou a dominar o Uruguai com negativos reflexos entre os fazendeiros brasileiros na fronteira. Eles voltaram a ter suas estâncias invadidas e os brasileiros residentes no Uruguai, alvo de perseguições.

A Argentina e o Uruguai, de desentendimento em desentendimento, terminaram por romper relações em 1864. Os choques entre uruguaios e brasileiros na fronteira e mais o desrespeito de interesses de cerca de 40.000 brasileiros moradores no Uruguai levariam o Brasil a intervir diplomaticamente, sem sucesso, junto ao presidente uruguaio Atanásio da Cruz Aguirre. O Brasil lançou um ultimato ao governo de Aguirre, que foi devolvido.

O Alte. Tamandaré e as forças da 3a RM na fronteira receberam ordens de procederem represálias e adotarem medidas convenientes para proteger os brasileiros.

Em Jul. 1864, um mês antes do rompimento de relações Brasil x Uruguai, era o seguinte o dispositivo das forças da 3ª RM:

Bagé: o grosso da 3ª RM

- 4º, 5º e 12º Batalhões de Infantaria
- 3º e 5º Regimentos de Cavalaria
- 1º Regimento de Artilharia a Cavalos

Jaguarão:

- 13º Batalhão de Infantaria
- 4º Regimento de Cavalaria
- 3º Regimento de Cavalaria (Destacamento)

Santana: Dois regimentos de Cavalaria (entre eles 2º RC)

As tropas da 3ª RM numeravam 3.498 homens que, acrescidos de 2.149 da Guarda Nacional, atingiram a cifra de 5.647 homens. Em 16 Out. 1864, tropas da 3a RM, numerando 6.000 homens, ao comando do Gen. João Propício Menna Barreto invadiram o Uruguai na direção de Mello com duas divisões de Infantaria assim constituídas:

- 1ª Divisão de Infantaria - Comandante Brig. Manoel Luiz Osório e constituída da 1ª Brigada de Cavalaria e das 2a e 3a Brigadas de Infantaria.
- 2ª Divisão de Infantaria - Comandante Brig. José Luis Menna Barreto, constituída de 3 brigadas de Cavalaria entre elas a 3a e mais o 1º RA a Cavalos ao comando do Ten. Cel. Luiz Emílio Mallet.

Pouco menos de um mês antes, o Alte. Tamandaré, com a Esquadra Brasileira e concurso do general uruguaio Venâncio Flores sitiou a vila de Salto no rio Uruguai, que capitulou sem reação em 28 Nov. 1864.

Dali seguiram para Paissandú, que foi sitiada durante um mês, espaço em que as tropas da 3ª RM foram ali cerrando, concentração que terminou em 25 Dez. 1864.

As 9 horas da manhã de 31 Dez. 1864, as tropas da 3ª RM, com apoio naval da Esquadra ao comando de Tamandaré, atacaram com as brigadas do Brig. Antônio Sampaio (futuro patrono da Infantaria) e de Carlos Resin justapostas. As tropas da 3ª RM atacaram pela frente e pela direita da vila, e o Gen. Flores, pelo flanco esquerdo.

A resistência de Paissandú foi denodada e pertinaz. Foi um combate em localidade que durou todo o dia e entrou noite a dentro.

Na manhã de 1º Jan. 1865, Paissandú rendeu-se; e foi feito prisioneiro o comandante da praça, Leandro Gomes, que foi morto pelos seus inimigos uruguaios do Gen. Flores - uma nódoa nesta campanha.

De Paissandú, forças da 3ª RM receberam ordem de marchar sobre Montevidéu, passando por Colônia do Sacramento. Daí, lançaram-se sobre Montevidéu, que sitiaram no início de Fev. 1864.

Em 15 Fev. 1865 terminou o mandato de Aguirre. O seu substituto cinco dias após conseguiu a paz.

Foi criado um governo Provisório dirigido pelo Gen. Venâncio Flores. Em 20 Fev. 1865 foi assinada a Convenção de Paz. As propriedades de brasileiros no Uruguai confiscadas foram devolvidas, e reconhecidas as reclamações brasileiras.

#### **A Guerra da Tríplice Aliança 1865-1870**

A principal consequência desta guerra foi a Guerra do Paraguai, que decorreu basicamente do aprisionamento do navio brasileiro Marquês de Olinda, próximo de Assunção, e em 12 Nov. 1864, como protesto pela invasão do Uruguai, a partir de Bagé, por Mello, em 16 Out. 1864, por tropas da 3ª RM.

Seguiram-se as invasões paraguaias do Rio Grande do Sul, por São Borja, e do Mato Grosso.

Esta campanha foi estudada pelo ex-comandante da 3ª RM na obra: BORMANN, J. Bernardino, Mar. Campanha do Uruguai. Rio, 1907. O local da invasão foi no passo do Formigueiro, próximo a São Borja, onde os invasores usaram as canoas citadas.

Eles entraram em São Borja em 12 Jun., onde permaneceram cerca de uma semana.

São Borja foi defendida pelo 3º Batalhão da Guarda Nacional e pelo 1º Batalhão de Voluntários da Pátria.

As tropas de 1ª linha da 3ª RM encontravam-se ainda no Uruguai onde haviam combatido o presidente Aguirre. Comandava-as desde la Mar. 1865 o Gen. Osório, que as encontrou em estado lastimável quanto ao estado sanitário, doenças, mobilidade, falta de uniformes, agasalhos, barracas e baixo moral da oficialidade conforme oficiou ao Ministro da Guerra.

Em pouco tempo, Osório, num trabalho hercúleo, reverteu este quadro adverso.

O território do Rio Grande do Sul ficou defendido por fracas e mal armadas tropas de 2ª linha integrantes da Guarda Nacional e Voluntários da Pátria do Sul, cujo comando foi confiado ao Ten. Gen. Ref. Manoel Marques de Souza e conde de Porto Alegre.

A defesa da fronteira com Argentina ficou a cargo da 2ª Divisão ao comando do Brig. hon. David Canabarro, e constituída, repito, por tropas improvisadas entre a população civil, que não atendera o chamamento para a guerra contra Aguirre.

A defesa da fronteira com o Uruguai ficou a cargo da 2ª divisão ao comando do barão de Jacuí Francisco Pedro de Abreu, grande guerrilheiro imperial revelado pela Revolução Farrroupilha e inimigo figadal de David Canabarro desde a surpresa de Porongos.

As forças do Paraguai, margeando o rio Uruguai, atingiram Uruguaiana, que dominaram por cerca de três meses, sem que as forças de Canabarro tivessem poder de combate para enfrentá-las e estarem impossibilitadas, de receber reforços solicitados ao Gen. Osório, no Uruguai.

Neste episódio, destacou-se o Ten. Floriano Peixoto no comando de uma pequena esquadilha fluvial composta do rebocador Taquari e lanchões São João e Garibaldi. Eles armados combateram e destruíram canoas dos bogavantes paraguaios usadas para transpor o Uruguai e fazer a ligação entre as colunas invasoras que marchavam de um lado e outro do rio Uruguai, constituindo-se em fator importante para a vitória.

Em cerca de 55 dias de marcha, desde São Borja, Estigarribia atingiu Uruguaiana em 5 Ago., sempre acompanhado de perto por Canabarro. E ali hasteou a bandeira paraguaia, o que causou profunda mágoa em todo o Brasil e acusações infundadas às fracas tropas de Canabarro e a este chefe.

Foi nomeado para comandar a reação à invasão o conde de Porto Alegre e Ten. Gen. Ref. Manoel Marques de Souza como comandante do Exército do Sul.

D. Pedro II, decorrido um mês de invasão do Rio Grande por São Borja, deixou o Rio em 10 Jul. 1865, via marítima. Chegou em Uruguaiana, após dois meses de viagem, em 11 Set. 1865. No Rio Grande percorreu este itinerário: Rio Grande - Porto Alegre - Rio Pardo - Cachoeira - Caçapava do Sul - São Gabriel - Alegrete e Uruguaiana.

Em 18 Set. 1865, decorridos 7 dias da chegada de D. Pedro II, os paraguaios se renderam aos exércitos do Brasil, da Argentina e Uruguai em presença do Imperador e dos presidentes Mitre e Flores, da Argentina e do Uruguai respectivamente. Representou os aliados no ato de rendição o conde de Porto Alegre e, os paraguaios, o Ten. Cel. Estigarribia.

Renderam-se em Uruguaiana 590 oficiais e 5.131 soldados paraguaios.

A História do Exército Brasileiro, v. 2 (p. 612-623), trata desse episódio. Canabarro foi alvo de muitas injustiças que tentamos reparar ao focalizá-lo em O Exército Farrapo e seus chefes (Rio, BIBLIEX, 1992 v. 1), e que é amplamente focalizado por Ivo Caggiani em Davi Canabarro. (Palegre, Martins Livreiro, 1990). E tudo para demonstrar que segundo Galileu Galilei, - *"A verdade é filha dos tempos e não da autoridade"*.

A própria História do Exército Brasileiro - citada e editada pelo Estado-Maior do Exército assim justifica Canabarro, que não pertencia aos quadros do Exército. Era apenas um brigadeiro honorário:

*"Razões que justificaram o inimigo incursionar impunemente desde São Borja e Uruguaiana:*

*-A falta de instrução, equipamento, organização precária das tropas, a fnaioria constituída de guardas nacionais e voluntários há poucos jnobilizados.*

*- Perda de tempo na junção da divisão do barão de Jacuí com a de Canabarro. Talvez o atraso se explique pela inimizade entre os dois."*

Eram elas tropas civis mobilizadas na emergência. Canabarro em realidade usou a guerra à gaúcha que explicamos no citado O Exército Farrapo e os seus chefes.

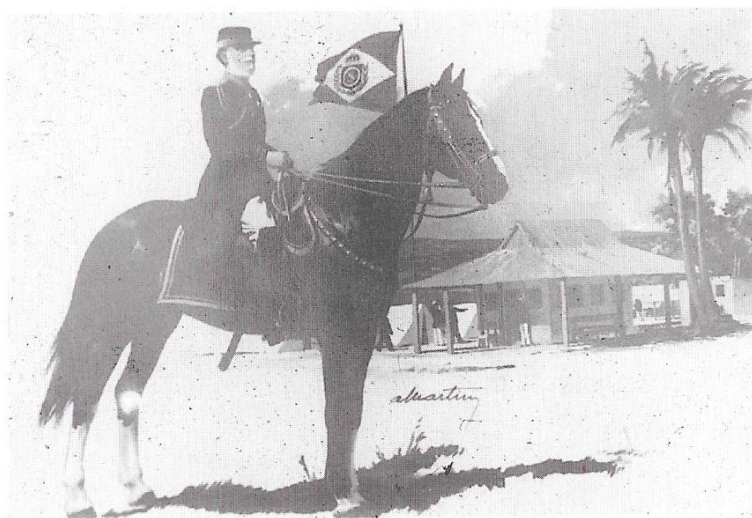
Durante a Guerra do Paraguai, a 3ª RM desenvolveu notável esforço de guerra na mobilização e preparo das seguintes forças que atuaram no Paraguai:

1º Corpo de Exército

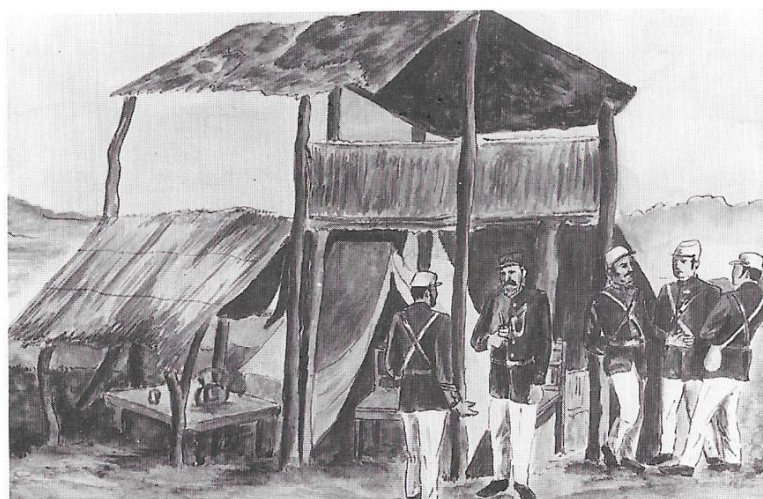
2º Corpo de Exército

3º Corpo de Exército organizados com forças do Exército, da Guarda Nacional e de Voluntários da Pátria expressivamente recrutados no seu território.

#### Quarteis Gerais na Guerra do Paraguai - 1865-70



*Quartel General de Caxias em Tuiuti - Instalação reproduzida de foto da época (A. Martins)*



*Quartel General de Andrade Neves, próximo a Humaitá, 1868. Instalação reproduzida de foto da época (Desenho: Cilka Silva)*

GMS 3ª RM - Pesquisa, texto, orientação - Cel. Cláudio Moreira Bento

Uma visão mais aprofundada dessa guerra nos é fornecida, entre outras obras, pelo clássico:

**FRAGOSO, Tasso, Gen. A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. Rio, BIBLIEX, 1956-61. 6v.**



Existem as Ordens do Dia dos 1º e 2º Corpos de Exércitos publicadas que tornam possível o resgate de valiosas informações de impossível abordagem num trabalho sintético referencial.

Outras obras esclarecedoras do tema:

- BORMANN, Bernadino, Cel. História da Guerra do Paraguai. Rio, 1897. (Veterano da guerra e ex-comandante da 3ª RM).
- DOCCA, Emílio, Fernandes, Souza, Ten. Causas da Guerra do Paraguai. Porto Alegre, 1919.
- CERQUEIRA, Dionízio, Gen. Reminiscências da Guerra do Paraguai. (Em diversas edições pela BIBLIEX).
- TAUNAY, Alfredo de, Cap. Memórias. São Paulo. Ed. Melhoramentos, 1946.
- PIMENTEL, J. S. de Azevedo. Episódios Militares. Rio, BIBLIEX, 1978.
- DUARTE, Paulo Queiroz, Gen. Voluntários da Pátria. Rio, BIBLIEX, 1981-90 (Coleção preciosa).

CMS-3ª RM - Pintura de Canovas, o pintor do Exército no Rio Grande do Sul.



*Mar. Manoel Luiz Osório, e Marquês do Herval, comandante da maior batalha campal travada na América do Sul, no comando de forças expressivas oriundas da 3ª Região Militar. Comando que ele exerceria no ano seguinte, no afã de mobilizar mais um Corpo de Exército para o esforço de guerra. Dia 24 de Maio de 1866.*

## Os Comandantes da 3ª RM nas Guerras contra Aguirre e a do Paraguai 1864-70

**Mar. C. João Propício Menna Barreto (1808-1867).** Comandou a 3ª RM de 29 Jun. 1864 - 23 Mar. 1865, por quase 9 meses. Nasceu em Rio Pardo, em 5 Ago. 1808, filho do Mar. João de Deus Menna Barreto, ex-comandante da 3ª RM na Independência. Praça dos Dragões do Rio Pardo aos 14 anos, em 1 Jun. 1822. Fez a Guerra Cisplatina, 1825-28, no 5º RCL (ex-Dragões) com parada em Bagé. De 1832-35 deixou o Exército e dedicou-se à pecuária em São Gabriel. A Revolução Farroupilha chamou-o às armas como alferes da Guarda Nacional, onde fez carreira

rápida e se destacou em diversas ações. Em 7 Set. 1841 foi promovido a Ten. Cel. hon. do Exército e, em 25 Mar. 1845, a Cel. hon. do Exército, pelos sofridos e relevantes serviços à causa do Império. Efetivado Cel. do Exército, passou a comandar o 4º RCL, deixando o comando da Fronteira do Alegrete. Comandou a Fronteira do Jaguarão e Bagé, 1849, e a seguir a Fronteira Quaraí-Missões, 1850. Comandou a 6ª Bda. na Guerra contra Oribe e Rosas, 1851-52. Comandou a Fronteira de Bagé, 1852-54 onde saiu comandando a 1º Bda. da Divisão Imperial Auxiliadora no Uruguai, 1854-55. Comandou a 4ª Bda. e guarnição de São Gabriel, onde foi promovido brig. em 1856, ali permanecendo até 1859. 1º vice presidente da Província, 1858. Comandante da 3ª RM, que assumiu em São Gabriel, e comandante do Exército do Sul, em Pirai-Grande, Bagé. A frente dele comandou as ações na guerra contra Aguirre 1864-65, que culminaram com o convênio de Capitução de Aguirre em Montevidéu, em 20 Fev., seguida da entrada triunfal de sua força naquela cidade, tendo à frente o Brig. Antonio Sampaio. Recolheu-se a São Gabriel após exonerado e substituído pelo Gen. Osório.



Ali faleceu em 9 Fev. 1867, aos 59 anos. É estudado por MENNA BARRETO, João de Deus N, Ten. Cel. Os Menna Barreto - seis gerações de soldados. (Rio, Laemert, 1950. P. 159 ss). Levou seu nome a unidade de Cavalaria de São Gabriel. Era sua divisa: *"O dever acima de tudo"*

Mar. C. Lobo de Almeida Henrique Botelho e Mello (1799-1867). Comandou a 3a RM interinamente, 23 Mar. - 30 Maio 1865, por 2 meses. Nasceu em Lisboa, em 6 Out. 1799. Praça de 1810. Academia Militar, 1820-22. Cap. em 1823. Combateu na Guerra Cisplatina, 1826-28, na Artilharia Montada. Combateu a Revolução Farroupilha. Recebeu 27 ferimentos no combate do Rio Pardo de 30 Abr. 1838. Fortificou a ilha do Junco em 1839. Cel. efetivo em 1844. Deputado provincial pelo Rio Grande, 1846. Como brig. comandou a Fronteira do Rio Grande 1853-56. Comandou a Fortaleza de Santa Cruz 1857-58. Diretor da Escola Preparatória (em Porto Alegre) de 1859-62. Mar. C. Grad. Comandante da 3a RM. Comandante da 8a



RM 1865-66. Membro da Junta Militar de Justiça do Exército em Operações. Faleceu em Corrientes, em 29 Dez. 1867, de moléstia adquirida em campanha e aos 68 anos, tendo assumido antes, interinamente, em Abr. 1865, o comando em Corrientes de todas as forças brasileiras em operações.

Ten. Gen. Grad. João Frederico Caldwell (1801-1873). Comandou pela 6ª e última vez a 3ª RM, de 30 Maio - 22 Jul. 1865, por menos de 2 meses, perfazendo um total de 11 anos. Nasceu em Santarém - Portugal, em 1801. Era anglo-lusitano por ser filho de um general inglês com uma portuguesa. Foi o primeiro imigrante não lusitano a comandar a 3ª RM. Seu pai era o Ten. Gen. Frederico Caldwell, general inglês a serviço de Portugal contra Napoleão. Assentou praça aos 9 anos como cadete no atual Dragões de Brasília. Alferes em 1817. Participou do combate à Revolução Pernambucana em 1817. Até major, serviu nos Dragões, do qual foi desligado em 1831, em razão da dispensa geral dos estrangeiros do Exército. Veio para o Rio Grande. Dedicou-se ao comércio em Rio Grande e à instrução da Guarda Nacional em Jaguarão, ao comando de Bento Gonçalves. Em 1836, participou do combate do Seival ao comando de Silva Tavares, tendo, ali, perdido a mão direita. Apesar disso, segundo Caxias, prestou muito bons serviços. Comandou o 3º RCL. Em 1847-48, como brig. efetivo, comandou a guarnição e fronteira de Bagé. Comandou a 2ª Divisão do Exército na Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52.

Comandava a 3ª RM por ocasião da invasão paraguaia do território da 3ª RM por São Borja e no momento em que as principais forças da 3ª RM encontravam-se em Montevideu. Fez tudo a seu alcance para minorar as consequências. Em 27 Jul. 1865 foi nomeado Ajudante Geral do Exército e nesta condição acompanhou a comitiva de D. Pedro II até Uruguaiana, onde assistiu à rendição paraguaia em 18 Set. 1865. Até Jan. 1866, assessorou o conde de Porto Alegre em São Borja, na organização do 2º Corpo de Exército. Retornou ao Rio como Ajudante General. Ten. Gen. em 22 Jan. 1866, exerceu por mais de 6 anos aquela importante função até falecer em 26 Fev. 1873, aos 72 anos, tendo sido Ministro da Guerra por 2 meses, em 1870. Estudamo-lo em Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS (Palegre, IEL, 1975. p. 189-195).

Caldwell serviu a sua pátria adotiva, o Brasil, por mais de 60 anos, com amor, lealdade, sacrifício e muita competência profissional, tornando-se assim um belo exemplo na galeria dos chefes militares de nosso Exército e, em especial, da 3ª RM, em cujo comando bateu o recorde de permanência descontínua.

Brig. Ref. Francisco do Rego Barros (1802-1870) e visconde de Boa Vista. Nasceu no Engenho do Trapiche-PE, em 4 Fev. 1802. Comandou a 3ª RM cumulativamente com o governo do Rio Grande, de 22 Jul. 1865 - 4 Out. 1866, por 1 ano e 2 meses. Praça de 4 Jun. 1817 do R. Art do Recife. Como alf, em 1821, foi deportado e preso em Lisboa. Liberado, estudou em Coimbra e após na Universidade de Paris, onde graduou-se doutor em Matemática. De retorno fez carreira no Corpo de Engenheiros, reformando-se como brig. em 11 Ago. 1856. Presidiu Pernambuco diversas vezes, estado onde é um dos seus maiores vultos históricos, e comandou a Guarda Nacional local. Como comandante da 3ª RM trabalhou no suprimento, remuniamento e remonta do 1º Corpo de Exército de Osório". Deu início à construção do Arsenal de Guerra de Porto Alegre, atual quartel da Cia Cmdo do CMS, que até hoje evoca seu nome em placa e, no seu portão, a data 1867, de sua inauguração. (Nota hoje Museu do Comando Militar do Sul) A lembrar sua passagem no Rio Grande, existiu a rua Boa Vista (atual Vicente de Fontoura) e o Prado Boa Vista. Ele faleceu em Recife, em 4 Out. 1870, aos 68 anos. O estuda ALMEIDA Antonio Rocha, Gen. Vultos da Pátria. Palegre, Ed. Globo, s/d, v.3. Sua família liga-se por laços de parentesco ao Mar. José Pessoa idealizador

da AMAN e ao atual Ministro do Exército General Zenildo Zoroastro Lucena, segundo o historiador Gen. Dr. Alberto Martins Silva dos IHGB e IGHMB.

Ten. Gen. Ref. José Fernandes dos Santos Pereira (1793-1874). Comandou a 3ª RM de 16 Abr. - 4 Out. 1866, por mais de 5 meses. Nasceu em Porto - Portugal, em 19 Mar. 1793. Praça de 1808, em Portugal. Veterano valoroso da Leal Legião Lusitana que combateu Napoleão. Veio para o Brasil como Ten. da Legião de Voluntários Reais, que invadiu o Uruguai em 1817, no contexto das guerras contra Artigas e, a seguir, após a independência que aderiu, combateu como cap. na Guerra Cisplatina 1825-27, onde se destacou por sua intrepidez na defesa e socorro da Colônia. Maj. comandante, em 1825, em Ouro Preto-MG, do 11º BC. Na Regência, no Rio, integrou o Batalhão Sagrado junto com o futuro Duque de Caxias. Comandante e instrutor da Guarda Nacional de Macaé e Cabo Frio, 1831-38. Ten. Cel. em 1838, comandante do 2º BC contra os farrapos. Comandante em Santa Catarina, em 1839, de coluna contra os farrapos que libertou Laguna, cuja guarnição passou a comandar. Coronel comandante da 8ª div, 1842-45, até a paz de D. Pedrito, no Rio Grande. Brig. efetivo em 1847. Comandante da guarnição de Porto Alegre. Comandante da guarnição do Rio Grande e Fronteira do Chuí, 1847-51. Combateu na guerra contra Oribe e Rosas, 1851-52, no comando da 3ª Divisão, Comando da Guarnição e fronteira do Rio Grande, 1852-53. Comandante da 7ª RM, 1853-54. Reformou-se em Porto Alegre como Ten. Gen., em 19 Ago. 1856. Na Guerra do Paraguai comandou as guarnições do Rio Grande, Chuí, Pelotas e Santa Vitória e a Guarda Nacional nelas destacadas. Comandou a 3ª RM -1866. Faleceu em 19 Dez. 1874, em Porto Alegre, aos 71 anos.

Cel. João Manuel Menna Barreto (1827-1869). Comandou a 3ª RM de 4 Out. .i 19Nov. 1866, por um mês e meio. Nasceu em Porto Alegre, em 7Jul. 1827, e faleceu em ação em Peribebui, em 12 Ago. 1869, ao final da Guerra do Paraguai. Era filho do Mar. João de Deus Menna Barreto. Participou do combate à Revolução Farroupilha de 1839-45, da guerra contra Oribe e Rosas, 1851-52. Após comandar os 2º, 3º e 4º RCL, em Fev. 1865, assumiu o comando do 1º de Voluntários da Pátria, à frente do qual apresentou heróica e memorável reação aos paraguaios, na invasão do Rio Grande, por São Borja, em 10 Jun. 1865, local onde seus restos mortais repousam no regimento de Cavalaria que leva o seu nome e anualmente evoca a efeméride. Cel., comandou a 1ª divisão do 2º Corpo de Exército. Brig., em 1867, destacou-se na Dezembroada e em especial em Avaí. Em 12 Ago. 1869 foi ferido mortalmente no ataque a Peribebui, nas seguintes circunstâncias, descritas por Dionízio Cerqueira:

*"Já no fim do ataque a Peribebui, quando se ouvia o toque de cessar fogo, caiu mortalmente ferido um dos nossos mais brilhantes generais - o Brig. João Manoel, elegante e belo tipo fidalgo, com a bravura tradicional de sua família."*

É estudado em Os Menna Barreto - seis gerações de soldados (Rio, laemert, 1950. pp. 187-206).

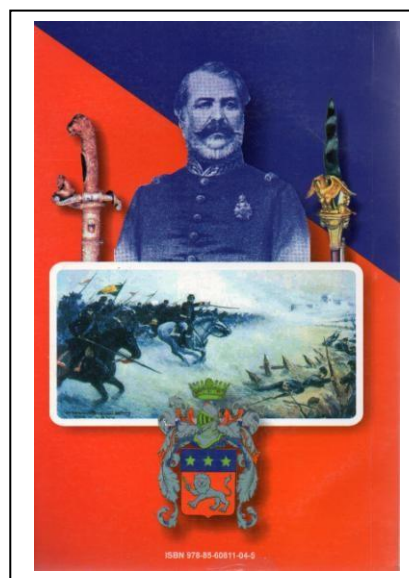
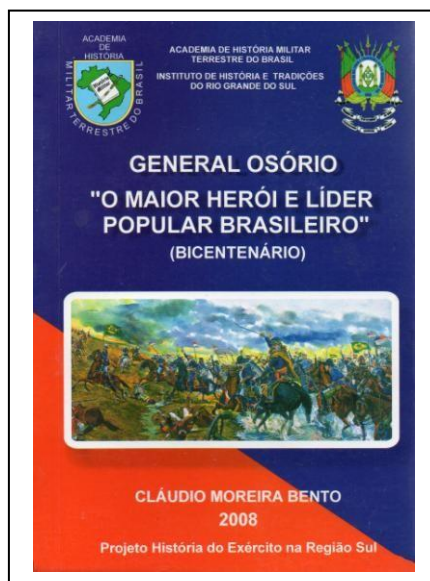
Mar. C. Luiz Osório e Marquês do Herval (1808-1879). Comandou a 3ª RM de 19 Nov. 1866 - 23 Mar. 1867, por cerca de 4 meses. Nasceu em Osório, em 10 Mar. 1808, em casa restaurada que nucleia o Parque Histórico Mar. Manoel Luiz Osório em Tramandaí e para onde acabam de voltar seus restos mortais. Praça de 1º Maio 1823, na Cavalaria da Legião de São Paulo. Como ten., combateu na Guerra Cisplatina 1825-27 e na Revolução Farroupilha como cap., maj. e ten. cel. Como ten. cel., participou da guerra contra Oribe e Rosas 1851-52, tendo se destacado na batalha de Monte Caseros de 2 Fev. 1852, no comando do 2º RCL de Bagé. Comandante do Exército Brasileiro, que invadiu o Paraguai pelo Passo da Pátria. Comandou a vitoriosa batalha de Tuiti de 24 Maio 1866, a maior batalha campal da América do Sul, como Mar. C. Foi Ministro da Guerra de 5 Jan. 1878 - 4 Out. 1879, em



cuja função faleceu no Rio, em 4 Out. 1879. Foi o maior líder de combate do Exército Brasileiro. Patrono da Cavalaria em 1992.

Cooperou com o recrutamento para a Guerra do Paraguai. Legendário, tem inspirado diversos biógrafos. Sua biografia alentada, História do Gen. Osório, em 2 vols foi publicada, em 1894 e 1895, por seu filho Fernando Luiz Osório e netos Joaquim Luiz e Fernando Osório, que só é superada pela do Mar. Câmara. Escrevemos o Pensamento Militar do Gen. Osório na Revista A Cavalaria, AMAN, 1975 alusiva ao centenário de seu falecimento, e na DN nº 684, 1979. Definimo-lo certa feita no livro A grande festa dos Lanceiros (Recife, UFPE, 1971) alusivo à inauguração do parque Osório: *Osório, nome que é legenda e que é glória. O líder sem igual no combate. A estrela guia em negros horizontes no caminho da luta e da vitória. Formou-se na Academia Militar das Coxilhas, na Fronteira do Vai e Vem. Entre pará tatás de centauros, pontacos de lanças, tilin tilins de armas brancas e cargas de Cavalaria, na belicosa coreografia da Arte militar dos Pampas.*

*Nota em 2017. Em 2008 em seu bicentenário publicamos a obra cujas capas figuram a seguir. Abas do General de Exército Clóvis Jacy Burmann, Prefácio do acadêmico benemérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e Posfácio do acadêmico benemérito Gen Div Arnaldo Serafim. Ilustração na 1ª capa a Batalha de Avai do acadêmico emérito Cel Pedro Paulo Estigarríbia e na 4ª capa Osório na Batalha de Monte Caseros do patrono de cadeira pintor Alcebiades Miranda Junior e com 179 ilustrações relacionadas com o General Osório.*



Brig. Francisco de Paula Macedo Rangel. Comandou interinamente a 3ª RM de 23 Mar. - 11 Abr. 1867 por 19 dias. Nada foi encontrado nos estudos biográficos disponíveis e no Arquivo Histórico do Exército.

Ten. Gen. Grad. Francisco Antonio da Silva Bittencourt (1802-1881). Foi o que comandou o maior período na Guerra do Paraguai. A la vez de 11 Abr. 1867 - 14 Abr. 1868, e a 2ª vez, 1 Jan. 1869 - 5 Abr. 1871, totalizando 3 anos e meio. Nasceu no Rio, em 2 Out. 1802. Praça de 1818 na Divisão Auxiliadora, ao comando de Avilez. Combateu na Artilharia, em Passo do Rosário, onde se distinguiu e foi promovido a cap. Comandou um corpo de Artilharia na Balaiada, no Pará, pelo que foi promovido a maj. Ao final da Farroupilha, Cel., comandante geral da Artilharia. Diretor do Arsenal de Guerra de Porto Alegre, 1854-56. Brig. em 1856. Mar. C. em 1863. Comandante da 6ª RM, 1864-65. Out. 1866, comandante do EM 2ª Classe.

Comandante 3a RM, 1867-68 e 1869-71. Ten. Gen., 1870. Conselheiro de Guerra, 1874-1881. Faleceu como Mar. Ex no Rio, em 25 Jul. 1881, aos 79 anos.

Brig. Guilherme Xavier de Souza (1818-1870). Comandou a 3a RM de 14 Abr. 1868-1 Jan. 1869 cerca de 6 meses. Nasceu em Florianópolis, em 3 Jul. 1818. Praça de 1834. Escola Militar, 1835-37. Como Ten. e cap, participou em 1840-45 de operações contra as revoluções de São Paulo e Farroupilha, no RS e SC. Comandante do 3° BC em Porto Alegre, 1848. Comandante Ala Esquerda 7° BC em Pelotas, 1850. Participou da Guerra contra Oribe e Rosas no comando do 3° BI. Em 1853, comandante 10° BI e guarnição de Pelotas. Ten. Cel. comandante do 1° BI em 1856. Participou da Guerra do Paraguai. Como brig. comandou a 4a Divisão em Tuiuti, onde foi contundido. Mar. C. foi nomeado comandante da 3ª RM, 1868. Em 1869 voltou ao TO do Paraguai e comandou interinamente „, o 1°C Ex. Conselheiro de Guerra, nomeado, mas não pôde assumir, falecendo em Florianópolis em 21 Dez. 1870, aos 52 anos.

## **Um corpo de Cavalaria da Guarda Nacional do Rio Grande do Sul, nas Reminiscências de Dionísio Cerqueira sobre a Guerra do Paraguai**

O Gen. Dionísio Cerqueira, o maior cronista da Guerra do Paraguai, era baiano. Combateu como alferes egresso da Escola Militar da Praia Vermelha. Como coronel, comandou em 1891 a Escola Militar de Porto Alegre e foi Ministro Interino da Guerra em 1896. Assim ele imortalizou a Cavalaria da Guarda Nacional Gaúcha:

*"Quando me fui postar à frente do meu contingente, aproximava-se da casa urna força de Cavalaria da Guarda Nacional do Rio Grande:*

*Montavam todos à brida, com as pernas estendidas e a ponta do pé apenas tocando o estribo. Fizeram alto e apearam.*

*Havia oficiais, inferiores e soldados. Alguns tinham barbas longas que lhes desciam até o peito, e cabelos trançados que chegavam quase à cintura. Seu guisamento era digno de nota:*

*Largas adagas de fortes punhos com virotes em cruz e bainhas de prata lavrada. Pesadas chilenas (esporas) também de prata, com tão longos copetes que lhes chegavam aos artelhos, e cossouros de tal diâmetro que lhes dificultavam a marcha. Chapéu de feltro de abas estreitas cobertos de ganga vermelha e presos por barbicachos de borla à ponta do nariz. Bombachas vermelhas ou negras e ponchos de vicunha de cores vivas ou de outros estofos, bordados à seda e agaloados. Espadas de ferradura, com três dedos de largura.*

*Lanças imensas de couto de prata ou aço polido, de choupa longa e brilhante, com galhos direitos ou em meias luas invertidas, os cornos ponteagudos voltados para cima e para baixo, que mais pareciam lâminas de corregues e partazanas alemãs.*

*Um par de pistolas à cinta, na pistoleira (coldre) que era larga guaiaca, espécie de bálteo coberto de chaparias e moedas, onde guardavam onças e libras de ouro, patações e bolivianos de prata. Os cavalos tinham as crinas tosadas em gogotilho e as colas atadas. Cada cavalo tinha em cima um montão de prataria lavrada. As cabeças com grandes meias-luas nas testeiras. As rédeas de bombas ou passadores chatos ou esféricos. As bridas de fortes caimbas, os florões e copas, os largos fiadores de chapas e filigrana, os bucais, os cabrestos, as cabeças dos serigotes, os estribos do século XVI (de grande picaria com longos bocais cilíndricos ou faceados), as cantoneiras das caronas de Pele de Tigre, os rabichos e os peitorais; tudo era de fina prata, lisa ou cinzelada. Sobre os lombilhos e*

*serigotes, pelegos negros, cobertos por uma badana e sobrecincha de couro de lontra, ou de veado, ou cinchões escarlates bordados e franjeados. Todos tinham boleadeiras, umas de marfim, outras de ferro retovadas de couro, presas debaixo dos pelegos do lado da garupa. Em muitos, viam-se laços bem trançados e presos ao cinchador, do lado direito, enrodilhados sobre a anca e atados ao serigotes por um tento de lonca. Poucos traziam na argola da sugigola ou do peitoral a chaleirinha de mate. Era um quadro pitoresco.*

*Havia gaúchos altos e robustos, claros de olhos azuis e cabelos alourados, outros morenos, musculosos, de cabeleiras negras e barba rarefeitas (caboclos).*

*Alguns de lábios grossos, dentes alvos, maçãs do rosto salientes, nariz, achatado e cabelos cacheados caindo sobre os ombros (mulatos), um e outro negro. Parecia uma cabila de guerreiros da Maurítânia."*

## **A Revolta dos Muckers do Ferrabraz**

Nos anos de 1873-74, sendo comandante da 3ª RM o Mar. C. Vitorino Carneiro Monteiro e barão de São Borja, teve lugar em São Leopoldo o episódio conhecido como A Revolta dos Muckers do Ferrabraz, que terminou provocando a intervenção de forças da 3ª RM para combatê-la.

O triste episódio de fanatismo religioso, aliado a intrigas de colonos e autoridades e falta ou deficiência de informações exatas, terminou por provocar uma tragédia social que melhor poderá ser avaliada politicamente pelo leitor e historiador interessado na leitura das seguintes obras, entre outras:

- SHUPP, Ambrósio (padre jesuíta). Os Muckers (mais de uma edição).
- PETRY, Leopoldo. Episódio do Ferrabraz - Os Muckers. São Leopoldo, Ed. Rotermond. 1957.
- DOMINGUES, Moacyr, Cel. av. A Nova face dos Muckers. São Leopoldo, Ed. Rotermond, 1977.

O cenário da revolta foi a linha Ferrabraz em Sapiranga, tendo envolvido as localidades atuais de Campo Bom, Lomba Grande, Novo Hamburgo sob a liderança do casal João Jorge e Jacobina Maurer.

A falta de habilidade policial, instigada por acusações exageradas, terminou por acirrar o ódio entre os colonos que seguiam o casal Maurer, contra a situação de vexame que lhes impunham autoridades e vizinhos. O conflito com os muckers foi se agravando ao ponto de o Presidente da Província, Dr. João Pedro Carvalho de Moraes, determinar à 3ª RM a intervenção na revolta.

E sob o comando do Cel. Genuíno Olímpio de Sampaio, herói da Guerra do Paraguai, a 3ª RM destacou um forte contingente de 500 homens de Infantaria, Cavalaria e Artilharia nucleado pelo 13º BC de Porto Alegre (que deu origem à atual OM de Infantaria de Jaboatão-PE).

Ao escurecer de 28 Jun. 1874, o Cel. Genuíno ordenou um ataque sobre a casa dos Maurer esperando obter sua prisão.

Mas o Cel. Genuíno teve a surpresa. Os muckers entrincheirados em troncos de árvores, depressões de terreno que conheciam muito bem, reagiram violentamente ao custo de 4 mortos e 30 feridos.

Sendo noite, o Cel. Genuíno determinou o retraimento para 10 Km à retaguarda, em Campo Bom atual.

Decorridos 21 dias, em 19 Julho 1879, o Cel. Genuíno com reforços recebidos, inclusive 150 colonos alemães voluntários, atacou novamente o reduto mucker na casa do casal Maurer.

O ataque e reação foram violentos! Morreram na reação 12 homens e 8 mulheres muckers. Foram presos 6 homens e 36 mulheres. Poucos conseguiram fugir.

Cerca de 17 muckers se retiraram para outro reduto. Eles constituíam parte das lideranças mais expressivas. Para o Cel. Genuíno pareceu que a vitória tinha sido completa.

Ao amanhecer de 20 Jul. 1874, o acampamento legal foi atingido por tiros de tocaia, disparados de mato próximo. E teve lugar cerrado tiroteio. O Cel. Genuíno teve cortada com um tiro uma artéria da coxa, vindo a perecer, após esvaír-se, em sangue, sem o socorro do médico que se deslocava-se para São Leopoldo com os feridos.

A tropa do Exército, após combater no dia 21, retraiu novamente para Campo Bom. Assumiu o comando o Cel. César Augusto.

Em 21 Set. 1877, novo ataque ao reduto dos muckers foi repellido, com 5 mortos e 6 feridos do Exército.

Em 25 Set. 1874, força civil composta de colonos de Sapiranga, Taquara, Dois Irmãos e outras picadas tentaram, sem êxito, um ataque ao reduto mucker.

Foi aí que o Cap. Francisco Clementino Santiago Dantas, que participara dos ataques iniciais ao lado do Cel. Genuíno, se ofereceu ao Presidente do Estado para comandar o ataque final.

E em 2 Ago. 1874, decorridos 35 dias do início das operações contra os muckers, o Cap. Santiago Dantas atacou o último reduto dos fanáticos. No renhido combate pereceram 17 muckers, dos quais 13 homens e 4 mulheres.

Os muckers, presos antes e durante a luta, após processo em que foram condenados, apelaram e foram libertados em 1883.

Os muckers sobreviventes, para fugir às perseguições dos habitantes do lugar, mudaram-se para Terra dos Bastos, em Lageado. Lá, no Natal de 1898, foram atacados e chacinados por colonos da Picada de Maio, por acreditarem terem sido os muckers os assassinos bárbaros da Sra. Shoroeder, vítima, em verdade, de seu marido, que a matara para casar com outra. Verdade que só veio à luz depois do linchamento dos muckers inocentes.

Revolta dos Muckers do Ferrabraz em São Leopoldo - 1874

DUARTE, Voluntário da Pátria - Desenho de Miranda Jr.



CAS, 3º RM - Desenho de Campos





Participaram do combate aos muckers os mais tarde coronéis Carlos Teles, que será sitiado por 45 dias em Bagé, e João Cezar Sampaio, que o libertou em 8 Jan. 1894, à frente da Divisão do Sul. O último era genro do indigitado Cel. Genuino, morto no Ferrabraz. Ambos, Carlos Teles e Sampaio, destacar-se-iam por feitos heróicos em Canudos.

Nesse tempo, a 3ª RM sentia os maléficos efeitos do Regulamento de Ensino do Exército de 1874, de cunho bacharelesco, e de sua subordinação direta ao Presidente do Estado (atual).

No episódio do Ferrabraz, tropas da 3ª RM, sem disporem de um desejável sistema de Informações, foram, lançadas numa operação sangrenta, fruto da inabilidade das autoridades de São Leopoldo e da Província. Em Canudos, isso se repetirá em maiores proporções.

O Cel. Inf. QEMA Flávio Oscar Maurer, natural de Campo Bom, ex comandante do 19º BI Mtz, em São Leopoldo, 1990-91, e com curso de Estado-Maior na Alemanha, é descendente direto de um irmão de João Jorge Maurer. Ele, tem estudado o episódio dos Muckers e nos formulou a seguinte opinião a complementar as obras citadas do padre Shupp, Leopoldo Petry e Cel. Moacyr Domingues.

Julga que a que mais se aproxima é Videiras de Cristal, de Antônio Assis Brasil. Menciona que a resistência dos muckers contou com o concurso de colonos veteranos da Guerra do Paraguai; que os muckers foram colonos que ocuparam o Ferrabraz no centro do triângulo balizado por Novo Hamburgo, Taquara e Gramado, povoado por imigrantes alemães agricultores; que os colonos sem assistência médica, religiosa e educacional entraram num processo de decadência social seguido de empobrecimento.

Nesse quadro de abandono despontaram as lideranças de João Jorge Maurer, um curandeiro a quem os colonos confiavam sua saúde.

A par disso, sua esposa Jacobina, na falta de padres e pastores, passou a interpretar a Bíblia e assim a desfrutar grande credibilidade que aumentou com seus ataques epiléticos, atribuídos e explorados como encontros com Deus.

Jorge Maurer, cuidando do corpo, e sua esposa, do espírito de um povo abandonado nas matas e grotas, facilmente exerceram liderança que resultou no triste episódio de revolta que tantas vidas imolou.

Menciona que os colonos vindos para povoar a região citada eram originários da região de Huenruch, no SO da Alemanha, e hoje estado, onde, na época, havia grande miséria decorrente do arrasamento-sofrido pelas tropas de Napoleão ao se retirarem derrotados pelo General Inverno, na Rússia.

## **O recordista no comando da 3ª RM 1871-76**

Mar. C. Vitorino José Carneiro Monteiro e barão de São Borja (1816-1877). Comandou a 3ª RM por cerca de 5 anos, de 15 Abr. 1871 -19 Abr. 1876. Nasceu no Recife, em" 1816. Praça de 1832, combateu e foi gravemente ferido no combate à

revolta de Panelas e Jacuíbe. Cap. em 1837 da Guarda Nacional de Pernambuco. Reiniciou carreira no Exército a partir de 1837. Tomou parte ativa no combate à Revolução Farroupilha, tornando-se genro do Gen. Bento Manoel Ribeiro Cap. em 1842. Combateu na guerra contra Oribe e Rosas 1851-52. Maj. em 1852. Ten. Cel., 1854, e Cel., 1857. Brig. comandou a 6a Bda. na batalha do Tuiuti. Mar. C. em 1867, comandante do 1º Corpo do Ex. em 1868, recebe medalha do Mérito Militar por reiterados atos de bravura. Comandante do 2º Corpo do Exército em 7 Ago. 1869, à frente do qual se destacou em Peribebeú, Campo Grande ou Nhu-Guaçu. Barão de São Borja em 18 Maio 1870. Comandante da 7a RM, 1870. Comandante da 3a RM, 1871-76. Ten. Gen., 1877. Faleceu em 24 Out. 1877, aos 61 anos, em Porto Alegre. É pai do Gen. Bento Ribeiro Carneiro Monteiro, que como chefe do EME, criou a Missão Indígena na Escola Militar, 1819-21, com oficiais instrutores selecionados em concurso nacional.

### A Questão Militar e a 3ª RM

Ela teve origem na má interpretação do Governo da participação dos militares na imprensa, proibida:

*"No trato de assuntos ofensivos aos seus camaradas, de censura a superiores ou discussão de assuntos de serviço." (Aviso de 4 Out. 1859).*

Mas não na defesa de militares de ataques e ofensas de parlamentares que levaram os oficiais Cunha Matos e Sena Madureira a serem punidos injustamente.

E, contra estas injustiças, se levantou o comandante da 3ª RM Mar. C. E Visconde de Pelotas; com a proibição do governo de os oficiais se manifestarem sobre qualquer assunto, sem permissão prévia do Ministro de Guerra.

O Cel. Sena Madureira, comandante da Escola Tática no Rio Pardo, assim se manifestou pela imprensa em Porto Alegre.

*"No dia em quefor votada pelo poder competente uma lei que proíba aos militares . de se defenderem contra os membros do Parlamento, que parece tem agora o privilégio exclusivo da impunidade dos insultos - neste dia deixarei de pertencer às fileiras do Exército."*

Deodoro, sobre o assunto e inquietação da oficialidade da 3ª RM sob seu Comando, assim respondeu a ofício do barão de Cotegipe, Presidente do Conselho de Ministros, como Presidente do Rio Grande e Comandante da 3ª RM:

*"Não há exploração política nem exaltação de ânimo. Todos os oficiais, generais e outros se mostram muito sentidos, inclusive eu, com a nova e vexatória imposição de nos privar de pronta e imediata defesa e têm para isso sobeja razão. Todos reconhecem, porque são disciplinados, a conveniência da judiciosa proibição de discussão pela imprensa, sobre fatos de qualquer natureza, mesmo particulares, em que envolvam superiores, colegas e inferiores. Ser, porém, privados e punidos por pessoas alheias à classe e que não estejam investidas de caráter superior pelo mando administrativo, é duro, humilhante e prejudicial. Peço leitura meu ofício de 3 setembro ao Ajudante-General. Justa é a dor pela imposição com que querem amesquinhar o Exército, sempre subordinado e sempre pronto. Sofre a dor o que tem o calo pisado e não o que pisa. Se como presidente e comandante das Armas tenho deveres, como soldado ofendido pela ingratidão, para com a classe os tenho também, porque assim exige a disciplina, moralidade e brio dos soldados que . defendem a monarquia. Afianço, a V. Exa. que há calma e afianço também que será uma desgraça a imposição ilegal com que se quer oprimir o Exército. Devo usar de clareza nesta comunicação. A corporação militar da Província deposita em mim, como o seu intérprete, suas justas queixas e pede o valimento de V. Exa."*

Isso cristalizou o Exército a seu redor e provocou o apoio do Marechal Câmara. A intransigência do governo terminou, de incidente em incidente, contribuindo para a Proclamação da República pelo antigo comandante da 3ª RM. Para Luiz Werneck "o governo recusava o acesso dos militares do Exército à cidadania".

Este assunto é abordado com detalhes por:

- SOUZA DOCCA, E. F. Cel. A Questão Militar in: A República Brasileira. Rio, BIBLIEX, 1939.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Anais do Congresso Nacional de História da Propaganda, Proclamação e Consolidação da República. Rio, IHGB, 1989, 3v.
- COMISSÃO DO EXÉRCITO DOS CENTENÁRIOS DA REPÚBLICA E DA BANDEIRA. Cadernos sobre as comemorações. Rio, SENAI, BIBLIEX, 1991 (Importante e insuspeito artigo de Américo Jacobina Lacombe, presidente do IHGB sobre a Questão Militar).

Os dois últimos são estudos mais serenos, longe das paixões do momento. Assim, foi da 3ª RM que partiu o justo protesto contra injustiças à classe militar que provocaram sucessivamente: a adesão do Mar. Câmara; a fundação do Clube Militar, 1887; a recusa do Exército em perseguir escravos fugidos e manifestada por Deodoro como presidente do Clube Militar, o que significou na Abolição de fato; e a proclamação da República, regime hoje consagrado em Plebiscito recente.

### **A 3ª RM entre a Guerra do Paraguai e a República (Aspectos administrativos e doutrinários)**

A 3ª RM, como de resto todo o Exército, sofreu o impacto do Regulamento de Ensino do Exército de 1874, que priorizou a formação de bacharéis em Ciências Físicas e Matemáticas e em Engenharia, em detrimento da formação profissional destinada à Defesa do Brasil. Esse bacharelismo visava a evitar o processo de erradicação do Exército, conseguido em parte, e, por outro lado, valorizar socialmente o militar com o título de doutor, ao lado dos advogados e médicos considerados bons partidos, ao contrário dos militares, em permanente estado de guerra 1808-1870, ausências continuadas de casa e, potencialmente, fontes de viuvez e orfandade desamparada, por inexistência, como atualmente, de pecúlios e seguros. Sobre esse assunto escrevemos no Letras em Marcha Nov./Dez. 1993, com ipi iio em Revista editada na Escola Militar da Praia Vermelha.

O bacharelismo militar, como estratégia para driblar a pretendida erradicação do exército, não cumpriu esta função e resultou num equívoco de 1874-1905 do ensino do Exército, que analisamos com apoio na opinião de ilustre e ilustrados chefes do Exército, no trabalho "1994 - Academia Militar das Agulhas Negras Jubileu de Ouro em Resende". Volta Redonda. Gazetilha, 1994.

Esses reflexos perniciosos se fizeram sentir na 3ª RM, no combate à Revolta dos Muckers, na Revolução Federalista 1893-95 e na expedição de tropas da 3ª RM a Canudos.

Com apoio do Gen. Francisco de Paula Azevedo Ponde, em Organização e Administração do ME, citada, a 3ª RM de 1870-89 sentiu influência das seguintes medidas:

- Adoção do Sistema Métrico Decimal, por Decreto 22 do MG - Circular de 13 jun. 1873.

- Adoção na Escola Preparatória de Porto Alegre do Regulamento de Ensino, baixado pelo Dec. 5229 de 17Jan. 1874, que consagrou o bacharelismo militar.

- Lei 2556 de 26 Set. 1874, conhecida como Lei do Recrutamento e Sorteio Militar, que não foi cumprida no tocante ao Sorteio Militar, e só implementado 42 anos mais tarde, em 1916.

- Introdução em 1875 do novo Regulamento para a Disciplina e Serviço Interno do Exército, com 196 artigos, de inspiração do Duque de Caxias e baixado pelo Dec. 6373 de 15 Nov. 1876 (Substituíra o do conde de Lippe).

- Criação da Escola Tática de Tiro do Rio Pardo, criada por Dec. 9703 de 22 Jan. 1887, destinada a fornecer instrutores de tiro para as OM da 3ª RM e instrução de tiro a contingentes de OM da 3ª RM por ordem do governo.

- A 3ª RM teve de ajustar-se a dois planos de uniformes, o do Dec. 5625 de 2 Maio 1874 e o de 1889.

- A partir de 1874 a 3ª RM passou a contar com tropas de Engenharia, a Ala Direita do Batalhão de Engenheiros, para a construção de quartéis na fronteira. O que daria origem ao 1º Fv, atualmente em Lages.

- O Gen. Ponde, na obra citada (p. 404-412), dá a idéia dos armamentos individual, de campanha e de costa, munições e espoletas de Artilharia que eram usados na 3ª RM.

Alguns oficiais na 3ª RM absorviam conhecimentos de Arte Militar na (arrosa obra abaixo, escrita pelo Gen. Favé, "o mais famoso escritor militar francês e um dos teóricos militares mais conhecidos no mundo", segundo o Gen. Paula Cidade, em Literatura Militar Brasileira. Rio, BIBLIEX, 1959, p. 259. A obra traduzida pelo Ten. Joaquim Alves da Costa Mattos era:

- FAVÉ, general. Curso de Arte Militar. Rio de Janeiro, Tip. Militar da Costa e Santos, 1882.

O livro tratava de História Militar, Tática, Serviço em Campanha, Instrução de Combate, Emprego das Armas, Fortificação, Ataque e defesa de praças fortes, Batalhas célebres apontado como modelo de aplicação da Arte Militar.

Era um livro mais indicado para oficiais tarimbeiros ou de tropa sem curso que aprendiam a Arte Militar, na forma camoniana, "*vendo*", *tratando* e *pelejando*".

Essa obra foi mandada adotar para a instrução de oficiais em 1882, pelo Ministro da Guerra Franklin Dória, criador da Biblioteca do Exército. Foi apresentada aos leitores com carta do heróico Brig. Conrado Bittencourt, comandante do Batalhão de Engenheiros, sobre a invasão do Paraguai até o final da Guerra, e por largo período pós-guerra.

A Infantaria da 3ª RM em Canudos será empregada com apoio nas Instruções para a Infantaria do Exército Brasileiro, com base em instrução de Portugal (Rio, Imprensa Nacional, 1897), que tratava:

1º Livro - Ensino do recruta;

2º Livro - Ensino da Companhia: e

3º Livro - Ensino do Batalhão e da Brigada.

As instruções em geral eram adaptadas de instruções portuguesas que, por sua vez, traziam a influência inglesa.

Eram instruções complexas que exigiam bastante treinamento, o que não ocorria em realidade. As influências do positivismo e do bacharelismo reagiam à operacionalidade do Exército.



O emprego da Artilharia era apoiado, entre outras, nas seguintes obras do então Cel. Severiano Martins da Fonseca, comandante do 2º RA (atual) Floriano e que comandara o regimento Mallet, em Tuiuti, e outros embates posteriores.

**FONSECA, Severiano Martins da. Cel. et alli. Instruções para o serviço dos canhões raiados de campanha e montanha. Rio, Tip. do Imperial Instituto Artístico, 1872.**

\_\_\_\_\_. Regulamento para instrução do Serviço de Artilharia. Rio, Imperial Instituto Artístico, 1877 (mandado imprimir pelo Duque de Caxias).

Como parte da corrente de pensamento militar que começou a se desenvolver em 1881, no período de 1886-1896, surgiram as seguintes obras do mais tarde ( . Olivério de Deus Vieira, revelado pela 3ª RM.)

- O Militar Arregimentado - 1886, 1891 (2v) e 1896 (2v);
- Exame Prático de Cavalaria, Infantaria e Artilharia - 1885 (4v) (Para alferes, tenentes, capitães e majores).

O primeiro era um índice de toda a legislação administrativa e doutrinária de interesse de um oficial na tropa, desde antes da Guerra do Paraguai.

O segundo era um conjunto doutrinário de interesse dos diversos postos nas armas, para obterem promoções mediante aprovação em exames práticos, exigência muito objetiva posta em prática pela República.

Eles refletem a Doutrina Militar aplicada em Canudos.

Seu autor, da modesta obscuridade em que se encontrava em Jaguarão, foi para a capital federal, onde, inclusive, foi ajudante-de-ordens do Ministro da Guerra, do Ajudante General e do Quartel-Mestre General. Mais uma contribuição da 3ª RM.

Seu mais expressivo trabalho e o único que estava publicado antes de 1889: OLIVÉRIO, Cadete. O Militar Arregimentado. Rio Grande, Tip. Liv. Evangélica, 1886.

As ordens eram transmitidas a toques de cornetas e clarins. Elas obedeciam à Ordenança de toques de cornetas e clarins, organizada pelo Gen. Severiano Martins da Fonseca, aprovada em aviso de 30 Nov. 1887 e mandada adotar por aviso de 12 Mar. 1888.

Os toques de cornetas eram em número de 177 e os de clarins, 26, totalizando 203 toques, conforme Olivério, Exame Prático, 1895 (v. 1 p. 254).

Em 1882, o nº 1 da Revista do Exército Brasileiro dedicou seu primeiro artigo a um plano de defesa da área da 3ª RM que era:

1ª Linha - fronteira de postos avançados: São Borja, Itaqui, Uruguiana, Quaraí, Santana, Bagé Jaguarão e Santa Vitória, com fortificações passageiras destinadas a deter por algum tempo o invasor, ou obrigá-lo a fazer grandes desvios.

2ª Linha - de depósitos entrincheirados: Cruz Alta, voltada para o Oeste, e São Gabriel e Rio Grande, para o Sul, como piões de manobras.

3ª Linha - do peão central de manobra: Porto Alegre, depósito principal e último refúgio da defesa.

4ª Linha - complementar de defesa: No caso de invasão, a 2ª Linha seria complementada por fortificações passageiras em Santa Maria, face ao Oeste, e Caçapava, Piratini e Canguçu, na Serra dos Tapes, e outros pontos julgados necessários, face ao Sul.

A linha do Uruguai seria defendida pela 3ª RM e Armada; a linha sul, pela 3ª RM sozinha; e, combinado com a Armada, na região das lagoas.

Rio Grande e São Gabriel seriam as grandes posições fortificadas da fronteira sul, com apoio em Brialmont e Vandeveld.

Preconizava que esse sistema devia ser completado com a construção de ferrovias irradiantes para as fronteiras, a partir de Porto Alegre, as quais seriam convergentes, em caso de retirada

A ordem de batalha, em linhas gerais, obedecia ao esquema descrito.

A tática se baseava no emprego de pequenas Unidades em combate, pelos seus comandantes efetivos, combinando manobra e fogo, através de seus atiradores.

As manobras principais eram:

- ocupação e defesa de: uma posição, muro, elevação de terra, bosque, paliçadas, casas, desfiladeiros, flancos da posição;
- marcha para frente;
- ataque de uma posição defendida por atiradores;
- ataque de flanco;
- ataque de frente;
- marchar em retirada;
- flanquear uma coluna ou comboio.

Enfim, eram variações da Defesa, Ofensiva e Movimentos Retrógrados.

A companhia de Infantaria atuava no seguinte esquema: Linha de atiradores, reforço e apoio. O reforço era uma reserva imediata da linha de atiradores, e o apoio, uma reserva mais à retaguarda dos atiradores. A maior intensidade do fogo era obtida com o maior número de atiradores na linha respectiva.

A ofensiva era constituída de 4 fases:

1ª - avanço em terreno batido pela Artilharia;

2ª - tomada de contato;

3ª - o ataque;

4ª - perseguição.

Na Defensiva, a posição era assim caracterizada:

- Campo Exterior - compreendendo postos avançados;
- Frente da posição - atual linha de resistência;
- Recinto - era o interior da posição, composto de redutos e pontos fortes e retaguarda. Era dada grande importância ao contra-ataque.

Depois da Guerra do Paraguai, visando à melhoria dos oficiais, foi criada uma Comissão de Promoções, integrada por quatro generais.

A ela incumbia fazer as listas de promoções que até então eram de alçada dos presidentes de Províncias e Comandantes-de-Armas atuais RM.

Extinta em 1878, foi restabelecida em 1880, pelo Mar. Osório.

Havia uma corrente da 3a RM que achava que o Exército deveria estar subordinado diretamente ao Imperador e acima dos partidos, como instrumento do Poder Moderador.

E por não ter sido assim, concluem também ter havido o abandono do Exército pelos Gabinetes, especialmente os de 1881-89, o que contribuiu para a Proclamação da República de forma decisiva.

Era atribuição do Imperador, no entanto, movimentar os oficiais, prerrogativa que abdicava, deixando, às vezes, oficiais à mercê de perseguições e atos de desprestígio, que resultaram na Questão Militar, na fundação do Clube Militar, na Abolição e, finalmente, na República.

O preparo operacional do Exército, segundo consenso de diversos memorialistas militares, havia decaído expressivamente do final da Guerra do Paraguai até a República.

Havia uma consciência da necessidade de uma Reforma Militar. Segundo Piragibe da Fonseca, sobrinho-neto do Mar. Deodoro da Fonseca, este acalentou o sonho que só foi executado entre o final da Guerra de Canudos, 1897, e o início da FEB, para a Itália, no contexto da Reforma Militar.

## **Aspecto da vida militar na 3ª RM 1870-89**

Os quartéis eram precários, a começar pelo velho Quartel-General da 3ª RM, que só teve aspecto condigno na década inicial do século XX. Longe estavam de apresentar os aspectos das modernas casernas construídas por Hermes da Fonseca e depois por Calógeras, e na atualidade. Os quartéis da Cavalaria eram, na fronteira, ranchos de pau-a-pique. Somente o de Santa Vitória era coberto de telhas. A partir de 1874, com a ida para a 3ª RM da Ala Esquerda do Batalhão de Engenheiros, começaram as construções de alvenaria.

A vida nas Unidades da 3ª RM era regulada pelo Regulamento para a Disciplina e Serviço Interno dos Corpos Arregimentados em quartéis Fixos, aprovada pelo decreto na 6373 de 15 Nov. 1876, baixado pela Princesa Izabel e referendado pelo Chefe do Gabinete de Governo e Ministro da Guerra, Duque de Caxias, e com disposições comuns: Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenheiros. As atribuições do comandante da Unidade possuem ainda muita atualidade, são fruto de sabedoria castrense. Nesse Regulamento Caxias deu grande ênfase aos cuidados diários com cavalaria, o que aprendera na 3ª RM.

Embora o Serviço Militar Obrigatório, através do sorteio militar, fosse aprovado em 1874, somente em 1916, 42 anos mais tarde, foi implementado.

O Exército era constituído de voluntários mobilizados nas camadas mais humildes, e de recrutados à força e de engajados.

Assim, a 3ª RM vivia com seus efetivos desfalcados e a própria Guarda Nacional local concorria com ela no recrutamento.

O recrutamento para o Exército e Armada era regulamentado pelo Decreto nº 5.881 de 27 Fev. 1875, em função da Lei nº 2.556 de 26 Set. 1874, do Recrutamento Militar.

O Capítulo 1 do Regulamento determinava:

"Art. 12: O recrutamento para o Exército e Armada será feito: Parágrafo 1º Por engajamento e reengajamento de voluntários. Parágrafo 2º: Na deficiência de voluntários, por sorteio dos cidadãos brasileiros alistados anualmente, na conformidade da Lei 2.556 de 26 Set. 1874."

Este parágrafo só foi executado em 1916, repito.

O Decreto em pauta foi alterado às vésperas da República pelo Decreto nº 10.226 de 5 Abr. 1889, no tocante ao alistamento militar.

O Exército era, assim, permanente, sem reservas, e seus soldados com 20 anos de serviço obtinham reforma.

Os quartéis eram circundados por vielas, onde os soldados se instalavam com suas famílias ou em terrenos cedidos pelos comandantes.

A revista do recolher era às 21:00 horas. Aí, todos os soldados se recolhiam ao quartel. Feita a chamada, uma praça antiga puxava a reza do Terço do Rosário, e depois era cantada a ladainha Virgem Conceição (canção do Exército no império).

Após, os casados eram liberados, com proibição de perambularem pela rua.

Os sargentos eram, em grande parte, solteiros e moravam no quartel. Aos 2º sargentos competiam os trabalhos de escrituração, à mão, de todos os trabalhos do corpo. As penas substituíam as modernas máquinas de escrever.

O Exército era católico-apostólico romano, por isso a tropa era obrigada a assistir missas aos domingos e dias santos.

Chamava-se oficial de Estado-Maior o atual oficial de dia; ordem do dia, o boletim diário; fé-de-ofício, as alterações de oficiais; e sentinela, os plantões da hora. As refeições chamavam-se almoço, que era servido às 7:00 horas da manhã (feijão, arroz e carne); jantar, ao meio, dia e as ceias, às 18:30 da tarde. Isso no verão. No inverno eram adiantados de uma hora.

O oficial de Estado-Maior possuía, como auxiliar, o sargento de ordens. Sua sala era chamada a sala de Estado.

Os soldados podiam casar, desde que com licença de seu comandante, podendo residir com sua mulher no quartel ou no acampamento, desde que ela se comportasse com honestidade e decência.

Era muito usual o uso do salto alto. Os uniformes eram de cores vivas. Os cabelos eram usados longos. A barba era basta e considerada sinal de virilidade e austeridade. Cortada, colocaria em jogo o conceito e bom senso do oficial. Eram usados moscas, cavanhaques, barbas suíças e costeletas. Todas essas modalidades eram penteadas, tratadas e até perfumadas. Os bigodes eram torcidos com auxílio de aparelhos especiais e muito perfumados.

A cobertura colocada de lado era sinal de elegância. Mas muitos militares abusavam dessa característica, o que era sinal de pessoa valente e audaz. Muitos valentões assim usavam a cobertura.

Os oficiais divertiam-se com jogos de gamão e dominó, praticados na sala de oficial de Estado-Maior. Não existiam cassinos. O expediente iniciava entre 10:00 e 11:00 horas da manhã e terminava com o toque de ordem, como hoje. O subcomandante era o major fiscal. Este, junto com o ajudante e o agente do rancho eram os mais sobrecarregados.

O terror das praças era o Ajudante, á quem estava afeta a disciplina fora do âmbito das subunidades.

Era comum nos quartéis os cadetes e os soldados particulares. Eles gozavam de muitas regalias. Frequentavam as rodas de oficiais.

Quando em forma, ficavam sob o comando de sargentos e cabos. Eles emprestavam aos quartéis um tom de alegria. Os cadetes forneciam os oficiais para o Exército, via tropa e Escola Militar.

Estavam sujeitos às mesmas penas disciplinares que os oficiais.

As Guardas, a comando de oficial, deslocavam-se pelas ruas, sem cadência. A cada quadra o corneteiro tocava duas árias choradas. À noite, as sentinelas alertavam-se reciprocamente. A sentinela das Armas (do Portão das Armas) gritava para a mais próxima - "Sentinela Alerta!" e recebia como resposta - "Alerta estou!", e prosseguia para a próxima - "Sentinela Alerta!", etc. Qualquer anormalidade, lá ia o cabo da guarda verificar a razão da não resposta. O quarto de serviço era como hoje, de duas horas.

Todo oficial, de capitão para cima, possuía seu ordenança que o acompanhava como uma sombra, até em sua residência.

A cama do soldado era chamada de tarimba, um largo estrado de madeira sobre o qual os soldados dormiam em grupos. Tarimbeiro era o militar acostumado com a vida na tropa. Este adjetivo passou a designar os oficiais formados na tropa, ou com grande vivência e dedicação a ela, ao contrário dos científicos, oficiais bacharéis em Ciências Físicas e Matemáticas, com cursos na Escola Militar, muito



comuns no Exército até 1905, quando o profissionalismo militar voltou a ter a merecida ênfase.

Em 1889, já se fazia largo uso de cama nos quartéis.

Os soldados divertiam-se jogando cartas, sete e meio, trinta e um e primeira. Na área da 3ª RM jogava-se muito o osso.

O emprego mais comum dos soldados era dar guarda em repartições fazendárias, edifícios públicos e presídios e, no interior, rondas noturnas de cidades e mesmo a caça de bandidos, quando a polícia revelava-se impotente para solucionar o problema.

As continências entre militares eram reguladas pela Ordem do Dia do Ajudante-General nº 777 de 14 Ago. 1871, que dava muita ênfase à continência a Santos, ao Imperador e Família Real. A República modificou, por completo, a tabela, com a separação da Igreja do Estado e novo regime.

Cada oficial, ao ser promovido, tinha que prestar por escrito, perante o seu comandante, o seguinte juramento:

*"Juro aos Santos Evangelhos, em que ponho á mão direita, perante o Comandante da minha Unidade que, quanto me for possível, servirei fielmente, e de boa vontade, como bom e leal súdito a Sua Majestade Imperial, e obedecerei, com a mais exata prontidão e respeito, aos Artigos de Guerra, Regulamento e Ordenanças Militares, e a todas as ordens dos meus superiores, concorrentes ao Imperial serviço; e de não me apartar, por pretexto algum, do meu Regimento, Batalhão, ou Corpo sem licença, nem desamparar as bandeiras debaixo das quais estou alistado, e as seguirei, nos maiores perigos, até derramar todo meu sangue em sua defesa, da Independência do Império, do sistema Constitucional nele adotado e da Dinastia Imperial, e de dar toda a ajuda e favorecer as Justiças de Sua Majestade Imperial, sendo-me por elas requerido; como também de não me valer dos soldados do meu Regimento, batalhão, Companhia, nem da parte deles para caso algum, particular, nem de parente ou amigo meu, posto que importe a segurança da minha vida, ou honra: e tudo o sobredito me obrigo a cumprir sem cautela, engano ou diminuição alguma. Para firmeza do que, assinei este Termo de Juramento."*

Uma idéia da vida militar na 3ª RM entre 1870-89 nos é dada pelo Maj. Cezimbra Jaques o pioneiro do MTG, na obra Ensaio sobre costumes no RGS. (Porto Alegre, ERUS, 1979, 2 ed.). Destacamos suas principais observações em artigo no NE 8.464, de 15 Jul. 1992.

Entre os veteranos da Guerra do Paraguai, na 3ª RM, havia forte espírito de classe, notadamente entre os que tinham tradições de bravura conquistadas na luta.

A influência positivista na Escola Militar da Praia Vermelha e na Escola Superior de Guerra passou a discutir a legitimidade de nossas lutas externas, *"levando seus alunos a desprezarem os veteranos da Guerra do Paraguai que desfilavam orgulhosos ostentando em seus peitos as medalhas de campanha"*, segundo testemunha desses fatos, o gen Tasso Fragoso, na apresentação da sua obra: A batalha do Passo do Rosário, 1922.

## Comandantes da 3ª RM de 1876-1889 – República

Mar. C. José Auto da Silva Guimarães e barão de Jaguarão (1819-1880). Comandou a 3ª RM por mais de 2 anos, de 19 Abr. 1876 - 19 Jun. 1878. Nasceu em Porto Alegre, em 12 Set. 1819. Como soldado defendeu Porto Alegre, sitiada pelos

farrapos. Como Ten. participou do 2º combate de Canguçu de 6 Nov. 1843, após o qual foi promovido a cap. Participou da guerra contra Oribe e Rosas, 1851-52, integrando a Divisão Brasileira que combateu em Monte Caseros. Em 1854, integrou a Divisão Imperial Auxiliadora, enviada a Montevidéu, onde foi promovido a major. Depois serviu no Amazonas e Bahia. Combateu nas guerras contra Aguirre 1864-65 e do Paraguai 1865-70. Participou da rendição paraguaia em Uruguaiana. Combateu em Tuiuti, como Ten. Cel., comandando a 11ª brigada de Infantaria. Em 24 Fev. 1868, brig. comandou todos os corpos de Infantaria que atacaram e tomaram o forte Estabelecimento. No comando da 3ª Divisão de Infantaria, participou de marcha de flanco pelo Chaco e combateu na Dezembrada. Comandou interinamente, na campanha da Cordilheira, o 2º CEx. Ao final da guerra e até 1875, comandou a Divisão Brasileira estacionada no Paraguai. Logo em seguida comandou a 3ª RM. Faleceu como Ten. Gen. no Rio, em 27 Jul. 1880. Foi titulado barão de Jaguarão em 10 Abr. 1871.

Mar. C. José Luiz Menna Barreto (1819-1879). Comandou a 3ª RM de 16 Jun. 1878 - 10 Out. 1879, por cerca de 16 meses. Nasceu em Porto Alegre, em 24 Out. 1817 e perdeu o pai aos 8 anos, quando este tombou em combate em Rincon de las Gallinas, em 24 Set. 1825, contra Frutuoso Riveira, Teve seu batismo de fogo aos 19 anos, em 30 Jun. 1836, defendendo Porto Alegre sitiada pelos farrapos. Ao final da Revolução era Ten. Participou da guerra contra Oribe e Rosas, 1851-52. Grande cavalariano, em 1854-59 comandou o 1º RC da Corte (atual Dragões de Brasília). Comandou as fronteiras de Jaguarão e São Borja. Em 29 Jul. 1864 foi promovido a brig. e nomeado comandante da 2ª Divisão do Exército formada na 3ª RM e que marchou contra Atanazio Aguirre. Participou da rendição paraguaia de Uruguaiana. Na Guerra do Paraguai comandou a 2ª Divisão de Cavalaria, à frente da qual se destacou na batalha Tuiuti. Após comandou a 1ª Divisão de Cavalaria e logo a seguir a 3ª. Comandou o 2º Corpo de Exército em Itororó e em Avaí. Comandou a 2ª coluna de ataque sobre Lomas Valentinas. Comandou interinamente o 1º CEx do qual passou a chefiar o Estado-Maior. Lutou na campanha da Cordilheira, destacando-se em Peribeubí. Em 16 Ago. 1865 substituiu Osório no comando do 1º CEx, destacando-se na batalha de Campo Grande. Mar. C. em 10 Abr. 1871. Nomeado Inspetor de unidades em São Paulo, Santa Catarina, Espírito Santo e Rio Grande do Sul até ser nomeado comandante da 3ª RM em 1878.

Faleceu no exercício de comando em 10 Out. 1879. Sua vida e obra são estudadas em detalhes em:

- MENNA BARRETO, J. D. N. Os Menna Barreto - seis gerações de soldados. Rio, graf, Laemert Ltda, 1950.

Mar. C. Salustiano Jerônimo dos Reis e barão de Camaquã (1822-1893). Comandou interinamente a 3ª RM de 10 Out. - 7 Nov. 1875, por morte do seu antecessor. Será estudado na deposição de Julio de Castilhos, em 1891.

Mar. C. Emílio Luiz Mallet e barão de Itapevi (1801-1886). Comandou a 1ª RM de 7 Nov. 1879 - 11 Mar. 1880, por cerca de 6 meses. Veio a consagrar-se como patrono da Artilharia. Nasceu em Dunquerque - França, em 10 Jun. 1801. Praça como cadete em 1822. Cursou a Academia Militar, 1823-24. Foi mandado para o Rio Grande, onde lutou na Guerra Cisplatina, 1825-28, destacando-se em Passo do Rosário, razão de sua promoção a capitão. Demitido do Exército por ser injustamente considerado estrangeiro, de 1831-51, ficando fora por 20 anos. Reincluído no Exército, participou da guerra contra Oribe e Rosas 1851-52. Maj. 1855. Combateu na Guerra do Paraguai, no comando de seu 1º RA, a cavalo. Cel. por bravura em Tuiuti. Brig. em 1869, por relevantes serviços ao Exército em operações. Comandante da 7ª RM, 1871-72. Comando da Fronteira em Quaraí e

Santana, 1873-78. Barão de Itapevi, 1878. Mar. C em 1879. Comandante da 3ª RM, 1879-80. Mar. Ex., 1885. Faleceu no Rio, em 2 Jan. 1886, aos 85 anos. Leva seu nome o Regimento Mallet, de Santa Maria. Foi biografado em detalhes pelo Cel. Vitorino Portella em Mallet - o patrono da Artilharia. Rio, BIBLIEX, 1979. Focalizamos seu comando na 7ª RM na Defesa Nacional 11a 641, 1972 e o estudamos em patronos nas Forças Armadas (inérito), encomendado pela FHE - POUPEX. (Disponível no site [www.ahimtb.or.br](http://www.ahimtb.or.br) )

Mar. C. Frederico Augusto Mesquita e barão de Cacequi (1822 - 1884). Comandou a 3ª RM de 11 Maio 1881-22 Mar. 1883, por cerca de 3 anos. Nasceu no Rio, em 1822. Combateu a Revolução Farroupilha no Rio Grande e Santa Catarina. Praça voluntária de 1838. Combateu na tomada de Laguna e ainda na resistência de São José do Norte, em 16 Jun. 1840. Terminou a revolução como capitão grad. Participou da guerra contra Oribe e Rosas, 1851-52. Participou da guerra contra Atanázio Aguirre, em 1864, combatendo nos sítios e tomadas de Paissandú e Montevideu. Dali partiu par a Guerra do Paraguai, 1865-70, onde à frente de seu batalhão combateu em Tuiuti. Ten. Cel. por bravura, em 22 Set. 1866, e Cel. por serviços relevantes, em 18 Jan. 1868. Em 31 Jul. 1869 passou a comandar a 7ª Bda. Inf., tendo ação destacada na capitulação de Angustura. Brig., 1870, por relevantes serviços de guerra. De 1875-76 comandou uma brigada brasileira no Paraguai. Após foi inspetor de unidades no Pará, Maranhão e do Asilo de Inválidos da Pátria e, em 1878-80, inspetor de unidades e comandante da Fronteira do Rio Grande. Em 4 Maio 1880 foi nomeado comandante da 3ª RM, onde foi promovido a Mar. C. em 28 Jan. 1870. Barão de Cacequi em 7 Jul. 1883. Faleceu em Porto Alegre, em 28 Abr. 1884, aos 62 anos.

Brig. Manoel Deodoro da Fonseca (1827-1892). Comandou a 3º RM pela 1ª vez de 24 Mar. - 2 Jun. 1883, por 3 meses. Será estudado em seu 2º comando, em 1885.

Cel. Sebastião Francisco de Oliveira. Comandou interinamente 11 dias de 2 Jul. -13 Jul. 1883. Não foi possível obterem-se dados a seu respeito no Arquivo Histórico do Exército.

Brig. Augusto Frederico Pacheco (1817-1906). Comandou interinamente a 3ª RM de 13 Jun. - 18 Jul. 1883, por 1 mês e 5 dias. Nasceu no Rio Grande do Sul, em 1817. Praça de 1836. Combateu a Revolução Farroupilha no 4º RCL até cap. Combateu na guerra contra Oribe e Rosas, 1851-52, destacando-se em Monte Caseros. Coursou a Escola Militar de Porto Alegre em 1853 - Cavalaria. Continuou no 4ºRCL, cujo comando assumiu em 1861 e à frente dele participou da guerra contra Aguirre, 1864-65. Comandou o Piquete Imperial que acompanhou o Imperador na rendição de Uruguaiana. Durante a guerra comandou as guarnições de Rio Pardo, São Gabriel e Bagé. Brig., 7 Ago. 1880, após comandar guarnições de Jaguarão, Santana e Rio Grande. Mar. C. em 1890. Era genro do Brig. e visconde de Castro. Faleceu em Porto Alegre, em 10 Nov. 1906, aos 89 anos.

Brig. Luiz José Pereira e Carvalho e barão de São Sepé (1821-1891). Comandou a 3ª RM pela 2ª VEZ, de 18 Jul. 1883 -9 Jun. 1884. A primeira o foi como interino e Cel. por 10 dias, de 5 a 15 Abr. 1877. Nasceu no Rio, em 19 Ago. 1821. Como Ten. fez o final da Revolução Farroupilha. Executou obras militares em Jaguarão, 1847-48. Fez a Guerra contra Oribe e Rosas, 1851-52. Serviu em Minas, 1852, Paraíba, 1858 e Piauí, 1859, como maj. Com o 4º BI fez a Guerra contra Aguirre, lutando em Paissandú e Montevideu. Ten. Gen., à frente do 4º BI, fez a vanguarda da invasão do Paraguai, em Passo da Pátria, e sempre na vanguarda, até Tuiuti, onde foi gravemente ferido. Retornou à ação em 1867, passando a comandar a 3ª Brigada de Infantaria. Cel. por merecimento, em 18 Jan. 1868. Participou da marcha de Flanco, pelo Chaco. Comandando de Divisão de Infantaria e, por

extinção desta, a brigada, participou da Dezembrada e da rendição de Angustura. Participou da campanha da Cordilheira e, em especial, da conquista de Peribeubí. Retornando da guerra, comandou a 3ª RM, a equivalente de Pernambuco, a fronteira de Bagé (1871), a de Rio Grande (1874), região de Mato Grosso (1878). Conselheiro de Guerra, 1881, comandou a 3ª RM 1883 e a Guarda Nacional de Corte em 1884. Foi promovido a Mar. C. em 1880 e reformado, como Ten. Gen., em 1889. Barão de Sepé em 20 Ago. 1888. Faleceu no Rio, em 13 Ago. 1891, aos 70 anos.

Brig. Augusto Cezar da Silva (1820-1907). Comandou a 3ª RM pela 2ª vez, de 9 Jun. 1884 - 11 Out. 1885, por 1 ano e 4 meses. Será estudado no seu 3º comando em 1890.

Mar. C. Manoel Deodoro da Fonseca (1827-1892). Comandou a 3ª RM pela 2ª vez de 12 Out. 1885 - 22 Dez. 1886, por cerca de 15 meses, tendo no período de 16 Mar. - 8 Maio 1886 presidido o Rio Grande do Sul o que não acontecia para um militar guerreiro desde Caxias, em 1851, ou seja, há 35 anos. Aí, ele iniciou a liderar a Questão Militar com apoio do Mar. Câmara. Nasceu em Deodoro-AI, em 5 Ago. 1827. Cursou a Escola Militar, 1843-48. Combateu a Praieira em Pernambuco, 1848-52. Pertenceu ao Batalhão de Engenheiros na Escola Militar, sendo instrutor da mesma. Foi Aj. O. do comandante do CMO (atual), 1859-61, e instrutor da Guarda Nacional da Fortaleza Santa Cruz. Participou de todas as guerras contra Aguirre e do Paraguai, 1864-70. Ali foi promovido a maj., ten. cel. e cel., por bravura, tendo sido ferido gravemente em Itororó. Comandou a RA Mallet em São Gabriel, em 1873-74, onde ingressou na Maçonaria. Brig., comandou a Fronteira Quaraí-Santana, 1875. Foi inspetor de OM das 1ª 2ª e 5ª RM, 1876-83. Comandante da 3ª RM pela 1ª vez, 1883, por três meses. Quartel Mestre General, 1885. Comandante da 3ª RM, onde liderou a Questão Militar. Fundador e 1º presidente do Clube Militar, 1887. Inspetor de Infantaria da 2ª RM, 1888. Comandante do CMO, 1888-89. Proclamador e 1º presidente da República em 15 Nov. 1889, após haver deposto o Gabinete Liberal, ação que estudamos em O Exército na Proclamação da República. Rio, SENAI, 1989, (Disponível no site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br)) e foi também estudado em CADERNOS DA COMISSÃO DO EXÉRCITO COORDENADORA DOS CENTENÁRIOS DA REPÚBLICA E BANDEIRA NACIONAL. (Rio, BIBLIEX - SENAI, 1991), que estuda, através de diversos historiadores, aqueles fatos decorridos há um século. Generalíssimo, em 15 Nov. 1890. Renunciou à Presidência em 23 Nov. 1891. Faleceu em 23 Ago. 1892, aos 65 anos. Em 15 Nov. 1937 teve inaugurado seu monumento na Praça Paris, no Rio, e passou à história como o Proclamador e 1º Presidente da República do Brasil. As obras citadas estudam sua vida e obra.

Estuda-o em detalhes o historiador e seu parente Dr. Roberto Piragibe da Fonseca em Manoel Deodoro da Fonseca. RIHGB, v. 316, Jul./Set. 1977, (Separata).

Brig. João Antonio de Oliveira Valporto (1830-1887). Comandou a 3ª RM de 22 Dez. 1886 - 5 Fev. 1887, por 14 dias, tendo falecido no comando. Nasceu em Porto Alegre, em 1830. Praça de 1847. Escola Militar, 1848. Combateu na guerra contra Oribe e Rosas 1851-52, tendo assistido a batalha de Monte Caseros em 3 Fev. 1852. Ten. e cap. na Guerra contra Aguirre 1864-65, tendo praticado ato de bravura em Paissandú. Destacou-se em Tuiuti. Maj. por bravura, em 1866, e comandante do 1º BI. Em 1868, Ten. Cel. Comandante do 17º BI, e promovido por ato de bravura. Comandou o 1º BI na Dezembrada, onde assumiu o comando da 5ª Bda. por morte do Cel. Fernando Machado. Cel., por bravura, em 1869. Foi um bravo, segundo Osório, em Peribeubí. Retornou com o 1º BI para o Rio. Em 1874, brig. grad. Comandante da 7ª RM, 1879-81. Comandante da guarnição de Uruguaiana, 1881-84. Inspetor da 8ª RM, 1885.



Comandante da guarnição Rio Grande, 1885. Comandante da 3a RM, quando faleceu, em 5 Fev. 1887, aos 57 anos, com uma aureola de bravo.

Mar. C. Augusto Cezar da Silva. Comandou interinamente 20 dias, de 5 Fev. - 25 Fev. 1887, pela 2a vez. Será estudado em 1890.

Brig. Antonio Enéas Gustavo Galvão e barão do Rio Apa (1832 - 1893). Comandou a 3ª RM de 25 Fev. 1887 -14 Abr. 1888, por cerca de 14 meses. Nasceu em Socorro-SE, em 19 Out. 1832. Praça de 1853 em São Paulo, onde serviu até 1859. Aj. O. do comandante da 6ª RM e da 7ª RM, 1859-61. Comandante do la de Voluntários da Pátria em 1865 e, após, 17a VP, em cujo comando participou do episódio A Retirada da Laguna. Cap., seguiu para o Paraguai em 1868 como fiscal do 52 de Voluntários da Pátria. Participou da marcha de flanco, pelo Chaco, e do combate de Itororó, onde foi gravemente ferido e promovido a maj., por bravura. Comandante interino do 7a BI em 1872. Comandante do Depósito de Instrução em SC-1873. Cel. em 1892, após elaborar regulamento das unidades das 3 armas, em vista da introdução de armas de retrocarga no Exército. Brig. em 1883. Inspetor de unidades na la RM, em 1885. Comandante da 3a RM. Comandante da la Bda., no Rio, 1888. Comandante da Guarda Nacional na la RM, em 1889. Participou da defesa do QG do Exército no episódio da deposição do Gabinete Liberal, em 15 Nov. 1889, por seu primo Deodoro, episódio que ocorreu quando seu irmão visconde de Maracaju era Ministro da Guerra. Ajudante General do Exército como Gen. Bda., 1890. Gen. Div., 1891. Conselheiro de Guerra, 1892 e Ministro do STM em 1893. Barão de Rio Apa desde Maio 1889, por sua ação na conquista do posto de Machorra, no rio Apa. Faleceu em 25 Mar. 1895, aos 63 anos, no Rio.

Ten. Gen. Salustiano Jerônimo dos Reis e barão de Camaquã (1822-1893). Comandou a 3ª RM pela 2a vez, de 14 Abr. 1888 -16 Nov. 1889. Foi substituído com a proclamação da República. Será estudado no seu 3º comando, que terminou em 12 Nov. 1891, com a deposição de Julio de Castilhos pelo Governicho.

## **ANEXO AO CAPÍTULO 5**

### *Os Artigos de Guerra*

Datam de 1774 os Artigos de Guerra baixados pelo conde de Lippe para vigorarem no Brasil. Apesar de sua leitura impressionar, raramente foram .aplicados no Brasil, onde serviram mais como elementos de dissuasão.

Apenas de fuzilamento, ao que sabe, foi aplicada em 20 Set. 1828, em Piratini, conforme abordamos no Diário Popular - Pelotas e Jornal. Armaria.

Osório Figueiredo, em História de São Gabriel, aborda o caso dos Fuzilados de São Gabriel, ali tornados devoções populares e guardados pelo 6º BECmb.

Paula Cidade conta que o castigo de planchachos de espada foram aplicados duas vezes na Guerra do Paraguai. O primeiro, a um soldado que se insubordinou e puxou a espada para o General Osório, e o segundo, a um soldado que matou um velhinho paraguaio para roubar e comer uma ovelha.

A deserção nas guerras da 3a RM constituía de certa forma um prêmio para o desonesto e impatriótico desertor. Ele se alistava "com uma mão na frente e outra atrás e desertava" vestido, montado e armado e, dificilmente, era alcançado.

Na próxima guerra, se se alistasse, seu crime era perdoado. Os paisanos mobilizados pelo marechal José de Abreu e por ele comandados no Passo do Rosário eram desertores de outras campanhas que ali se redimiram:

**Art.1°** - Aquele que recusar, por palavras ou discursos, obedecer às ordens de seus superiores, concernentes ao serviço, será condenado a trabalhar nas fortificações; porém, se se opuser, servindo-se de qualquer arma ou ameaça, será arcabuzado.

**Art.2°** - Todo oficial de qualquer graduação que seja, que estando melhor informado, der a seus superiores, por escrito ou de boca, sobre qualquer objeto militar, alguma falsa informação, será expulso com infâmia.

**Art.3°** - Todo oficial de qualquer graduação que seja, ou oficial inferior que sendo atacado pelo inimigo, desamparar o seu posto, sem ordem, será punido de morte. Porém, quando for atacado por um inimigo superior em forças, será preciso provar, perante um Conselho de Guerra, que fez toda a defesa possível, e que não cedeu senão na maior e última extremidade; mas se tiver ordem expressa de não se retirar, suceda o que suceder, neste caso nada o poderá escusar, porque é melhor morrer no seu posto do que deixá-lo.

**Art.4°** - Todo militar que cometer uma fraqueza escondendo-se, ou fugindo quando for preciso combater, será punido de morte.

**Art.5°** - Todo militar que, em uma batalha, ação ou combate, ou em outra ocasião de guerra, der um grito de espanto, como dizendo: - O inimigo nos tem cercado. - Nós somos cortados. - Quem puder escapar-se, escape-se, -ou qualquer palavra semelhante que possa intimidar as tropas, no mesmo instante o matará o oficial mais próximo que o ouvir, e, se por acaso, isto lhe não suceder, será logo preso, e passará pelas armas por sentença do Conselho de Guerra.

**Art.6°** - Todos são obrigados a respeitar as sentinelas ou outras guardas; aquele que não o fizer será castigado rigorosamente; e aquele que atacar qualquer sentinela será arcabuzado.

**Art.7°** - Todos os oficiais inferiores e soldados devem ter toda a devida obediência e respeito aos seus oficiais, do primeiro até o último, em geral.

**Art.8°** - Todas as diferenças e disputas são proibidas sob pena de rigorosa prisão; mas se suceder a qualquer soldado ferir o seu camarada à traição, ou o matar, será condenado ao carrinho, perpetuamente, ou castigado com pena de morte, conforme as circunstâncias.

Este art. 8° nos Artigos de guerra da Cavalaria, é assim redigido:

"8°-Todas as diferenças e disputas são proibidas, sob pena de rigorosa prisão; mas se suceder a qualquer soldado ferir o seu camarada à traição, será condenado ao carrinho perpétuo ou castigado com pena de morte, conforme as circunstâncias ocorrentes. Porém aquele que matar seu camarada, ou qualquer outra pessoa à traição, será punido com pena de morte sem remissão. E esta pena de morte será ainda agravada, conforme as circunstâncias do caso, isto é, se o morto for seu superior, ou concorrer qualidade que agrave o homicídio".

**Art.9°** - Todo soldado deve achar-se onde for mandado, e à hora que se lhe determinar, posto que lhe não toque, sem murmurar, nem por dificuldades; e se entender que lhe fizeram injustiça, depois de fazer o serviço, se poderá queixar, porém sempre com toda a moderação.

**Art. 10°** - Aquele que fizer estrondo, ruído, bulha, ou gritaria ao pé de alguma guarda, principalmente de noite, será castigado rigorosamente, conforme a intenção com que o houver feito.

**Art. 11° - Aquele que faltar a entrar de guarda, ou que for à parada tão bêbado, que não possa montar, será castigado, no dia sucessivo, com cinquenta pancadas de espada de prancha.**

**Art. 12° - Se algum soldado se deixar dormir, ou se embebedar estando de sentinela, ou deixar seu posto antes de ser rendido, sendo em tempo de paz, será castigado com cinquenta pancadas de espada de prancha, condenado por tempo de seis meses a trabalhar nas fortificações; porém, se for em tempo de guerra, será arcabuzado.**

**Art. 13° - Nenhuma pessoa, de qualquer grau ou condição que seja, entrará em qualquer fortaleza, senão pelas portas e lugares ordinários, sob pena de morte.**

**Art. 14° - Todo aquele que desertar ou que entrar em conspiração de deserção, ou que sendo dela informado e não delatar, se for em tempo de guerra, será enforcado; e aquele que deixar sua companhia e regimento, sem licença, para vir ao lugar de seu nascimento, ou a outra qualquer parte que seja, será castigado com a pena de morte, como se desertasse para fora do reino.**

**Art. 15° - Todo aquele que for cabeça de motim ou de traição, ou tiver parte, ou concorrer para estes delitos, ou souber que se urdem, e não delatar a tempo os agressores, será infalivelmente enforcado.**

**Art. 16° - Todo aquele que falar mal de seu superior nos corpos de guarda ou nas companhias, será castigado aos trabalhos da fortificação; porém, se, na indignação que se fizer, se conhecer que aquela murmuração não fora precedida somente de uma soltura de língua, mas encaminhada à rebelião, será punido de morte, como cabeça de motim.**

**Art. 17° - Todo soldado se deve contentar com a paga, com o quartel, e com o uniforme que se lhe der, e se se opuser, não querendo receber, tal e qual se der, será tido e castigado como amotinador.**

**Art. 18° - Todos os furtos, e assim mesmo todo gênero de violências para extorquir dinheiro, ou qualquer gênero, serão punidos severamente; porém, aquele furto que se fizer em armas, munições ou outras coisas pertencentes à nação; ou aquele que roubar a seu camarada, ou cometer furtos com evasão, ou for ladrão de estrada, perderá a vida conforme as circunstâncias, ou também se qualquer sentinela cometer furto, ou consentir que alguém o cometa, será castigado severamente, e conforme as circunstâncias, incurso em pena capital.**

**Art. 19 - Todo soldado que não tiver cuidado nas suas armas, no seu uniforme, em tudo que lhe pertencer; que o lançar fora, que o romper, ou arrumar com propósito, e sem necessidade; e que o vender, empenhar ou jogar, será pela primeira e segunda vez preso, porém a terceira será punido de morte.**

**Art. 20° - Todo soldado deve ter sempre o seu armamento em bom estado, fazer o serviço com as suas próprias armas; aquele que se servir das alheias, ou as pedir emprestado a seu camarada, será castigado com prisão rigorosa.**

**Art. 21° - Aquele soldado que contrair dívida às escondidas de seus oficiais, será punido corporalmente.**

**Art. 22° - Todo aquele que fizer passaportes falsos, ou usar mal sua habilidade, por qualquer modo que seja, será punido com rigorosa prisão; porém, se por este meio, facilitar a fuga de qualquer desertor, será reputado e punido como desertor.**

**Art. 23° - Todo o soldado, que ocultar um criminoso, ou buscar meios para se escapar àquele que estiver preso como tal, ou deixar fugir; ou sendo encarregado de o guardar, não puser todas as precauções para este efeito, será posto no lugar do criminoso.**

**Art. 24° - Se qualquer soldado cometer algum crime estando bêbado, de nenhum modo o escusará do castigo a bebedice; antes pelo contrário, será punido dobradamente, conforme as circunstâncias do caso.**

**Art. 25° - Todo soldado que, de propósito, e deliberadamente se puser incapaz de fazer o serviço, será condenado ao carrinho perpetuamente.**

**Art. 26° - Nenhum soldado poderá emprestar dinheiro ao seu camarada nem ao superior.**

**Art. 27° - Nenhum soldado se poderá casar sem licença do seu coronel.**

**Art. 28° - Todo oficial de qualquer graduação que seja, que se valer do seu emprego para tirar qualquer lucro, por qualquer maneira que seja, e se não puder inteiramente verificar a legalidade, será infalivelmente expulso.**

**Art. 29° - Todo militar deve regular os seus costumes pelas regras da virtude, da candura, e da probidade; deve temer a Deus, reverenciar e amar ao seu Imperador Constitucional e executar exatamente as ordens que lhe forem prescritas.**

**Estes artigos eram base nos Conselhos de Guerra.**

**Em dia de pagamento, eram lidos na frente das companhias. Nenhum recruta podia fazer o juramento, sem entender a profundidade dos artigos de guerra. A administração da Justiça estava confiada ao Supremo Tribunal Militar.**

**As penas superiores a 6 anos eram cumpridas nas fortalezas e em Fernando de Noronha.**

## **Aspectos diversos da 3ª RM 1850 - 1889 Quartéis Gerais da 3ª RM até a República**

**Ao ser criada em 1807, a 3ª RM teve seu Quartel General até 1892 justaposto ao Palácio do Governo, que existiu até 1896, no local onde foi erigido o Palácio Piratini, e funcionou na Praça da Matriz, 1892-96.**

**A partir de 1897, com a separação da Presidência do Rio Grande do Sul do Comando das Armas, a República vai encontrar o QG da 3ª RM instalado no local onde foi construído o QG da 3ª RM, defronte ao atual, em 1906-1908**

**O comando militar, depois de haver sido exercido de 1737-1763 em Rio Grande, foi transferido em 1773 para Porto Alegre. Portanto ali se encontra próximo do atual QG da 3ª RM há 210 anos, bem como as mais importantes instalações do Exército.**

**O antigo QG da 3ª RM citado foi construído em 1773, assim como o primitivo Arsenal de Guerra ao lado direito da Igreja das Dores.**

**A partir de 1867 foi construído o Arsenal de Guerra ao lado esquerdo do atual QG da 3ª RM e que ainda mantém características da época.**

**No quadrilátero formado pelas atuais ruas dos Andradas, Riachuelo, Gen. Vasco Alves e da Passagem, funcionaram em 1773-1789 o Governo Civil e Militar do Rio Grande e a Câmara de Vereadores de Porto Alegre.**

**Entre as ruas Vasco Alves e Portinho situou-se, por longos anos, o Depósito de Pólvora e, defronte a ele, junto ao rio, de 1774-1819, o Depósito do Arsenal.**

**Publicamos planta atualizada de Porto Alegre, sintetizando várias plantas de Porto Alegre na obra:**

**BENTO, Cláudio Moreira, Cel. Porto Alegre - Memória dos sítios farrapos e da**



Administração de Caxias. Brasília, EGGCF, 1985.( **Nota 2017:Disponível no site** [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) )

Ela assinala realizações administrativas de Caxias em Porto Alegre, quando comandou a 3ª RM pela primeira vez.

Esta carta resgata todo o sistema defensivo da 3ª RM em Porto Alegre, para se proteger de ataques farrapos e enfrentar os três sítios farrapos da cidade

## Condecorações

As condecorações imperiais brasileiras eram em número de 12, conforme o Almanaque do Exército de 1889. Destas, 6 eram consideradas ordens honoríficas. Havia 17 medalhas de campanha.

As ordens existentes e mais comumente concedidas a militares eram: Imperial do Cruzeiro, da Rosa e São Bento de Aviz. Havia ainda as ordens de Cristo e São Thiago da Espada, todas com graduações.

As medalhas referiam-se às guerras internas e externas desde 1811 - 1870.

Resgatamos este assunto, em detalhes, na obra inédita Condecorações Brasileiras, ou medas de Honra encomendada pela Direção anterior do GBOEX, que nos solicitara e já editara os trabalhos A História do Brasil através de seus fortes e Amor Febril - Memória da canção militar do Brasil.

**Nota em 2017. Disponível como Moedas de Honra na site** [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br)

Lamentavelmente a transição das diretorias, com filosofias diferentes, impediu que o assunto relevante Condecorações Brasileiras ou Moedas de Honra fosse aproveitado. Está engavetado à espera de uma oportunidade. Ela integra e consolida a bibliografia até então existente.

O Amor Febril citado resgatou as canções militares que eram executadas na 3a RM no Império, inclusive a Canção da Vivandeira e a da Virgem da Conceição. Esta era a canção do soldado brasileiro, no Império, e devoção do Duque de Caxias e do Exército.

Os oficiais da 3ª RM, no Império, agraciados com condecorações, constam dos almanaques do Exército do período.

## Promoções

As promoções eram reguladas pela Lei nº 585 de 6 Set. 1850. Elas seguiam em linhas gerais o sistema vigente.

Ao oficial mais antigo de cada classe era concedido, caso tivesse mérito, graduação no posto imediato, permanecendo com os vencimentos do posto que ocupava. Esta prática perdurou por mais de um século.

Ainda recorde existir em 1956, na 6ª DE, o coronel Perdigão, graduado em Gen. Bda.

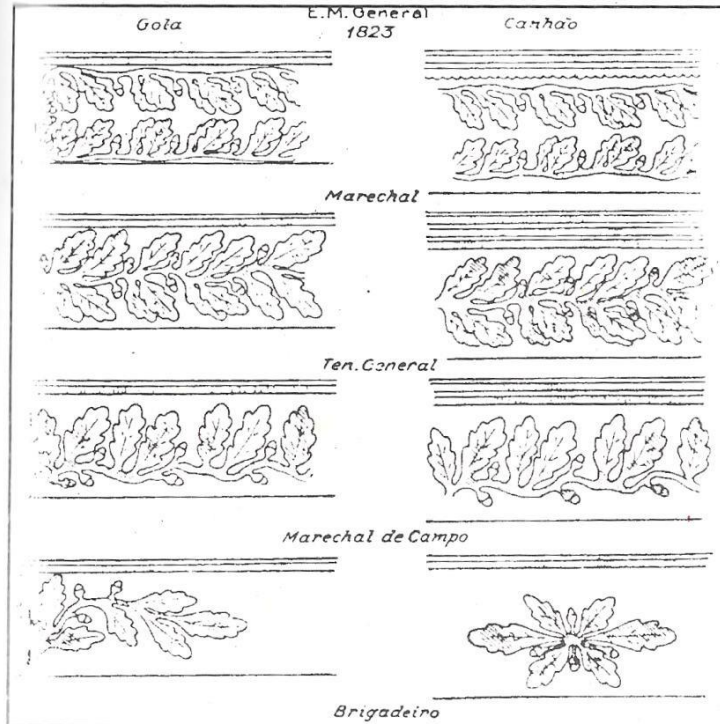
Era comum oficiais do Exército, ao exercerem comandos na Guarda Nacional, Polícia Militar, serem comissionados em postos superioresnuica. merece bastante atenção do leitor e pesquisador

## Uniformes

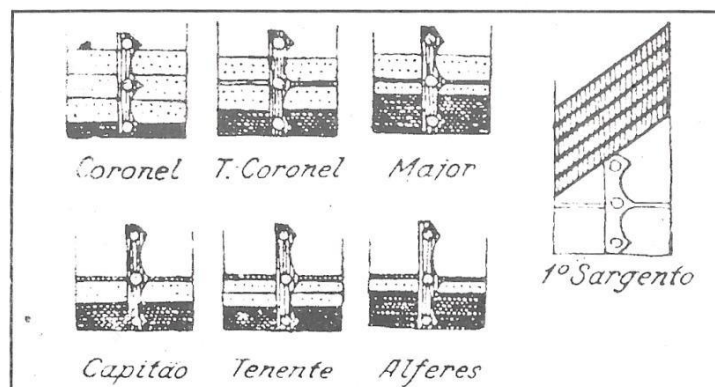
Existe trabalho mandado editar pelo Exército na França, em 1922, centenário da Independência, texto do historiador Gustavo Barroso e pinturas de Watch Rodrigues intitulado:

**Uniformes do Exército Brasileiro, Paris, 1922.**

Este trabalho foi reeditado parcialmente pelo Serviço Geográfico do Exército



Fonte: Benno. O Exército na Proclamação da República.



*Insígnias de Oficiais Gerais e de oficiais usadas durante o Império na 3ª Região Militar.*

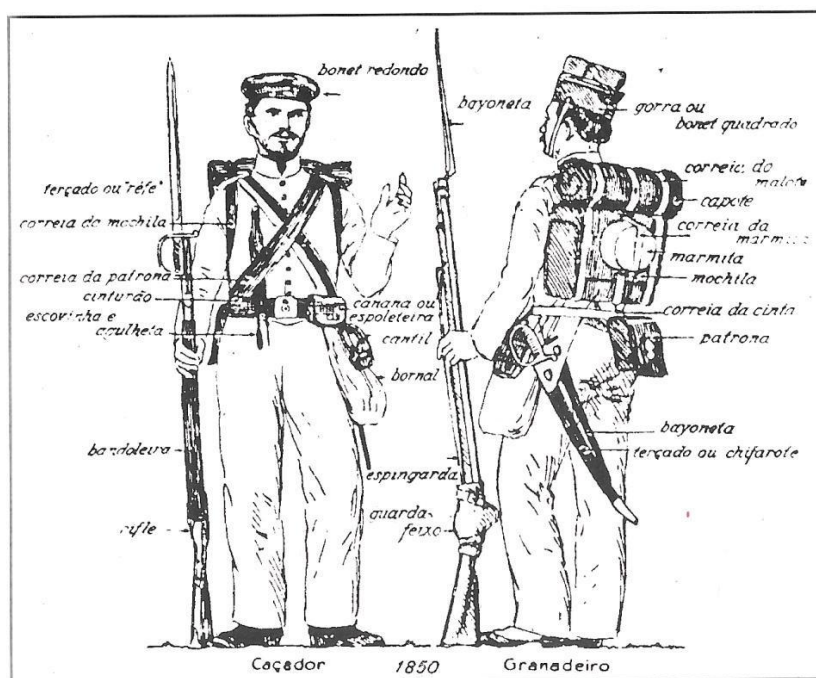
*O quadro expressa a escala hierárquica.*

*A etimologia dos postos abordamos na **Revista VerdeOliva** em 1994.*

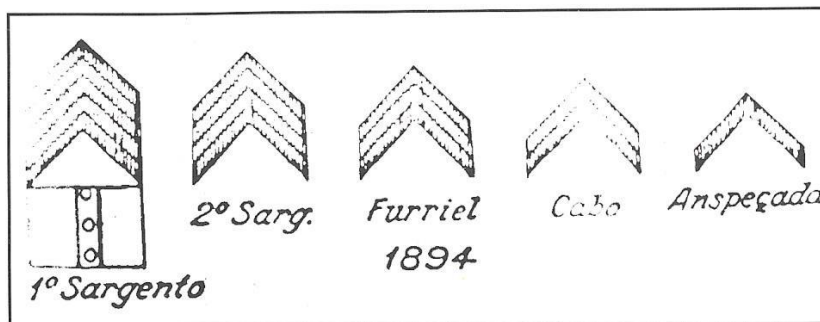
Em visita que fizemos ao Centro de Documentação do Exército, em Março 1994, localizamos todo o imenso acervo sobre o assunto de autoria de Watch Rodrigues.

Aliás, foram dois civis que prestaram e ainda prestam, com suas obras, relevantes serviços ao culto das tradições militares do Brasil.

Em Uniformes do Exército Brasileiro, eles resgataram muitos dos uniformes usados na área da 3ª RM de 1737-1922.



Fonte: BARROSO. Uniformes do Exército. 1922.



Equipamento individual usado pela Infantaria na 3ª Região Militar - 1805-89.  
 Na Guerra do Paraguai foi usado um tapa nuca de pano na cobertura.  
 Abaixo, as divisas correspondentes às graduações das praças usadas no braço esquerdo no Império.

## Disciplina

Vigorava, para transgressões disciplinares, o Regulamento Disciplinar para o Exército em tempos de paz, aprovado pelo Decreto 3.884 de 8 Mar. 1875, e publicado na Ordem do Dia da Repartição do Ajudante-General de 24 de Março de 1875, baixado pelo Ministro da Guerra, Duque de Caxias, conforme mencionado.

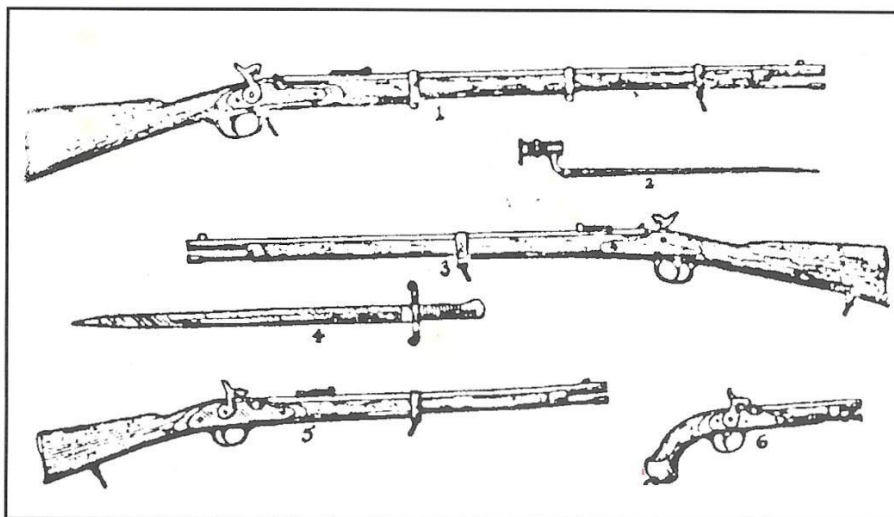
Os castigos disciplinares tinham a seguinte gradação: 1. admoestação; 2. repreensão; 3. dobrar serviço de guarda; 4. detenção; 5. prisão; 6. rebaixamento temporário; 7. rebaixamento definitivo; 8. transferência para depósitos de disciplina.

Para soldados, além das mencionadas 1,2,3,4,5 e 8, existiam as seguintes peças acessórias:

Carregar armas; carregar equipamentos em ordem de marcha; faxina; repetição de instrução na Escola de Recrutas; diminuição do número de refeições e de cada refeição; privação de vícios tolerados (cigarro); e isolamento em cela especial (a solitária).

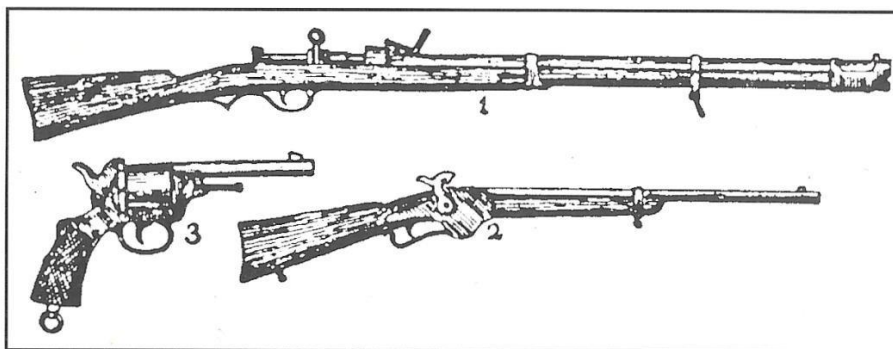
### Armamento usado na 3ª RM - 1809 - 1870

De 1865 - 70



1. Espingarda ou granadeira de fulminante, sistema Minié, para infantaria de linha, i. e., fuzileiros.
2. Baioneta triangular para a mesma arma.
3. Carabina do mesmo sistema, para infantaria ligeira, i. e., caçadores a pé.
4. Réfle ou sabre-baioneta para essa arma.
5. Clavina do referido sistema para cavalaria ligeira, i. e., caçadores a cavalo.
6. Pistola de Fulminante usada pela cavalaria.

De 1865 - 70



1. Fuzil Dreise, de agulha, modelo prussiano de 1857, usado pelo 15º batalhão de fuzileiros na tomada do reduto do Estabelecimento e depois abandonado.
2. Clavina Spencer, usada pela cavalaria na campanha das Cordilheiras.
3. Revólver sistema Lafoucheux, usado pelos oficiais.

## Justiça Militar



Era um complexo de leis e regulamentos que estabeleciam os meios de punição e repreensão das infrações das regras e deveres militares.

Ela está condensada na seguinte obra, verdadeiro vademécum da Justiça Militar, no Exército:

OLIVERIO, Ten. O Militar Arregimentado, Rio, Imprensa Nacional. 1896. 2v.

As bases da Justiça Militar pouco mudaram. Elas se encontravam nos seguintes regulamentos:

- Alvará de Justiça Militar de 1718 (parcial).
- Regulamento de Infantaria e Artilharia de 1763, do Conde de Lippe, adotado para todo o Exército desde 11 Out. 1843, por provisão daquela data, sob a forma de 29 artigos de guerra e publicado na obra citada.
- Ordenança de 9 de Abril de 1805, regulando as deserções e publicada na obra citada.

O castigo à espada foi abolido em 1874, por Caxias. Ainda em 1910, no Rio Grande, segundo Paula Cidade, ainda eram usadas, ilegalmente, surras com varas de marmelo.

Havia os conselhos de Inquirição; de Disciplina; de Investigação e de Guerra. O Conselho Supremo Militar julgava, em 2ª instância, todos os crimes militares.

Em 1889 a criminalidade era elevada no Exército, segundo o General Paula Cidade.

Culto das Tradições: Entre os veteranos da Guerra do Paraguai, na 3ª RM, havia forte espírito de classe, notadamente entre os que tinham tradições de bravura conquistadas na guerra.

A galeria de comandantes da 3ª RM no período reflete essa tradição conforme demonstramos nas sínteses biográficas.

## Vencimentos

Temos, no capítulo II, no Artigo 3º, a tabela de Soldos Militares, que abaixo transcrevemos:

Marechal de Exército .....	500\$000
Tenehtè-General.....	400\$000
Marechal de Campo .....	300\$000
Brigadeiro .....	240\$000
Coronel.....	200\$000
Tenente-Coronel.....	160\$000
Major.....	140\$000
Capitão .....	100\$000
Tenente ou le Tenente .....	70\$000
Alferes ou 1º Tenente.....	60\$000

Esta tabela de Vencimentos dos Oficiais é a mesma Tabela de Soldos dos Militares, que acompanhou o Decreto 2.105 de 08 de Fev. de 1873, a qual aumentava o soldo dos oficiais e praças do Exército e Armada, o que nos leva a concluir que

os militares não tiveram aumento em seus soldos de 08 de Fev. de 1873 até a Proclamação da República.

Havia ainda o Meio Soldo às viúvas, mães e filhas de oficiais do Exército, estabelecido na lei de 9 Nov. 1827, que foi sendo ampliado com o tempo.

Lutava-se, na época, no âmbito da Santa Cruz dos Militares e do Clube Militar, por um pecúlio a ser deixado à família pelo militar falecido.

Tabela de soldo das praças de pret. do Exército:

	Praças	Armas	
	Artilharia	Cavalaria	Infantaria
Sargento Ajudante	1\$000	1\$000	1\$000
Sarg. Quartel-Mestre	1\$000	1\$000	1\$000
1º Sargento	\$800	\$800	\$700
2º Sargento	\$420	\$420	\$400
Sargento Mandador	1\$200		
Forriel	\$320	\$320	\$320
Cabo	\$200	\$200	\$150
Anpeçada	\$140	\$140	\$130

Com a proclamação da República, os militares foram aumentados cerca de 50% pelo Dec. 73 de 7 Dez. 1889.

## Instrução/Emprego

O emprego constitucional do Exército decorria do capítulo VIII da Força Militar, da Constituição do Brasil, de 25 Mar. 1824.

"Art. 145 - Ser o Exército obrigado a pegar em armas, para sustentar a Independência, a Integridade do Império, e defendê-lo dos seus inimigos internos ou externos."

"Art. 148 -. Compete ao poder Executivo privativamente empregar (o Exército), como parecer conveniente a segurança e a defesa do Império."

O Exército era diretamente subordinado ao Gabinete de Ministros, através do Ministro da Guerra, que mudava com frequência. Na maioria das vezes era um político civil dos partidos Liberal ou Conservador, com pouca ou nenhuma vivência do assunto, que tinha que confiar no comandante operacional do Exército - o Ajudante-General, e no comandante logístico - o Quartel-Mestre General, que também mudaram bastante em 88 e 89.

Não era costume, nessa época, exercícios de tiro, que eram limitados à Escola de Recrutas, responsável pela formação de soldados. Ademais, era uma instrução muito dispendiosa.

Como instituição especializada, registre-se a de armas portáteis na Escola de Tática e Tiro do Rio Pardo, que formava inclusive instrutores de tiro para toda a 3a RM.

O Ensino e a Instrução, no Exército, depois da Guerra do Paraguai, eram aspectos doutrinários que ficavam muito a desejar. E disso falam depoimentos de ilustres chefes que foram ex-alunos e críticos abalizados desse sistema, como os generais Tasso Fragoso, Rondon, Estevão Leitão de Carvalho, Tristão de Alencar Araripe e Paula Cidade.

Por isso, o Ensino Militar mereceu, nos anos 30 e 40, deste século XX, com o Ministro Eurico Gaspar Dutra, um cuidado todo especial na AMAN, ESAO e ECEME, cujas estruturas só agora, decorridos quase meio século, estão sendo ampliadas ou reaproveitadas.

Assim, o Ensino e a Instrução Militar de 1874-1905 não contribuíram para a operacionalidade do Exército. Em Canudos esta afirmação fica bem transparente. E ela se verifica ainda no Contestado, em célebre relatório do General Setembrino de Carvalho.

O Ensino e a Instrução eram bastante divorciados das possíveis realidades operacionais do Exército, no tocante às seguranças Interna e Externa.

Esta é a grande lição a ser retirada do período de 1874-1905.

## **Fortificações na área da 3ª RM**

O Rio Grande do Sul desde a sua formação contou com diversas fortificações, fortes, fortins e até uma porta (Praça do Portão).

Temo-las reconstituído plasticamente e divulgado estudo sobre elas nos seguintes trabalhos:

- Revista Militar Brasileira e atual do Exército
- O culto das Tradições no Exército, v. 101, Jan./Jun. 1973.
- Síntese Histórica das FT na 3ª RM. v. 103, Jul./Dez. 1973.
- Santa Vitória na História Militar, v. 105, Jul./Dez. 1974.
- Fortificações históricas do RGS (capa) v. 109, Jan./Jun. 1976.
- Conquista do Forte São Martinho (capa) v. 108, Jul./Dez. 1975.

Na Revista Engenharia no Rio Grande do Sul. Fortificações e Fortificadores do RGS (nº 38 e 39 em 1977)

Em Sítios farrapos de Porto Alegre. Brasília, EGCCF, 1990 (Abordamos todas as fortificações de Porto Alegre durante a Revolução Farroupilha).

Hoje no Rio Grande estão de pé, altaneiras, as muralhas do forte D. Pedro II em Caçapava do Sul.

Nossa obra O Brasil através dos seus fortes, que ilustra muitas paredes na área da 3ª RM, focalizou o Forte do Rio Pardo. No Diário Popular, Pelotas de 3 e 10 Dez. 1972, estudamos e localizamos o esquecido forte São Gonçalo no rio Piratini, hoje balizado por um monumento pela 8ª Bda. Mtz.

Ao final do Império a 3ª RM não possuía nenhuma fortificação em atividade.

## **Com o pé no estribo**

Com o pé no estribo, para passar ao segundo volume, é importante sobre a 3ª RM fazerem-se as seguintes notas bibliográficas:

1) No estudo do terreno são fundamentais as vias de acesso. No caso do Rio Grande do Sul foram as vias de penetração no Rio Grande para invadí-lo e vice-versa.

Abordaram este tema de relevância profissional militar:

- **SOUZA JÚNIOR, Antonio, Gen. Caminhos históricos de Invasão. Rio, BIBLIEX, 1950.**

- **BORGES FORTES, João, Gen. Velhos caminhos do Rio Grande do Sul. Rio, Imprensa Nacional, 1942. Separata.**

Além deles, assinalamos o caminho de invasão assim balizado hoje: Canguçu - Piratini - Herval do Sul - Passo - N. S. da Conceição do Jaguarão (atual Centurion) - Mello.

2) Foi um soldado ilustre da 3ª RM o Major João Cezimbra Jaques, o pioneiro do MTG que deu à posteridade gaúcha uma visão da vida do Rio Grande do Sul em Costumes do Rio Grande do Sul e Assuntos do Rio Grande do Sul (Palegre, Erus, 1979).

No último, o autor é biografado pelo Cel. PMRS Hélio Moro Mariante que acaba de brindar o Rio Grande com o interessante e muito útil livro, servindo para emoldurar e complementar a História da 3ª RM:

**MARIANTE, Hélio Moro. O Rio Grande do Sul em aulinhas. Palegre, 1993.**

Nele o autor aborda aspectos interessantes relacionados com a 3ª RM: o espírito militar do gaúcho; A Questão Christie iniciada e terminada no Rio Grande; os clãs gaúchos de guerreiros Marques de Souza, Correa Câmara, Menna Barreto; Chico Pedro, o mestre das Califórrias; cardápios e vivandeiras na Guerra do Paraguai e Apelidos das Forças Militares, etc. Enfim assuntos castrenses vistos sob a ótica tradicionalista ou de folclore gaúcho.

3) Sobre a Guerra do Paraguai, emolduram este episódio as seguintes obras:

- **MOTA, Arthur Silveira da. Reminiscências da Guerra do Paraguai. Rio, SDG Marinha, 1982 (Ele registrou a desolação do Gen. Osório no dia seguinte à vitória de Tuiuti, com a perda de muitos de seus companheiros).**

- **CARVALHO, Celso V. de. A Saudade na Guerra do Paraguai. Itaguaí, UFRRS, 1991 (Análise do Jornal A Saudade, editado no Exército em Campanha).**

4) Uma visão da geografia do Rio Grande no Império nos é dada por:

- **BERLINK, Eodoro. Compêndio da Geografia do RGS. (1863). Palegre, s/ d. 2 ed.**

Berlink foi professor de dois ilustres militares gaúchos, os generais Bibiano e Alípio Costallat.

5) O Gen. Riograndino, historiador da 3ª RM, fornece valiosos subsídios de interesse no livro:

**COSTA E SILVA, Notas a margem da História do RGS. Palegre, Ed. Globo, 1968.**

Nessa obra muito esclarecedora, sintetiza a biografia dos comandantes e governadores do Rio Grande, 1737-1809, antes da instalação da 3ª RM.

Transcrevendo o Cel. Jonathas Rego Monteiro, o criador do atual Arquivo Histórico do Exército, em 1934, com apoio do Ministro da Guerra Gen. Goes Monteiro, ele deu o efetivo da expedição de Silva Pais, que fundou o Rio Grande do Sul: "3 capitães, 3 alferes, 7 sargentos, 90 soldados do Rio, 56 da Bahia e 37



dragões de Minas, 37 artilheiros e 5 marinheiros, ao todo 238 militares que, somados aos 16 civis, somaram 254 homens."

6) Para enquadrar a 3a RM no contexto do Governo Provincial a que era subordinada, são utilíssimas as indicações de:

**ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Falas e Relatórios dos Presidentes da Província do RGS. Palegre, IEL/AHRGS, 1982.**

7) Sobre a Loja Maçónica Rocha Negra, de São Gabriel, onde foi iniciado o Cel. Manoel Deodoro da Fonseca, e refletindo ideais dos militares no Paraguai de abolirem a escravidão, é interessante ler-se:

**FAGUNDES, Morivalde Calvet, Gen. Rocha Negra a Legendária. Londrina, A Trolha, 1989.**

Trata-se o autor de sobrinho e filho cultural do Gen. Emílio Fernandes de Souza Docca, grande líder cultural de seu tempo.

8) Lemos com grande proveito cultural o utilíssimo livro traduzido e anotado por Castilhos Coycochea:

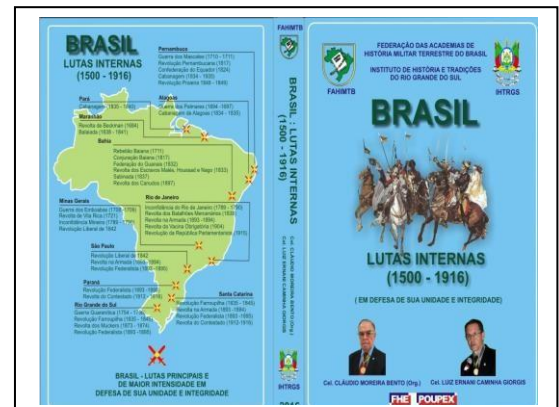
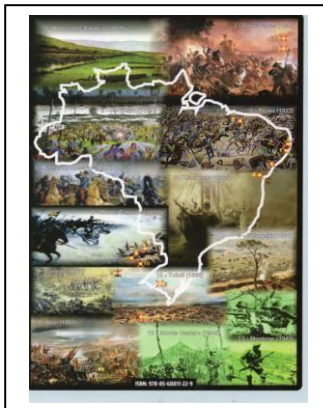
**NICHOLS, Madaline Walles. O gaúcho (caçador de gado, cavaleiro e ideal). Rio, Zélio Valverde, 1946.**

Ela analisa como foi providencial, na época das independências dos países platinos, a transformação do gaúcho, caçador de manadas alçadas para tirar o couro, para contrabandear, em combatente pronto.

A única adaptação foi transformar o garrucho, ferro em meia-lua para desgarronar o gado alçado, em lança, com sua faca atada na ponta. Este passou a ser o gaúcho cavaleiro, grande soldado das guerras na Bacia do Prata.

9) Fornecem uma visão panorâmica do quadro em que as forças da 3a RM atuaram as seguintes obras, entre outras.

**Nota em 2017: Grande parte das obras do autor mencionadas no texto deste trabalho estão disponíveis em Livros e Plaquetas ,nos diversos assuntos no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) .**



Estes livros abordam as lutas externas e internas envolvendo o Rio Grande do Sul e estão disponíveis para serem baixados em Livros e Plaquetas no site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br)